

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Liliane de Castro

**DO “CHAPÉU ATOLADO” A ÚSINA SUCRO - ALCOOLEIRA:
A LIDERANÇA DE UMA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA DO
VALE SÃO PATRÍCIO (1937-2007)**

GOIÂNIA/GO

2010

Liliane de Castro

**DO “CHAPÉU ATOLADO” A ÚSINA SUCRO - ALCOOLEIRA:
A LIDERANÇA DE UMA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA DO
VALE SÃO PATRÍCIO (1937-2007)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em História da PUC-GO, como exigência para obtenção do título de mestre em História.

Área de Concentração:
História Cultural – Cultura e Poder

Orientador: Prof. Dr.
Eduardo Reinato.

GOIÂNIA/GO

2010

LILIANE DE CASTRO

**DO “CHAPÉU ATOLADO” A ÚSINA SUCRO - ALCOOLEIRA:
A LIDERANÇA DE UMA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA DO
VALE SÃO PATRÍCIO (1937-2007)**

Dissertação de Mestrado defendida em ____ de _____ de 2010

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Eduardo José Reinato - PUC
(Presidente)

Professor Doutor Itelvídes José de Moraes - UEG
(Membro)

Professor Doutora Heliane Prudente – PUC
(Membro)

Especialmente ao carinho dos meus pais, cúmplices dos momentos de aprendizagem de angústias e renúncias. Aos meus irmãos que mesmo distantes sempre me apoiaram; aos meus familiares e amigos por entenderem esses momentos de ausências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me conduziu durante esta jornada de estudos dando força e proteção. Devo a ele inspiração e a felicidade de ter ao meu lado pessoas com sensibilidade apurada para auxiliar-me durante a pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos aos familiares do Dr. Otávio Lage de Siqueira, em especial sua esposa Sra. Marilda Fontoura de Siqueira, pela atenção dispensada em todos os momentos da pesquisa, onde não poupou esforços para contribuir através de documentos para que este trabalho se realizasse.

Ao Grupo Otávio Lage de Siqueira, representados pelos filhos: Jales Machado, Ricardo, Sílvia e Otávio Filho, pela bolsa de estudo concedida para que esta pesquisa se realizasse.

Estendo os agradecimentos ao meu orientador Eduardo Reinato, pelas indicações, apoio, conhecimento compartilhado e amizade.

Aos meus colegas de mestrado, em especial minha amiga Jacqueline.

Aos membros da banca final, professora Dra. Heliane Prudente e Professor Dr. Itelvides José de Moraes pelas contribuições que deram ao trabalho maior rigor científico.

A todos que de um modo ou de outro contribuíram com relatos nas entrevistas para que este trabalho se tornasse real.

Nós somos mais livres do que jamais o fomos para lançar o olhar em todas as direções; nós não percebemos limite algum. Temos essa vantagem de sentir em volta de nós um espaço imenso – mas também um vazio imenso...

(Nietzsche)

RESUMO

CASTRO, LILIANE de. DO “CHAPÉU ATOLADO” A ÚSINA SUCROALCOOLEIRA: a liderança de uma modernização conservadora do Vale São Patrício. (1937- 2007). Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em História Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

Esta pesquisa visa compreender e analisar a participação do empresário de Otávio Lage no processo de modernização conservadora no município de Goianésia. Para tal intento foi necessário dialogar com projetos socioeconômicos de abrangência nacional adotada pela política governamental de Getúlio Vargas em ocupar os espaços vazios da nação com o objetivo de disseminar o fluxo migratório da região sudeste do Brasil, embasada pela ideologia denominada Marcha para o Oeste associada a um discurso de modernização. Em Goiás esta política nacional é perceptível com a fundação das Colônias Agrícolas no antigo meio norte do Estado de Goiás. Sendo assim a região hoje denominada Vale do São Patrício é ladeada por dezenas de municípios que nasceram da abertura das fronteiras agrícolas do Estado de Goiás.

Goianésia é um município na atualidade de grande relevância para a economia do Estado. Uma das suas fontes econômicas advém da Usina Sucroalcooleira Jalles Machado, fundada por Otávio Lage de Siqueira. Dotado de carisma e liderança, Otávio Lage torna-se nesta pesquisa referência para a análise da urbanização e modernização de Goianésia, tendo como suporte para a compreensão a Usina Jalles Machado e as ramificações feitas pela empresa do Grupo Otávio Lage de Siqueira. Outro ponto a ser considerado é a forma adotada para se alcançar sucesso neste empreendimento, onde é perceptível a utilização da modernização dos meios de produção, da exploração agrícola.

Palavras chave: Vale São Patrício, Modernização Conservadora, Usina Jalles Machado, Otávio Lage de Siqueira.

ABSTRACT

CASTRO, LILIANE de. THE “FLOUNDER HAT” THE SUGARCANE MILL: the leadership of a conservative modernization of the Vale São Patrício. (1937-2007). Dissertation (Graduation Program on Cultural History Stricto Sensu) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

This research aims to comprehend and analyze the participation of the entrepreneur Otávio Lage in the process of conservative modernization in the Middletown of Goianésia. For this purpose it was necessary to dialogue with nationwide socioeconomic projects adopted by Getúlio Vargas governmental policy in order to fulfill the nation's empty spaces aiming disseminating the migrants' flow from the southeast region of Brazil, reinforced by the ideology named the March to the West associated with a modernization speech. In Goiás national policy is notable with the foundation of Agricultural Colonies in the old Middle North of the state of Goiás. Therefore, the region nowadays called as the Vale São Patrício is surrounded by dozens of towns which were born from the opening of the agricultural frontiers of the state of Goiás.

Goianésia is at present a town of great importance for the state economy. One of its economic sources comes from the sugarcane Mill Jalles Machado, founded by Otávio Lage de Siqueira, who was endowed with charisma and leadership. Otávio Lage, in this research, is a reference on the analysis of the urbanization and modernization of Goianésia, having as support for the ramifications made by the group Otávio Lage de Siqueira. Another point to be considered is the way adapted to reach success on this project, which is notable the modern utilization of the ways of production and the agricultural exploration.

Key Words: Vale São Patrício, Conservative Modernization, Jalles Machado Plant, Otávio Lage de Siqueira.

Listas de Tabelas e Quadros

1- População dos Maiores Municípios do Estado de Goiás-----	53
2- Demografia do Mato Grosso Goiano 1960 -----	53
3- Produção Cafeeira de Goianésia -----	63
4- Número de Habitantes de Goianésia (1945-1980)-----	69
5- Produção de Arroz, Milho, Feijão-----	74
6- Confinamentos no Estado de Goiás 2002-2004-----	76
7- Resultado Final da Eleição Municipal de Goianésia de 1962-----	79
8- Aplicações Específicas do Governo do Estado de Goiás (1968-70)----	103
9- Cronograma de Pavimentação de 1967-1969-----	104
10-Difusão em km de Energia no Estado de Goiás (1967-1969)-----	108
11-Saneamento Básico em 1966-----	110
12-Quadro de Pessoal da Usina Jalles Machado-----	124
13-Quadro de Funcionários da Usina Jalles Machado-----	125
14-Cursos de aperfeiçoamento de Funcionários -----	126
15-Quadro em Há do Complexo Otávio Lage de 2009-----	128
16-Gastos em Assistência Social -----	130
17-Tributos e Contribuições Gerados/ Recolhidos-----	133
18-Produção em Álcool em m ³ -----	134
19-Produção de Açúcar -----	135
20-Impostos Recolhidos pela Produção de Seringueira-----	158

Lista de Abreviaturas

ABNT - Associação Brasileira de Normas e Técnicas
ABRINQ – Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedo
AERP – Acessória Especial de Relações Públicas
ARP – Acessória de Relações Públicas
Art. – Artigo
BNH – Banco Nacional de Habitação
BVQI - Bureal Veritas Quality International
CAIXEGO - Caixa Econômica do Estado de Goiás
CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás
CELG – Centrais Elétricas de Goiás
CHEGO - Companhia de Habitação do Estado de Goiás
CIMA – Comissão Interna de Meio Ambiente
CIMA - Conselho Interministerial do Açúcar e Álcool
CREA-GO – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Goiás
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DNU - Det Norske Veritas
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telefonia
EPI'S - Equipamentos de Proteção Individual
GOIALLI – Goiás Alimentos
IAA – Instituto de Açúcar e álcool
IBD - Instituto de Biodinâmica
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFOENER – Sistema de Informações Energéticas
ISO – International Standards Organization
JK – Juscelino Kubitschek
MDL - Mecanismo de Desenvolvimento Limpo
MEG - Mistura de Etanol, Metanol e Gasolina.
PAS – Plano de Assistência Social
PCMSO - Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional

PLANAGRI – Planejamento Agropecuário de Sementes e Rações
POLOCENTRO - Programa de Desenvolvimento do Cerrado
PROCEDER - Programa de Cooperação Nipo-brasileiro do Cerrado
PROEMA - Projeto Ame a Ema
PSD – Partido Social Democrata
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
SANEAGO - Saneamento de Goiás S.A
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIFAEG – Sindicato das Indústrias de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
SIPAT - Semana Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho
UDN - União Democrática Nacional
UFG - Universidade Federal de Goiás
UOL - Unidade Otávio Lage
USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos
VAP – Variedades de Alta Produtividade

Lista de Símbolos

1- Créditos de Carbono x Efeito Estufa-----	138
2- Quadro Geral de Certificações da Usina Jalles Machado-----	141
3- ISO 9001-----	142
4- ISO 14001-----	142
5- MASTER CANA 2006-----	145
6- Instituto Mokatu Empresa Cidadã-----	145
7- Projeto Ame a EMA-----	146
8- Empresa Amiga da Criança-ABRINQ-----	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

1 Formação das Fronteiras em Goiás e suas Peculiaridades: conceitos e debates-----	21
1.1 Breve Histórico da Economia de Goiás-----	28
1.2 Discurso de Vargas e a Modernização de Goiás-----	32
1.3 Marcha para o Oeste e sua simbologia para Goiás -----	42
1.4 Formação das Colônias Agrícolas em Goiás -----	52

CAPÍTULO II

2 Origem do povoamento de Goianésia-----	59
2.1 Otávio Lage: início de uma jornada mefistótelica -----	71
2.2 Otávio Lage Prefeito de Goianésia 09/02/62- 01/07/65-----	77
2.3 Disputa Eleitoral de 1965 para o Governo do Estado de Goiás-----	87
2.4 O contexto histórico da década de 60 em Goiás-----	90
2.5 Otávio Lage – Governador Eleito da “Revolução”-----	94
2.6 Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira-----	96

CAPÍTULO III

3 Sob as Asas da AgroIndústria - lugar privilegiado da Revolução Verde--- -----	115
3.1 A Chegada do Álcool a Goianésia-----	118
3.2 A Utilização da Terra e o Trabalhador Rural-----	127
3.3 Importância da Usina Jalles Machado para o Desenvolvimento Econômico de Goianésia-----	131
3.4 Programa Sócio ambientais da Usina Jalles Machado-----	136

3.5 Vera Cruz Agropecuária LTDA	155
Consideração Final	161
Bibliografia	162
Anexos	167

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa versa sobre as mudanças na estrutura e nas atividades econômicas do município de Goianésia, cidade situada no norte de Goiás, em específico na região do Vale São Patricio. Considerando que as histórias de vida individuais objetivam caracterizar a prática social de um grupo, o presente projeto tem por finalidade investigar a trajetória de Otávio Lage de Siqueira traçando uma interface entre homem do interior com aspectos e atitudes de liderança e práticas para a execução de uma modernização conservadora. O interesse em fazer esta narrativa está relacionado com os feitos do mesmo dentro da política do Estado de Goiás, enquanto Prefeito da Cidade de Goianésia (1962-1965), e Governador (1966-1970) e na sua trajetória empreendedora de administrador.

O interesse por esta pesquisa nasceu a partir do trabalho de conclusão de curso de graduação de História (1999), este estava focado na discussão sobre o processo de povoamento e industrialização do município de Goianésia. Ao final da escrita foi constatada a importância de Otávio Lage na condução deste processo e na inserção desta cidade como pólo econômico e político de grande relevância para o Estado de Goiás. Através de estudos antecipados foi observado que não havia registros que apresentassem a importância deste político e empresário para a região do Vale São Patricio e para a história do Estado de Goiás.

Buscou-se ainda nesse trabalho, refletir sobre a vida de Otávio Lage de Siqueira, tendo como referência sua relação familiar, e, como pano de fundo a cidade de Goianésia e as influências que o mesmo teve no desenvolvimento das indústrias, a exemplo da usina Jalles Machado e suas ramificações na atualidade.

Outro ponto a ser analisado é a presença da contradição na figura de Otávio Lage diante de suas atitudes que são marcadas pelo espírito da

modernização diante de seu famoso apelido “Chapéu Atolado”. Como ressalta o Jornal PASSARELA (1968), “Até hoje é o único fazendeiro que realiza experimentos na própria fazenda, para conhecer técnicas e cientificamente, quais as variedades de determinada planta que melhor se adapta ao tipo do solo”. Indo mais além o Jornal PASSARELA (1968), diz: “... longe de ser um vulgar chapéu atolado, apelido ganhado na campanha política exatamente por ser fazendeiro e acima de tudo, um homem de empresa rural, agricultor e pecuarista consciente de sua missão e que sabe onde e como obter lucros com a exploração da terra. O apelido pode valer ao político, mas ao fazendeiro não vale. Para ele a função social é uma derivação.”.

A dissertação está ancorada pelos registros historiográficos que se referem a Otávio Lage e a sua participação na construção da história de Goianésia e seus feitos enquanto governador do Estado, além de se destacar sua importância no ramo empresarial.

Dotado de um espírito de liderança e empreendedorismo Otavio Lage de Siqueira logo aparece no cenário político como uma alternativa para se trazer mudanças para a cidade de Goianésia e para o Estado de Goiás, quando o mesmo sai de uma administração local para uma estadual. A partir de então notamos que este mesmo espírito trará mudanças principalmente para Goianésia cidade na qual Otavio Lage fez opção por viver até seu falecimento.

Para se entender o processo de modernização no Vale do São Patrício e especificamente na cidade de Goianésia foi necessário primeiramente fazer uma discussão sobre a formação das fronteiras no Estado de Goiás e as consequências deste movimento para a transformação da região norte de Goiás. O início da modernidade chega a esta região trazendo mudanças políticas, econômicas e sociais.

Neste contexto podemos afirmar que a região para viver o seu processo de desenvolvimento foi necessário ter diante de si, não só políticas públicas com características modernizadoras, mas também ter habitantes de características peculiares que buscam participar na transformação do espaço que habita.

Com o desenvolvimento dos meios de produção para a agricultura o empresário Otávio Lage juntamente com outros fazendeiros do município de Goianésia funda a Usina Jalles Machado transformando-a em uma empresa de

grande porte. Aos poucos este empreendimento vai influenciando na economia do município e conseqüentemente na do Estado de Goiás.

Os objetivos centrais deste trabalho é discutir a forma de como ocorreu à inserção da modernidade e da modernização no Vale São Patrício, através do personagem Otávio Lage de Siqueira, sendo este apontado como pioneiro e empreendedorista nas atitudes realizadas. Conseqüentemente os objetivos específicos desta pesquisa é tentar reconstituir a trajetória do crescimento e do progresso de Goianésia e do Estado de Goiás, traçar caminhos e descaminhos percorridos por Otávio Lage de Siqueira, através de associações e diversificações de empresas, como método de elucidação do papel exercido enquanto homem visionário para o momento e para o local que habitava.

Por sua vez a pergunta que norteou este trabalho foi a seguinte: em que medida Otávio Lage de Siqueira traduz sua trajetória de vida política, empresarial e familiar aos indícios para a construção dos elementos da modernidade em Goiás?

Os procedimentos metodológicos utilizados para a execução do trabalho foram quanto aos gêneros documentais como: documentos textuais: manuscritos, datilografados, digitados e impressos; fotografias, documentos sonoros como discos e fitas de áudios.

Assim o desenvolvimento pesquisa também foi fundamentado por fontes impressas, orais e iconográficas, das relações de poder e de gênero, das mentalidades produzidas, da memória individual e coletiva, das representações que nos possibilite conhecer a história de Otávio Lage de Siqueira e suas ações políticas e empresarias buscando inseri-las na própria história de Goiás e do Brasil.

Também foi utilizada a história oral para compreender a história do tempo presente enquanto objeto da pesquisa e da reflexão histórica: valorização do testemunho oral (entrevistas e transcrição de depoimentos) para suscitar questões, recuperar e (re) construir a memória de Otávio Lage de Siqueira.

Nesse caso, a História Oral como uma técnica de coleta de dados que se baseia no depoimento oral, gravado, obtido por meio de interação entre o pesquisador e o sujeito entrevistado. Segundo Haguette (1987, p.75) a

entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas. O entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A entrevista é muito mais que só voz. Ela é gesto, ela é movimento, ela é observação de comportamentos e ela é também silêncio.

Com relação à natureza, foram utilizados vários tipos ou espécies de documentos, tais como: atas; boletins informativos; relatórios documentos governamentais ou não; estatutos, consulta de periódicos (jornais, revistas); dentre outros.

Sendo assim fez-se necessário analisar o processo de modernização e modernidade e modernização conservadora (1937-2007), no Vale do São Patrício especificamente na cidade de Goianésia neste contexto. Para se discutir estes conceitos foram utilizados diversos teóricos de caráter classistas e recentes sobre o assunto, como Berman (2007), Pires (2008) e Lefebvre (1969).

O primeiro capítulo intitulado buscou analisar a formação das fronteiras do Estado de Goiás em consonância com a política do governo de Getúlio Vargas. Para tanto foi necessário apontar em traços gerais a figura bandeirante do governo federal para com o Estado em questão. Adiante foi realizada uma breve discussão sobre a formação econômica de Goiás com o objetivo de adentrar a região norte do Centro-Oeste, região oriunda da política de colonização denominada Colônia Agrícola Nacional de Goiás.

Em seguida foi apresentada uma breve análise teórica sobre a modernização de Goiás e a forma como foi implantada. Para isto foi realizado um paralelo entre modernidade e Marcha para o Oeste, onde é destacada a participação de políticas públicas advinda do Planalto Central para o norte de Goiás através da modernização dos meios de produção da agricultura.

O segundo capítulo narrou à formação socioeconômica de Goianésia até chegar ao governo municipal de Otávio Lage (1962-1965). Ressalta-se que a princípio ocorreu uma dificuldade em narrar à administração feita por este pioneiro devido à falta de documentação de forma geral. Em seguida buscou-se abordar a entrada de Otávio Lage na disputa eleitoral para Governador do Estado no ano de 1966 contra Peixoto da Silveira. Ali observou-se o nascimento e o apontamento do 'Chapéu Atolado' através da figura do homem

do interior, fazendeiro de uma região até então não modernizada e industrializada.

Otávio foi o último governador eleito já no período da ditadura militar em Goiás, mas a priori sua vitória simbolizou a ascensão de um fazendeiro para administrar o Estado que até o momento vivia da agricultura e da pecuária contrariando na praticidade o discurso governamental de um Estado moderno, mas de aspectos arcaicos. Na iniciativa de demonstrar as medidas de Otávio Lage à pesquisa foi embasada no seu plano de governo associada em muitos momentos com o uso de jornais do período.

O terceiro capítulo fez uma análise da implantação da Usina Jalles Machado e as principais consequências deste empreendimento para o município de Goianésia. Também destacou-se as certificações recebidas pela empresa e o reconhecimento desta em âmbito nacional e internacional. Outro assunto colocado em destaque neste capítulo é a importância da Vera Cruz Agropecuária LTDA para Goianésia e o início da produção da seringueira no município.

Capítulo I

1- Formação das Fronteiras em Goiás e suas Peculiaridades: conceitos e debates

A região Centro-Oeste tem sua economia desde o fim da exploração aurífera voltada para a produção agropecuária. A expansão dessa região se deu através do desenvolvimento urbano-industrial da região Sudeste do Brasil, que na sua peculiaridade desenvolvimentista, molda¹ por completo a forma da expansão das fronteiras agrícolas do centro do país.

O processo de desenvolvimento urbano-industrial da região Sudeste do Brasil tem sua origem no governo de Getúlio Vargas, que ao assumir a administração do país tem diante de si uma economia totalmente fragilizada e enfraquecida, devido a Crise Internacional de 1929. Vargas propôs em sua gestão a formação de uma nação unificada, buscando a partir de então fazer a integração regional do país com uma proposta arrojada, em que a produção industrial seria absorvedora da produção agrícola realizada nas demais regiões do país, em especial na região Centro-Oeste.

Sabe-se que Vargas, a princípio, não possuía um projeto de governo específico para solucionar a crise em que o país vivia, mas que a medida adotada pelo governo buscava apaziguar todos os setores sócio-econômicos prejudicados até então. A presença de um Estado autoritário é justificada pela busca da consolidação da economia nacional com características bem distintas para isso Vargas propõe o desenvolvimento nas técnicas de produção, almejando o aumento dos lucros e a redução dos gastos.

Na busca por diminuir as importações, Vargas procurou no setor agrário a solução para incentivar a industrialização do país. Nota-se que o meio rural a partir de então foi responsável por abastecer o mercado interno do país, principalmente a região sudeste, na figura do Estado de São Paulo, que passa

¹ Conforme Cunha e Cintra (2001, p.448), quanto à conjugação verbal, o tempo presente no modo indicativo tem como uma de suas prerrogativas “dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico ou narrativo)”. Esse tempo e modo foram empregados em diversos momentos nesta dissertação, a fim de aproximar o leitor à época e/ou momento narrado.

a representar o setor industrializado do Brasil e consumidor dos produtos oriundos de outras regiões do país, como o Centro-Oeste.

No caso do sudeste, assumia o comando do processo de expansão interna do capitalismo, voltado, sobretudo, para realização interna do valor, haveria necessariamente de realizar um processo de unificação nacional e de “nacionalização do capital” (BORGES, 2004, p.234).

Como foi citada anteriormente, a Crise de 1929 reflete diretamente na política desenvolvimentista adotada por Vargas, que transforma a partir de então, o meio rural na salvação da economia nacional, associado à ideia² da unificação da nação. Assim, o setor agrícola passou a ter as seguintes funções: diminuição dos custos da produção industrial e dos salários, abastecimento do mercado interno, ocupação dos espaços vazios demograficamente do país e conseqüentemente, a geração de emprego.

[...] em Vargas a questão agrária se constituiu em torno da idéia de desenvolvimento econômico, visando que a economia pudesse se tornar autônoma, processo no qual a industrialização seria financiada pelo mercado interno, e para isso, fazia-se necessário superar a condição de atraso tecnológico em que o campo se encontrava. Com base nesta perspectiva defendia-se que este setor deveria se subordinar à nova regulação econômica, tornando-se também alvo de intervenção estatal. (FERNANDES, 2006, p.20)

A necessidade de uma associação do modelo adotado por Vargas com ocupação dos espaços vazios demograficamente é justificada pelo intelectual orgânico varguista, Cassiano Ricardo³, que diz ser necessário organizar novas bandeiras para a ocupação do Brasil Central, como também:

Ontem eram os bandeirantes só os que partiram do planalto de Piratininga seus subfocos de irradiação, hoje são todos quantos tomam parte da nova marcha destinada a preencher os vazios demográficos regiões que pedem “novos bandeirantes equipados de novas técnicas” para seu melhor aproveitamento econômico e social [...] as duas palavras “bandeirismo” e desenvolvimento se justa põem. (RICARDO, CASSIANO, 1970, p.652)

² Este trabalho está redigido de acordo com o novo Acordo Ortográfico de 1990, o qual entrou em vigor no ano de 2009. A palavra “ideia”, por exemplo, era grafada “idéia”.

³ Ricardo, Cassiano procurou relacionar o Estado Novo com o movimento das Bandeiras, em sua obra *Marcha para o Oeste*. Rio de Janeiro. Ed. USP e José Olímpio. Ed. 4ª, 1970.

A distinção entre tempo e espaço é bem definida por Cassiano, mas o mesmo deixa claro que a bandeira pode até apresentar um limite espacial, mas não temporal. Assim sendo, o bandeirante desbravador de nossas terras, no aspecto geográfico no Estado Novo, recebe características nacionalistas, constituidoras de um movimento nacional que caminha para o interior do país. Nisto consistiu a apropriação do feito bandeirante, como elemento para justificar o projeto centralista de Vargas. Nesse contexto, era também necessário constituir a justificativa de ocupação de espaços vazios do território em razão da popularização da teoria nazista e imperialista japonesa de ocupação de “espaços vitais”.

A ocupação da área pioneira era vista como suporte para o novo implantado na cidade, e sua extensão para o campo como um movimento natural e inerente a nova ordem estabelecida. Ademais o deslocamento do movimento demográfico para fronteira aliviaria eventuais tensões sociais, aumentaria a produção de alimentos, a preço baixo, e ampliaria a soberania do Estado sobre o território nacional. (BORGES, 2004, p.227).

Vargas recebeu características associativas a dos “cabos de tropa”, pois, a proposta de interiorização necessitava ter um líder com tal qualificação. Por conseguinte, o bandeirante da colonização passou a ter uma nova roupagem munida de um espírito colonizador modernizante, mas preservando aspectos do período colonial. A busca pelo sertão passou a ser a partir de então comparada com as rupturas realizadas pelo bandeirante, que ao adentrar pelo país faz a abertura de novas fronteiras, de novos espaços ainda desconhecidos do litoral.

[...] o governo de Vargas alimentou o culto ao “espírito bandeirante” e via na conquista da fronteira, o símbolo fundador da nação. Intelectuais orgânicos do regime, numa espécie de “reinvenção de tradições”, reforçaram esse mito das bandeiras na formação da nação brasileira e elegeram Vargas como o “bandeirante moderno” que continuaria a obra “civilizadora, expandindo a fronteira rumo ao Oeste. Ao enfatizar a idéia de “Marcha”, o pensamento autoritário idealizou um movimento militarizado de conquista e ocupação dos sertões, como se a nação caminhasse rumo à sua concretização e ao seu progresso. (BORGES, 2004, p.226)

O Estado Novo oportunizou a concentração de poderes nas mãos de quem governava e ao mesmo tempo, simbolizou a criação de uma só nação

anunciada por uma modernização dinâmica, espírito coletivo, a não existência de preconceitos, porquanto, foi criada a idealização de integração nacional, mesmo que utilizando caminhos e meios heterogêneos.

A busca pelo sertão possuiu causas distintas, pois, apresenta-se no primeiro momento como regeneração do sertão diante da riqueza material e cultural, que o litoral pôde fornecer ao restante da nação; por outro lado, no segundo momento esta busca pode ser vista como uma política assistencialista que trabalha com a idealização de modernidade para o sertão, sem apresentar na sua praticidade rupturas com a política arcaica que predominava.

A conquista da fronteira foi enfatizada a partir da imagem e da alegoria do “corpo”. Ou seja, a nação como totalidade orgânica, como um corpo harmonioso e indivisível, forjaria sua identidade na “conquista do Oeste”. Na linguagem do poder, o sertão “selvagem” seria conquistado e “civilizado” para dar unidade e corpo à nação. (BORGES, 2004, p.226)

A formação das fronteiras no Brasil está literalmente relacionada à formação das regiões do país. Nossas fronteiras foram sendo moldadas de acordo com o fluxo migratório e com o desenvolvimento da economia local, que dependendo da região analisada, tem grande interferência na economia nacional, regional e local. Atribuída de muitos conceitos e permeada de funções distintas, denota-se região como:

“[...] totalidade sócio-espacial, ou seja, no processo de produção da vida, as sociedades produzem seus espaços de forma determinada e ao mesmo tempo são determinadas, por ele, seguindo os princípios da lógica dialética [...] A região é, pois, nesta perspectiva a síntese concreta e histórica desta instancia espacial ontológica dos processos sociais, produto e meio de produção e reprodução de toda a vida social (SANTOS apud DUARTE, 1980 p.66)

A fronteira analisada a partir do governo de Vargas é estruturada na visão econômica, já que o país buscava solução para a crise em que vivia e ao mesmo tempo, necessitava legitimar a presença de um governo autoritário. No entanto, outros teóricos como Jose de Souza Martins se dedicou a estudos relacionados à formação das fronteiras, suas peculiaridades, significados e consequências para a formação histórica do país. Também analisa fronteira através da concepção do humano e seus conflitos sociais, tornando a economia uma das fontes a ser contemplada. Para facilitar o entendimento

sobre fronteiras, Martins as concebe de duas formas: frente de expansão e frente pioneira.

Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. Nesse sentido, diversamente do que ocorre com a frente pioneira, (na frente de expansão) sua dimensão econômica é secundária (MARTINS, 1997, p. 163).

O mesmo também aborda as divergências existentes entre fronteira demográfica e fronteira econômica, sendo que a última se molda posteriormente, ou seja, o povoamento de uma região vem antes da formação econômica. Entre a fronteira demográfica e a econômica ocorre à frente de expansão.

“Civilização” que não são os agentes característicos da produção capitalista, do moderno, da inovação, do racional, do urbano, das instituições políticas e jurídicas etc. (MARTINS, 1997, p.157).

A economia na frente de expansão é baseada na agricultura de excedentes e destinada à troca; a terra não possui valor de mercadoria, sendo esta frente marcada pelo uso de terras devolutas do Estado; mediante a ocupação na figura do camponês, do agricultor que representa o sustento deste tipo de povoamento.

A frente de expansão se integra na economia de mercado de dois modos: pela absorção do excedente demográfico que não pode ser contido dentro da fronteira econômica e pela produção de excedentes que se realizam como mercadoria na economia de mercado. [...] Todavia, as suas relações sociais fundamentais não são determinadas pela produção de mercadorias, pois, a apropriação das condições de trabalho, isto é, da terra, não se faz como empreendimento econômico. [...] O que caracteriza a frente de expansão é justamente esse uso privado das terras devolutas, em que estas não assumem a equivalência de mercadoria. Por isso, a figura central da frente de expansão é a do ocupante ou posseiro (MARTINS, 1997, p. 46).

A frente pioneira é moldada na propriedade privada da terra e pelo desenvolvimento econômico. Apresenta junto a si, características

dinamizadoras do processo de modernização, como ferrovias, comércio e outros. Logo, na frente pioneira a terra possui um fator distinto da frente de expansão, esta não é ocupada, mas sim comprada.

Analisando a fronteira, observar-se que a região tem características não só de um espaço a ser habitado, mas também de local que faz mediação entre interesses políticos, econômicos, ou seja, esses locais apresentam conflitos sociais pela posse da terra e conseqüentemente pelo domínio da mesma. Tendo região associada à zona de fronteira onde os conflitos estariam relacionados à posse e propriedade da terra, em que as transformações estão determinadas pelo desenvolvimento econômico.

Cada migrante que se dirige para as áreas pioneiras, seja qual for sua posição social, alimenta a esperança de dar partida a um processo de acumulação individual, ou de abreviar este processo. Não se deve esquecer também que fronteira representa sofrimento humano esperanças frustradas. Todavia paradoxalmente, o fracasso e as estratégias individuais, visando contorná-lo, contribuem para a expansão da fronteira. (LENA apud BORGES, 2004, p.231).

Em relação à América Latina, Martins (1997) observa que a mesma encontra-se no estágio de fronteira, ou seja, no estágio em que a expansão demográfica para regiões “não ocupadas” ou “insuficientemente ocupadas” estão relacionadas com desenvolvimento histórico das relações sociais e política de cunho nacional, regional e local. Sendo assim, o autor lê fronteiras como uma região marcada por conflitos, não só simbólicos, mas também precedidos de violência, por disputas étnicas, como nas questões indígenas e também sociais fundiárias. Assim, a ideia de fronteira é destacada como:

O lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrente das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. (MARTINS, 1997, p. 150-151)

A frente de expansão ocupa um espaço intermediário entre a fronteira agrícola e a fronteira econômica, distanciando-se pelas suas práticas do discurso da modernidade, dos meios de produção capitalista. Neste modelo de expansão não se observa ainda a urbanização e seus elementos típicos como instituições políticas e jurídicas. Esse modelo de ocupação é chamado de “civilizado”, porque é analisado a partir da figura do posseiro, pequeno agricultor, mas esta mesma forma de ocupação torna-se atrasada, pois é observada e comparada a partir das regiões centrais do país como, São Paulo que representa a industrialização. Sendo assim, a frente de expansão é analisada por meio do posseiro, do pequeno agricultor que utiliza a terra para seu sustento, com isso, não se observa até então a presença de uma dinâmica capitalista.

A ideia de um Goiás atrasado e decadente vai percorrer anos na história, pois, permanecerá assim concebida desde o período Imperial até a Revolução de 1930, com a entrada de Vargas na presidência e de Pedro Ludovico no governo estadual de Goiás. Itami Campos, apontado por Chaul, em sua análise, mostra que parte dessa denominação está associada à política implementada em Goiás que no período era controlado por grupos de fazendeiros que utilizavam desse modelo de prática política para controle local e para garantir sua manutenção no poder. Esta representação de atraso e decadência será colocada em nível regional, estadual e nacional.

Goiás, em tempo algum, teve destaque ou influência inalterado porque Goiás não mereceu atenção do governo federal, nem mesmo para sofrer intervenção, apesar da constância e da freqüência de intervenções federais no período. Deve-se destacar que esta situação era percebida por políticos goianos e até mesmo conscientemente mantida pelos chefes mais expressivos da política estadual. [...] a partir das críticas que foram feitas aos principais líderes da política estadual que conscientemente procuram manter o atraso e o subdesenvolvimento do Estado, com finalidades de não perder o domínio total de Goiás, e afirmo que atraso era uma forma de controle político. (CAMPOS apud CHAUL, 1997, p.134).

Sendo assim podemos observar que as práticas oligárquicas eram embasadas na manutenção de um atraso econômico advindos da precariedade das estradas dificultando o desenvolvimento do comércio local, a manutenção da política de isolamento do Estado frente às mudanças no cenário nacional e a impossibilidade de integração nacional, visão esta atribuída também por

viajantes que alegaram à inoperância e o isolamento do Estado como causa para a manutenção da estrutura de precariedade em Goiás.

1.1-Breve Histórico da Economia de Goiás

Com o declínio da economia aurífera, destaca-se em Goiás a agricultura e a criação de gado. Tendo um território geograficamente propício para a criação bovina e a necessidade de estabelecer uma fonte econômica para o Estado, o vaqueiro torna-se um personagem de grande valia para o desenvolvimento, mesmo que tímido da economia regional. O gado criado em Goiás era vendido para consumidores paulistas e mineiros. A intensificação na produção de grãos em Goiás só acontece com a chegada da linha de ferro em decorrência da economia cafeeira. Anteriormente a agricultura não era realizada com grandes excedentes, apesar de possuir regiões férteis para a produção, isso devido à dificuldade encontrada para fazer-se o escoamento dos alimentos, afinal, o meio de transporte e comunicação eram de extrema precariedade no Estado. Sendo assim dois fatores contribuem para o aumento demográfico de Goiás, apesar de viver em uma economia com poucas lucratividades, que seriam: a vinda de imigrantes para a exploração da agropecuária e a chegada dos trilhos através do trem de ferro, que proporcionou o desenvolvimento da região sul de Goiás e a valorização da terra. A princípio, a linha do trem saía de Araguari-MG e ia até o Roncador de Goiás. Já em 1935 a estrada de ferro teve seus trilhos aumentados, chegando à cidade de Anápolis.

As estradas de ferro expandiram-se acompanhando a “onda verde do café”. A produção cafeeira em terras cada vez mais distantes da costa tornou-se possível graças às estradas de ferro. A cultura e os trilhos cresciam juntos e eram sócios na conquista das novas fronteiras (BORGES, 1990, p.44).

O trem é abordado no contexto nacional como o grande condutor da civilização e veículo de integração nacional. Por onde passava o trem trazia consigo a ilusão de que através dele seria possível a todas as classes o acesso à instrução, à prosperidade. Assim sendo, o trem torna-se símbolo de progresso e da civilização, moldando novos hábitos, entre eles o de medir o

tempo através do relógio, colocado nas estações, que substitui o tempo natural, medidos pelo sol e pelos sinos da igreja.

A chegada da linha de ferro e a construção de estradas traz em Goiás inúmeras consequências para o Estado em termos políticos, econômicos e sociais. Tem-se a valorização da terra e percebe-se um aumento significativo na demografia do Estado.

[...], além disso, a ferrovia acelerou as mudanças socioeconômicas e políticas em Goiás e, a partir de 1915, o imposto arrecadado sobre as exportações de mercadorias via ferroviário passaram a constituir uma das principais fontes de divisas do erário estadual. Com a chegada do trem de ferro, a Maria Fumaça com sua calda de aço serpenteando pelo sertão com seu silvo estridente despertava Goiás de séculos de isolamento (CHAUL apud BORGES, 1997, p.125).

A estrada de ferro vem estreitar os laços mercantis entre o centro-sul goiano, Minas Gerais (por intermédio do triângulo mineiro), e São Paulo. Diante disso, a estrada de ferro torna-se vetor principal para a consolidação do comércio entre estes três estados, amenizando conseqüentemente o uso das estradas de aspectos precários, para o escoamento das mercadorias como: arroz, couro curtido, ossos, couro curtido, sebo para as indústrias, charque, milho, feijão e café, que a partir de então, comercializados através dos trilhos da ferrovia, trazem mudanças significativas para o sertão do centro-oeste do país.

Com a chegada do trem de ferro Goiás passa a ter uma nova situação territorial, pois acontece uma nova formação nas fronteiras do Estado. A formação das fronteiras de Goiás está relacionada à frente de expansão, pois é marcada pela busca de novas áreas para o desmatamento de mata virgem para habitação, onde não se via presente à prática comercial, logo, a habitação foi feita por agricultores ou posseiros e a terra não possuía grande valor econômico.

A abertura das estradas representava uma mudança na formação das fronteiras da região de Goiás. A economia de subsistência da fronteira seria substituída pela nova dinâmica que teria como uma de suas funções subsidiar as necessidades do mercado. Sendo assim, a fronteira de expansão é substituída aos poucos pela fronteira econômica.

A integração nacional iniciada por Vargas estabeleceu dentre outras mudanças, a transferência da capital goiana de Goiás a partir da construção de Goiânia na década de 1930 e a interiorização da Capital Nacional com a construção de Brasília, esta, o maior símbolo da Marcha para o Oeste. A necessidade de incorporar o “sertão” ao litoral, com a finalidade de proteção do território nacional, ocupação das fronteiras com a integração dos cerrados e da Amazônia ao processo produtivo nacional, provocou a construção e a modernização das vias de transporte, com destaque para a Belém-Brasília (década de 1960) e o deslocamento de grande quantidade de pessoas para as áreas de fronteira. Várias cidades foram criadas e houve a valorização nas terras incorporadas. (BORGES, 2004, p.234).

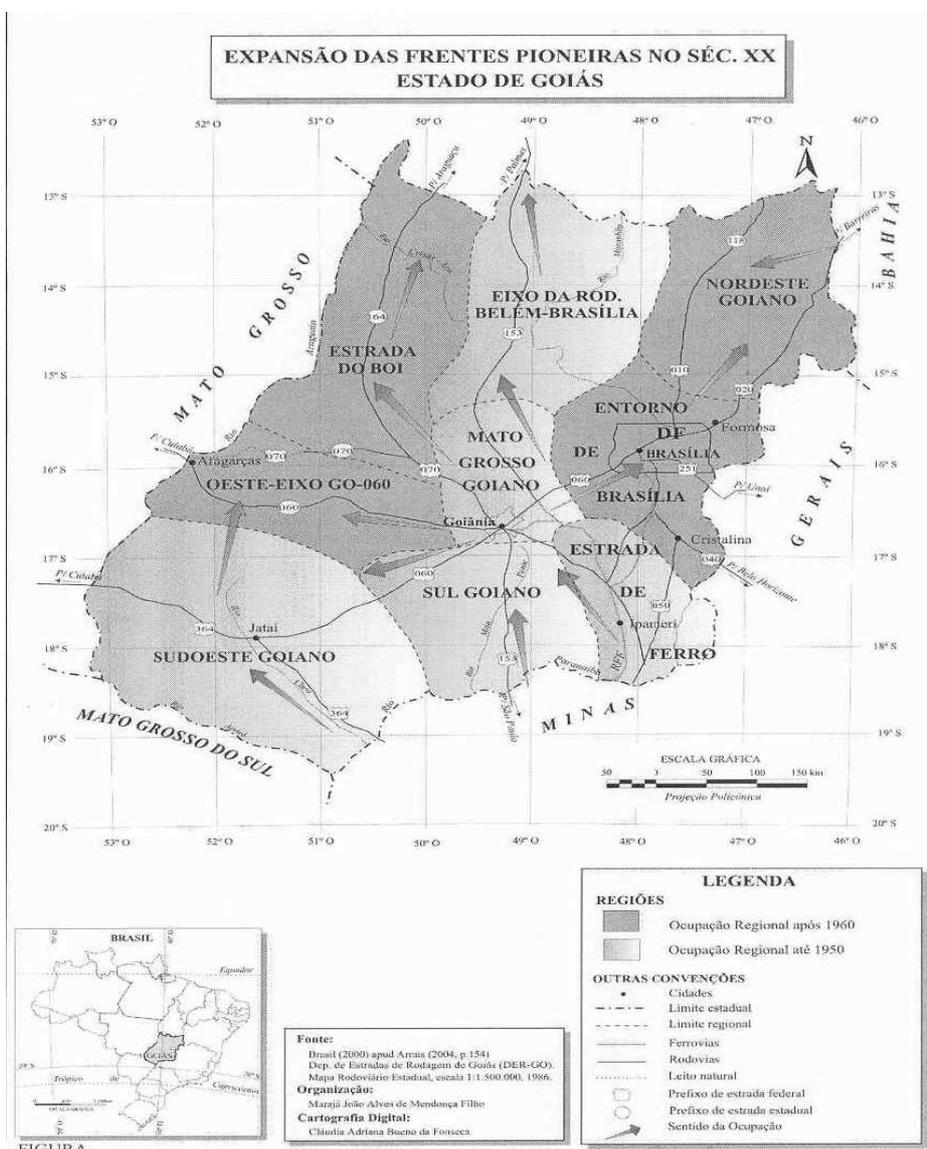
A ocupação da região de Goiás é proposta no discurso modernizador do governo federal, em que Vargas propõe a ocupação dos espaços vazios do oeste do Brasil na década de 30, a partir do Projeto chamado Marcha para o Oeste⁴. Para aplicação deste projeto, Vargas nomeou Cassiano Ricardo, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)⁵ do governo, com o objetivo de estabelecer a ação ideológica das Frentes Pioneiras, fundamentadas na tese de Marcha para Oeste de Turner (1920). Cassiano desenvolveu o “mito” da Marcha para o Oeste no Brasil, o que acarretou o deslocamento de muitos brasileiros de outras regiões como São Paulo, Minas Gerais para Goiás.

A iniciativa de Vargas vem acompanhada de um discurso voltado para a modernização, progresso, desenvolvimento econômico. A proposta da "Marcha para o Oeste" é, então, apresentada como um movimento da nação à procura do alargamento do território nacional e do aumento da produtividade, com a idéia de conquista do espaço físico que irá gerar maior riqueza para o país. (AMORIM FILHO, 1999, p.200)

⁴ Existe uma distinção entre “Marcha para Oeste” e “Marcha para o Oeste”. A primeira é a abordagem literária de Cassiano Ricardo (1959), que analisa a influência do movimento bandeirante na formação social e política do Brasil. A segunda refere-se ao projeto de colonização e ocupação do interior do Brasil efetuado pelo governo federal. Otavio Velho (1976) utiliza esse termo na análise do programa de ocupação do Estado Novo. As duas expressões serão utilizadas neste trabalho. A distinção está na utilização das abordagens: quando for analisado o discurso da verdadeira brasilidade, será utilizada a expressão “Marcha para Oeste”, por tratar da análise da obra de Cassiano Ricardo e não da implantação do programa de governo propriamente dito. (Esterci, Neide. O Mito da Democracia no País das Bandeiras-Análise Simbólica dos Discursos sobre Imigração e Colonização no Estado Novo. Dissertação de Mestrado, 1972)

⁵ O DIP _ Departamento de Imprensa e propaganda do governo de Vargas teve um importante papel na difusão das ideias que o governo considerava convenientes a censura que lhe parecia nociva. O DIP ajudou na transformação da figura de Getúlio Vargas em um mito. Era responsável pela publicação de livros e folhetos, exaltando o governo. Ajudava na divulgação da ideologia que dava sustentação a Vargas no poder.

A chegada da fronteira econômica na região Centro-Oeste trouxe modificações à paisagem socioeconômica de até então. Observa-se a presença dinâmica dos elementos de modernização mediante a construção de ferrovias, da abertura de novas estradas, da migração de camponeses (mineiros, cariocas, paulistas.) em busca de terras, e da ideia impulsionada por agentes governamentais de desenvolvimento, sendo este moldado nas vertentes capitalistas de geração de lucros, pois a partir de então se inicia o processo de valorização da região e conseqüentemente da terra. Observe o Mapa do avanço da frente pioneira em Goiás.



Tanto a frente pioneira quanto a frente econômica possuem temporalidades históricas diferenciadas. A frente de expansão é caracterizada pelo tradicional, com a agricultura de subsistência ou mercantil e não capitalista, já a frente pioneira é contida de elementos da modernização, da ocupação de regiões, da urbanização, da dinâmica capitalista. Segundo Martins, a frente pioneira cria um novo modelo de socialização:

[...] a concepção de frente pioneira compreende implicitamente a idéia de que na fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais. No Fundo, portanto, a frente pioneira é mais do que o deslocamento da população sobre territórios novos, mais do que supunham os que empregaram essa concepção no Brasil. A frente pioneira é também a situação espacial e social que convida ou induz à Modernização, à formulação de novas concepções de vida, a mudança social. Ela constitui o ambiente oposto ao das regiões antigas, esvaziadas de população, rotineiras, tradicionalistas e mortas. (MARTINS, 1997, p. 153)

Diante do exposto nota-se que a frente pioneira simboliza mais do que expansão territorial, aumento da demografia e até mesmo fronteira econômica. Ela reflete transformação regional não só físicas, mas também cultural que traduz na formação social, nas ideologias que são diferenciadas das vividas até então ou praticadas enquanto processo de ocupação.

A característica básica da frente pioneira é a presença de elementos modernizantes associados aos elementos da produção capitalista, por isto nota-se com facilidade mudanças no campo econômico e nas relações que a mesma apresenta na formação da sociedade urbana e no empreendedorismo encontrado em muitos setores da sociedade tecidas por homens comuns da própria região agregados os planejamentos governamentais.

1.2 - Discurso de Vargas e a Modernização de Goiás

Localizando historicamente a modernidade a partir do século XIX, aproximadamente, pode-se dizer que ela tem sua origem nas mudanças de valores e de comportamento da sociedade. Destaca-se que estas mudanças são agregadas ao homem, a princípio, de forma empírica, posteriormente percebe-se que há um emaranhado que paulatinamente passa a estabelecer

normas e comportamentos que devem estar presentes no cotidiano das pessoas.

Na busca por uma didática linear para facilitar o entendimento do nascimento da modernidade e suas consequências para com a sociedade, Berman (2007) divide a modernidade em três fases: a primeira vai do século XVI, a segunda inicia em 1790 e vai até o final do século XVIII, e a terceira fase inicia no século XX. Essas datas são de análise no campo econômico e sua consequência é vista como a transformação da sociedade que aos poucos se embriaga da modernidade nascente.

Assim, a transitoriedade, a fragmentação, a angústia são sintomas necessários para se alcançar a implantação da modernização imaginada. O homem, nesse instante, acreditava que o domínio da natureza e a compressão do mundo onde vive são vetores que levam a felicidade humana. Vale ressaltar que a modernidade é um interminável processo de rupturas e fragmentações.

Berman em sua obra, *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar* (2007), faz ponderações sobre outros teóricos que estudaram a modernidade e a modernização, como também suas consequências para a sociedade. O ritmo de vida acelerado, novas formas de poder corporativo, lutas de classes, a explosão demográfica, as descobertas das ciências, gera o que Berman chama de “turbilhão da vida moderna”, que unifica a humanidade, mas ao mesmo tempo produz dualidades e angústias. Ratificando esse fato, o autor apresenta a seguinte colocação:

Para Nietzsche, assim como para Marx, as correntes da história moderna eram irônicas e dialéticas: os ideais cristãos da integridade da alma e a aspiração a verdade levaram a implodir o próprio Cristianismo. O resultado constituiu os eventos que Nietzsche chamou de “a morte de Deus” e o advento do “nihilismo”. A moderna humanidade vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. (BERMAN, 2007, p.27)

O conceito de modernidade traz consigo uma gama de interpretações, que literalmente conduz a pensar em transformação, mudança, já que o mesmo faz referência a um estilo, costume de vida ou organização social com características próprias, sendo elas não apresentadas em um período particular da história ou vista como uma tendência cultural. Esse movimento dinâmico é caracterizado pelas observações futurísticas, pois, o moderno é embasado em

um processo cíclico, em que é notada a mudança, a transformação, quando o novo é colocado em contra posição com o antigo. Assim sendo o estilo de vida produzida pela modernidade modificou os modelos de tradições de ordem social.

Nesse sentido, o conceito de novidade, para modernidade adquire características de fugacidade, instabilidade, transitoriedade, rapidez. Essas características próprias do conceito de modernidade trazem sentido para seu entendimento, pois, expressam a dialética em que o novo logo passa a apresentar-se como o contrário dentro da contemporaneidade. Por outro lado, tem-se a modernidade como um conjunto de tradições na suas origens, contrapondo-se a todo instante com o progresso.

As sociedades modernas vivem em processo permanente de constantes mudanças caracterizadas pela rapidez, modificando as práticas sociais a todo o momento conforme as mudanças políticas, econômicas, culturais, urbanísticas, tanto no cenário internacional, quanto no nacional, regional ou local. Segundo Berman:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizadas pelo abismo niilista ao quais tantas das aventuras modernas conduzem na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 2007, p.21-22).

Sendo assim, Berman (2007, p.87) divide a modernidade em duas partes distintas: “modernização em economia e política” e modernismo em “arte, cultura e sensibilidade”. Portanto, a modernidade é observada como uma constante, em que não é necessário olhar para o passado ou para seus antepassados, o futuro passa a representar o objetivo, a meta a ser alcançada, isto é, aqueles que acreditam no progresso devem mudar, e a mudança trazida pela modernidade é carregada de atributos e melhorias. Diante da ideia pontuada por Berman, a modernidade está associada ao progresso e conseqüentemente, tudo aquilo que vem do passado representa nesse caso, o atraso.

A modernidade faz mutações no comportamento do homem a todo instante, e em vários setores sofre rupturas, tornando as certezas vigentes de um dado momento, inexistentes. Percebe-se a quebra das barreiras de outrora, pois vivencia, os comportamentos e pensamentos tornam-se ineficazes diante das novas tecnologias e das mudanças anunciadas. O ser humano passa a partir de então a ter transformações desde seu vestuário até a competição com seus pares, pois, a realidade é endossada pela agilidade, pela rapidez, a seleção passa a ser realizada pelo meio em que se vive.

Henri Lefebvre (1969), em sua obra *Introdução a Modernidade*, pontua reflexões críticas sobre a modernidade em um dado momento vivido pela sociedade, afirma que suas contradições, sua dialética, são aspectos que formam-na. Quanto ao modernismo, o autor o analisa como flutuante e constante, pois, se apresenta como a busca constante pelo novo, pela mudança. Observe a afirmação do autor:

Por modernismo, nós compreendemos a consciência que tomaram de si mesmo as gerações sucessivas; o modernismo consiste, pois em fenômenos da consciência, da perspicácia. O modernismo é um fato sociológico e ideológico [...] por modernidade nós compreendemos ao contrário, uma reflexão principiante, um espaço mais ou menos adiantado de acrítica e autocrítica, numa tentativa de conhecimento. A modernidade se difere do modernismo como um conceito em vias de formulação dos fenômenos sociais como uma reflexão destes fatos. (LEFEBVRE, 1969, p.275)

Bermam (2007), também apresenta essas mudanças a partir das ideias de Charles Baudelaire e da *Tragédia de Fausto* de Goethe. O autor mostra com propriedade a busca do homem para se adaptar ao cenário urbano moderno, movimentando-se em meio aos obstáculos, qual fossem os empecilhos encontrados pelo caminho, sendo eles biológicos e psicológicos. Assim, o homem moderno é criador da modernidade no seu meio, e para isto assume técnicas, estratégias para serem adaptadas e fundidas, mesclando o novo com o antigo.

Vale destacar também a leitura feita por Nietzsche em relação à “destruição criativa”. Corroborando, Berman redige em seu texto que o homem na busca pela consolidação da modernidade passa a todo o momento criando e destruindo, por isso, a modernidade está calcificada na destruição do vivido. Assim, é necessário criar a figura do homem empreendedor, do homem que

busca o progresso intensamente, e para vivenciar estas mudanças, cria ao seu redor uma extensão criativa destrutiva.

O economista Schumpeter⁶ usou essa mesma categoria para analisar o desenvolvimento capitalista junto à sociedade moderna. Para Schumpeter, a figura do homem empreendedor, do homem “destruidor criativo”, simboliza o progresso humano, a transformação. Portanto, a ruptura necessária, comedida e silenciosa, mas ao mesmo tempo, portadora de incertezas, dúvidas que somente a ousadia do homem empreendedor é capaz de não temer, ou até mesmo não tripudiar diante da necessidade de destruir para ver a modernização se instalar no meio em que vive.

O empreendedor que Schumpeter considera uma figura heróica era o destruidor criativo par excellence porque estava preparado para levar a extremos vitais as conseqüências da inovação técnica e social. Era somente através deste heroísmo criativo que se podia garantir o progresso humano. Para Schumpeter a destruição criativa era o leitmotif progressista do desenvolvimento capitalista benevolente. (HARVEY, 1992, p.26)

É interessante notar que a partir de então o medo que acompanha implicitamente esse homem moderno e empreendedor é a estabilidade prolongada, afinal, estatizar significa parar de romper barreiras, parar de progredir. As conseqüências trágicas, inesperadas, são transformadas em oportunidades para o desenvolvimento, porquanto, a desintegração é moldada pelo empreendedor e moldada para as massas consumidoras, tornado-se como produto final integradora a toda a sociedade. Por isso, a sociedade vive uma mudança incessante, independente de sua classe, como nos mostra Berman:

Suas personalidades necessitam assumir sua fluidez e a forma aberta desta sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas a estar apta a mudança em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. Precisam aprender a não lamentar com muita nostalgia “as relações fixas imobilizadas” de um passado real ou de fantasia, mas a se deliciar na mobilidade, a se empenhar na renovação, a olhar sempre na geração de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida

⁶ Para aprofundamento sobre “destruição criativa”, verificar a obra de HARVEY, DAVID. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

e em suas relações com outros seres humanos. (BERMAN, 2007, p.119)

Ao tentar analisar o processo do nascimento da modernidade no Brasil e sua modernização sob a ótica da política, da inserção social, torna-se nitidamente complicado fazer a aplicação dos conceitos e até mesmo de se apontar semelhanças deste momento entre Brasil e Europa. Ao ler a obra de José de Souza Martins, *O Poder do Atraso* (1997), percebe-se que o autor afirma que o país ainda não tenha vivido a chegada do progresso, não se observou a mudança nas estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais quando comparadas ao Velho Mundo. Com relação a isso, Martins afirma:

A história do Brasil tem sido a história da espera do progresso. Como o progresso não veio se não de um modo insuficiente, lento, essa história se transformou na história da espera da revolução. Mas a revolução também não veio. Na verdade a história da sociedade brasileira tem sido uma história inacabada, uma história que não se conclui uma história que não chega ao fim de períodos definidos, de transformações concluídas. Não é uma história que se faz. É uma história sempre por fazer. (MARTINS, 1997, p. 11)

Desde o princípio, a história política e econômica vivida no país é marcada pela centralização de poder nas mãos de poucas pessoas, sendo assim, nas mãos das oligarquias que estão sempre à disposição do Estado para a manutenção dos meios tradicionais de se governar à nação. Assim percebe-se que a política brasileira é moldada pelo clientelismo, pela troca de favores, por benefícios econômicos. Por conseguinte, a política brasileira é moldada por uma dualidade, de um lado percebe-se a existência de uma relação poderosa entre ricos e poderosos, e de outro lado percebe-se a inexistência de uma representação política. Veja a colocação de Martins sobre clientelismo:

Minha concepção é de que o oligarquismo brasileiro se apóia em algo mais amplo do que esse relacionamento – ele se apóia na instituição da representação política como uma espécie de gargalo na relação entre a sociedade e o Estado. Não só os pobres, mas todos os que, de algum modo dependem do Estado, são induzidos a uma relação de troca de favores com os políticos. (MARTINS, 1997, p. 29)

Quando se busca estudar o momento da chegada da modernização no Brasil nas esferas sociais e políticas, se chega a conclusão de que isso não

aconteceu, pois não se vê o velho, o arcaico, o antigo, o atrasado sendo substituído pelo novo, pelo moderno, pela transformação, pela mudança de comportamento e pensamento. Logo, o turbilhão que representa o mundo moderno não se tem no Brasil. Martins faz a seguinte afirmação nesse sentido:

Na sociedade brasileira a modernização se dá no marco da tradição, o progresso ocorre no marco da ordem. Portanto as transformações sociais e políticas são lentas, não se baseiam em acentuadas e súbitas rupturas sociais, culturais, econômicas e institucionais, (MARTINS, 1997, p. 30)

As políticas tradicionais e oligárquicas são os atores que fazem e representam à política no Brasil, trabalham a máquina estatal de forma que se tornam agentes indispensáveis da manutenção das instituições modernas. É impossível perceber mudanças, transformação ou qualquer programa de modernização sem a presença dos mesmos. Observe a seguinte colocação:

Os políticos modernos e modernizadores, que melhor expressam a mentalidade urbana e a idéia de vínculo político racional entre o governo e os governados, não tem acesso ao poder se não fazem amplas concessões à mentalidade clientelistas do eleitorado, e ao controle que tem dos votos os que tratam o eleitorado como se fosse rebanho político. (MARTINS, 1997, p. 49)

Entretanto, a aplicação da modernidade na sua concepção é modificada quando analisada a partir do setor agrícola em Goiás, pois, a região centro-oeste é presenteada com a modernização através das novas técnicas utilizadas no campo denominadas “Modernização Conservadora”.

Esse termo é discutido por Pires⁷, que apresenta Barrington Moore como primeiro teórico a utilizar essa designação, fato que ocorreu a partir da análise que este autor realizou sobre como ocorria a modernização da Alemanha e do Japão. Barrington observa que esta forma de modernização é condicionada por pactos entre elites dominantes que condiciona o movimento capitalista. No Brasil, esse termo é analisado por vários teóricos, entre eles: Alberto Passos Guimarães (1977) e Azevedo (1982).

⁷ PEIRES, Murilo José. As Implicações do Processo de Modernização Conservadora nas Estruturas e nas Atividades Agropecuárias da Região Centro-Sul de Goiás. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Guimarães estuda modernização conservadora a partir da fonte econômica, assim, o mesmo observa que nesse processo de modernização não acontece mudanças na estrutura fundiária nacional. Esse teórico faz a seguinte afirmação:

[...] a estratégia de modernização conservadora, assim chamada, porque diferentemente da reforma agrária, tem por objetivo o crescimento da produção agropecuária mediante a renovação tecnológica, sem que seja focada ou grandemente alterada a estrutura agrária. (GUIMARÃES apud PIRES, 2008. p, 23).

No campo histórico e político, a modernização conservadora é analisada por Azevedo, que aponta o interior do Estado como local de pactos feitos entre a nova e a velha elite dominante para se auto-preservarem no poder, por isso, se observa na prática a permanência das elites dominantes na estrutura do poder político da nação, que tinha por objetivo principal segundo esse autor:

[...] a manutenção do monopólio da terra e dos privilégios políticos da oligarquia rural, que assegurassem uma modernização conservadora, à custa da exclusão política dos setores subalternos do campo, da expropriação do campesinato e da sua proletarianização. (AZEVEDO, apud, PIRES, 2008, p.28).

Pires ainda aborda em seu texto sobre modernização conservadora a visão que Sorj apresenta sobre essa forma aplicada na modernização da agropecuária. O autor apresenta as três concepções que Sorj faz sobre o processo na qual a modernização conservadora perpassa, são elas:

- 1-Um setor de empresas fundadas nas relações de produção capitalista e tecnologia moderna;
- 2-Um setor de empresas familiares altamente capitalizadas, fundadas no trabalho familiar com pouca ou nenhuma utilização de trabalho assalariado;
- 3-Um setor de produção tradicional, baseado na pequena propriedade familiar ou arrendamento e parcerias tradicionais na exploração da pecuária extensiva. (PIRES, 2008, p.20)

Vargas, a partir do momento que assumiu a gestão da nação buscou sanar a necessidade de produção através de um discurso auto-sustentável, interligando as regiões do país, também se posicionou em relação ao bloco de poder que o pressionou para tomadas de decisão, pois nesse momento a ala esquerda defendeu um programa de reforma agrária, e de outro lado uma ala

conservadora defendia a necessidade de manutenção da estrutura fundiária no poder. Por isso, se percebe a importância da implantação da modernização conservadora no país, pois a mesma simbolizava uma aliança entre capital x latifúndio, a qual se vê priorizado o setor industrial agrícola, por isso, não se percebe uma mudança efetiva no setor agrário. Como mostra Borges:

Após a revolução de 1930, a ausência de uma “burguesia conquistadora” no Brasil, o poder público através de uma tecnoburocracia desempenhou papel decisivo no planejamento do crescimento econômico e nas transformações estruturais do país. Este processo de mudanças socioeconômicas e políticas impostas de cima para baixo pelo Estado são denominados “modernização conservadora”. Além disso, o termo refere-se às mudanças econômicas advindas com a expansão do mercado que interligaram a economia agrária à dinâmica capitalista do sudeste sem que alterasse a velha estrutura de produção no campo. (BORGES, 2000, p.13)

Sendo assim, a política adotada por Vargas na sua administração é caracterizada pela presença de inovações agrícolas nas regiões de fronteiras, contudo, alicerçada ao mesmo tempo, a um novo projeto econômico nacional em que a prioridade era a manutenção das estruturas agrárias, as quais passam a produzir para o mercado interno que utiliza os espaços vazios como trampolim de manutenção da ordem e do poder dessa determinada classe social e garante para si a valorização destas terras através do comércio, incentivado pela nova política até então criada.

A presença da contradição nas medidas adotadas por Vargas na ocupação dos espaços vazios onde o mesmo em um determinado momento incentiva a pequena propriedade e ao mesmo tempo torna-se fiador dos interesses de grandes latifundiários, é analisada por Linhares; Teixeira da Silva (1999) que faz a seguinte consideração:

No momento em que os trabalhadores urbanos, em especial os industriais são plenamente trazidos para o cenário da organização econômica – as ilhas de fordismo e keynesianismo a que se refere Lipietz-e política (comícios, marchas, festas cívicas, visitas etc.), os camponeses são vistos como agentes políticos passivos que deveriam sofrer a ação benfeitora do Estado sem ocuparem a cena política, como protagonistas. Assim o papel do campo no projeto maior de modernização Varguista seria plenamente atendido [...]. Porém, a capacidade de incorporá-lo nos moldes da cidade era ainda restrita, levando o Estado a optar, num primeiro momento, por incorporação – e não pelo seu abandono – imaginário do trabalhador

rural. Ao mesmo tempo, as bases oligárquicas da sociedade, batidos os seus representantes políticos no nível nacional, continuariam a ser consideradas (LINHARES; TEIXEIRA DA SILVA, 1999, p. 111).

As reflexões realizadas anteriormente são de fundamental importância para se ter compreensão da necessidade de criação do Projeto das Colônias Agrícolas nas regiões de fronteira, para o governo naquele momento, pois assim, se pode notar que a sua posição contraditória de atendimento aos anseios do trabalhador rural de acesso a terra e manutenção de poder das elites latifundiárias locais, enquanto que na questão econômica, essas mesmas colônias se apresentam como elo das regiões ainda não desenvolvidas, desprovidas de progresso, em comparação com as demais regiões do país.

A contradição dessa política colonizadora, em que a agricultura cultivada no país é voltada para a manutenção de interesses das indústrias acontece durante o Estado Novo implementado por Vargas no fim da década de 30, que contava com apoio de vários setores sociais da nação. A colonização dos espaços vazios representa o não exercício de uma reforma agrária, e ao mesmo tempo, uma forte presença da autoridade do Estado frente ao trabalhador rural que adquire papel personificado da expansão e do desenvolvimento do país. Linhares e Teixeira e Silva fazem a seguinte consideração sobre o que eles chamam de inclusão imaginária do trabalhador rural:

[...] a atuação do Estado, a partir de 1930, voltar-se-ia para os espaços vazios do Centro-Oeste, as áreas deprimidas do nordeste e a imensa Amazônia [...]. Durante um bom tempo estes projetos mobilizaram o imaginário popular, envolvido por eficientes campanhas de propagandas, onde o Estado assegurava a felicidade dos cidadãos. Poucas vezes antes no Brasil, a vida cotidiana de homens e mulheres havia sido tomada como parte do processo político e tantas pessoas acreditavam que melhorariam sua existência por meio de ação governamental (LINHARES; TEIXEIRA DA SILVA, 1999, p.114).

Assim, a política adotada por Vargas exercia diversos papéis em vários setores da sociedade, garantindo o abastecimento dos centros-urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto que no setor rural criava-se um novo produtor rural, que adquiria um imaginário popular fraudulento diante das propagandas de governo. Além do mais, esse camponês era incumbido, como

pontua Linhares e Teixeira da Silva (1999, p.115), a cumprir um papel redentor frente à nação: o de ocupar os espaços vazios, realizar obra imperialista interna à ideia de aventura e desbravamento deveria mobilizar os sonhos de milhares de brasileiros, abrindo os sertões à civilização.

A iniciativa de manter essa manutenção agrária sem fazer grandes rupturas nas regiões de fronteira foi marcada pela por conflitos, os quais na maioria das vezes foram de grande violência.

1.3 - Marcha para o Oeste e sua simbologia para Goiás

A inserção de Goiás na política de Vargas é feita por uma série de medidas norteadas para o Centro-Oeste. Assim Vargas utiliza de seu discurso modernizador e civilizador para chegar à região.

Esta concepção é uma das formas de entendermos a mudança da capital de Goiás e a construção de Goiânia, que é idealizada a princípio como forma simbólica de progresso, da chegada da modernidade em nosso Estado. A cidade moderna proposta para Goiás é cercada por agentes que prometem riquezas, comércio, possibilidades lucrativas, da apropriação da urbanidade, nesse panorama, a modernidade em Goiás é um mosaico que se impõe como um conjunto de idealizações e realizações gerenciadas pelo poder político. Como afirma Estevam:

O implante de Goiânia, mesmo contando com firme disposição dos governos estadual e federal, deu demoradamente e por etapas. Em 1933 aconteceu a tomada de decisão: escolheu-se o lugar e lançou-se uma pedra fundamental. Em 1935 consumou-se a mudança provisória de órgãos do governo para Goiânia. Finalmente em 1942, com o “Batismo Cultural”, a cidade foi oficialmente inaugurada e seu índice progressista dado como vertiginoso. (ESTEVAM, 1998, p.112).

O projeto federal para a região Centro-Oeste possuía diversas facetas na sua construção e na sua implementação, o “suposto” desenvolvimento de Goiás também significaria suprimento para as necessidades do mercado consumidor do sudeste de produtos agrícolas, pois o mesmo passa a vivenciar mudanças com a industrialização dos centros do país. A construção de Goiânia

na década de 1930 tornou-se símbolo do início da modernização de Goiás, da chegada da modernização. Quando observada a estrutura capitalista inserida em Goiás, nota-se que não acompanhamos o processo de industrialização da região sudeste do país, pois nossa região continua ainda com aspectos de região agropecuária, enquanto que o sudeste passa a viver a industrialização, o capitalismo no seu meio de produção de acumulação capitalista. Nesse período:

[...] em Goiás, estado de economia e mentalidade agropastoris, onde reinavam Os mandos dos Caiados, num Brasil em transformações, a única saída era o remédio “oposicionista, se não era de cura, era, pelo menos, de alívio para os males do povo”. (CHAUL, 1997, p.57).

A iniciativa de construir Goiânia e de colocá-la como espaço representante da modernidade tem suas origens na necessidade da afirmação política das elites associadas, posteriormente ao projeto da nação brasileiro intitulado “Marcha para o Oeste”. Sendo assim, a criação de uma nova capital para Goiás supriu não só a necessidade da política local, mas também concretizou a idealização de um projeto nacional. Arrais⁸ afirma que Goiânia respondeu a três demandas:

Primeira: como estratégia “geopolítica” de transferência e consolidação do poder representado pela figura de Pedro Ludovico Teixeira;
“Segundo: como ‘suporte urbano de uma frente de expansão rural’ (BERTRAM, 1988, p.98).
Terceira: como recurso simbólico de um novo tempo de um Brasil integrado preocupado com o interior (ARRAIS, 2007, p.101).

Atendendo as várias expectativas do período da década de 30, Goiânia surge como uma capital que nasce para interligar o cerrado, “o coração do país” as demais regiões. Com tantos simbolismos, a Marcha para o Oeste atinge um de seus principais objetivos, o de elevar a nível nacional a ideia de desenvolvimento, de mudança, de modernização em lugares até então desligado da conjuntura socioeconômica do país. Chaul traz um texto, da Revista Oeste, de grande relevância:

⁸ Arrais, Tadeu Alencar. A Região como Arena Política: um estudo sobre a região urbana centro-goiano. Editora: Vieira, 2007.

Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergue do berço esplêndido e começo, já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cadinho, em que se cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis - o do litoral e o do sertão-, nela se esta formando a célula do Brasil integral[...] Para todo Brasis, Goiânia adquire uma fisionomia inconfundível e a sua posição se delinea sob o ponto de vista nacional, verdadeiramente a conquista do Brasil pelo Brasil, isto é, a Marcha para o Oeste era um intuito inicial, um propósito básico. E Goiânia foi à manifestação prática desse movimento profundo de nacionalidade. (FIGUEIREDO, 1983, p.46)

Arrais (2007) ainda afirma que a construção de uma nova capital para Goiás tem um amparado não só de uma elite local que tinha como um de seus objetivos com a construção de Goiânia liquidar os vestígios coloniais ainda muito presente na região, como também da elite nacional, que na figura de Vargas, a Revolução de 30 tem como objetivo central a mudança, e esta chega a Goiás na figura de Marcha para o Oeste. Sendo assim o autor aponta para conceituar região:

Talvez a elaboração mais cuidadosa do conceito de região que se queira introduzir seja a da dimensão política. Isto são certas classes dominantes fecha a região. Essa dimensão política não é uma instância separada da econômica; pelo contrário, é ou será das imbricações das duas instâncias que poderá surgir mais completo o conceito que aqui se propõe, pelo menos na tradição teórica do marxismo. O fechamento de uma região pelas suas classes dominantes requer, exige e somente se da, portanto enquanto estas classes dominantes conseguem reproduzir a relação social de dominação, ou mais claramente as relações de produção (ARRAIS, 2007, p.101-102).

A construção de Goiânia representa a aplicação da Marcha para o Oeste, e conseqüentemente a ampliação e ocupação da fronteiras da região norte do Brasil, com o avanço da frente pioneira. Esse projeto de cunho nacional associado ao regional e a conjuntura política vivida em ambos os lados vem não só consolidar a política goiana, mas também estabelecer formas de desenvolvimento da região do Mato Grosso Goiano.

Vargas em um de seus discursos proferidos para o então governador Pedro Ludovico Teixeira, durante uma visita a Goiânia, salienta a importância

da colonização da região do norte goiano, deixando claro seu potencial econômico, como afirma Dayrrel:

A visita que hora vos faço é prova de uma concepção renovadora da pátria grande e forte. Torna-se imperioso localizar no centro geográfico do país poderosas forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura. Do alto de vossos chapadões infindáveis, onde estarão amanhã os celeiros do país, devesse descer a onda civilizadora para as planícies do oeste e do Noroeste [...] os grandes cursos de água que regam o planalto se transformarão em ligação econômica entre o norte e o centro do país. (DAYRREL, 1974, apud, VARGAS GETÚLIO, 1994, p.45)

A iniciativa de estabelecer novas fronteiras com regiões até então, não habitadas do norte do país, nos leva novamente a estabelecer relação com os pioneiros de nossa colonização que fizeram os primeiros marcos de nossas fronteiras internas, ou seja, novamente os desbravadores deveriam romper obstáculos, encurtar distâncias, abrir caminhos e estender as fronteiras econômicas, enfim esse era um dos principais objetivos de Vargas com a Marcha para o Oeste.

O verdadeiro sentido da brasilidade é a Marcha para o Oeste. No século XVIII, de lá jorrou o caudal de ouro que transbordou a Europa e fez da América o continente das cobiças e tentativas aventureiras. E lá teremos de ir buscar-dos vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; e das entranhas da terra, o metal com que forjar os instrumentos da nossa defesa e do nosso progresso industrial” (AMORIM FILHO apud VARGAS, 1999, p.204).

A construção de Brasília no contexto do governo de JK no cumprimento do Plano Metas, coloca as regiões Centro Oeste e Norte do país novamente presentes no discurso político do governo federal. A inserção de Goiás seria feito através da continuidade de ocupar os espaços vazios. JK ao dar início à implantação do seu projeto de governo rompeu com a política nacionalista aplicada por Vargas e abriu as fronteiras para entrada de capitais externos, livre circulação e livre exploração do capital estrangeiro no país. A consequência imediata dessa iniciativa governamental é o aumento em larga escala na migração para a região, abertura de novas estradas que tinham como objetivo ligar o país a sua nova capital, expansão de mercados e geração de novos empregos.

Sendo assim o nascimento de Brasília simboliza mais uma das vertentes ocasionadas pela Fronteira Pioneira que é o embate com a Frente de expansão, e como já foi colocado, o encontro dessas fronteiras gera conflitos sociais violentos. Diante disso, a região Centro-oeste, como as outras regiões quando analisadas tem a missão de diminuir o impacto causado pela urbanização da região sudeste através da implantação das Fronteiras Agrícolas.

As fronteiras agrícolas foram desenvolvidas com a participação governamental e com investimentos de algumas empresas privadas, mas em determinadas regiões, esse processo entra em decadência por falta de recursos dos pequenos produtores e pouca participação governamental, quanto pelo surgimento de grandes fazendeiros agropecuaristas que acabam desequilibrando a produção quando comparada comercialmente com pequeno produtor. Essas novas fronteiras se consolidam quando adquirem a função de abastecer o mercado consumidor urbano de outras regiões do Brasil.

A expansão da fronteira agrícola, na forma em que se processou no país, por um lado, favoreceu o aumento da produção de alimentos para atender a demanda da população urbana e, por outro, contribuiu para a reprodução do latifúndio e da agricultura tradicional no Centro-Oeste (BORGES, 2000, p. 72).

A proposta de modernização para o país no governo de JK seguiu a ideologia implantada por Vargas em seu governo, assim sua administração é respaldada pela construção da capital da nação no meio do “sertão”. Esta medida adotada é oriunda de um projeto nacional com várias ramificações, que permite alcançar objetivos em série, pois se tem a busca incessante da nacionalização da economia do país ante a necessidade burguesa nacional e internacional, juntamente com a obrigação de manter as estruturas já existentes.

Portanto a conquista da fronteira aparece como solução para a “modernização” da economia e a expansão territorial do capital. O projeto Brasília deve ser entendido nesta perspectiva, ou seja, além de expressar a pujança da ideologia nacional – desenvolvimentista do Governo de J, foi uma estratégia para movimentar e sacudir vigorosamente a economia sem mudanças significativas na estrutura agrária. (BORGES, 2000, p.241)

A região norte de Goiás foi presenteada com a construção da rodovia Belém-Brasília a partir da década de 60, em que novos projetos agropecuários foram instalados nessa região, elevando o índice populacional e o início da sua modernização a partir de 1950. A ocupação da região norte de Goiás segue o mesmo processo para a privatização da terra, a princípio pela sesmaria e posteriormente pela Lei das Terras de 1850. O tamanho da terra estava relacionado à atividade praticada, sendo que as propriedades maiores praticavam a criação de gado de corte associada à lavoura e os menores faziam plantações temporárias como milho, arroz e feijão.

O eixo da Belém-Brasília corresponde de modo geral, à área do antigo núcleo minerador, que posteriormente adotou uma economia agrária devido à estagnação da mineração. Após um longo período de abandono, as terras do norte voltaram a ganhar vida, principalmente com a instalação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em 1941, que deu origem à cidade de Ceres. A rodovia que ligava Ceres à Anápolis foi implantada definitivamente na década de 1950, cortando o Estado no sentido longitudinal e “batizada” com o nome de Belém – Brasília (GOMES, 2004, p.37).

A partir da década de 60, a região Centro-Oeste tem sua economia voltada para a agricultura que é paulatinamente consolidada pela melhoria dos meios de transporte, apresentando infraestrutura, estradas, crédito agrícola subsidiado, suporte para armazém e organização do produtor rural agrícola. O progresso técnico na agropecuária tornou-se fator de predomínio para a expansão do latifúndio e da mão de obra, apesar de que mesmo antes de utilizar novas técnicas para o aceleração da produção, o grande latifúndio já se apresentava com concentração de poder.

Os avanços tecnológicos ocorridos nas atividades rurais após a década de 1960 referem-se como a incorporação do progresso técnico na agricultura. O papel fundamental desse progresso é o de fabricar instrumentos apropriados para aumentar a produtividade da terra e do trabalho, e também submeter o processo produtivo ao capital. (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 43).

Diante dessas mudanças estruturais, Goiás torna-se depósito agroindustrial, deixando de ser aos poucos uma região típica de fronteira, pois,

tanto a terra quanto o trabalho assalariado passam a ter valor de troca _ características básicas das consequências da expansão capitalista.

A utilização de novas técnicas agrícolas no campo, a partir desse período é decorrente da Revolução Verde⁹, que chega ao Estado com a função de modernizar a agricultura tradicional vividas no campo. O Brasil adota em massa esse pacote tecnológico, introduzindo a mecanização agrícola, através de maquinários, insumos químicos (venenos e fertilizantes), para as plantas, os medicamentos veterinários e as sementes ditas “melhoradas”, mudando assim as bases da agricultura brasileira.

A Revolução Verde não foi apenas um desenvolvimento tecnológico voltado para a ampliação da produtividade no campo, mas foi também um meio aprimorado para solucionar a questão da falta de alimentos em algumas regiões do mundo pós Segunda Guerra Mundial. Instituições norte-americanas, como: Rockefeller e Ford passaram a investir em técnicas para o melhoramento de sementes, denominados variedades de alta produtividade (VAP), no México e nas Filipinas. Dentre essas sementes destacaram-se: trigo, milho, arroz, grãos que simbolizavam a base da alimentação mundial.

Na verdade, a Revolução Verde é um programa de desenvolvimento do capitalismo, que busca o aumento da produção e da produtividade agropecuária em qualquer tipo de solo ou clima. O caráter heterogêneo da agricultura brasileira, sob a ótica técnico-social e regional foi preservado neste processo de modernização. Observam-se nesse contexto que foi preservado as estruturas agrárias prevalecendo sua autonomia, com a manutenção de pactos entre os grandes latifundiários e a necessidade do mercado industrial.

Assim, percebe-se que a Revolução Verde estimulou no meio rural a adoção de pacotes tecnológicos, simulando a chegada da modernidade, por isso muitos camponeses não conseguiram se organizar para receber este

⁹ Conceituar em nota Após 1950, muitos países do mundo, incluindo o Brasil, introduziram a Revolução Verde, medida essa que tinha como único objetivo intensificar a oferta de alimentos. Esse nome é derivado de grandes evoluções tecnológicas que favoreceram a mecanização e modernização de todo o processo produtivo agrícola, além dos implementos, foi implantada no campo uma série de técnicas de cultivo, utilização de insumos como defensivos, fertilizantes entre outros, sem contar o surgimento de plantas modificadas geneticamente imune de pragas e adaptadas aos mais distintos climas do mundo. Apesar do emprego de diversas tecnologias que desencadeou um aumento na oferta de alimentos, a Revolução Verde não resultou em respostas positivas em relação à sua proposta inicial, seus objetivos são muito questionados.

benefício, já que os mesmos não possuíam condições financeiras que assegurassem empréstimos consignados, diante dessa situação, acabaram novamente excluídos. A consequência no campo social é a monopolização do processo produtivo por grandes produtores e dos lucros obtidos, além do êxodo rural presente em alguns municípios com a mecanização do campo.

Alternativa encontrada pelos pequenos produtores era vender suas terras para grandes latifundiários e colocarem-se como mão de obra livre no mercado de trabalho. Nota-se que o aumento da mão de obra livre a disposição no mercado é desqualificada, tornado-se obstáculo para o desenvolvimento industrial da agropecuária, uma vez que a produção deveria seguir padrões internacionais.

O processo de modernização conservadora na agropecuária é marcado pela exclusão social e pela presença de estímulos governamentais. Os produtores que tiveram acesso aos financiamentos, tornaram-se fundadores dos primeiros complexos agros industriais de Goiás, que tinham como objetivo atender as necessidades consumidoras do mercado externo. Com isso, muitos desses produtores passam a ter maior influência na região em que vivem em vários setores socioeconômicos.

A construção de Goiânia associada à ideia de modernidade, ainda apresentava práticas conservadoras diante de um discurso modernizante. Na política, nas relações da economia em Goiás de mercado ainda se via presente a formação de uma classe dominante com classe trabalhadora, voltada para a produção agrícola, mal remunerada. As relações de trabalho assalariadas segundo Borges (2000), caracterizavam um sistema de exploração não-capitalista, assentado na agregação do trabalhador às grandes fazendas. Enfim, a terra em Goiás ainda significa poder local, e o mesmo é usufruído em todos os setores da sociedade, gerando assim, uma modernização conservadora voltada para a expansão das Fronteiras Agrícolas, como afirma Bezerra (2004), em um estudo sobre as fronteiras de Goiás

Uma característica importante da modernização agrícola, e que justifica o adjetivo "conservadora", é que ela manteve a estrutura fundiária do país, caracterizando-se pela forte concentração de terras. A modernização da agricultura brasileira foi, portanto, concentradora e excludente, sendo essas características

aprofundadas pela política agrícola executada pelo governo (GRAZIANO DA SILVA, 1999 apud BEZERRA, 2004).

O desenvolvimento da agropecuária seguiu a linha dos moldes capitalistas, ou seja, de acordo com a necessidade consumidora; o Estado passou a produzir para os seus principais consumidores, que no caso é a região sudeste do país. A plantação para subsistência foi substituída pela rizicultura comercial, que seguia métodos tradicionais na preparação do solo. Já as culturas temporárias eram feitas para preparar o solo para a pecuária que aos poucos passou a ser de classe fundiária dominante, que investe nos primeiros confinamentos de gado, sendo que incentivo à modernização das práticas para o desenvolvimento da criação bovina está intimamente ligada à melhoria dos transportes.

É dentro desse marco histórico que se pode acompanhar o desenvolvimento da pecuária bovina em Goiás, particularmente devido ao fato de tornar-se a atividade que garante a propriedade da terra e as riquezas por ela propiciadas. O gado, por ter característica de se auto-transportar, rompia parte da barreira que a falta de transportes impunha ao desenvolvimento de atividades produtivas na região (BORGES, 2000).

O uso da técnica de confinamento de gados em algumas fazendas da região norte de Goiás é símbolo do processo de modernização do campo no estado, pois esta técnica eleva o valor das terras nessa região que se torna importante não só na pecuária abastecida de uma tecnologia avançada, mas também produtora de produtos ligados à agricultura. Miziara (2008) em seu estudo sobre fronteiras agrícolas fornece dados sobre confinamentos de gado de algumas fazendas, de acordo com sua tecnologia e a distância de Goiânia, assunto este que será tratado posteriormente.

A ideia da colonização dos espaços vazios como foi citado acima, faz parte dos discursos de Vargas desde o princípio da Revolução de 1930. Em uma entrevista no ano de 1939, a imprensa Vargas salienta que é primordial a criação de um Conselho de Colonização e Imigração, pois, o mesmo agiria com rapidez no sentido de promover a organização do povoamento e da exploração da região do norte do Centro-Oeste através de núcleos novos de expansão e reordenamento da população nacional.

[...] mas o fato é que se tratava de enormes espaços geográficos. Assim foi possível combinar alguns programas de colonização e de ocupação de novas áreas com a manutenção da estrutura pretérita e, pior ainda, com a sua produção na fronteira de ocupação. (RAMOS, 1998, p.92)

Com isso, através de leis promulgadas foram criadas as Colônias Nacionais não só na região de Goiás, mas também na região do Paraná, Amazonas, Pará, Piauí e Maranhão. Em cada Colônia foi estabelecido uma Escola Profissional para os filhos dos agricultores e de um engenho de cana, a fim de se gerar renda para os novos habitantes. Cada Colônia também tinha um administrador responsável por estabelecer normas e meios econômicos para desenvolvimento, crescimento e formação de um modelo de cooperativa entre os agricultores ali residentes.

Partindo desse demonstrativo acima, se observa a importância das novas fronteiras demarcadas no sertão de Goiás, pois, as mesmas representam importâncias mútuas para a nação, já que economicamente atende as necessidades de mercado nacional e internacional. Politicamente não apresenta rupturas na sua formação, e com isso simboliza organização institucional. Socialmente, as novas fronteiras representam a unidade de um povo que indiretamente ou diretamente contribuiu para modernização do país e a conservação das estruturas de poder.

Sendo assim, é importante observar que as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no Brasil até a contemporaneidade não estão relacionadas com o surgimento de novos protagonistas portadores de um novo e dinâmico projeto político e econômico. As mesmas elites responsáveis pelo atraso são mediadoras das implementações das pequenas mudanças em nossa sociedade. Logo, é necessário fazer concessões principalmente no âmbito regional onde se nota a presença de homens que trazem estas pequenas mudanças para o lugar onde habita, legitimando sua responsabilidade pela modernização local.

1.4 - Formação das Colônias Agrícolas em Goiás

Anterior à instalação da Colônia Agrícola Nacional na região do Vale São Patrício, um movimento migratório nos anos 30 ocorreu em direção a essa região para terras denominadas Lavrinhas, destacadas por sua fertilidade. Joan Lowell¹⁰ forma na beira da estrada dessas terras um acampamento com currais os quais eram utilizados para alugar para viajantes. Aliada à política de colonização de Vargas, através da CANG, essa região passa a receber centenas de pessoas.

A qualidade do solo, já conhecido em outros estados, muito propicia a lavoura, apontava a região a conquistar. A oportunidade de possuir terra acenava aos que se dispusessem ao pioneirismo desbravador. A iniciativa particular já iniciara um processo de ocupação da área. [...] José Alves Toledo veio para a região com sua mulher e mais tarde provocou a imigração de parentes e amigos, além de outros, por volta de 1935. (Dayrrel, 1974, p.84)

A instalação da CANG (Colônia Agrícola Nacional de Goiás) é criada pelo decreto federal N°6882, de 19 de Fevereiro de 1941 em terras cedidas pelo governo do Estado de Goiás segundo o decreto lei N°. 3704, de 04 de Novembro de 1940, reguladas em 1941. Somado à participação política, outros fatores que determinaram a implantação da Colônia foram o desenvolvimento das estradas e os investimentos governamentais, fazendo com que fosse aumentado consideravelmente o fluxo migratório em direção a essa região. Segundo Arraias, a região do Mato Grosso de Goiás simboliza uma das mais expressivas frentes pioneiras de Goiás.

O Mato Grosso de Goiás é uma extensa região florestal situada a parte do centro sul do Estado de Goiás. A área de mata original não esta ainda calculada [...] Ela começa nas proximidades de Anápolis e continua para oeste até a base da Serra Dourada, na região do Córrego do Ouro; no sentido norte-sul, vai das proximidades de

¹⁰ Joan Lowell veio para o Brasil na década de 30 após o fracasso do seu último filme e da polêmica da autobiografia *The Cradle of the Deep* que tempos depois foi admitido pela autora ser ficção. No Brasil, Joan esteve no interior de Goiás na região de Ceres, tornou-se amiga de Bernardo Sayão, tomou parte em uma viagem pela Belém-Brasília em uma Kombi no ano de 1962, em que escrevia sobre o abandono da estrada após o fim do governo de JK. Joan Lowell viveu seu último ano de vida numa chácara em Planaltina-DF, freqüentando as páginas sociais da nova capital. (MAIA, CLÁUDIO LOPES. Os donos da terra: a disputa pela propriedade e pelo destino da fronteira-a luta dos posseiros em Trombas e Formoso 1950-1960. Dissertação de Mestrado –UFG ,2008.)

Goiânia até um pouco ao norte de Itapaci, Anicuns, Goiás [...]. (ARRAIS apud FAISSOL, 2007, p.107).

A CANG foi instalada no município de Ceres, cidades pertencentes à Região do Vale São Patrício. A Colônia Agrícola Nacional de Goiás implantada nessa região, conhecida por suas terras férteis, contou com apoio financeiro do governo federal para seu desenvolvimento. Com aumento considerável da população e com a melhoria nos meios de transporte e das estradas, esta região passa a vivenciar períodos de grande crescimento em muitas das cidades que a compõe. O geógrafo Faissol descreve em seus estudos a presença de mais de “10 mil pessoas na CANG” em 1946, comparada à data da sua criação nessa região é um dado significativo, visto que a mesma tem menos de dez anos de existência.

População dos maiores municípios do Estado de Goiás – 1940-1960

Município	Zona Fisiográfica	1940	1950	1960
Goiânia	Mato Grosso Goiano	48.166	53.389	151.013
Goiás	Mato Grosso Goiano	44.250	124.805	33.589
Anápolis	Mato Grosso Goiano	39.158	50.338	68.016
Rio Verde	Rio Verde	31.377	24.731	39.823
Catalão	Ipameri	28.011	30.652	25.699
Ipameri	Ipameri	25.625	21.398	18.080
Jaraguá	Mato Grosso Goiano	23.227	36.895	27.015
Jataí	Rio Verde	22.793	31.229	27.680
Morrinhos	Meia Ponte	21.755	20.847	23.015
Itaberaí	Mato Grosso Goiano	17.890	14.229	27.113
Luziânia	Planalto	17.249	19.657	27.444
Itumbiara	Meia Ponte	16.186	24.068	48.402
Pirenópolis	Planalto	15.622	22.430	26.494
Anicuns	Mato Grosso Goiano	15.156	17.005	18.381
Pires do Rio	Ipameri	14.728	12.946	13.484
Inhumas	Mato Grosso Goiano	12.230	17.629	21705
Quirinópolis	Rio Verde	-	18.387	25.598
Ceres	Mato Grosso Goiano	-	-	42.438
Cidades	Total	826.414	1.214.921	1.917,460

Fonte: Arraias, 2007, p. 109

O desenvolvimento das estradas de cunho político passa a partir da 2ª Guerra Mundial a representar mudanças, pois, as regiões isoladas do sistema Nacional possibilitaram o Estado a estimular recursos para empreendimentos locais, gerando desenvolvimento. Diante disso, a formação de novas cidades em muitas regiões de Goiás passou a significar acumulação e centralização de poder.

O território nacional sofreu mudanças em seu espaço geográfico com as novas regiões e o surgimento das cidades que por mais que se dedicaram à produção de grãos e na criação de gado como no caso de Goiás, estas cidades possuem características urbanas, típicas das frentes pioneiras, como verificada na Marcha para o Oeste. O aumento demográfico contribuiu para a formação de novos municípios no Estado. A região do Mato Grosso Goiano foi a que mais se destacou tendo 34 de seus 41 municípios emancipados entre os anos de 1948 a 1958, como indica a tabela abaixo:

Demografia do Mato Grosso Goiano - 1960

Municípios	Data de Criação	População
Anápolis	1887	68.016
Anicuns	1911	18.381
Araçu	1958	4.404
Aruanã	1958	6.274
Brazabrantes	1958	2.662
Carmo do Rio Verde	1952	13.237
Caturai	1958	4.507
Ceres	1953	42.438
Córrego do Ouro	1953	4.664
Damolândia	1958	2.473
Diorama	1958	6.483
Fazenda Nova	1953	9.137
Firminópolis	1948	7.172
Goianápolis	1958	6.091
Goianésia	1953	22.893
Goiania	1935	151.013
Goanira	1958	5.036
Goiás	1727	33.588

Fonte: Arraias, 2007, p. 109.

As terras da região do Vale São Patrício¹¹ foram distribuídas gratuitamente. Formada até então por mata virgem, o governo em seu projeto realizou orientações a esses novos fazendeiros da melhor forma de se trabalhar com a terra e o que deveria ser feito para a sua preservação. A administração da CANG em Goiás ficou na responsabilidade do engenheiro agrônomo Bernado Sayão¹² Carvalho de Araújo até o ano de 1950. O mesmo foi indicado pelo oficial do gabinete do presidente Vargas _ Luis Simões Lopes.

Sayão visitou as fazendas da região de Jaraguá em 1939, mas só retornou a região em 1940, para a implantação da CANG. Quando chegou em Goiás para a implantação, já havia estrada aberta dentro da Mata do São Patrício que cortava todo o território da CANG, aproveitando o momento Sayão fez todo um reconhecimento do território e percebeu que a iniciativa da abertura da estrada feita por Capitão Bowem¹³ era de fazer com que essas terras fossem valorizadas. Essa estrada desembocava nas terras de São Sebastião das Lavrinhas, que posteriormente foram divididas em fazendas e vendidas.

Essas terras segundo Dayrrel (1974) foram valorizadas mais ainda com a instalação da CANG, sendo vendidas à Companhia Frigorífico Reunidos do Brasil/ RJ. As terras da Lavrinha correspondem atualmente aos municípios de

¹¹ A região que compreende Ceres, Jaraguá e outras cidades da região Centro-Norte do estado de Goiás é denominada de Vale do São Patrício. Essa denominação deveu-se ao Rio São Patrício, que recebeu esse nome em 1733 por dois frades franciscanos portugueses (frei João de Jesus e Maria e frei Domingos Santiago), que residiam em Pirenópolis. Existem algumas especulações sobre a denominação da região, como o fato de não ter sido batizada de São Francisco, em homenagem à ordem dos frades, ou não ter recebido o nome de outro santo português. A explicação mais utilizada pelos clérigos da região é a de que existia um seminário jesuíta em Portugal sob o patrocínio de São Patrício, no período em que as “Leis Penais” estavam sendo aplicadas na Irlanda pelos ingleses, forçando muitos católicos a estudarem fora da Irlanda, sendo muitos desses estudantes acolhidos por Portugal. Não apenas o rio, mas toda a região recebeu essa denominação em honra ao santo irlandês. No livro de óbitos de Pilar de Goiás, um antigo núcleo aurífero dos tempos da mineração, no período de 1850-1864 existe uma referência a uma vila denominada de São Patrício, situada próxima ao rio na região onde é hoje o município de Itapaci. A vila teria sido abandonada por seus habitantes logo após a Guerra do Paraguai, quando os familiares receberam a notícia da morte de seus filhos. A vila acabou e seus habitantes voltaram para a cidade de Pilar. Outra informação interessante é o da existência de uma imagem de madeira, que fora nomeada em honra do santo. A imagem goiana não corresponde à descrição tradicional do santo, mas, no imaginário popular, aquela é a imagem de São Patrício.

¹² Foi o desbravador da região de Ceres e coordenou todo o projeto de implantação até 1950.

¹³ Era capitão do navio que trouxe Joan Lowell para o Brasil. Dotado de espírito aventureiro casa-se com Lowell e parte de viagem para a Região do Vale São Patrício.

Goianésia, Itapaci e Jaraguá. Essas terras faziam divisas com a CANG que hoje corresponde ao município de Ceres.

A CANG, como ocupação espacial, concretiza-se por meio de sua dinâmica específica de colonização oficial proposta durante o Estado Novo. Essa dinâmica de ocupação proporcionou uma identidade regional distinta, criadora de novos fins, novas fronteiras, resultante do ato jurídico de limitação e de demarcação do espaço. Esse tipo de criação do espaço social possibilitou a emergência de uma cultura específica para a região, ao mesmo tempo em que se tornou produto dessa mesma distinção cultural. É resultante não apenas da dinâmica da fronteira, mas reproduz uma nova concepção de fronteira.

Aproveitando trechos existentes entre Anápolis até Jaraguá, Sayão com apoio político de Jalles Machado¹⁴ de Siqueira consegue a construção da estrada na qual nomeou de Transbrasiliana, a qual que alcançou quilometragem até a sede da CANG (Ceres). Em 1947, a CANG estava composta por 2.000 famílias e mais ou menos 10.000 pessoas (IBGE, 1958). As famílias normalmente eram compostas de pessoas que chegavam a pé, a cavalo, de trem ou caminhão, sendo que a grande maioria eram mineiros, paulistas e nortistas.

Segundo Weibell esses colonos normalmente formavam famílias paupérrimas, com lamentável estado físico, maltrapilho sujo e subnutrido. Depois que chegavam e ocupavam essas terras, construíam habitação primitiva e plantavam a primeira roça. Esses colonos representavam um quadro único no aspecto rural do nosso país, que tanto forçosamente tentou-se diminuir no Estado Novo.

Eram gente pobre e sem educação, possuíam práticas agrícolas primitivas_usavam a derruba e as queimadas e não empregavam instrumento adequado. (PINA, apud DAYRREL, 1974, p.100)

Foram construídas escolas, edifícios para serviços administrativos, subdelegacias de polícia, oficina mecânica, serraria, carpintaria, fábricas de manilha, usinas de açúcar e outros. PINA (1968), afirma que Sayão priorizava estradas, divisão de terras, serviço de saúde, serviço de educação, assim o

¹⁴ Engenheiro, político com mandatos de Prefeito na cidade de Buriti Alegre e Deputado Federal por Goiás, ocupou cargos de secretários de alguns governos do Estado, empresário de grande importância para o Estado de Goiás.

mesmo justificava a ausência de escolas agrícolas na colônia. Em 1950, Bernado Sayão é retirado da administração da CANG, segundo sua filha Léa Araújo de Pina¹⁵, por causa da compra de ações da Usina Hidrelétrica do Vale São Patrício.

Sendo assim, a modernidade tão defendida está atrelada à construção simbólica de Goiânia, pois, a CANG demonstrou que a região Centro-oeste até então estava voltada para uma economia de cunho agro-pecuário.

Não levando em consideração as orientações recebidas, as queimadas e as depredações foram feitas sem controle e muitas florestas literalmente foram devastadas. A CANG não teve êxito por muitos anos, chegando ao processo de decadência devido a vários fatores como falta de créditos aos pequenos produtores, da disputa com outras regiões, da distancia dos pólos econômicos do país, falta de recursos financeiros e de mão de obra especializada. Mesmo não alcançando seus objetivos, muitos habitantes permaneceram morando na região. Em 31 de dezembro de 1941, a colônia é elevada a Distrito, e em 13 de novembro do mesmo ano nasce a comarca de Ceres.

A Marcha para o Oeste e as CANG alcançaram alguma repercussão no país. As políticas formuladas, ainda que precárias, buscavam possibilitar a integração do território nacional e a inclusão destes rincões ao mercado interno que paulatinamente ia se formando. As dificuldades para que o projeto pudesse se completar residiram fundamentalmente na incipiente estrutura econômica. A ausência de uma maior e melhor articulação entre as estruturas financeiras, de investimento e de distribuição impossibilitou a disseminação pelo território nacional de experiência deste quilate. (LENHARO, 1986, 47)

Diante do exposto, percebe-se que a região norte do Estado de Goiás entra no contexto da história nacional a partir do governo de Vargas, que através de uma política centralizadora colaborou para a formação da região do Vale São Patrício. Atualmente, quando se observa a região, se constata que a mesma teve um crescimento muito rápido, além de possuir um papel importante para Goiás em termos econômicos.

¹⁵ Pina, Léa Araújo de. Meu Pai, Bernado Sayão. Goiânia, Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1968, 2ª Edição.

Nesse processo, muitas cidades se desenvolveram, cresceram e se tornaram referência. Uma dessas cidades foi Goianésia, a qual a partir de agora fará parte da continuação dessa história a ser explanada e analisada. É importante pontuar que a escolha desse município se dá pelo fato do mesmo ser conhecido como a “Princesa do Vale São Patrício” e também pelo fato de tentar-se reconstruir a formação histórica da cidade e seu desenvolvimento, da sua modernização através dos empreendimentos de um de seus pioneiros.

Capítulo II

2. Origem do povoamento de Goianésia

A origem de uma cidade é fundamentada na transformação de um espaço que sofre modificações de acordo com as necessidades ou intencionalidade do homem, assim, a cidade é inventada, imaginada. Transformar o sertão em urbano é uma característica elementar do homem moderno, pois, quando o ser humano imagina o nascimento da cidade, acaba inventando ou quem sabe reinventando a formação social, desse modo, modifica, faz permutações, traz transformações para o habitante que pertence à região, ou ao local a ser moldado pelos princípios da urbanização.

A busca pela mudança, por modificações no lugar onde habita é um sentimento intrínseco do homem, mas praticado por poucos. Isto é notado quando se analisa a construção do desenvolvimento social da humanidade, onde a mudança, a transformação é calcada por homens que buscam a construção de uma nova realidade sem temer os riscos que estão sombreados à margem daquilo que se propõem a fazer. Berman (2007) aponta como uma das características do homem moderno a coragem, a busca constante pela transformação mediando o seu temor, ou quem sabe, sobrepondo a sua angústia diante da realização de seus sonhos, que normalmente é alinhado à transformação do lugar que habita, sendo esta transformação vista por vários campos, como a economia, a sociedade, a cultura, os espaços físicos e outros.

Como em muitos lugares a cidade de Goianésia nasceu da junção de fazendas que colaboraram para a formação de seu espaço físico, aliado à imaginação, sonhos e idealização de homens que buscaram transformar um lugar para sua habitação.

As ponderações seguintes serão pautadas por palavras e frases que permearão a todo o momento a busca pelo progresso, atitudes consideradas empreendedoras, mudanças intituladas modernizadoras e participação ativa de um homem munido de carisma, adjetivo este fundamental para contribuição da formação sócio econômica do município. Esta história a ser aqui retratada e em certos momentos analisada dentro de um contexto maior, também é formada

por outros personagens que colaboraram para a construção e viabilização do texto.

Entre os homens empreendedores e de características carismáticas do Estado de Goiás e da região do Vale São Patrício, tomemos a figura de Otávio Lage. Ressalta-se que empreendedor é por nós concebido como um personagem que utilizando suas mascaras na teatralidade cotidiana encena vários papéis: representante da elite local, chefe político e familiar, empresário e comerciante visionário, benemérito e agente modernizador.

Enfim Otávio pode ser analisado como um líder carismático onde o carisma é uma qualidade individual em que o líder tem excepcional espírito de liderança, dando a seus seguidores segurança impondo-lhes a obediência sem restrições. Geralmente este tipo de dominação é pessoal e avaliada pelos dominados, os adeptos, ocorrendo como afirma Weber (2000, p. 159) “Uma entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança”.

Para se entender a origem de Goianésia é necessário reportar à chegada dos pioneiros e contextualizar os mesmos com o desenvolvimento econômico e demográfico a fim de perceber-se a urbanização dessa cidade.

A fazenda Calção de Couro pertencia ao município de Jaraguá, sendo esta penhorada, leiloada e dividida em partes de fazendas que formaram o município de Goianésia. Antonio Manoel de Barros que construiu sua residência nas margens do córrego de mesmo nome, quando ali chegou encontrou nativos que ali viviam do que a natureza lhes proporcionava. O primeiro contato com os fazendeiros que vieram para a região é considerado amigável como nos mostra o depoimento:

De acordo com o depoimento do Antigo morador Julho Ribeiro de França, uma tribo indígena habitava a região [...] os índios eram pacíficos, e se mostravam ferozes quando atacados pelo homem branco, no dia-a-dia, brincavam com moradores soltando os bezerros dos currais, espantando os animais a noite e abrindo as cancelas das propriedades, usavam tangas feitas com pau de buriti que chamavam de “carocha”, como aramas utilizavam arcos flechas e bordunas provenientes de pedaços de madeira alimentavam-se da caça e da pesca, de frutas silvestres ou do milho e da mandioca plantadas pelos nativos. (MENEZES et al., 2000, p.23)

Narra-se que as terras ali encontradas eram de território fértil, propício para a agricultura; como já era de esperar-se, a grande maioria do território ainda estava formada por terras virgens de matas densas e sinuosas. O meio de transporte era o cavalo que circundava as matas através de trilhas até então mal repartidas, que muitas vezes chegava a lugar algum, ou somente em mata.

No ano de 1938, o Drº Jalles Machado adquiriu uma gleba de terras situadas ao sul da Fazenda Calção de Couro, na qual ficou denominada Fazenda Itajá onde deu início à plantação de um imenso cafezal, isso atraiu várias levas de imigrantes para a região. Ao adquirir esse território, Jalles já tinha em mente os investimentos que ali impulsionaria como também tinha de cunho pessoal levar transformações para a região onde estava situada sua fazenda. Iniciou a transformação do seu espaço trazendo famílias da cidade de Buriti Alegre para abertura das primeiras estradas e formação da fazenda e de seus cafezais, usando técnicas inovadoras até então para a região, como afirma Menezes:

O Sr Jalles Machado tomou conhecimento dessas terras em 1929, quando era secretario de obras no governo de Alfredo Lopes de Moraes. Ele estava em Jaraguá para a inauguração de uma ponte, quando passou pelas matas próximas ao Córrego Calção de Couro. Reconheceu serem as terras sobre as quais seus tios comentavam a cerca da qualidade do solo. Os tios eram de Buriti Alegre, e nos ano 20, se deslocaram até a localidade de Amaro Leite, para comprarem gado. (AMORIM FILHO, 1999, p.287)¹⁶

De 1938-43 houve a preparação global da Fazenda Itajá, de Jalles Machado de Siqueira para o plantio sistematizado de Coffe Arábica L., com tecnologia moderna. Durante esse período as áreas eram paulatinamente abertas e estocadas, sendo dali retirada às madeiras de lei e feita às coivaras e a limpeza geram. Enquanto isso se providenciava a semente em São Paulo, das variedades de porte alto Bourbon, Nacional e Mundo Novo, de grande valor econômico indicadas pelo Instituto Agrônômico de Campinas-IAC, e montado em lugar sombreado um viveiro para a formação de mudas, preparado sobre uma camada de solo solto. Em 1943, à época das águas foram lançadas ao solo as mudas de ouro negro, a rubiácea que constituía fonte de riqueza. (MENEZES et al., 2000, p.38).

¹⁶ Entrevista com Dr. Otávio Lage de Siqueira, afirmou que seu pai, Jalles Machado de Siqueira, havia adquirido cerca de 2.800 alqueires de terra no município de Jaraguá, nessa ocasião. AMORIM FILHO, Lys Elizabeth. O poder e a Estrutura Agrária nos Municípios de Ceres e Jaraguá. Uma Análise Comparativa. Dissertação de Mestrado, USP, 1999.

As estradas abertas pela Fazenda Itajá deram passagem a Laurentino Martins¹⁷, idealizador e fundador da cidade de Goianésia que também adquiriu terras na Fazenda Calção de Couro. Com intuito de vir morar nas terras recém compradas, Laurentino percorreu toda terra de mula, com objetivo de fazer reconhecimento do território e conhecer os vizinhos. Utilizando a mesma metodologia de Jalles Machado, Laurentino trouxe consigo uma leva de famílias que utilizando de foice, enxada, enxada e facão deram início a derrubada das matas densas para construir sua casa. No campo econômico, Laurentino plantou cafezais, canavial e pomar nas suas terras.

Daí a mudança prosseguiu com pessoal a cavalo, transporte de carga em carro de boi até a fazenda Itajá, na casa de José Carrilho Arantes, onde pernitoiu. No dia seguinte, seguiu até a fazenda Germânia, de Tunico Vasconcelos e família, onde resolveu a pousar. No terceiro dia, a família e os animais em comboio seguem viagem pelas trilhas até chegar à tardinha, na casa já construída. (MENEZES, CARVALHO, GUIMARÃES, 2000, p.33).

Outra fazenda que faz parte do cenário desta história é a Fazenda da Lavrinha, de São Sebastião, denominada Fazenda São Carlos após ser adquirida pelo grupo familiar Monteiro de Barros, de São Paulo, destinada também à plantação de café. Paulo Bergamelli é instituído gerente da fazenda e dá início a todo processo de derrubada da mata para a construção de sede familiar e do cafezal, e mais uma vez, observa-se novas levas de pessoas chegando para o povoado até o momento desconhecido.

Em 1949, uma gleba destas terras foi vendida a Geremia Lunardelli¹⁸, considerado o “Rei do café Mundial”. Esta terra foi chamada de Fazenda Monte Alegre e também como as outras dedicarão à plantação de café. Segundo Moacir (1980), Geremia Lunardelli acreditou na fertilidade das terras recém compradas e investiu de forma grandiosa nos plantios dos cafezais, chegando a ter mais de 900.000 pés de café plantados em 1951.

Outras propriedades de menor extensão também se dedicaram à plantação de café, e logicamente, com pequenas quantidades de plantações.

¹⁷ Idealizador e Fundador da cidade de Goianésia. Chega ao povoado em 1939 com sua família e passa a habitar as terras adquiridas no Calção de Couro denominado, Fazenda Laranjeiras.

¹⁸ Geremia Lunardelli é considerado o “Rei do Café” por ter em suas fazendas espalhadas pelo país mais de 14 milhões de pés de café. Superou a Crise do Café nos anos 30. (Mello, 1981, p.66)

Assim, dezenas de pessoas passaram a vir para as terras férteis do Calção de Couro, que aos poucos passou a ter mais ritmo para mudanças que alcançaram essas terras. O quadro abaixo faz a demonstração da produção cafeeira em 1957.

Produção cafeeira de Goianésia – 1957

Lavoura cafeeira em Goianésia	1957
Fazendas	Quantidade de pés
Itajá	450.000
Monte Alegre	2.100.000
São Carlos	1.500.000
Outros *	410.000
Total	4.460.000
(*) estimativas	

MELO, 1980, p.68

Sendo assim, o povoado Calção de Couro foi ganhando formas dinâmicas com o desenvolvimento das fazendas que o compôs, atribuídas a grande produção cafeeira do local. Diante de tal situação, a região tornou-se conhecida além das fronteiras de Goiás, propiciando cada vez mais o aumento demográfico. Os meios de comunicação como a Revista Atualidades (1958), publicou em uma de suas matérias "... quando se fala em terras boas de culturas em Goiás, a primeira região a ser lembrada é Goianésia."

Para tal empreendimento, Jalles Machado fez de próprio punho o projeto da construção da casa e trouxe de Uberlândia a família Cirilo, que será responsável pela execução da obra. Com esta decisão, Jalles indiretamente acaba contribuindo para o aumento populacional de sua fazenda, pois além da construção da casa-sede, investiu na abertura de mais estradas com maior qualidade, objetivando facilitar o escoamento da produção. Manoel Cirilo Filho relata em depoimento para Menezes:

Foi na década de 40, papai, mamãe nos trouxe para trabalhar na construção, através de nossos serviços fizemos uma serraria movida à água e também através da água gerava-se energia que abastecia toda fazenda. Construímos a arquitetura da casa toda em madeira, os móveis da fazenda e demais obras que envolvia a carpintaria foi nós que construímos. (MENEZES, 1983, p. 29)

Nesse mesmo período, Laurentino Martins utilizou parte de suas terras para incentivar a vinda de mais habitantes para a região que já possuía um pequeno comércio local, através da fundação de pensões de pequeno porte, açougue, padaria, farmácia, vendas e é claro, o cemitério que até então não existia no povoado. Quanto ao entretenimento, havia pouca opção, no mais, eram os homens que se encontravam na venda para tomar uma cachaça ou então, crianças brincando de roda. Segundo Menezes:

No decorrer dos tempos de 1944, as famílias vão chegando ao povoado atraído pela riqueza da terra, ou pelo progresso das fazendas cafeeiras Itajá e São Carlos. Incentivadas por Laurentino, que não raro sacrificava seus próprios interesses em favor de uma povoação organizada que pouco a pouco se formava [...] (MENEZES et al., 2000, p.39).

Enquanto isso na fazenda Itajá as obras já haviam sido começadas para a construção da casa sede, as derrubadas necessárias foram realizadas e aos poucos, a fazenda passou a ter suas delimitações de habitação constituída. Para um completo empreendimento também foi construída uma igreja em frente à sede, uma escola que tinha as aulas ministradas por Dona Isabel, esposa de seu Armando, que era responsável pelo escritório e pagamento dos trabalhadores que ali estavam como também por um campo de aviação, pois Jalles era piloto. O depoimento de Manoel Cirilo Filho diz:

A casa construída tinha 49 cômodos, com 36 quartos, 6 banheiros, 2 cozinhas, 1 escritório e 1 sala grande. Tinha também uma piscina de 100m².

A fazenda além de café também produzia cana de açúcar, pinga e rapadura. A população era composta por centenas de pessoas e como as mesmas moravam na fazenda, foram construídas ali centenas de casas que abrigavam famílias inteiras que participaram intensamente das mudanças que aconteciam dentro da estrutura da fazenda quanto fora dela. Aos poucos, o Calção de Couro passou a abastecer o consumo desses trabalhadores rurais e conseqüentemente, esses trabalhadores passaram a contribuir para o aumento do comércio local. Melo destaca:

Foram construídas casas de palha para estas pessoas, eram próximas uma das outras chegando a ter mais de 60 casas aglomeradas onde merecem destaque a Colônia da Rua dos Amarelos próximos à sede e a Rua do Pará que ficava a cerca de 3 km da casa grande. (MELO, 1980, p.71)

Diante do crescimento populacional, do desenvolvimento do comércio com maior intensidade, Laurentino Martins que possuía contatos políticos com o prefeito Nelson de Castro do município de Jaraguá conseguiu fazer a emancipação do povoado e fundar o distrito de Goianésia¹⁹ no ano de 1948. Intrinsecamente, o nascimento da cidade é resultado da união do desenvolvimento econômico das fazendas Itajá, São Carlos e Monte Alegre.

O cenário desta história a partir do que foi exposto começara a ganhar contornos mais definidos, pois a cidade ainda que precariamente iniciara os seus primeiros sinais de vida, os quais a partir de então passaram a ser contornados de acordo com o desenvolvimento socioeconômico. Estes novos contornos foram dados por aqueles que ali vão chegar e passarão a modificar com sua coragem e ousadia os primeiros passos para a urbanização e modernização de Goianésia.

Depois disso, chegou à Fazenda Itajá um novo administrador, Otávio Lage de Siqueira, o qual passou a gerenciar a fazenda do pai. Recém formado em engenharia, Otávio retorna para a região e faz de Goianésia seu lugar de escolha, deixando de lado o sonho da mãe de ser um engenheiro de carreira e dedicando-se a fazenda que desde o princípio foi sua paixão, como afirma o depoimento:

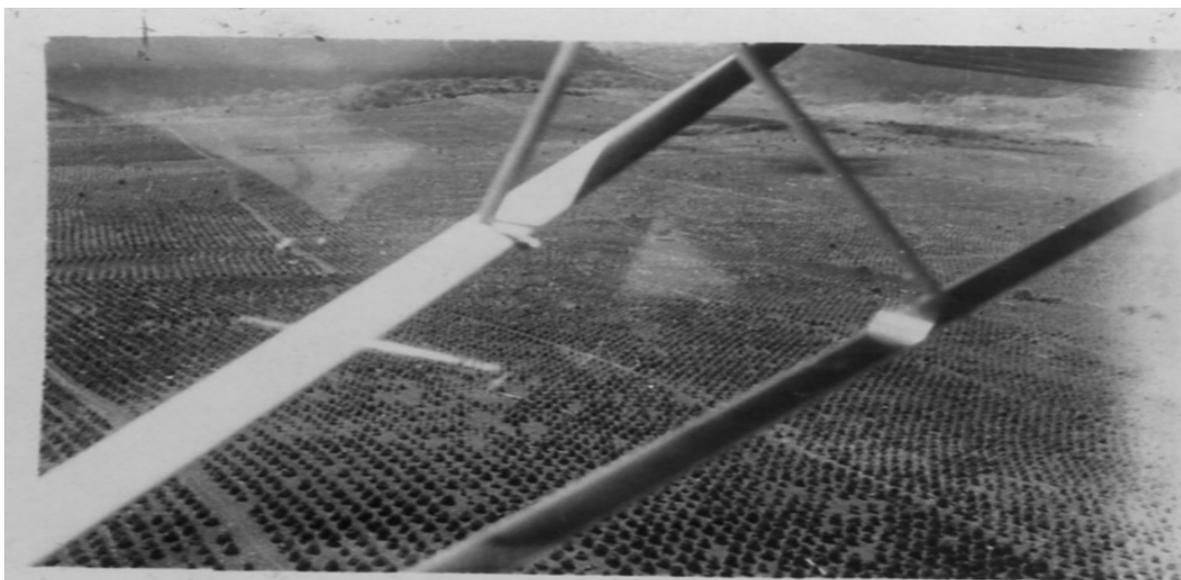
Então ele, todas as férias, ele adorava a fazenda, ele era uma paixão com a fazenda muito grande, tanto que ele não queria estudar, minha avó é que obrigou ele a estudar. E aí ele optou pela engenharia por causa do pai, que é engenheiro, aí ele até teria sido mais interessante se tivesse sido engenharia agrônoma, então ele fez engenharia civil, que foi bom, engenharia civil é um curso muito abrangente, então um curso bom. E ele tinha essa paixão, e formou, entregou o diploma pra minha avó e veio aqui pra Goianésia, que era a vontade dele, por ele não teria formado não, não teria estudado,

¹⁹ O nome de Goianésia foi escolhido por Laurentino Martins, Paulo Bergamelli e José Carrilho. Segundo Bergamelli em 1946, reuniram-se os três sob a tutela de Laurentino para escolher o nome. O fundador mineiro de Araguari queria que o nome evocasse a região mineira. A Tonica, contudo era o prefixo "goia", ou seja, o nome de Goiás, com isto nasceu Goianésia que tem o sufixo "nésia" que lembrava a cidade mineira de Guaranésia da região de onde se originava Laurentino. Pode se dizer então que o nome Goianésia é uma corruptela de Goiás com Guaranésia. (MELO, 1981, p.39)

ele teria vindo pra cá trabalhar antes dele ingressar na faculdade a vontade dele era vir pra fazenda. (Informação Verbal)²⁰

Ao chegar à fazenda, Otávio passa a modificar a forma de plantação de café, passando a partir de então a fazer o sistema consorciado, fazendo plantação de arroz entre os pés de café, gerando mais empregos e riquezas em abundância. Dotado do mesmo espírito empreendedor do pai, Otávio fez muitos investimentos, principalmente em novas técnicas, tornando a fazenda Itajá em 1955 uma imensidão verde com pastagens a perder de vista, como mostra a imagem abaixo:

Imagem aérea dos pés de café da Fazenda Itajá



Fazenda Itajá _ Arquivo da família/1957

Buscando levar melhorias para a fazenda do pai e destacar-se como novo gerente, Otávio personaliza nos seus afazeres aspectos de homem do campo, trabalhando em alguns momentos diretamente com os camponeses. Esta atitude pode ser analisada primeiramente como uma característica comum a fazendeiros, que é acompanhar de perto a produção da fazenda. Por outro lado podemos perceber nesta atitude de Otávio o fato de gostar de trabalhar com a terra, como afirma Menezes:

²⁰ Entrevista realizada com Otávio Lage de Siqueira Filho, em 06/08/09.

[...] um jovem engenheiro recém formado torna-se administrador dessa próspera fazenda que, sob sol escaldante ou encharcado pela chuva que caía por meses a fio, lá estava ele, forte e vigoroso, num trator quando o tempo estava bom, ou a cavalo, fazendo reparos nas cercas conduzindo rebanho de gado na mudança de pastos, ou mesmo curando frieira dos animais. (MENEZES et al., 2000, p.73-74)

Enquanto isso, na cidade, aos poucos chegava às mudanças: a energia elétrica era gerada por um motor a óleo cru, sendo ela distribuída em horários determinados; na parte da manhã o motor era ligado por volta das 10h e funcionava até o meio dia, retornando a ser ligado às 14h por um período de duas horas. Ao anoitecer, a energia chegava as casa a partir das 19h, sendo desligada às 22h, mas antes de ser desligada davam-se algumas piscadas de luzes orientando aqueles que estavam na rua que em poucos minutos a energia seria desligada de vez.

O simples fato de se ter a energia gerada por um motor, fez com que houvesse mudanças no cotidiano de vida das pessoas na cidade de Goianésia, pois a partir de então, como pontua Menezes (2000), “[...] as donas de casa providenciavam o almoço sem a necessidade de consultar o relógio”. Enfim, aspectos que compõem a modernidade se aproximam da cidade de forma silenciosa e aos poucos vão sendo inseridos nos hábitos dos moradores da cidade, tornando-se necessários a todo o momento para a sobrevivência não só da sociedade, mas também do homem, enquanto ser individual.

As festas aconteciam constantemente e em muitas das vezes estavam relacionada com o calendário da paróquia local. Ressalta-se que nestas festas havia aglomeração de centenas de pessoas vindas das fazendas e das cidades próximas, auxiliando no rendimento do comércio com a venda de enxovais para batizado, sapatos e confecção de roupas. O mais esperado da festa era os famosos leilões que normalmente era composto de itens doados pelos próprios moradores da cidade. Um dos fatos marcantes da cidade foi à visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima como relata o trecho:

[...] a cidade se engalanou para receber a Virgem Mãe, as vias públicas foram enfeitadas com milhares de bandeirolas, a população vibrava , esperando tão almejada visita... o avião pilotado por Dr Jalles Machado; o pouso foi suave, a imagem retirada, colocada num andor, este num jipe com crianças vestidas de anjo, a procissão

passa pelas avenidas e ruas das cidades[...]. (MENEZES et al., 2000, p.78)

O município de Goianésia foi tornando-se conhecido a cada dia além de suas fronteiras, devido à terra fértil que possuía e da nomenclatura Café/Goianésia, em consequência disso, aumenta cada vez mais a população da cidade. Um agravante vem mudar os aspectos econômicos das fazendas que compõem a cidade, pois, após um longo período de estiagem associadas às pragas que surgem no cafezal, muitos cafeicultores se vêem obrigados a modificar os métodos de plantação, sem grande sucesso. Assim, no início da década de sessenta, muitos fazendeiros erradicam de vez os pés de café de suas propriedades e passam a se dedicar à plantação de culturas e pastagem de gado, aproveitando o solo que mesmo diante das pragas permaneceram com sua fertilidade intocável.

Surgiram plantações de cana de açúcar, de feijão, arroz em escala bem maior do que a já produzida entre os pés de café. O interessante de se observar é que em meio a mudanças sofridas no campo Goianésia, ainda possuía destaque em cenário nacional, sendo seus principais divulgadores, seus próprios habitantes, que a cada dia traziam para morar nas cidades parentes distantes, como também conhecidos que buscavam novos meios de sobrevivência. Este fato pode ser observado com o aumento demográfico ocorrido neste período como nos mostra a tabela posteriormente.

É tocante neste momento delinear o caminho que cada fazenda de grande importância para a região tomou como medida para solucionar o fim do ciclo cafeeiro em suas respectivas terras. A fazenda Monte Alegre iniciou o desenvolvimento da pecuária e do capim colonião, enquanto que na Fazenda São Carlos dedicou-se à plantação da cana-de-açúcar em caráter experimental, e a Fazenda Itajá passou a dedicar-se à plantação de culturas e criação de gado de pastagem. Inclusive, que estes fazendeiros goianos aproveitaram nesse momento a política do governo federal de “erradicação do café”, devido aos problemas vivenciados com a lavoura cafeeira, como já foi citado.

Mesmo diante da crise que a princípio se instala nas fazendas é verificado que a população rural não diminui, pois, a mão de obra é

reaproveitada nas novas plantações que ali foram feitas. Ou seja, Goianésia passou por sua primeira crise econômica local, com isso, seus pioneiros que ali estavam desde a plantação dos primeiros pés de café, buscaram solução para liquidar o problema e garantir a estabilidade. O quadro abaixo faz referência ao número de habitantes da cidade. Observe:

Número de Habitantes de Goianésia 1945- 1980

Anos	Zona rural	Zona urbana	Total
1945	1.850	750	2.600
1948	6.650	1.450	8.100
1950	6.728	2.150	8.878
1957	18.818	3.182	22.000
1960	19.507	3.386	22.893
1970	27.017	13.752	40.769
1980	9.961	23.252	33.213

Fonte: MELO, 1980, p. 271.

Ao analisar o quadro podemos perceber que a demografia de Goianésia é variada e moldada a partir dos acontecimentos sócio econômicos ocorridos no Estado. Enquanto cidade produtora de café da década de 50 observa-se o aumento considerável da população do município, principalmente no campo. Já na década de 60, pode ser notada uma estabilidade na população tanto no campo quanto na cidade, o número de moradores urbanos sofre um pequeno aumento justamente pelo fim da economia cafeeira e a substituição desta por capim colônio, criação de gado e agricultura.

Na década de 70 percebe-se o aumento da população urbana e rural no município, um dos motivos que contribuiu para este fator foi à construção da BR- 060, ligando a região norte do Estado a capital, ou seja, a melhoria das estradas e sua ampliação é símbolo do escoamento da produção feita pelos fazendeiros do município. Este fator também contribuiu para o desenvolvimento do comércio local

A urbanização de Goianésia é notada na década de 80, onde a agricultura entra em processo de decadência devido a pragas e secas, gerando assim o êxodo rural. Neste mesmo período é fundada a Jalles Machado que gera empregos no município, mas permanece a urbanização já que os moradores da cidade são levados ao campo para a execução do trabalho.

Quanto à política em Goianésia, a cidade tem como primeiro prefeito Laurentino Martins, que conseguiu junto ao município de Jaraguá, a elevação do povoado Calção de Couro a distrito. Laurentino se tornara o administrador da cidade até a formação de partidos políticos que passariam a partir de então, a concorrer à sucessão municipal. O primeiro partido político da cidade foi o da UDN (União Democrática Nacional), na qual fazia parte o prefeito da cidade já citado, Otávio Lage de Siqueira, José Carrilho e outros, sendo que seus fundadores e compositores eram homens ligados aos pioneiros que chegaram à região. A oposição foi feita pela fundação do PSD (Partido Social Democrata), fundado por Salvador Leite, que na época possuía o apoio do então governador Pedro Ludovico Teixeira.

A primeira eleição realizada na cidade é feita de forma tranquila e a vitória é dada a Laurentino Martins que concorreu ao cargo com Salvador Leite. A vitória de Laurentino simboliza a vitória da UDN na região, que a partir de então, passa a ter as futuras eleições cada vez mais concorridas. Como a cidade recebia a todo o momento novos moradores, as eleições posteriores foram marcadas por uma grande disputa entre candidatos. Menezes faz a seguinte colocação:

“... as eleições de 3 de Outubro de 1954 foram tranqüilas..., nesta fase José de Oliveira, o Aimoré era delegado de policia e mantinha a ordem, a pulso. Como era de se esperar a chegada de pessoas de diferentes localidades em diferentes épocas. O dia-a-dia da cidade foi alterado, e as campanhas políticas eram acirradas” (MENEZES, CARVALHO, GUIMARÃES & MOTA, 2000, p.73)

Enquanto isso, na Fazenda Itajá, as mudanças continuaram acontecendo, Jalles Machado termina seu mandato político de deputado e retorna a fazenda para administrá-la. Em 1956, Otávio Lage se muda para a Fazenda Pedra Preta, a qual foi denominada posteriormente de Fazenda Vera Cruz, e passa a gerenciar sua própria fazenda investindo cada vez mais na agricultura e criação de gado.

[...] mais ou menos 55, quando ele veio aqui pra Fazenda Pedra Preta, Fazenda Vera Cruz, que era o nome até hoje, ele veio para tomar posse de uma doação de terras que o pai dele, Jales Machado, fez para os filhos, meu pai veio para cá e o meu avô, Jales Machado, voltou para ser o gerente da Fazenda Itajá e meu pai, Otávio Lage, veio para a fazenda aqui, Vera Cruz, para poder

continuar a atividade agrícola que ele tinha. Otávio Lage ficou nessa atividade de 1956 até 1960, quando ele candidatou a prefeito de Goianésia [...] (Informação verbal) ²¹

Em sua fazenda, Otávio busca gerenciá-la com mesmo afinco que fazia na do pai e passa a partir de então, a caminhar para a construção de sua história, para a construção do que seria chamado no futuro Grupo Otávio Lage. Novas terras sendo desbravadas e junto destas, novas estradas abertas, novos sonhos são imaginados, estes nascem em uma fazenda que a princípio deveria ser como tantas outras que ali estavam ao redor. No invisível de sua audácia, ao sair de sua parentela, os mitos são deixados para traz, nada de animais ferozes ou de vegetação fechada. Inicia-se agora a construção de um novo momento para a história de Goianésia, que por ocasião do destino está entrelaçada à Fazenda Vera Cruz e a Otávio Lage.

2.1 - Otávio Lage: início de uma jornada mefistotélica

Ao mudar-se para a Fazenda Vera Cruz, Otávio já tinha ciência do fim do café na região afinal este vai para sua fazenda no período em que as fazendas vizinhas estão fazendo a erradicação do café devido às pragas e a proposta colocada pelo governo federal. Por isto buscou investir na agricultura e criação de gado. A fazenda localizada a 5 km de Goianésia era chamada por Otávio de “joia”, devido a qualidade das terras. Como fazer experimentos e usar novas tecnologias já fazia parte do seu cotidiano, a Fazenda Vera Cruz passou a ser a partir de então um grande laboratório, tanto para pesquisa com sementes quanto para criação de gado. O Jornal Tribuna de Goiás traz a seguinte afirmação:

[...] é o pioneiro na região em experimentos agrícolas. Até hoje é o único fazendeiro que realiza experimentos na própria fazenda, para conhecer, técnica e cientificamente, quais as variedades de determinadas planta que melhor se adapta ao tipo do solo, ou saber que tipo de adubação deve ser aplicado às lavouras. Tudo isto demanda tempo, dinheiro e cuidados técnicos. [...]. (Jornal Tribuna de Goiás, 1970, p. 02).

²¹ Informação fornecida por Jalles Fontoura de Siqueira, em 04 de Novembro de 2008.

A utilização de técnicas modernas na agricultura em sua fazenda anunciou a chegada da modernidade para aqueles que até então utilizavam métodos tradicionais em suas propriedades. Diante do sucesso dessas novas técnicas e métodos, a modernidade chegou ao campo representando a necessidade de mudança de adequação e conseqüentemente, tornou-se insubstituível e indispensável por suas possibilidades oferecidas.

Como afirma Berman (2007), a modernidade é oriunda da dualidade, não a conceber significa ficar para trás, ser atrasado, conservador, mas aceitá-la significa viver um processo constante, cheio de riscos e obscuridade. Sendo assim, ser um homem moderno é ser corajoso, pois antes de tudo é não ter medo de arriscar. Otávio, um homem que até então vivia do que a terra lhe proporcionava, sabia dar a ela o seu devido valor, mas ao mesmo tempo, buscava incondicionalmente como trabalhá-la a seu favor. A afirmação de Otávio abaixo diz:

Não podemos encarar uma fazenda como um modo paliativo de conseguirmos meio a nossa sobrevivência. Ou a fazemos produzir, investindo para isto grandes recursos, ou arcamos com a responsabilidade de sermos taxados de feudaisistas". (Jornal Tribuna de Goiás, 1970, p.02)

O discurso de Otávio Lage nos reporta novamente a associá-lo a um homem moderno e conservador, pois fica claro que o seu pensamento remete a suas atitudes; investir em mudanças em suas terras, sair da inércia presente há anos no meio rural em que viviam as fazendas e a região ao redor de si, contribuir para que estas mudanças cheguem às outras fazendas através da sua metodologia de trabalho e administração, o tornou um empreendedor. Considerando que o arcaico está sendo destruído paulatinamente, vivencia-se a dialética da modernidade, como analisou Berman:

Essa dialética que o homem moderno deve apreender para viver e seguir caminhando, é a dialética que em pouco tempo desenvolverá e impelirá a moderna economia, o estado e a sociedade como um todo. (BERMAN, 2007, p.47)

A fazenda produzia arroz, feijão, milho, soja e outras culturas, além de uns 200 pés de café restados do fim do ciclo cafeeiro na região. Viviam na

fazenda aproximadamente 80 famílias responsáveis pela execução da agricultura e criação de gado. A fazenda possuía energia elétrica que vinha de uma pequena usina hidráulica e suas estradas eram de boa qualidade, facilitando o escoamento de toda produção.

Com o fim do ciclo cafeeiro na região, as terras voltaram a plantar os grãos, e de acordo com o aumento da produção, Otávio percebe a necessidade de armazenar as colheitas da região, e de até mesmo negociar com compradores preços melhores para o produto. Logo, em 1968 é fundado os Armazéns Gerais de Goianésia, que tinham por administrador seu próprio fundador.

Com a expansão das culturas de grãos que faziam parte do segundo ciclo econômico, visto que a cafeicultura já decaía, a nascente agroindústria passou a constituir-se força absorvedora de mão de obra. Surgem as máquinas de beneficiamento de arroz e de ensacamento de milho e feijão. Homens de visão como Otávio Lage instalam suas empresas de beneficiamento de grãos. O desenvolvimento de Goianésia vem primordialmente em decorrência da coragem e da ousadia dos pioneiros em sua maioria. (MENEZES, 2000, p.82)

O uso de técnicas nos plantios caminhava em consonância com a necessidade do mercado nacional, o qual buscava moldar a agricultura e toda a sua produção de acordo com o mercado. Os Armazéns Gerais para armazenamento dos grãos comercializavam a produção dos agricultores da região que várias vezes não possuíam condições de produzir em larga escala, mas passaram a partir de então a ter comprador para cada colheita, sendo assim, este armazém tornou-se como uma cooperativa de agricultores da região.

Em 1974 foi fundada uma cooperativa com os fazendeiros da região denominada Planagri, empresa especialista em pesquisa genética de sementes e grãos. A função maior deste novo empreendimento é fortalecer a agricultura na região e garantir a produção de grãos e sementes de alta qualidade, para que pudessem entrar no mercado de forma a disputar com outras regiões que também viviam do que a terra lhe proporcionava.

Lentamente se percebe a chegada da modernização agrária nas fazendas pertencentes ao município de Goianésia, pois a partir do momento em que se verifica a presença de uma organização da produção com o

aumento da produtividade da terra e do trabalho, desencadeia a redução do trabalho de subsistência e o aumento do trabalho assalariado.

Outro aspecto relevante e bastante comum aos demais estados e municípios brasileiros é que dentro da lógica capitalista de produção, as incorporações de novas tecnologias são de ordem heterogênea na sua assimilação, ou seja, em Goianésia, a circulação da força de trabalho a princípio se deu de forma familiar, ocorre paulatinamente a industrialização e transforma as estruturas sociais com a implantação do trabalho assalariado. Ressalta-se que em contrapartida, isso é bom para o município, pois aos poucos acelera o comércio local.

Produção de arroz em casca, milho e feijão - Sacas de 60 kg

Anos	Arroz	Feijão	Milho
1957	90.000	7.300	70.000
1964	260.000	25.000	205.000
1970	370.166	57.633	231.000
1975	117.000	17.000	180.000
1976	308.33	76.000	384.000
1980	93.600	2.633	231.000

Fonte: Revista Atualidades Vera Cruz-1957, p. 08.

Ao analisar a tabela é perceptível a importância que os grãos tiveram para o município de Goianésia após a erradicação do café, já que esta nova fonte econômica simbolizava geração de empregos para as famílias que moravam não só nas fazendas produtoras, mas também para os próprios moradores do município, os quais em certos momentos trabalhavam no campo e habitava a cidade.

Outra informação que o quadro nos dá é que o ciclo da produção de grãos tem duração pequena. Segundo informações dadas por Menezes (2000) em sua obra, a região do Vale São Patrício sofria com problemas climáticos de muitas secas e pragas que assolavam o campo desviando muitos agricultores para outro tipo de sobrevivência no campo, sendo uma delas, a criação de gado concomitante à produção de grãos desde o fim da produção de café.

O crescimento da pecuária no município vem em parte ajudar no crescimento econômico de Goianésia, em que muitos criadores de gado passaram a vender o leite para laticínios que são instalados na cidade. Muitos fazendeiros buscaram especializar-se na criação de gado, sendo que Otávio Lage cria o primeiro confinamento visto na região.

O setor leiteiro contava com um posto de resfriamento através da Cooperativa Central Rural de Goianésia e da Goialac, que implanta uma indústria de laticínios. (MENEZES, 2000, p. 96)

Para a prática da pecuária intensiva, surgem os confinamentos para engorda de bois no prazo médio de 100 dias no período de entressafra, a técnica de origem americana foi introduzida pelo engenheiro Otávio Lage de Siqueira. (MELO, 1980, p.80)

Talvez assim possamos entender a consolidação da fronteira agrícola especialmente em Goianésia, o gado passa a simbolizar valorização da terra, pois, necessita cada vez mais de espaço para pastagens, gerando assim no criador a necessidade de novas técnicas para criação do animal. Enfim, os confinamentos serão vistos pelos agropecuaristas como válvula de escape para a manutenção da criação do gado, sendo criados a partir desse momento em larga escala.

Com a chegada da fronteira agrícola, a pecuária passa a incorporar difusões tecnológicas de forma mais intensa, com isso, a bovinocultura, que, até então, podia ser caracterizada como reserva de valor, passa a ser considerado um ativo produtivo. A valorização das terras incentiva a busca por maior rentabilidade em seu uso, o que tem impulsionado o desenvolvimento de novas tecnologias. (REVISTA AGROPECUÁRIA TROPICAL, 2008, p.15).

O estudo referente a investimentos em novas tecnologias na criação de animais faz com que seja modelada a expansão da pecuária em Goiás. Observa-se que a partir de 1975 a criação de gado que era feita de forma horizontal, seguindo o modelo tradicional de criação que seria a pastagem natural, logo é substituído pela expansão vertical, ou seja, as paisagens naturais são substituídas pelas plantadas, intensificando cada vez mais o uso da terra.

Aos poucos os confinamentos que representam estas novas tecnologias vão ocupando seu lugar, trazendo mutação para o meio rural, e fazendo

transformações sociais para aqueles que habitam e vivem do campo. O uso desta técnica chega a vários municípios de Goiás, inclusive Goianésia, pelas mãos de Otávio Lage, conforme o gráfico abaixo:

Confinamentos no Estado de Goiás: 2002 a 2004

Fazenda	Município	2002	2003	2004
Fazenda Mirante	Nerópolis	45.000	70.000	70.000
Vera Cruz Agropecuária Otavio Lage	Goianésia	22.680	18.983	50.000
Fazenda Santa Fé	Santa Helena de Goiás	14.000	17.000	15.000
Confinamento Boitel	Rio Verde	10.038	12.440	15.000
Fazenda Palma	Luziânia	-----	-----	10.000

Fonte: Revista Tropical, 2008, p.9.

Após o período de decadência da produção de grãos que ainda existe na região local, mas em menores proporções, muitos fazendeiros da região também passaram a fazer confinamentos de gado, sendo assim com o aumento dos números de confinamentos por todo o Estado de Goiás, Otávio Lage lidera um movimento entre os criadores bovinos e funda a Cooperativa Goiás Carne no ano de 1976, buscando assim uma alternativa segura para o abate do rebanho no Estado, que passa a vender não só para outros Estados do país, mas também para o exterior.

Os empreendimentos liderados e fundados por Otávio Lage estão alinhados com o desenvolvimento do capitalismo e suas premissas, observa-se que a modernização que chega ao campo tanto para a agricultura como para a pecuária são resultantes da expansão do capital. Levar essas mudanças para um município recém formado simbolizou buscar mudanças não somente para proveito próprio, até porque toda ação de transformação por menor que seja não chega somente para o individual, a transformação é um verbo de ação coletiva.

Diante desse ponto de vista, antes de perceber Otávio Lage como um fazendeiro de sucesso, tem-se que buscar contemplá-lo como um homem dotado de grande sensibilidade e de personalidade forte, que não sobrevive à mesmice de um dia-dia. Buscar vê-lo como um empreendedor que busca não só para sua individualidade, contudo para o coletivo de onde vive a mudança necessária, mas recalcada pela evolução política econômica e social de um contexto analisado do macro para o micro.

Nesse período, Otávio já era conhecido em toda região, tanto pelo seu empreendimento administrativo, como também por participar de muitas decisões indiretamente relacionadas ao município. Tendo facilidade em conviver com muitas pessoas e ter amizades por toda região é convidado a participar das novas eleições municipais como candidato a prefeito. Influenciado pelo pai, Otávio entra pela primeira vez na política, passando a ser conhecido em todo o estado não somente como filho de político, mas para ser um novo nome de relevância na história política de Goiás.

2.2 - Otávio Lage Prefeito de Goianésia (09/02/1962-01/07/1965)

A primeira participação de Otávio Lage na política aconteceu no dia 12 de julho de 1954, quando é fundada e realizada a primeira convenção municipal da União Democrática de Goianésia (UDN), que segundo Melo (1981) aconteceu em clima de festividade. Neste mesmo dia foi fundado o primeiro diretório municipal da UDN na cidade, tendo Otávio como filiado e seu pai como presidente de honra do partido. Mesmo estando coligado a partidos políticos a princípio não se via Otávio Lage totalmente envolvido com os mesmos, mas influenciado pelo pai, pessoa que tinha por sinal uma grande admiração, aos poucos Otávio vai deixando de viver as entrelinhas da política, para vivenciar literalmente o que seria administrar um município.

É que essa convenção municipal vai projetar no panorama político estadual, em hora tão oportuna um autentico líder, capaz de influenciar vasta zona do Vale do São Patrício. Na verdade o lançamento do nome de Otávio Lage corresponde aos desejos e a necessidades daquela imensa região de dar à política um sentido alto de renovação de valores, libertando-se do caudilhismo que tem sido o responsável pelo atraso de grande parte de nossas comunas. (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1960, p.9)

Surge um líder no Vale São Patrício. A UDN de Goianésia homologará, hoje, em convenção, os nomes de Otávio Lage de Siqueira e de Laurentino Martins Rodrigues como candidato de seus cargos de prefeito e vice-prefeito respectivamente. (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1960, p.9)

Durante a convenção da UDN, no ano de 1960, Otávio é escolhido para disputar as eleições que se aproximavam por unanimidade; a terceira eleição que Goianésia vivenciaria após sua fundação tinha como candidato o fazendeiro que até então era conhecido por tratar suas terras e administrar as mesmas de forma diferenciada, talvez seja por isso a indicação de seu nome para a próxima sucessão municipal.

Este diretório reuniu-se em convenção, no dia 05 de Julho de 1960, destinada, a escolher, entre os convencionais, os candidatos ao cargo de prefeito e vice-prefeito. Por unanimidade dos convencionais, foi escolhido como candidato do partido, o engenheiro Otávio Lage de Siqueira, para o cargo de prefeito e o Sr. Laurentino Martins Rodrigues para o cargo de vice-prefeito, a concorrerem à eleição municipal de 3 de Outubro de 1960. (MELO, 1981, p.114)

A disputa eleitoral teve por oposição Walter Augusto Fernandes (também conhecido por Nego Walter) e Gessy César de Oliveira, ambos ocupando os cargos de prefeitos e vice-prefeito respectivamente pelo Partido Social Democrata (PSD). As eleições desse ano elegeriam os candidatos a governador e prefeito dos estados e municípios brasileiros para o mandato de cinco anos.

Especificamente no município de Goianésia, as eleições não transcorreram muito bem, após a divulgação dos resultados, constatou-se que a UDN havia perdido a disputa eleitoral. O resultado foi contestado pelo partido que acusou o PSD de fraude eleitoral na comarca de Cafelândia, e entrou com recursos cabíveis fazendo a contestação e pedindo anulação da mesma.

A UDN entendeu que houve fraude na votação para prefeito nas urnas existentes no povoado de Cafelândia. Em função disso, entrou com recurso no Tribunal Regional Eleitoral – TER, solicitando a anulação por suspeita de fraude das seções 5ª, 12ª, 13ª e 21ª instaladas naquela localidade. [...] o TRE decide por efetuar eleição suplementar a partir do cancelamento parcial do pleito de 3 de Outubro de 1960. (MENEZES, 2000, p.85)

A eleição suplementar foi realizada no dia 04 de fevereiro de 1962, pelo Juiz de Direito Dr. Renato Coelho, da cidade de Pirinópolis. Segundo Menezes (2000), os eleitores eram trazidos das fazendas ao povoado de caminhões, ganhavam almoço e eram encaminhados para as urnas. Obteve o seguinte resultado:

Resultado Final da Eleição municipal de Goianésia de 1962

Seções	Eleitores	Votos Otávio Lage	Votos Nego Walter
5ª	116	80	34
12ª	162	109	44
13ª	132	47	77
21ª	172	93	74
Total	582	329	229

Fonte: MENEZES, 2002, p.86

Ao contabilizar os votos da primeira e segunda eleição, a UDN saiu vitoriosa tendo os seguintes valores finais como aponta Menezes (2000), foram apuradas 26 urnas nas eleições de 1960 com um total de 4.770 eleitores. Apuraram-se 2.416 votos para Otávio, 2.108 para Nego Walter, 143 brancos, 103 nulos. A diferença entre os dois candidatos é de 308 votos a favor de Otávio que assume o cargo de prefeito de Goianésia, em 9 de Fevereiro de 1962, trazendo a UDN para o poder no município.

Após tamanhos conflitos oriundos da disputa eleitoral, finalmente chega à prefeitura de Goianésia e tem diante de si um município com estruturas precárias, tais como uma cidade de ruas largas, mas não pavimentadas, possuía também falta de saneamento, escolas, hospital, professores e infraestrutura e muito mais. As dificuldades encontradas eram obstáculos que instigaram o fazendeiro a mudanças em diversas esferas debilitadas. Segundo Moacir:

Com a assunção ao cargo de prefeito de Goianésia, nascia uma nova liderança política no município, graças principalmente a uma

administração arrojada de trabalho que lhe caberia a eleição para governador de Goiás em 1965. (MELO, 1980, p.136)

Tentar reconstruir o Calção de Couro e a formação do município através do aspecto geográfico neste momento é interessante para compreensão de uma das medidas adotadas por Otávio. O Calção de Couro é um rio que separa a cidade de Goianésia no sentido horizontal e ao dar início à formação do povoado, muitas casas foram construídas na parte que hoje está à entrada da cidade e do lado de lá só havia a casa de Laurentino Martins, que por sinal é o idealizador da fundação deste município. Para se passar para o lado de cá havia o que se chama de pinguela.

Era como se fosse outra cidade, tanto é que todos diziam “de lá do outro lado”, quando se referia aquele bairro. Muitas vezes chovia lá e a enxurrada descia até o córrego Calção de Couro e do lado de cá não caía um pingo d’água sequer, e em outras vezes, acontecia o contrario, aí então aproveitávamos para brincar sob as bicas d’ água que se formavam entre as casas.(MENEZES, 1982, p.17)

Segundo sua secretária, Otávio era muito dinâmico e não conseguia ficar parado dentro de um gabinete, assim que saiu o resultado das eleições e que a posse foi realizada, no outro dia bem cedo o mesmo já se encontrava no trabalho, característica esta que era peculiar de sua personalidade. Ciente das necessidades básicas do município e tendo pouco ou nenhum recurso, dependendo do trabalho que seria executado, uma das primeiras ações de sua gestão veio da ajuda de companheiros e moradores do município. Não encontrando recursos para trabalhar, o jeito encontrado por ele foi à busca da coletividade. O relato de Sara Vicentini nos mostra isso com clareza.

Eu me lembro que o primeiro trabalho, assim, a primeira coisa que ele fez, foi convidar os motoristas de caminhão que tinham os caminhões aqui em Goianésia e fez uma reunião na prefeitura, tomou posse e no outro dia eu cheguei na prefeitura, e daí dois dias cheguei na prefeitura a sala dele tava suja de barro porque aqui não tinha asfalto, cheia de terra, eu falei: “Olha Doutor Otávio, que coisa estranha isso aqui hoje.” “Ah não, ontem eu chamei todos os caminhoneiros pra cá, e a gente resolveu que eu vou começar a trabalhar dando uma arrumada nessas ruas da cidade.” Porque tinham valetas, fundas de correr água mesmo assim do lado, era tempo de chuva né, e, ele começou em fevereiro. (Informação verbal)²²

²² Informação fornecida por Sara Vicentini, secretária municipal na gestão de Otávio Lage, através de entrevista realizada em 06 de julho de 2009.

Ainda segundo Sara Vicentini devido aos poucos recursos que a prefeitura possuía em muitas das vezes presenciou o prefeito usar de recursos próprios para saudar acordos realizados pelo município.

Mudou demais. Mudou tudo. Mudou tudo, tudo, tudo, tudo. Ali na, abaixo daquele Hospital São José, na baixada ali ..., minha filha ali tinha uma pontezinha lá ... das águas, que nesse tempo era carro de boi, descia ... né, aquilo ali era difícil demais pra passar. Quando ele entrou na prefeitura que foi fazer a ponte, ele era o descarregador de pedra Porque ele não agüentava ficar quieto não, ele não tinha sofrimento não, eu acho que ele dormia era caminhando) (Informação verbal)²³

E ele tinha uma coisa assim que, a prefeitura não tinha dinheiro, ele pegava e colocava o dele mesmo, aí sabe, a gente tinha de ficar controlando quando ele recebia algum dinheiro, pra poder, quando vinha, pra poder reembolsar né. Essa parte aí, assim, deu muito trabalho pra mim, e tinha outra coisa, ele tinha uma visão de Goianésia que tudo era pra Goianésia, ele queria fazer tudo pra Goianésia, aí começou olhar a questão de professor, professores da zona rural, e assim, empenhando com o governador. (Informação Verbal)²⁴

Sendo eleito pela UDN, Otávio estava partidariamente do lado oposto em relação ao governo estadual, que neste mesmo período era realizado por Mauro Borges do PSD. Mesmo estando em condição de oposição, Otávio tinha ciência que para fazer Goianésia crescer era necessário recursos financeiros e isto o município não tinha em grande quantidade, ou seja, restava buscar ajuda com o governador de Goiás. Segundo relato de Sara Vicentini, Otávio dizia que deveria pedir, mas pedir muito para poder ganhar pelo menos um pouco.

É. Eu me lembro muito que eles falavam assim oh: “Não deixa esse prefeito, Otávio Lage, entrar na minha sala”, o governador falava sabe, porque eles eram de política contrária, então “não deixa ele entrar na minha sala, porque se ele entrar, ele me convence, eu faço tudo o que ele quer, porque ele tem assim, uma motivação pra trabalhar, um desejo, e ele me convence mesmo, então se vocês conseguirem fazer com que ele não entre, porque se ele entrar ele consegue. (Informação verbal)²⁵

²³ Informação fornecida pelo Sr José Carlito, em entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

²⁴ Informação fornecida por Sara Vicentini, em entrevista realizada em 06 de julho de 06 de julho de 2008.

²⁵ Informação fornecida por Sara Vicentini, em entrevista realizada em 06 de julho de 2008.

A busca por modificações do espaço onde vivia, e o desejo de transformá-lo fez com que Otávio tomasse medidas das mais diversas para alcançar seus objetivos. É sabido que o desenvolvimento de uma sociedade está intrinsecamente ligado à educação; nesse período em Goianésia só havia o ensino que hoje se chama de fundamental.

Nesse período muitos dos novos moradores que chegavam à cidade com a intenção de ficar buscavam o apoio do prefeito ou até mesmo muitos deles se prontificavam apresentando as habilidades que possuíam afinal dali poderiam sair um emprego ou a indicação para um. O dentista José Adilsom fez algo parecido com o que foi colocado nas linhas anteriores e encontrou uma contra proposta do prefeito.

Uai aconteceu uma coisa interessante comigo, eu cheguei, primeiro, nesse dia, no primeiro contato ele falou: “Oh, é, você não leciona inglês não?” Eu falei: “Não, eu não leciono inglês não.” Eu até não era muito bom em inglês né, falei: “Não, nunca lecionei inglês não.” Ele falou assim: “Nós tava precisando de um professor de inglês”. Eu falei assim: “Eu fui professor de educação física” que eu já tinha, ajudava um capitão ... que era professor de educação física num colégio diocesano marista lá de Uberaba né, que eu estudei nele e depois eu passei a lecionar lá como ajudante. E ele: “Que bom, nós estamos precisando de um professor de educação física”. E ele já coletou meu nome lá, e anotou o nome pra, pra que. Só que quando veio ele me pôs eu como professor de inglês também! “Oh, coloquei seu nome lá pra ser professor de inglês”. Eu falei: “Vish, como é que eu vou fazer agora?” Eu estudei inglês, mas eu nunca gostei de inglês, gostava mais de francês, que a gente estudava francês também. Aí eu até comprei um livro, lembro bem que no livro vinha um escrito, vinha a tradução, e por baixo vinha o jeito de você falar, a pronuncia sabe? Vinha abasileirado, aporguesado o jeito de falar. Então eu estava começando a estudar, eu tinha comprado uma ..., antigamente uma daquela de disco de vinil, e eu tava pensando em comprar uma coleção.(Informação verbal)²⁶

Os incentivos alcançaram todos os amigos que tinham um pouco mais de estudo, até o próprio Otávio assumiu salas de aula e acabou no final acumulando funções. Em um determinado momento possuía além do cargo de prefeito, diretor de escola, professor e fiscal das obras que a prefeitura estava fazendo. Segundo relatos, o juiz da cidade, sua própria secretária, todos eles contribuíram para formação do primeiro colégio do município.

²⁶ Informação fornecida por José Adilsom, morador da cidade desde 1963, em entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

E daí, foi, batalhou e precisava de professor, e aí o que é que ele fez, ele foi professor de matemática, ele, nós ríamos muito porque todo mundo que passava na rua, que tinha curso superior, mas ele tinha as exigências, tinha curso superior, ia ser professor, aí chegou o juiz de direito, ele falou assim: “Oh, Zé Gonçalves, você vai ser diretor do Colégio.” (Informação verbal)²⁷

Ele pegou uns ..., trouxe alguns, tem um juiz, Doutor Jales, ele tanto insistia com esse Doutor Jales, foi professor também, tinha que começar um colégio com professor bom porque ele um juiz, porque na cidade foi difícil arrumar (Informação verbal)²⁸

Durante sua gestão, muitas obras foram realizadas. Conta-se que Goianésia era uma cidade de ruas largas, mas de aspectos esburacados e terra solta, usando maquinários certas vezes de sua fazenda, que vinham para a cidade prestar serviço à comunidade. É notório o desejo de se fazer algo, e muito mais real as dificuldades que se encontrava o município. Testemunhos falam um pouco sobre a lembrança que se tem da cidade neste período.

Primeiramente ele arrumou que era tudo cheio de buracos, cheio de coisa, era tudo estrada de chão, só terra. Imediatamente ele conseguiu trazer energia. Conseguiu trazer o Colégio das irmãs, o Jales Machado, não existia, ele foi professor, não tinha professor, criou a cidade, cadê os professores? Ele dava aula, ele tinha com a fazenda, mexia com isso tudo, pra ajudar a cidade ele passou a ser professor..., voluntário, sem ganhar. (Informação verbal)²⁹

A situação do município com certeza não se diferenciava de outros municípios do Estado, por isso a necessidade de se ter uma administração arrojada e com metas definidas, afinal, trabalhar com poucos recursos significava fazer escolhas na forma aplicação dos mesmos. Um desses setores foi à educação.

Ele era mesmo engenheiro né, contas, cálculos com ele era uma rapidez tremenda, muito exigente quanto às coisas da prefeitura, eu achava interessante que ele te empolgava quando ele via a receita sabe, pra ele, com que ele tinha pra gastar, que eu tinha que fazer uma folha deste tamanho assim, com todas as receitas assim, certinhas pra ir fazendo um quadro que chamava assim “Cadê minha folha remissiva?”, que é remetendo as contas de mês por mês, as receitas e a despesa de mês por mês, ele queria tudo de uma vez,

²⁷ Informação fornecida por Sara Vicentini, em entrevista realizada em 06 de julho de 06 de julho de 2008.

²⁸ Informação fornecida pelo Sr Salesiano Carneiro, em entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

²⁹ Informação fornecida pelo Sr Salesiano Carneiro, em entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

era, tinha de ficar pregando folha de papel junto pra poder mostrar pra ele, porque aquilo pra ele era uma empolgação, ele ver o que ele tinha o que ele podia gastar, como que era sabe. Porque nós tínhamos poucos cargos na prefeitura, então era, eu acumulava secretária, de secretária e o outro era coletor tesoureiro, e tinha o mestre de obras e tudo que fosse esse daqui era com ele, e os professores era o que a gente tinha.(Informação verbal)³⁰

Com um ano na administração de Goianésia, Otávio já havia realizado pequenas mudanças na estrutura do município com os recursos obtidos com o governo do Estado e através dos impostos arrecadados até então. Primeiramente buscou organizar a estrutura das ruas e avenidas da cidade cascalhando-as, organizou a passagem do famoso lado “de lá”, local que atualmente habita a grande maioria da população da cidade e investiu na educação como nos mostra Ribeiro:

Lei Nº 121-cria cargos e dá outras providencias -prefeito Otávio Lage de Siqueira

A câmara municipal de Goianésia decretou e eu, prefeito municipal sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º ficam criados neste município mais 19 (dezenove) escolas rurais, cuja localização e denominação serão dadas por decretos executivos;

Art. 2º ficam criados no quadro de funcionários da Educação 1 (hum) inspetor escolar, 5(cinco) professoras normalistas do Ensino Rural, 14 (quatorze) professores de ensino rural com os vencimentos anuais respectivamente de Cr\$ 240.000, Cr\$ 240.000, Cr\$ 180.000

Art. 3º ficam criados no quadro de funcionários da exação e fiscalização os cargos de tesoureiro municipal e auxiliar de escritório, com vencimentos anuais respectivamente de CR\$ 300.000 e Cr\$ 180.000

Art. 4º os professores leigos municipais já existentes no município passarão a receber anualmente Cr\$ 180.0000 [...]. (RIBEIRO, 2008, p.77)

Segundo Ribeiro (2008), Otávio executou muito mais pelo município de Goianésia, neste mesmo ano a prefeitura conseguiu créditos junto ao governo Estadual para aquisição de terreno que se transformou em loteamento para os moradores da cidade e incentivos financeiros para a construção das residências, além de adquirir a primeira ambulância própria do município, pois, até então, segundo relatos os enfermos, eram transportados pelos próprios habitantes, além de iniciar a construção do hospital de Goianésia que até o momento contava com o trabalho feito pelas enfermeiras da Santa Casa que

³⁰ Informação fornecida por Sara Vicentini, em entrevista realizada em 06 de julho de 2008.

tinha poucos recursos, normalmente, os adoentados mais graves eram tratados em Ceres.

Lei Nº 111 - autoriza aquisição de terreno e dá outras providencias-
prefeito Sr Otávio Lage de Siqueira

A Câmara Municipal decretou e eu, Prefeito Municipal sanciona e promulga a seguinte lei:

Art. 1º fica o poder Executivo autorizado abrir crédito especial no valor de Cr\$ 200.000,000 (Duzentos Mil Cruzeiros), para adquirir área junto ao perímetro urbano.

Art. 2º a área adquirida servirá para localizar o meretrício, uma vila para ceder lotes aos pobres e suplementação da área do cemitério.

Lei de Nº 115

Art. 1º fica o poder executivo autorizado a adquirir até a importância de Cr\$ 800.000,000 (oitocentos mil cruzeiros), um carro tanque usado.

Lei de Nº 122

Art. 1º Fica o poder executivo autorizado a adquirir uma ambulância para o serviço de Educação e Saúde Municipal. (RIBEIRO, 2008, p.78, 79,80)

No ano de 1963 Otávio conseguiu junto as Centrais Elétricas de Goiás (CELG), um grande progresso para o município. Sabe-se como já foi citado anteriormente que Goianésia possuía energia gerada por um motor com horários regulados para funcionamento, pois, bem através de um contrato junto ao Estado, o município passou a ser beneficiado pelo fornecimento da Energia Elétrica e pela iluminação pública nas ruas do município. Com certeza este foi um dos grandes benefícios deixados em sua gestão, pois a partir de então o município poderia gerar outras riquezas e conseqüentemente, Goianésia cresceria tanto no comércio, quanto na industrialização.

Lei de Nº 129 - autoriza o chefe executivo municipal a assinar com a CELG, contrato de fornecimento de Energia Elétrica para Iluminação Pública a sede do município- Prefeito Senhor Otávio Lage de Siqueira.

Art. 1º fica o poder executivo autorizado a assinar contrato de fornecimento de energia elétrica para iluminação publicada a sede do município, com as Centrais Elétricas de Goiás S.A (CELG), empresa pública sediada em Goiânia, neste Estado. (RIBEIRO, 2008, p.81)

O ano de 1964 é marcado pela continuação de investimentos no município, tendo ainda prioridade a educação e a saúde. Nos estudos de

Ribeiro (2008), através das leis publicadas isso é bem perceptível, Goianésia vai sendo transformada em vários sentidos, seu espaço territorial vai tomando formas, as primeiras ruas ganharam nomenclaturas, os terrenos particulares não construídos foram fechados por muros por decreto municipal, a rodoviária foi construída e colocada concorrência pública para exploração da mesma.

Lei de Nº 116 - autoriza pôr em concorrência publica a construção exploração da estação rodoviária do município;

Lei de Nº 130 - autoriza a aquisição de placas e nomenclaturas de ruas e avenidas;

Lei de Nº 136 - autoriza aquisição de equipamentos para o Hospital Maternidade (Santa Casa) e dá concorrência publica;

Lei de Nº 145 - autoriza doação de lotes de construção em terrenos municipais para a sociedade São Vicente de Paula. (RIBEIRO, 2008, p.82, 83, 84,85.)

O início de outros grandes empreendimentos que foram concretizados aos moradores do município em gestão posterior a de Otávio Lage foi à aquisição das primeiras linhas telefônicas para o município e a ampliação da rede de esgoto e água pluvial.

Lei de Nº. 146 - autoriza aquisição de linha Telefônica para a prefeitura municipal e para o Hospital Maternidade.

Lei de Nº134 - fica o poder executivo autorizado a fazer a execução de serviços de águas pluviais

Lei de Nº. 159 - cria o serviço de tratamento de Água e Esgoto

Lei de Nº. 161 - determina a aquisição de terreno e construção do Estádio do Goianésia Esporte Clube localizado no perímetro urbano. (RIBEIRO, 2008, p.85,86)

Aos poucos a administração realizada atravessou as fronteiras do município e como as novas eleições estavam próximas para governador do Estado de Goiás. A Arena liderada por Jalles Machado indica o nome de Otávio Lage na sua convenção como pré candidato ao mandato de governador. Agora, por que Otávio Lage? Como tinham confiança em seu nome? Será que alguém desconhecido poderia vencer essa disputa? Seu reduto era o Vale São Patrício, como convencer os eleitores do restante do Estado?

Avaliando as medidas adotadas por Otávio enquanto gestor municipal de Goianésia e os depoimentos relatados anteriormente podemos perceber nas entrelinhas que as atitudes de Otávio eram reconhecidas, a sua autoridade, a sua influencia política e econômica simbolizam a ascensão de Goianésia e da

Região do Vale São Patrício até então desprovida de uma representação no cenário Estadual de Goiás. Isto pode ser notado quando o poder público não atendia as necessidades populares, o prefeito vestia a máscara de protetor e benfeitor, o que lhe rendeu muito prestígio político nas regiões do entorno e legalidade junto aos agricultores que passaram a se espelhar no fazendeiro do “Chapéu Atolado”.

Outro ponto a observar-se é que no cenário nacional a política do país havia transformado totalmente no ano de 1965, período das eleições. O Regime Militar já havia sido implantado e a forma de administrar a nação brasileira passava por um processo de modificação em vários âmbitos. Otávio era um político coligado com os militares, será que isto não poderia prejudicá-lo?

2.3 - Disputa Eleitoral de 1965 para o Governo do Estado de Goiás

Analisando o caminho percorrido por Otávio através de documentos e relatos podemos perceber que este vem de uma família conservadora na criação dos filhos. Nota-se que desde os estudos o mesmo sofre muitas influências, aqui verificamos nas atitudes de Otávio o respeito e a talvez a necessidade de alcançar a aprovação pelos seus feitos diante do patriarca.

Baseado em depoimentos, um dos motivos que levou Otávio a candidatar-se foi à influência do pai, que por toda vida esteve ligado literalmente à política e com isto sempre buscou incentivar o filho a participar daquilo que era sua paixão. Jalles Machado era um político importante no Estado e além de ser bastante conhecido em Goiás, tinha também muita influência no Planalto Central, isto é notório quando Otávio recebe apoio do Presidente Castelo Branco para pleitear o cargo de Governador de Goiás.

O Deputado Jalles Machado pai do Sr Otávio Lage de Siqueira, trata na área do Planalto, de uma conferência já acertada na semana passada entre o Presidente Catello Branco e o candidato da UDN, e deverá chegar em Goiânia amanhã para retornar as conversações que abriu na área de sua influência mais direta. Sabe-se que o Sr Jalles Machado - que sempre sonhou em ser governador do Estado de Goiás não abrirá mão da candidatura de seu filho após indicação da Convenção, e tudo fará no sentido de que os demais partidos chamados “coligados” venham a apoiar aquela candidatura. (JORNAL NOTA POLÍTICA, 1965, p.4).

A indicação de Otávio para governador é recebida pelo mesmo, segundo relato de Sara Vicentini, a princípio, como algo engraçado. A mesma declara que o pai teve uma influência muito grande na sua decisão e que o nome de Jalles Machado, com certeza, pesaria muito a favor de seu filho, já que este era reconhecido por todos no Estado de Goiás, principalmente após a construção da rodovia Belém – Brasília projeto de sua idealização enquanto Deputado Federal por Goiás.

Nossa, eles tinham assim, ... de encantamento e de respeito, sabe, o Doutor Otávio, a impressão que eu tenho, é que ele achava que era a pessoa mas sábia do mundo, ele com pai dele. E o Doutor Jales era uma pessoa muito integra e parece que passou tudo isso pros filhos e era ... conhecido. Ele era assim, o político o Doutor Otávio não era, o Doutor Otávio era administrador, ele entrou na política eu acho que assim, por questões de amizade com o ex prefeito Laurentino Martins, fundador de Goianésia. E depois ele se empolgou, até achei muito interessante que ele foi a Goiânia e quando ele voltou quase candidato, chegou e falou assim: "Olha, ... achei interessante." Até pouco tempo eu chegava lá, falava: "Olha, o Doutor Otávio, prefeito de Goianésia, é um senhor respeitoso, tudo. Agora cheguei lá eles falaram assim: "Otávio, você tem que ser candidato, você é muito jovem", até pouco tempo eu era um senhor, agora sou um jovem!" [gargalhadas]. Ele era interessante. (Informação Verbal)

Mas é porque é isso mesmo, não tinha enquanto ele não estava Goianésia não era conhecida até quando ele foi prefeito. Porque ele participava de tudo, sabe, e ele dava ... lá em Goiânia, todo mundo conhecia, e ele ficou, como ele estava sempre presente, os prefeitos ficaram conhecendo. E também tem outra coisa, o Doutor Jales era uma pessoa, era deputado federal, era uma pessoa conhecida em Goiás, tinha essa parte política tinha nele, mas o Doutor Otávio foi por participação dele. (Informação Verbal)

A confirmação de Otávio Lage como candidato a governador foi recebida com muitas euforia em Goianésia, local onde o mesmo fez o lançamento de sua campanha. Narra-se que a festividade foi enorme e ali mesmo Otávio iniciava a formação de seu projeto governamental, fazendo um discurso impregnado por mudanças e benefícios. Outro fato conhecido é que o lançamento de sua campanha é realizado com a presença de inúmeros políticos de Goiás os quais vieram conceder-lhe apoio.

A cidade de Goianésia conheceu um de seus grandes dias, tendo se verificado a presença de cinco mil pessoas que aclamavam ruidosamente os candidatos oposicionistas ao governo da república, do estado e do município. De todos os pontos da municipalidade chegavam pessoas, desde as primeiras horas do dia, veículos de todos os tipos, conduzindo convencionais e representantes de municípios vizinhos que desejavam tributar as suas homenagens aos candidatos e líderes da oposição que tomariam parte no memorável conclave. Nada menos que vinte e quatro caminhões foram empregados no transporte dos habitantes da zona rural, cujo entusiasmo era verdade indescritível. Seguiu-se um churrasco oferecido ao povo e em que foram abatidas nada menos que vinte rezes. O entusiasmo reinante em Goianésia antecipa a certeza de uma vitória espetacular ali da causa oposicionista. (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1965, p.11)

A disputa eleitoral pelo cargo de governador do Estado de Goiás no ano de 1965 é feita entre Otávio Lage de Siqueira da coligação (UDN, PSP, PTB) e Peixoto da Silveira é candidato pelo PSD. A disputa entre os dois candidatos é acirrada por todo o Estado. Otávio possuía uma forma ímpar de direcionar sua candidatura, percorre os municípios fazendo um discurso de uma administração voltada para o interior e se diz bastante conhecedor das necessidades do homem do campo e dos habitantes dos pequenos municípios do Estado, afinal o mesmo estava deixando a gestão de um município do qual conheceu o desenvolvimento através da sua ousadia e dinamicidade.

A oposição de Otávio Lage o apelidou de “Chapéu atolado”, pelo fato de está sempre usando esse acessório e por ser um homem do interior. Usando de estratégia Otávio recebe bem o apelido e passa a percorrer todo o território de Goiás usando o seu velho chapéu, que por sinal foi de muita importância enquanto administrador das terras de seu pai, e entrava em todas as cidades pedindo votos montado em um cavalo ou dirigindo um trator. Talvez este tenha sido o grande trunfo de Otávio durante a campanha eleitoral, pois ele neste momento torna-se o símbolo paradoxal do homem moderno, neste instante ele é o representante do anti-urbano, do rural, do conservador do campo.

Chamar de chapéu atolado é, o que sempre acontece, então, criticavam, é que um chapéu atolado parecia fazendeiro. Como é que um chapéu atolado vai candidatar a governador, então puseram esse apelido de chapéu atolado pra dizer que ele era um, como é que se fala, um... que um matuto assim pra governador do

estado?"Matuto chapéu atolado". E pegou esse Chapéu Atolado. (Informação verbal).³¹

[...] achando que ele era bobo né? É achando que ele era bobo, só pode ser isso. [risos]. Aquilo enxergava atrás do morro minha fia. Aquele homem era vivo. Outra coisa também, uma palavra dele valia qualquer letra assinada. Se ele dissesse pro ce: "Sim" acabou. (Informação verbal)³²

Otávio fez a seguinte leitura da sua vitória para governador em uma entrevista concedida a Hélio Rocha, quando este perguntou a ele sobre como se sentiu sendo um jovem prefeito de município novo, saltando para o governo do Estado:

[...] aquelas surpresas da vida. Esta aconteceu exatamente porque houve uma revolução, houve uma mudança no processo de escolha, de forma de votar, com menos comandos dos colégios eleitorais e para mim foi uma surpresa, apesar de ser filho de político tradicional, que honra o papai, Jalles Machado, mais assim mesmo foi uma surpresa sair da prefeitura para o Estado. Na campanha parece que a gente não percebe, mas quando o tribunal confirmou nossa vitória, levei um susto e disse: e agora? Até agora foi conversa, foi farra, mas realmente foi uma grande experiência, experiência eleitoral, experiência política, administrativa e nós gostamos de ter participado e espero que agora, aposentado a gente possa assistir de camarote daqui pra frente. (ROCHA, 1998, p.106)

Otávio Lage venceu as eleições em 3 de Outubro de 1965 com um total de votos de 180.962 recebidos, já seu adversário Peixoto da Silveira obteve 176.809 votos recebidos. A diferença entre os dois candidatos foi de mais de quatro mil votos e segundo o Jornal Nota Política (04/11/1965), as eleições foram decididas pelos votos do município de Catalão. No final das eleições Otávio conquistou sua vitória no interior de Goiás, pois, na capital e nos municípios próximos como Anápolis, a oposição obteve número maior de votos.

2.4 – O contexto histórico da década de 60 em Goiás

A década de sessenta simboliza em contexto nacional o segundo momento de integração do território brasileiro. Com a consolidação da industrialização do país a partir do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), e a implantação do Projeto Metas que é estruturado em programas de

³¹ Informação fornecida por Salesiano Carneiro através de entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

³² Informação fornecida por Sr José Carlisto, através de entrevista em 02 de julho de 2008.

investimentos públicos e privados os quais contemplaram a montagem da indústria pesada e de bens de consumo duráveis. Nota-se que ocorre nesse momento um processo que impulsionaria a economia brasileira no sentido de maior diversificação e a consolidação do Estado de São Paulo como vetor dinâmico da economia.

A principal consequência dessa centralização da economia do país na região Sudeste, é que restarão poucas alternativas para as outras regiões do país, no sentido de crescimento e destaque econômico no cenário nacional. Sendo assim, é perceptível que as demais regiões da nação sejam transformadas em fornecedoras de produtos para a necessidade da demanda nacional, como também para a necessidade do mercado mundial. Enfim, o crescimento dos demais estados estará a partir de então subordinado às decisões advindas do eixo econômico.

Porém, a principal transformação para Goiás no governo de Juscelino Kubistschek (JK) foi à aplicação do seu Plano de Governo no campo da agricultura, quando o cerrado é inserido no contexto de modernização e desenvolvimento do país, voltando sua produção para o plantio de grãos visando atender o aumento do consumo mundial. O vetor principal da modernização da agricultura em Goiás se dá com a Revolução Verde, a utilização de insumos modernos e o Crédito Rural. Com o incentivo ao progresso técnico através de políticas públicas torna-se favorecido a manutenção das grandes propriedades rurais. Um dos investimentos feito pelo governo foi à liberação do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), e os programas de desenvolvimento regional através da modernização da agricultura.

Este processo de modernização no campo vem transformar o meio rural em vários sentidos, sendo um deles, a necessidade de se ter atitudes consideradas dinâmicas e empreendedoras para gerar crescimento e manutenção dos meios de sobrevivência diante da chegada do capitalismo no meio rural, transformando os meios de produção que paulatinamente vão substituindo as roças de subsistência por verdadeiras empresas agrícolas em muitas regiões isoladas do Estado.

Outro vetor importante no Programa de Governo de JK, que beneficia Goiás é a criação de Brasília, que nasce no meio de uma região despovoada e

necessita para sua edificação de mudanças radicais no transporte, na energia e na infraestrutura. Para isso é criadas centenas de quilômetros de BR para dar acesso à região e inicia-se a Construção da primeira etapa da Usina de Cachoeira Dourada e das Centrais Elétricas de Goiás (CELG).

No final da década de 1950, a abertura de rodovias obteve maior impulso em Goiás. Durante a construção de Brasília foram iniciadas novas rodovias BR-010 (rumo ao Nordeste Goiano), BR-020(Brasília-formosa na direção de Fortaleza), BR- 050 (com a intenção de encurtar a distancia entre São Pulo e Brasília), BR- 153 (cortando Goiás no sentido norte-sul buscando Belém do Pará) estas novas vias proporcionaram a ampliação da fronteira agrícola nacional e facilitaram a integração intra- e inter-regional de Goiás. (ESTEVAM, 1998, p.128)

A necessidade de aumentar a produção faz com que o estado brasileiro criasse programas de desenvolvimento como o POLOCENTRO (programa de desenvolvimento dos cerrados) e o PROCEDER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados). Esses programas ofereciam ao produtor crédito rural orientado, assistência técnica seletiva, seguro contra riscos, incentivos fiscais, entre outros subsídios.

Esses incentivos transformaram a paisagem do cerrado, transformando-o em uma paisagem de celeiro de grãos, atraindo agricultores de outras regiões para Goiás. Tendo como desafio principal produzir em grande quantidade e com maior rapidez o governo cria a EMBRAPA, empresa esta encarregada de desenvolver por todo país o pacote tecnológico oriundo da “Revolução Verde”, com objetivo de garantir os compromissos firmados entre o Estado Brasileiro e o capital internacional. Enfim o objetivo final era a busca do equilíbrio da balança comercial do país.

Estes centros eram responsáveis por desenvolverem plantas mais resistentes a pragas, em se adaptarem aos solos com baixa capacidade de retenção de água e com baixa fertilidade, e finalmente, as seleções genéticas aumentaram o potencial produtivo das plantas. Outro fator a ser considerado, é que a área cultivada permanecia a mesma, mas a produção era cada vez maior em quantidade e em variedade.

Diante do exposto, Goiás vai deixando de ser paulatinamente uma região típica de fronteiras, e torna-se aos poucos um depósito agroindustrial, agregando-se a uma nova realidade onde a terra passa a ter cada vez mais

valor, os trabalhadores assalariados no campo tornam-se o símbolo da expansão capitalista. A partir de então, é perceptível a melhoria dos transportes, da infraestrutura e das estradas.

A nova forma de trabalhar-se com a terra, de fecundar a produção não são aspectos únicos desse momento para a agricultura, também é possível notar o uso de novas máquinas, sendo estas mais modernas no campo. Conseqüentemente aos poucos o trabalhador rural vai sendo substituído pela mecanização cada vez mais acentuada. Outro fator a ser considerado é a concentração de terras cada vez maior nas mãos de latifundiários respaldando a cada momento a implantação de uma modernização conservadora não só no Brasil, mas principalmente em Goiás, onde a economia é assentada na terra. Sobre essas mudanças Santos ressalta:

“O espaço do homem, tanto nas cidades como no campo, vai tornando-se um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado, tecnificado e cada vez mais trabalhado segundo os ditames da ciência.” (SANTOS, 1996, p. 43).

Graziano da Silva (1981) confirmou que a modernização da agricultura patrocinada pelo Estado foi conservadora e dolorosa. Conservadora porque beneficiou produtores e áreas, e dolorosa devido às contradições sociais geradas pela expansão do capital. À medida que o capital foi ganhando intensidade, “conquistando” espaços, foi alterando o uso de territórios, principalmente no que se refere à territorialidade de novas culturas e agentes sociais. O autor ainda lembra que para o capital “o principal objetivo de produzir alimentos não é para que sejam comidos, mas sim para gerar lucros” (GRAZIANO da SILVA, 1999, p. 137).

No campo político, Goiás passa por um período de mudanças radicais devido à implantação do Regime Militar, que controlará a gestão da nação por mais de duas décadas. As eleições para governador do Estado foi pautada por disputa acirrada entre Otávio Lage de Siqueira e Peixoto da Silveira, sendo o primeiro o último governador eleito após a implantação da ditadura militar.

2.5-Otávio Lage – Governador Eleito da “Revolução”

A minha mensagem ao povo goiano foi exatamente fazer um governo da periferia para o centro, no sentido municipalista, porque eu era do interior, conhecendo as dificuldades eu tinha mais sensibilidade para sentir e viver os problemas das prefeituras, e na campanha eu tive umas verdadeiras surpresas, achava que as regiões eram completamente abandonadas parecia que só existia a capital do Estado, Anápolis e Itumbiara. (Depoimento de Otávio Lage a Hélio Rocha, 1998)

O exercício do poder político (o fenômeno da apropriação das esferas de representação coletiva por parte de elites dirigentes ou, em alguns casos, por indivíduos) vem sendo há séculos uma das questões centrais do pensamento social. Antes mesmo da consolidação da política como área autônoma de pesquisa, o problema da existência e da operação das estruturas de poder constituiu preocupação relevante para todos aqueles que se debruçaram sobre os dilemas das organizações públicas.

Independentemente das formas ou sistemas de governo, as ferramentas de comunicação disponíveis em cada período constituíram mecanismos importantes de controle social ou persuasão. A comunicação dos governantes para com os governados sempre foi um dos pilares de sustentação de qualquer forma de poder, ou importante arma para a destruição da ordem então vigente. Exemplos históricos demonstram como poderes se constituíram e foram desconstituídos com a ajuda da comunicação.

A história da comunicação dos governantes no Brasil, assim como no resto do mundo, sempre foi marcada pelas tensões histórico-político-sociais do momento. De uma maneira geral, a comunicação dos governos brasileiros foi variável, incerta e, sobretudo, instável, assim como o período histórico em questão.

Entretanto, em um país com as dimensões territoriais como o Brasil, e de profundas diferenças sociais e culturais, os meios de comunicação de massa tiveram, e ainda têm um papel preponderante para a integração e formação nacional. E, nesse aspecto, os governantes brasileiros souberam tirar deles o maior proveito possível.

Politicamente, no período compreendido entre as décadas de 50 e 60, época de esplendor do rádio e início da televisão, o Brasil vivenciou profundas

transformações. Saiu-se de um regime democrático e entrou-se em 1964, em uma ditadura militar, a qual comandou o país por vinte e um anos. Com o golpe militar de 1964, um novo meio de comunicação de massa foi eleito como o elo da “união” nacional. A televisão começou a ocupar o lugar que, até então, era exclusivamente do rádio. O novo regime político do país tinha pela nova tecnologia grande entusiasmo, pois percebia o quanto ela era poderosa. Pesados investimentos estatais foram realizados no setor de telecomunicações, com o intuito de modernizar o país. Foi criado o ministério das telecomunicações, já que, na época, junto com a televisão, o sistema de telefonia também se desenvolvia rapidamente.

A propaganda no período do governo dos militares no Brasil foi marcada pelo ufanismo. O otimismo expresso na propaganda é moldado por uma resignificação de conceitos e análises da construção da história da nação e das vivências da sociedade. Observa-se uma tentativa de neutralizar o pessimismo presente pela predestinação do país ao sucesso. Enfim, pregasse a formação de uma potência econômica e política entre as potências em âmbito mundial.

Diante desta perspectiva apresentada pelos militares enquanto governantes, grupos sociais, especificamente setores médios e a elite de centros urbanos, como também parte da população em geral, manifestaram posturas otimistas de forma distintas entre si, principalmente no período denominado “milagre econômico”. O significado do otimismo para alguns estava relacionado à predestinação do Brasil ao ingresso no quesito “país de primeiro mundo”, porém, em outros setores havia a expectativa de conseguir um emprego.

É importante analisar a propaganda política do Regime Militar, fazendo uma leitura, a princípio, de elementos como valorização da miscigenação, a crença na benevolência do povo, a ideia de nação associada aos princípios de coesão e da cooperação. A utilização desses elementos na propaganda tinha como objetivo inculcar na sociedade a crença de que a nação estava diante de um novo momento econômico, político, cultural e moral. Os problemas do povo brasileiro eram explicados sob a ótica da moral, procurou-se camuflá-los e dissociá-los do contexto socioeconômico vivenciados naquele momento, dando a partir de então respaldo, para a ação dos militares.

Assim, foram criadas pelos militares as agências de propaganda política sobre a ditadura, a Aerp (Assessoria Especial de Relações Públicas -1968) e a ARP (Assessoria de Relações Públicas - 1976), não surgiram com o fim de combate mecânico aos que se opunham ao governo ditatorial; tais assessorias procuravam criar ideias para toda sociedade, dando aos governos militares uma imagem positiva. As duas agências de propaganda, a AERP e a ARP implantaram uma propaganda que deveria ter alcance à “alma nacional”, despertar entre os brasileiros sentimentos nobres, amor à nação em que viviam solidariedade e cooperação com o país através do trabalho e do civismo.

Assim, o desafio proposto neste momento é tentar apresentar o Programa de Governo de Otávio Lage de Siqueira para o Estado de Goiás, tendo como fonte O Plano de Ação do Governo no triênio de 1968-70 e a obra Goiás Cinco Anos de Trabalho, lançada em 1971, em que Otávio fez uma explanação no contexto geral sobre seu governo e metas alcançadas. Também serão utilizadas para alcançar o objetivo proposto acima outras fontes, como: jornais da época e entrevistas.

2.6 - Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira

Tendo em vista a necessidade de planejamento dos recursos do Governo Federal e dos próprios recursos arrecadados em Goiás, o governo Estadual elaborou o seu Plano de Governo seguindo o imposto pela constituição do Estado de Goiás no artigo 32, parágrafo 4º, observe o que foi estabelecido:

Nenhum, projeto, programa, obra ou despesa, cuja execução se prolongue além do exercício financeiro, poderá ter verba consignada no Orçamento Anual, nem ser iniciado ou contratado sem prévia inclusão no orçamento plurianual de investimentos, ou sem prévia lei que autorize e fixe o montante das verbas que anualmente constarão do orçamento, durante todo o período de sua execução. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.15)

Assim, o Plano é criado com o objetivo de acelerar o crescimento econômico do Estado, buscando fazer mudanças em sua estrutura e ciente de que estas mudanças por mais desejosas que sejam não serão vistas pela sociedade em um curto espaço de tempo. O Plano objetivou primordialmente:

- 1- Realizar investimentos públicos de forma maciça na infraestrutura econômica e social;
- 2- Acelerar a industrialização do Estado de Goiás;
- 3- Aperfeiçoar a máquina administrativa e os serviços públicos oferecidos a sociedade.

Tendo um Programa de tamanha proporção para um Estado que ainda buscava vivenciar no seu cotidiano a modernização, o Plano é dividido em Metas setoriais na tentativa de facilitar a execução do mesmo. O Plano prevê maiores investimentos em Energia, Transporte e Educação, mas possuía metas setoriais definidas, como:

- 1- Agricultura e Pecuária;
- 2- Transportes;
- 3- Educação, Cultura e Transportes;
- 4- Energia;
- 5- Saúde e Saneamento;
- 6- Habitação;
- 7- Telecomunicações.

Para Otávio Lage, o Plano elaborado seria o começo de outros tempos para o Estado, pois ao assumir a administração permanecia junto de si o mesmo espírito empreendedor que o fez ser eleito. A partir de agora o **Chapéu atolado** tinha como meta levar o progresso ao interior de Goiás, como afirma sua mensagem escrita em 23 de Abril de 1968:

[...] o trabalho é fruto de uma filosofia de governo que busca plantar a civilização para o interior do país e abrir, às populações aqui fixadas ou a se fixarem, oportunidades reais de evolução material, social, cultural e espiritual. (Ofício de Mensagem. nº 16/68.)

Continuando a apreciação do então governador sobre o Plano de Governo, Otávio também o considera como uma nova fase para Goiás, mas afirma que é apenas o começo, pois outros projetos deverão dar continuidade a este, afinal, Goiás é um Estado que caminhou a passos lentos para o desenvolvimento, mas tem juntado de si condições que o tornarão forte com: solo fértil, água, clima, recursos naturais, terra agricultável, disponibilidade de minerais e energéticas. Sua mensagem confirma:

Naturalmente os anos de vigência do Plano não conseguirão o governo de não aflorar a solução de muitos de nossos maiores e mais fundamentais problemas comuns. Mas a iniciativa, acoplada a de outros no futuro, garantirá sem dúvidas a implantação, em Goiás, daquela nova era de prosperidade, de vida mais humanizada de trabalho mais produtivo. (OFICIO DE MENSAGEM. Nº. 16/68)

Não se abstendo do governo nacional e da forma como os militares conduziram sua administração, Otávio destaca em seu Plano de Governo parágrafos que descrevem sua simpatia e/ou representação política que o mesmo tinha no Planalto Central, aponta também que Goiás vivenciará o progresso propagado pelos meios de comunicação. Veja a colocação feita pelo governador:

A programação de serviços e investimentos do Governo Estadual é peça integrante de um planejamento neto mais amplo, consubstanciado na política do Governo Federal. No Estado, procuraram-se seguir a mesma orientação filosófica de ação que norteia as diretrizes do Governo Central, de sorte a dar continuidade e seguimento as medidas por ele preconizadas, numa tentativa de integrar quanto possível, as administrações nas duas esferas. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968,p.15)

Otávio Lage enquanto governador fez sua gestão coligada com dois importantes Presidentes da República Brasileira, Marechal Castelo Branco e Ernesto Geisel, em ordem sequencial. Há por parte do governo do Estado um bom relacionamento com os mesmos e muitos dos incentivos governamentais advindas do governo federal em muitos deles, Goiás é participativo, quanto à repressão praticada pela ditadura militar imposta a toda nação. Com relação a

Goiás, Rocha (1998) afirma que no governo de Otávio Lage a repressão militar não foi incentivada, observe:

Embora tivesse nos primeiros anos do regime militar, Otávio Lage não acentuou a repressão em Goiás, ou pelo menos não contribuiu pessoalmente para exacerbá-la segundo reconhecem seus adversários políticos da época, inclusive militantes de esquerda. (ROCHA, 1998, p. 105)

Na tentativa de apresentar a execução do Plano de Governo, o texto passará a ser exposto de forma linear para facilitar o entendimento. Otávio através de seus conhecimentos adquiridos a partir da gerência das terras do pai, de suas próprias terras e da prefeitura municipal de Goianésia, sabia que Goiás era um Estado rico em recursos naturais, mas tais qualidades não eram suficientes para o desenvolvimento da sociedade.

Diante dos fatos, era necessário fazer uma administração que trouxesse a principio aperfeiçoamento dos recursos que o Estado possuía e paulatinamente ir integrando o Plano de Governo a projetos específicos que vá modificar a estrutura de Goiás nos setores citados anteriormente. Para executar seu Plano de Governo, Goiás com seus 222 municípios na época foi dividido em 16 regiões e a partir delas foram criadas cidades pólos que já possuíam certo desenvolvimento econômico e social. Todas as cidades pólo receberiam recursos ou benefícios por parte do governo Federal ou Estadual, sendo que estes recursos seriam gastos em projetos pré-aprovados pelo Plano maior, que no caso é o vigente do período.

Conhecido posteriormente através dos meios de comunicação por apresentar na sua administração preocupação de levar meios de sobrevivência aos municípios que formam o interior de Goiás, Otávio coloca em uma entrevista:

Continuarei defendendo o que disse a 3 de Julho de 1965 no cine Goiânia no lançamento da minha candidatura a governador. Governarei da periferia para o centro em defesa do homem do interior. Esta é a grande motivação de todo líder de Estado rural, como é o caso de Goiás. (Jornal do Povo, 1966, p.03).

Seguindo a ordem dos setores a serem beneficiados pelo Plano de Governo citado anteriormente, tem-se a pecuária e a agricultura destacando-se em primeiro lugar. Não se pode deixar de dizer que nesses setores o governador possuía uma ampla bagagem de conhecimento, por isso, buscou fazer uma junção de prática com iniciativas governamentais, para tentar levar aos agropecuários e agricultores outras perspectivas de crescimento nesses ramos de atividade.

Celeiro do Brasil, Goiás será brevemente. Todos os prognósticos levam a crer nessa imensa possibilidade, porque é notável, o desenvolvimento da agricultura naquele Estado. O Governo atual, tudo tem feito em favor do homem que cultiva a terra, facilitando-lhe todos os meios de produção, e de modo notável o transporte e a colocação de produtos nos meios consumidores de todo o país. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p. 3).

A proposta do governo estadual seria a criação de cooperativas denominadas Ruropólis em pontos estratégicos das regiões de todo Estado, e a partir de então, disseminar recursos para a aplicação em desenvolvimento, tanto nas técnicas de plantio e colheita de grãos, quanto na forma de criação e engorda de animais. As Ruropólis seriam implantadas em locais de terras férteis e ao longo de trechos rodoviários que facilitassem o escoamento da mercadoria. As regiões beneficiadas foram:

Em Goiás as zonas que permitem localização deste tipo são as servidas pela rodovia Brasília-Belém (BR-153) nos trechos de Jaraguá ao Rio São Patrício e entre Colinas e Araguaína, pela Rodovia BR-452 em vários trechos de Itumbiara e Jataí, pela BR-070 entre Jaraguá e Itaberaí e entre Uvá e Aragarças, pela rodovia estadual GO-03 entre Turvânia e Israelândia, pela GO-04 entre Goiânia e Itaberaí pela rodovia estadual GO-05 entre Goiânia e Goianésia. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.163)

Após a escolha dos cinco núcleos da Ruropólis, todas receberiam do Estado condições para plantação e criação de animais. Segundo estimativas, cada núcleo teria 3000 ha de áreas agricultáveis e 3000 ha de pastos, sendo que o último seria fornecedor de esterco para adubação das terras. A proposta destas cooperativas seria levar aos produtores disciplina na produção e

orientação de aplicação de recursos, outro aspecto a ser pontuado, é que dentro destas cooperativas seriam criadas escolas rurais para os filhos dos colonos e cursos técnicos que aperfeiçoassem os camponeses. Sendo assim:

Os fatores econômicos e financeiros têm de serem previamente estudados e garantidos recursos suficientes não só a implantação da cooperativa, mas também ao custeio dela até que sua produção tenha atingido níveis satisfatórios. O planejamento e direção é outro fator importante, o homem rural não tem hábitos cooperativos e nem segue atividades programadas. A cooperativa agrícola tem que educá-los para a vida comunitária. E a educação é indispensável ao progresso e merece destaque assistência técnica a lavoura. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.163).

A criação dessas cooperativas é alicerçada pelo espírito de governo implantado pelos militares os quais tinham como meta divulgada na imprensa, a iniciativa de levar o progresso as demais regiões do país, dentre elas, o Estado de Goiás. Ao mesmo tempo, prega-se a importância da formação de uma nação em busca de crescimento em todos os setores da sociedade. Com metas estabelecidas e sendo algumas delas semelhantes as do governo de Vargas; nota-se que os militares diferenciam-se pela presença maciça de capital estrangeiro, que respalda o milagre econômico vigente no país. O Plano de Governo trabalha o tempo todo com esta visão militar disseminada pela imprensa. Veja:

A instalação de cooperativas é o meio mais eficaz para colonizar o país, feita com critério e com êxito, criara força contagiante e se reproduzirá aos milhares. A ação coordenada num programa de colonização, concebido em escala nacional, pode conduzir a solução do problema do pleno emprego as populações marginalizadas... Fortalecendo o homem e promovendo o verdadeiro desenvolvimento econômico que tem como objetivo único o progresso e o bem estar social de todo. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968,p.163)

Otávio Lage, em suas fazendas, primou pela constância do desenvolvimento, pela utilização de novas tecnologias, tendo consigo a busca incessante pela mudança; sabedor de que esta só viria com a transformação do arcaico presente na maioria dos campos de Goiás. Através das

cooperativas buscou por meio de técnicos e da utilização de instrumentos mais avançados levar a modernização ao campo. Em cada cooperativa estabeleceu ensaios e experiências de várias naturezas, tentando a todo o momento sair do empirismo tradicional e de pouca remuneração.

No Plano de Governo é estabelecida a presença técnica, a análise do solo, a fertilização, proteção contra erosão, o uso de sementes selecionadas, aplicação de inseticidas, irrigação, colheita, secagem e outros. Nota-se que estas regras a serem seguidas são padronizadas e estabelecidas pela Revolução Verde, citada no capítulo anterior. Elas vêm transformar o campo e conseqüentemente as técnicas rurais. Enfim, ou Goiás passava a vivenciar novas experiências trazidas pelas necessidades impostas pela modernidade, ou não sairia da visão estabelecida desde outrora, como um estado em situação de atraso quando comparado às regiões mais desenvolvidas da nação.

Tendo a forma de produção estabelecida, o governo passa a partir de então, a criar outra assistência necessária, que são os armazéns gerais, silos ou centro de abastecimento e comercialização, a fim de garantir aos produtores negócios rentáveis e estímulos para continuar a produção nos anos seguintes. Isso é observado quando o governo traz para o campo a ampliação das técnicas utilizadas através da criação de laboratórios, campos experimentais, escolas de formação de técnicos de nível médio e melhoramento das vias de transporte.

A formação de cooperativas de produção agrícola orientada, pode ser o meio de colonização de vastas zonas pouco povoadas...dando maior conteúdo científico a agricultura, facilitando pelo adensamento, pela profilaxia, permitindo a alfabetização e a educação, coordenadas e controlando a distribuição e a venda, podem as cooperativas dar ao meio rural um aspecto novo. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.163)

Na tentativa de ilustrar a aplicação de recursos feitos pelo governo através do Programa de Agricultura e Pecuária no Estado de Goiás, observe o quadro abaixo:

Aplicações Específicas do Governo Estadual de Goiás de 1968-1970

Especificações	Aplicação em \$ 1968	Aplicação em \$ 1969	Aplicação em \$ 1970	Aplicação em \$ Total
Administração geral	238.380,00	33.700,00	467.200,00	1.039.280,00
Construção da sede própria da Secretaria de agricultura	250.000,00	-----	50.000,00	300.000,00
Instalação do laboratório de sementes	100.000,00	-----	-----	100.000,00
Atividades do fomento vegetal	997.931,96	-----	-----	997.931,96
Construção e equipamentos de 35 agências rurais	246.000,00	374.000,00	451.000,00	1.071.000,00
Fomento à produção animal	512.148,16	1.500,000	2000.000,00	4.012.140, 16
Extensão rural	406.250,00	300.000,00	600.000,00	1.306.250,00
Serviço de colonização	580.000,00	600.000,00	800.000,00	1.980.000,00
Assistência ao cooperativismo	36.887,64	50.000,00	100.000,00	186.887,64
Levantamento e prospecção de minerais	229.198,88	200.000,00	200.000,00	629.198,88
Fundo de economia rural	600.000,00	800.000,00	1000.000,00	2.400.000,00
Aplicação da frota de veículos	600.000,00	400.000,00	500.000,00	1.500.000,00
Equipamentos de Ginásios Agrícolas	30.000,00	150.000,00	500.000,00	680.000,00
Serviços auxiliares e complementares	233.077,69	200.000,00	300.000,00	733.077,69
Atividades em convênio com a SUDAM	-----	400.000,00	560.000,00	960.000,00
Aplicação Anual	5.839.847,33	8.357.700,00	11.478.200,00	25.675.774,33

(Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.166).

A segunda meta a ser alcançada pelo Plano de Governo está no setor de transporte, que para Goiás é de suma importância a fim de que se impulsione o seu desenvolvimento econômico. O melhoramento dos transportes promoveu o comércio e o intercâmbio entre os núcleos habitacionais das diversas regiões goianas. No governo de Otávio Lage, a rede de transportes carecia de mais atenção, por isso, buscou-se fazer um empreendimento eficaz, para tanto, foi realizado, a princípio, foi um levantamento de todo o Estado. Além disso, as cidades onde estavam situadas as cooperativas tiveram suas estradas aperfeiçoadas e muitas outras foram criadas neste governo.

A política do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem deveria ser substancialmente alterada para as grandes rodovias interestaduais que devem suportar cargas por roda superior a 5 toneladas... E com adequamento dimensionado das bases a capa de pavimento poder-se-a, em alguma esfera, ampliar a capacidade das estradas bem além das atuais limitações para tráfego das rodovias federais. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.179)

Também foram firmadas alianças nesse período entre Estado e Município, com o objetivo de ampliar a melhoria das estradas em muitas cidades do Centro-Oeste. O governo estadual criou o Consórcio Rodoviário Intermunicipal, cuja prioridade seria a de construir e conservar as estradas municipais. Assim, muitas estradas que não passavam de “caminhos carroçáveis” ganharam nova forma, tornando-se transitáveis e estabelecendo uma ligação maior com outras regiões. O quadro abaixo esclarece o que foi investido pelo governo na construção de estradas varias cidades de Goiás. Observe:

Cronograma de Pavimentações de 1967-1969

Participação do Governo de Estado	Implantação definitiva km	Grade provisória km	Pavimentação km	Total km
1967	146	360	769	1275
1968	184	541	947	1672
1969	139	628	1344	2121

(Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.200).

Analisando-se o quadro anterior, percebe-se que havia por parte do governo uma atenção voltada para melhoria da rede rodoviária do Estado. Sabe-se também que o incentivo dado ao agricultor e ao aumento da produção rural só teria lucratividade a partir do momento que a produção tivesse facilidade de escoamento. Outro ponto a ser observado, é que o progresso chega ao interior de Goiás somente após a estruturação de suas estradas, pois, há primeiramente a necessidade de facilitar-se a ligação entre os municípios com as demais regiões e com as cidades mais estruturadas no campo socioeconômico.

Grande número de rodovias construídas e em execução em Goiás, por si só justificam plenamente o governo. Nem é preciso citar as mais de 150 pontes já prontas e em construção_ algumas com mais de 250 m de extensão_ e o trabalho de conservação e melhoria da rede rodoviária existente no Estado. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p. 3)

O Jornal Diário de Notícias (1968) trouxe como manchete principal em suas páginas de novembro, uma matéria específica e analítica do governo de Otávio Lage. Na referência intitulada “Goiás Explosão de Progresso”, se lê desde o início um diagnóstico do perfil do governador do Estado, em que é destacada sua atitude inovadora na forma de administrar, bem como a visão desse político quanto ao progresso em Goiás.

Posicionando-se como um homem além de seu tempo, Otávio faz de seu governo uma administração voltada para a realidade em que Goiás vivia e busca através da implantação de medidas gerenciais, levar mudança a setores estratégicos para a modernização e crescimento de Goiás. O Jornal Diário de Notícias faz a seguinte referência:

Hoje, como que por força de um determinismo, está à frente do Governo de Goiás, um homem perfeitamente integrado em sua época, inteiramente dentro de seu tempo. [...] é o administrador que tem compreendido, em toda linha à hora de sua terra. Espírito prático, conhecedor da realidade goiana, vem dotando seu Estado de obras básicas que vinha carecendo. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p.2)

No término de seu mandato, Otávio faz grandes referências sobre o mandato exercido como governador de um Estado que caminha em busca de mudanças em todos os setores da sociedade. Em seus discursos é perceptível a otimização de um homem que buscou a sua maneira contribuir para o crescimento e para mudanças. Como ele mesmo afirmou Goiás não era mais o mesmo de cinco anos atrás, muitas coisas haviam sido mudadas, as distâncias já não eram tão longas ou penosas.

[...] O Estado hoje possui mais estradas. As distâncias foram diminuídas e o norte ficou mais perto, a agropecuária já sente o governo não apenas através dos talões de impostos, alegro-me por tudo isto..." (REVISTA CINCO ANOS DE TRABALHO, 1971,p.2)

A próxima meta estabelecida pelo Plano de Governo de Otávio Lage e a Educação e Cultura. Nesse momento, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Goiás possuía no ano de 1965, 580.000 crianças em idade escolar, das quais, apenas 276.000 estavam matriculadas, sendo muitas vezes sendo atendidas de forma precária. Outro dado apontado pelo IBGE, é que destas crianças matriculadas, mais de 40.000 evadiram das escolas e não concluíram o ano letivo. Segundo o mesmo instituto, uma das explicações encontradas para esta evasão escolar seria a grande mobilidade da sociedade, principalmente na zona rural.

É salutar lembrar que Goiás continuava até o momento sofrendo grandes migrações de pessoas vindas de outras regiões do país, principalmente do norte. No ano de 1970, Goiás possuía mais de 840.000 crianças em idade escolar, diante de tal situação, o governo estadual estabeleceu metas que deveriam reorientar o ensino oferecido pelo estado, buscando construir mais escolas, e conseqüentemente, ampliar as matrículas, os equipamentos e aparelhos necessários para essas escolas e para as demais instituições escolares desprovidas de material. Outra ação seria a realização de concursos com o intuito de suprir e as vagas existentes para profissionais ligados à área da educação.

Com estas medidas é de se esperar que a evasão da escola venha sofrer redução no seu índice, cuja causa principal é a condição

econômica de grande parte da população. A adaptação do currículo escolar as necessidades do meio, aperfeiçoamento da formação dos professores, planejamento educacional são metas a serem colimadas. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.200)

No fim de seu governo, segundo o Jornal Diário da Manhã (2006), Otávio havia construído mais de 1.400 salas para o Ensino Primário, 180 salas de Ensino Médio, duas unidades escolares de Ensino Técnico, foi fundada a Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis, além da construção de dezenas de escolas por todo o Estado. Além dessas obras na área da educação, seu Plano de Governo se destacou na área dos esportes um grande investimento como a construção de varias praças de esporte por todo Estado e a construção do Estádio Olímpico. Justificando tal afirmação:

Edificando duas salas de aula por dia, desde o início do seu governo, incentiva a luta contra o analfabetismo e, ajudando a agricultura com inclusive com a revenda de máquinas, vem melhorando as condições de vida na zona rural. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p.2).

A quarta meta estabelecida no Plano de Governo diz respeito à Energia. A primeira termelétrica de Goiás foi montada por Joaquim Guedes e Amorim no ano de 1918 na cidade de Goiás e a segunda foi montada pelo Dr. Jalles Machado, pai de Otávio Lage na cidade de Buriti Alegre. Com o passar dos anos, várias empresas de pequeno porte passaram a gerar energia para algumas cidades de nosso Estado, mas somente em 1955 pela Lei Estadual e nº 1087 é que foi autorizado a funcionar as Centrais Elétricas do Estado de Goiás (CELG), que desde sua criação vem traçando novos caminhos por todo o Centro-Oeste. A partir de sua criação, a CELG até o momento da posse do governo de Otávio Lage, já tinha alcançado mais de 63 municípios goianos, contudo, como no Estado havia mais de 200 municípios, ainda restava muito a se fazer para que a energia chegasse a todos.

As centrais Elétrica do Estado de Goiás já entrou em ressonância com o desenvolvimento de Estado. Seus planos estão, agora em perfeita sintonia com as necessidades presentes na economia, tanto no que tange a sua base que é a exploração agropastoril, como num plano de eletrificação rural. Que só encontra similares em outros três

Estados do país. (...) meta primordial de o governo atender os consumos urbanos, mediante uma ampliação considerável de suas redes. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p.2)

No governo de Otávio Lage foram estabelecidas metas ambiciosas para levar energia para as cidades mais distantes de Goiás. Assim, o governo investiu na finalização da segunda etapa da construção da Usina de Cachoeira Dourada e na construção da Usina Hidroelétrica de Lage, situada no rio de mesmo nome, próxima a cidade de Araguaína, hoje Estado do Tocantins. Tais obras eram financiadas com recursos do próprio Estado, Governo Federal e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento através de empréstimos. Na tentativa de visualizar o que isso significa para o Estado de Goiás, apresenta-se um quadro demonstrativo.

Difusão em Km de Energia Elétrica no Estado de Goiás de 1968-1970

Anos	Linha de transmissão	km	Número de cidades
1968	240	910	62
1969	240	972	18
1970	240,3	579	20

(Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.214).

A inauguração da segunda etapa da Usina de Cachoeira Dourada é marcada por muitas festividades, contando com a presença do Presidente da República, Marechal Costa e Silva. Em uma mensagem deixada pelo governador, Otávio ressalta a importância da mesma para Goiás, destacando que a produção passa de 45 mil HP para 138 mil kW, e, além disso, Goiás passaria de comprador a vendedor de energia para outros Estados do Brasil.

A inauguração, hoje do segundo estágio da Hidrelétrica da Cachoeira Dourada é acontecimento digno de ser efusamente saudado por todos aqueles que lutam pelo desenvolvimento do país. Folgamos em registrar que dois terços do monumental empreendimento foram realizados por nossa administração [...] Caberá a mercê de Deus, iniciar a terceira, em nova arrancada pela ampliação de nossas possibilidades energéticas.
(Jornal O Popular, 1968, p16)

Segundo o jornal citado acima, Otávio é considerado um político de grande prestígio, não só no Planalto Central, mas também em outros estados

brasileiros. Inclusive, vários governadores do Brasil estiveram presentes na inauguração da Usina Cachoeira Dourada. Segundo o Governador de Goiás, a partir desse momento, Goiás estava dando um passo em direção a modernização, pois, a eletricidade chegaria aos demais municípios levando possibilidades de desenvolvimento econômico e social. A importância da Usina chega a ser comparada a Revolução de 1964. Veja:

Cachoeira Dourada passou a ser depois da Revolução de Março de 1964 para o governo e para o povo, os operários e os responsáveis pela CELG, a grande Marcha para o futuro, a grande marca de uma atividade. (Jornal O Popular, 1968, p16).

A saúde e o Saneamento eram outros fatores presentes no Plano de Governo. Segundo os dados oferecidos por Lage em 1966, Goiás tinha 147 municípios que ainda não possuíam médicos, quanto mais uma infraestrutura própria para abrigar os doentes. Consta que a falta de médicos não é decorrente somente pelo atraso socioeconômico de alguns municípios do estado, mas também pela falta de profissionais habilitados para exercer o ofício.

Em 1964 havia em Goiânia 821 estudantes do sexo feminino matriculado nos diversos cursos superiores, das quais apenas 13 cursavam enfermagem. [...] acresce notar que muitas das melhores enfermeiras e auxiliares formadas em Goiânia transferem-se para outros Estados, atraídas por melhores condições de trabalho e de remuneração. Essa evasão agravou-se com o advento de Brasília. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.214)

As doenças de destaque em Goiás nesse período possuíam aspectos de subdesenvolvimento, pois as doenças que assolavam o Estado eram: verminoses, malária, chagas, tuberculose e outras. Nota-se que estas doenças possuem cunho de falta de assistência social, falta de saneamento básico, má alimentação e precárias condições de vida. Um Estado de grande extensão territorial, em que parte deste território vazio ou de pouca demografia torna-se difícil sanar o problema da saúde de forma rápida. Era necessário fazer investimento e o governo fez, mas sem grandes proporções, tendo em vista a mudança do quadro geral apresentado.

Durante sua administração, Otávio construiu o Centro Materno Infantil, o Hospital Benfigo de Goiânia, amplia a Colônia Santa Marta, o Hospital Osvaldo Cruz, o Centro de Saúde de Anápolis, além de outras unidades que são equipadas ou até mesmo ampliadas por todo o Estado de Goiás.

O saneamento em Goiás também apresentava um quadro crítico. No ano de 1966 encontrava-se da seguinte forma:

Investimentos em Saneamento básico em 1966

Especificação ano de 1966	Número de cidades
Serviço de Água	26
Serviço de Esgoto	05
Total de cidades	222

(Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.381).

Com o objetivo de tentar ampliar o saneamento básico aos demais municípios do Estado fundou-se a SANEAGO (Saneamento de Goiás S.A) uma sociedade de economia mista, incumbida de traçar e desenvolver a política estadual de saneamento. Tornou-se um desafio para o governo, conforme o quadro exposto, superar os obstáculos que prejudicavam a sociedade e delimitavam a chegada do progresso diante de ações deliberativas para com povo.

O primeiro, isto é, a resistência a idéia de pagar a água será vencida, na medida em que o conceito de que a água é gratuita, for substituída pelo pagamento da construção dos sistemas de abastecimento da água, pois não havia mais doações e sim financiamentos. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.382).

Nota-se que a iniciativa de se fazerem mudanças na forma de gerir os recursos advindos da SANEAGO, significou nesse momento a quebra de vivências paternalista, ou seja, para trazer o progresso era necessário fazer rupturas. Otávio Lage de Siqueira era um homem que vivia de ideais, sendo que estes eram permeados a todo instante por mudanças; levar a transformação para uma determinada classe em números maiores do que já estava acostumado a fazer, era um obstáculo a ser vencido.

O obstáculo político decorre do fato de que se receia cobrar taxas reais para não desagradar o povo. O obstáculo financeiro consiste na insuficiência de recursos, uma vez que as dotações não correspondiam às necessidades dos municípios. Há sem dúvida uma inter-relação direta entre estes três fatores. A carência de capitais para serem investidos em saneamento é consequência da cobrança de taxas irreais que, por sua vez, não eram majoradas devido ao obstáculo político. (Plano de Ação do Governo Otávio Lage de Siqueira, 1968, p.383).

Assim, no ano de 1967, pela Lei de nº 6.680 criou-se o Fundo de Saneamento, constituídos dos seguintes recursos:

I - dotações orçamentárias;

II - juros de recursos de fundos;

III - recursos não reembolsáveis oriundos da União;

IV - reversão destas quantias a SENEAGO, que financiou a construção dos serviços de água e esgoto por todo o Estado.

Segundo Maia (2005), em 1970 havia mais de 33% da população urbana do Estado beneficiada com a rede de tratamento de água e esgoto no Estado de Goiás. Este benefício veio através da construção realizada por completa em algumas cidades ou bairros da capital, ou através da ampliação da rede já existente. Diante da situação precária em que Goiás se encontrava no início de seu governo, é que Otávio declara na mensagem de despedida as seguintes falas:

A energia chegou às pequenas cidades do interior e acordou as fazendas, ampliaram as portas do saber, em mais escolas para a infância e juventude, há mais recursos de atendimento ao povo, na saúde pública que buscou também o norte desamparado, mas me algo ao verificar que há paz em meu Estado. (REVISTA CINCO ANOS DE TRABALHO, 1971, p.02)

Quanto à habitação, o governo do Estado de Goiás foi beneficiado com a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), que através de empréstimos e incentivos oferecidos através da Caixa Econômica Federal e CAIXEGO, trouxe ao povo facilidades para adquirir a casa própria. Em relação às casas doadas pelo governo foi criada a CHEGO (Companhia de Habitação do Estado

de Goiás), que fez um levantamento sobre os municípios que serão beneficiados pelo programa.

Após estudos realizados, o governo decide beneficiar 65 municípios com seu plano de habitação, sendo esses municípios já dotados de um pequeno desenvolvimento e com uma demografia comprovadamente estando em ascensão. Dentre as cidades beneficiadas, tem-se: Jataí com 200 casas, Rio Verde com 260 casas, Santa Helena de Goiás com 100 casas, Goianésia com 150 casas, Pontalina com 100 casas, Paraíso do Norte de Goiás com 100 casas, Carmo do Rio Verde com 100 casas e outras mais.

Financiamentos de indústrias de material de construção de redes de abastecimentos de água em 60 cidades do interior goiano. A CAIXEGO obteve no exterior – contrato já assinado – recursos para aquisição de máquinas rodoviárias e agrícolas para serem financiadas as prefeituras e agricultores. O financiamento será feito de 100% no prazo de cinco anos. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p.4).

Por mais que Otávio Lage estivesse com seu governo voltado para o interior de Goiás, muitos periódicos destacam também sua preocupação com o desenvolvimento da capital e a importância com a mesma. Durante sua administração, percebe-se a construção de uma série de edifícios e aprimoramento na infraestrutura de habitações mais planejadas. Segundo o Jornal Diário de Notícias (1968), o Governo goiano consolidou em obras realizadas até o presente momento dezenas de edifícios aumentando em até 200% os depósitos da CAIXEGO com relação às empresas particulares.

Goiânia, ao se expandir, aumenta expressivamente a população que requer um aceleramento de atividades dos órgãos da administração estadual. Acredita-se que haverá em Goiânia uma população no ano de 1980 de mais de um milhão de habitantes. (Jornal Diário de Notícias, 1968, p.3)

E por fim, Otávio também se preocupou com as telecomunicações que ainda atingiam o Estado em pequena escala na década de 60. Para se ter uma visão da situação quanto às telecomunicações, em 1965, dos 221 municípios de Goiás, somente 43 possuíam acesso ao serviço telefônico. A cidade mais bem servida era Goiânia, que possuía uma média de 3,5 telefones para cada 100 habitantes, segundo estimativas do governo.

Com objetivo de aumentar esses recursos aos demais municípios do Estado, e claro, a mais pessoas da capital, o Plano de Governo buscou meios na própria empresa de telefonia EMBRATEL e no Fundo Nacional de Telecomunicação. Assim, foram construídas dezenas de linhas telefônicas em convênio com prefeituras que ainda não possuíam o benefício, além de aumentar o número de equipamentos a serem oferecidos para os habitantes da capital. Exemplifica-se que em Goiânia no ano de 1969 já se possuía a ampliação de mais de 3.000 terminais eletrônicos e Anápolis possuía mais de 1000 terminais. Rocha faz a seguinte argumentação sobre a gestão Otávio Lage de Siqueira:

O balanço do governo de Otávio Lage sob o ângulo estritamente administrativo, principalmente quanto à realização de obras, tanto resultou positivo que ele ficou com fama de tocador de obras, expressão que surgia neste período. Tinha comando sobre a equipe, exigia dela dedicação, o que ajudou na produção dos resultados positivos no plano de obras públicas. (ROCHA, 1998, p. 105)

Muito se buscou fazer por Goiás durante os anos de 1966 a 1970, período que corresponde ao Governo de Otávio Lage, homem eleito pelo povo goiano e conhecido por este povo como “Chapéu Atolado”. Nota-se que durante toda sua administração, Otávio buscou o desenvolvimento, o progresso; percebe-se que havia uma preocupação em diminuir as distâncias entre os municípios de Goiás, sendo que em muitas cidades goianas, era quase impossível trafegar. Vale lembrar que o estado do Tocantins fazia parte do espaço geográfico de Goiás, como aquele era isolado geograficamente para o período analisado, como estava distante da sua capital, apresentava municípios esquecidos, e o governador ciente, como disse em certo momento durante um depoimento:

Eu achava que o pessoal do norte, depois tinha uma estória também que eu estava preso a ela, que era a Anápolis – Brasília, que era um projeto de papai, que fez a integração realmente do Estado, a gente tinha uma obrigação com o norte [...] nunca via o governo do Estado, porque o governo do Estado parece que desconhecia, mas com a implantação da Belém- Brasília mudou todo o sistema, quer dizer fez uma coluna vertebral para Goiás e tinha que lembrar que essa era uma região nova. Se você ver que as ramificações que foram feitas no norte, praticamente eram estradas pioneiras (ROCHA, 1998, p. 108)

Otávio Lage nada tinha de “Chapéu Atolado”, era apenas um homem que por onde chegava buscava fazer mutações, atitudes intrínsecas de sua personalidade; o chapéu era só um companheiro de horas de trabalho em suas fazendas, quando ali estava, esquecia-se das políticas e entregava-se a sua paixão, ver o progresso no campo, ver a mudança na cidade que tanto buscou incentivar de forma direta ou indireta para o crescimento. Desse modo, entende-se o que foi dito através de um fragmento pronunciado em seu discurso de despedida do governo:

Estou voltando para casa, para o meu trabalho de fazendeiro e lavrador, para o convívio dos homens simples que amam a terra, volto de onde vim há cinco anos convocado pelas urnas. Volto para sentir o cheiro generoso da terra nas madrugadas chuvosas, para contemplar os arrozais que se perdem nas distancias, o oceano verde das culturas sem fim, das lavouras de soja e algodão. Volto para ouvir nas manhãs da fazenda as vozes dos peões e o mungir dos bezerros, o canto dos pássaros e o ronco motorizado dos tratores. (REVISTA CINCO ANOS DE TRABALHO, 1971, p.2).

Otávio regressou para Goianésia e em muitas entrevistas concedidas ao final de seu mandato e até posteriormente a esse período, o ex-governador defendia a ideia de que já havia contribuído para Goiás dentro da política, e que seu retorno ao legislativo não era hipótese a ser considerada. Buscando dedicar-se cada vez mais à criação de gado e na agricultura de cereais, o ex-político se ausenta do cenário político até o retorno da democracia no país.

CAPÍTULO III

3 – Sob as asas da agro-indústria - lugar privilegiado do sucesso da Revolução Verde

Sabe-se que a produção açucareira no Brasil é datada desde a colonização e a mesma perdura a atualidade, tem em sua origem a presença do Estado como mediador e incentivador da sua produção em larga escala. Neste momento do texto, se fará referência à importância desse tipo de agricultura a partir da década de 30, em que Goiás foi inserido em um contexto nacional através de alguns fazendeiros, participou de forma direta na plantação da cana e utilizou para esse intento benefício governamental.

Em 1933, o governo federal criou o IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), com o objetivo de controlar a produção e comercialização do açúcar e seus derivados, além de fazer a manutenção de preços para proteção da balança comercial diante do mercado estrangeiro. Assim o IAA determinou a criação das cotas, que seriam distribuídas entre as unidades produtoras, buscando a todo o momento manter a produção sobre um rígido controle.

O decreto da criação do IAA não deixa dúvidas sobre os principais objetivos que presidiram a sua criação:

- a) assegurar o equilíbrio do mercado interno entre as safras anuais de cana e o consumo de açúcar, mediante a aplicação obrigatória de matéria-prima, a determinar a fabricação de álcool;
- b) fomentar a fabricação do álcool anidro mediante a instalação de destilarias centrais nos pontos mais aconselháveis, ou auxiliando as cooperativas e sindicatos de usineiros que para tal fim se organizarem, ou os usineiros individualmente, a instalar destilarias ou melhorar suas instalações atuais. (PIETRAFESA, 1995, p.49)

Após ter o controle da produção açucareira no país, o governo federal lançou o Programa Pró-Álcool, com o propósito de diminuir os reflexos da crise do petróleo. O Programa foi criado em 14 de Novembro de 1975 pelo Decreto

Nº. 76.593. O Sistema de Informações Energéticas INFOENER (2007), salienta que o Brasil comprava 80% do petróleo consumido. Sendo assim, o Programa possuía viabilidades para alcançar sucesso, mas sem apresentar grandes margens de lucros é necessária a criação de alternativas que alimentem a manutenção da produção açucareira e o consumo da mesma. É importante neste instante pontuar que não será feito uma análise aprofundada sobre o programa, pelo fato do mesmo não ser o ponto central dos objetivos estabelecidos.

Em 1980, com o objetivo de incentivar a continuação do programa, o Governo Federal autorizou que fosse feita a mistura MEG, em que 60% de etanol hidratado são misturados a 34% de metanol e 6% de gasolina. Após esta convenção, o Brasil passa a ser obrigado a realizar importações de etanol e metanol para garantir o abastecimento do mercado nacional, e conseqüentemente, garantir a permanência do Programa em questão. Pietrafesa (1995) faz a seguinte ponderação:

O Pró-Álcool merece um breve destaque, pois teve repercussões significativas em vários campos, principalmente nos aspectos econômicos e sociais para o setor sucroalcooleiro. Desempenhou também, um papel decisivo na modernização tecnológica da agricultura (PIETRAFRESA, 1995, p.27)

No ano de 1997, o Governo Federal toma medidas que passa a consolidar a produção dos derivados da cana, principalmente na área de combustível. No dia 21 de Agosto de 1997, por meio de um Decreto, é criado o Conselho Interministerial do Açúcar e do Álcool-CIMA, elevando o percentual de adição do álcool etílico anidro, combustível a gasolina de 22% até 24%. Esta medida governamental simboliza a influência e a força que os usineiros possuíam no governo. A famosa bancada ruralista representa políticos que são eleitos pelo financiamento oferecido aos candidatos nos períodos eleitorais.

Atualmente, a produção do etanol é incentivada em larga escala pelo governo. Utilizando-se o bagaço da cana, buscou-se primeiramente o desenvolvimento do setor energético do país, por meio do etanol e da geração de energia elétrica. Num segundo momento, tem-se a questão ambiental, especificamente o aquecimento global, e ao chamado efeito estufa. Diante da

realidade, o etanol é apresentado como um combustível “ecologicamente correto”

Goiás como outros estados brasileiros têm se destacado na produção sucroalcooleira, pois a realidade da nação quanto ao consumo destes produtos, incentivos fiscais e modernização das estruturas das usinas hoje, simbolizam um negócio promissor, como afirma o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás:

Vivemos um momento ímpar na história do desenvolvimento econômico e social, principalmente em termos de industrialização, com o setor sucroalcooleiro, grande gerador de empregos, se destacando neste aspecto. São 15 usinas em funcionamento e expansão, produzindo 760 milhões de litros/ano de álcool. Com estímulo mais recente, seu ICMS foi reduzido de 26% para 15% [...] (FERREIRA, 2007, p.1).

Com isso, o setor sucroalcooleiro ganha destaque e espaço, principalmente com a potencialidade oferecida para a criação de energia elétrica, através do processo de co-geração do bagaço deixado pela cana após ser moído o caldo. Segundo informações oferecidas pelo Plano Nacional de Agro energia, tem-se:

Para o segmento sucroalcooleiro, os resíduos que podem ser utilizados na produção de eletricidade são o bagaço, as pontas e folhas, e o vinhoto. Alternativamente, a cogitação dentro das próprias usinas e destilarias; insumo para volumoso de animal; fabricação de papel de bagaço; fabricação de elementos estruturais; e hidrólise para produção de álcool. (Plano Nacional de Agra energia, 2005, p.81).

Ainda na década de 80, o Pro álcool, incentiva o desenvolvimento de mais destilarias pelo país e aperfeiçoamento das já existentes, aumentando as áreas plantadas de cana e desenvolvimento das técnicas e da qualidade da produção. Nas safras do ano de 1983-1984 percebe-se que há um aumento considerável de lavouras e destilarias na região Centro-Oeste do país. É a partir de então que nasce uma das usinas do Estado no município de Goianésia. Trata-se do Complexo Jalles Machado, sendo este o eixo central deste estudo aqui proposto. Nota-se que a partir do momento em que é idealizada a formação da destilaria até a atualidade, ocorrem transformações do município nos campos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Destaca-se que no momento que se observa a presença de elementos modernizantes na cidade de Goianésia, também é perceptível a mudança de comportamento daqueles que irão vivenciar as consequências da chegada da modernidade. Desde as coisas consideradas menos relevantes, até a organização político-social acontece a transformação, e esta chega devagar e aos poucos vai fazendo parte do cotidiano das pessoas que ali habitam.

3.1 - A chegada do Pró-Álcool à Goianésia

A busca pelo desenvolvimento local não substituiu a ação do mercado ou a ação do Estado, mas acrescentou ao município, muitas vezes, formas e estratégias para o desenvolvimento.

A essência do desenvolvimento de uma determinada cidade está fundamentada no desenvolvimento de sua economia, por isto a de considerar-se a presença do Grupo Otávio Lage na estruturação da economia de Goianésia. A legitimação do poder de influência do ex-governador na região e em específico no município é fruto da credibilidade que este alcançou durante o período que esteve à frente das administrações públicas: prefeitura e Estado.

Anteriormente³³ foi demonstrado que a cidade de Goianésia tem seu primeiro ciclo econômico voltado para a produção de café, que após alguns anos de colheita entra em processo de decadência, levando os fazendeiros da região a voltar sua produção para plantação de grãos e para pecuária. Com a chegada da mecanização a partir do ano de 1975, como nos mostra Menezes (2000), percebe-se uma redução na produção de grãos motivada por falta de variedades com resistência a doenças e incentivos governamentais, o município sofre o êxodo rural, e em consequência, a cidade aumenta com crescimento da população, oriundas da fazenda. Atualmente, a produção de café e grãos é inexpressiva para a economia do município, o que se observa é a presença maciça de quilômetros de hectares de plantações de cana e criação de gados, sendo que grande parte destes, são criados em confinamentos.

Diante da crise que se instala no município, devido ao aumento do contingente populacional e a insuficiência nos números de empregos para a

³³ Explicação realizada no segundo capítulo sobre a formação socioeconômica de Goianésia.

população local, Otávio Lage busca apoio de amigos e da prefeitura do município, que no período estava sendo administrada pelo seu filho Jalles Machado na tentativa de inserir Goianésia no projeto governamental federal Pró-Álcool.

O lançamento do Programa Pró-Álcool chamou sua atenção, pois como um agricultor de grande renome no Vale São Patrício e detentor de conhecimento sobre a fertilidade das terras que possuía, Otávio busca saber mais sobre como funcionaria o programa, e passa a partir de então, a organizar-se para ser beneficiado pelo mesmo.

O começo deste empreendimento é datado de 1979, quando Otávio Lage de Siqueira propõe em uma reunião com fazendeiros da região e alguns empresários conhecidos, a fundação de uma Usina de álcool na cidade. Segundo seu filho Jalles Machado, a ideia foi lançada para o grupo e a execução caminhou de forma rápida. Em consenso foi decidido à instalação da usina em uma das fazendas pertencentes a Jair Lage, irmão de Otávio e um dos 22 sócios da empresa a ser fundada. Criou-se nesse mesmo período uma cooperativa de agricultores de cana que plantariam e venderiam a matéria prima para a usina.

Como já foi citada anteriormente, a distribuição das cotas é realizada pelo governo federal e Otávio as recebe após preencher todos os requisitos necessários. Sendo assim, em 1980 é fundado a Goianésia Álcool, que é criada com objetivo de trazer ao município uma nova dinâmica para a economia e geração de emprego. A rapidez para a aprovação do projeto da fundação da Usina e aquisição das cotas oferecidas veio através de um amigo de Otávio, o ministro de Minas e Energia Aureliano Chaves, que em entrevista ao Jornal O Popular de 1980 fez a seguinte pontuação sobre o mentor deste empreendimento “Otávio é um homem de espírito empreendedor, que estava em suas ações e reflexões além de seu tempo.”.

Diante do exposto, nota-se que Otávio é um homem que se recusa a viver com a conformidade, e conseqüentemente, esse espírito empreendedor que o acompanha acaba chegando aos demais que estão ao seu redor, pois a não aceitação da realidade, a incessante busca pela mudança, pelo novo, pelo progresso, acaba por influenciar os moradores e fazendeiros da região.

No dia 14 de Novembro de 1980, no salão paroquial da Igreja Católica, na praça Dimas Carrilho, era realizada a solenidade de fundação da destilaria. Constituída sob a denominação de Goianésia Álcool S/A., nascia a mais próspera empresa da região. Retificando a seriedade do empreendimento, ingressava como acionista a Empresa Brasileira de Álcool S/A - Brasalcool, com sede na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Pela Assembléia Geral Extraordinária (AGE) de 05.03.93, foi alterada a denominação social para "Jalles Machado S.A. Açúcar e álcool" em função do início da produção do açúcar. Através da Assembléia Geral Extraordinária (AGE) de 01.02.2000, arquivada na Junta Comercial do Estado de Goiás (JUCEG) SOB nº 520000119733 foi alterada a denominação social Jalles Machado S/A, bem como ampliado o seu objetivo social. Está implantado em uma área de 94 ha na Rodovia GO 080 km 71,5 no município de Goianésia-Go. (CREA-GO, 2007, p.153)

Otávio Lage com seu carisma e liderança pregou a modernidade neste contexto, fazendo com que o povo aceitasse a mesma e reconhecesse que era necessário o progresso, pois ele já existia fora das esferas da região do Vale São Patrício-Go. Acabaria ele com a rotina da cidade do interior de Goiás com investimentos neste novo empreendimento? A atitude deste visionário e o apoio recebido pelos moradores da região enquanto sócio deste empreendimento ou expectadores deste novo desafio é analisado por nós como demonstração de força e poder, ou seja, a visão de atraso que se encontrava Goianésia na década de 80 simbolizou uma problemática solucionada com a influência que ele possuía na cidade em angariar adeptos que disponibilizassem recursos para executá-lo.

A liderança carismática é um subconjunto da liderança transformacional. A liderança transformacional é o conceito mais amplo incluindo o carisma. Dentro do estilo carismático de liderança, algumas características podem ser destacadas como: auto confiança, visão, habilidade de articulação e forte convicção. (STONER; FREEMAN, 1989,34)

A Goianésia Álcool S/A entrou em operação após três anos de idealização. Os sócios locais receberam de uma só vez os recursos oriundos do Pro álcool e instalaram modernas unidades produtivas. Os contratos foram feitos junto ao governo federal com a carência de doze anos de financiamento para a área plantada de cana. Enquanto isso foi realizada a contratação de mão de obra, que a princípio foi considerada barata, devido à falta de emprego em que se encontrava presente no município.

Ressalta-se que a fundação de uma empresa desse porte é precedida de maior complexidade, mas neste momento não se pode deixar de colocar em destaque que a aprovação e construção desse empreendimento com tamanha rapidez, se dão pela presença de figuras distintas no meio político e econômico do nosso Estado. Percebe-se que há uma relação direta entre poder e influência, afinal, Otávio era ex-governador de Goiás, mantinha boas relações com representantes legais em Brasília e tinha, além disso, sócios, amigos empresários que não só interessaram pelo projeto, mas também tinham ciência de que esse passo a ser dado nessa nova empreitada, daria bons rendimentos, já que o líder do movimento possuía sentidos aguçados para negócios prósperos.

O fato de Otávio Lage ter ocupado cargos públicos favoreceu para que este utiliza-se da sua influência para realização de projetos pessoais. As realizações de benfeitorias coletivas estavam diretamente ligadas à construção de um grande império reconhecido no futuro a nível nacional por Grupo Otávio Lage. Sendo assim podemos notar que o carisma associado ao poder de influência que Otávio possuía é avaliado nas esferas públicas e privadas, ou seja, a formação do espaço urbano consolidado de Goianésia é consequência da ambigüidade expressa por Berman (2007), quando analisa Fausto.

Durante a inauguração da empresa, Otávio era o único orador do momento, em seu discurso fez uma série de considerações sobre a importância deste empreendimento para o desenvolvimento da nação, quando associada aos países estrangeiros e a necessidade de uma segunda opção para substituir o petróleo como fonte de energia em nosso país. Posteriormente, fez uma ressalva sobre o nome dado à empresa, que por sinal foi batizada com o nome de seu pai, Usina Jalles Machado S/A, personagem importante na formação de sua personalidade e para a região que recebeu uma série de benefícios, enquanto Jalles Machado foi parte integrante do legislativo federal por Goiás.

Senhores com previa autorização da maioria dos acionistas esta destilaria levará o nome do nosso inesquecível pai, Jalles Machado de Siqueira, exemplo maior de nossa família e, porque não dizer de nossa geração, na firmeza do caráter, tenacidade no trabalho, pureza de princípios dedicação às comunidades a quem pertenceu. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1983, p.14) .

O Jornal Diário da Manhã aponta como destaque deste novo empreendimento para o município, a geração de mais de 1500 empregos e o aumento da arrecadação de tributos não só para Goianésia como para o Estado. Destaca como manchete a geração de mais de 400 milhões para os cofres públicos a serem arrecadados e confirmando a redação do texto jornalístico, Otávio destaca em seu discurso a seguinte fala:

Hoje com entusiasmo entregamos a comunidade goiana a nossa destilaria, fruto de esforço e da vontade de um grupo de homens de Goianésia, que tem certeza que a associação da indústria com a agricultura trará para o nosso município resultados, que irão refletir beneficentemente sobre toda a comunidade (DIÁRIO DA MANHÃ, 1983, p.14).

Otávio quando inicia todo o processo para a fundação da Usina Jalles Machado em Goianésia, usa mais uma vez das qualidades embutidas no homem que tem necessidade de fazer a todo o momento a busca por mudanças. Quando questionado sobre uma possível queda na venda do álcool e conseqüentemente uma crise econômica no setor, a resposta é bem clara e visionária. Segundo ele, em entrevista ao Jornal O Popular (1983), “dentro de poucos anos não apenas os automóveis, mas veículos pesados serão movidos a álcool” _ e cita ainda que em suas propriedades já existam caminhões e tratores que utilizam este combustível. Nota-se em seus discursos que o medo de arriscar em um negócio de grandes investimentos não existe, característica esta, presente no homem moderno visionário que investe em um futuro incerto, mas libertador da realidade não promissora que Goianésia vivia.

Segundo Robbins (2000), a liderança visionária possui características que vão além do carisma, a liderança visionária consiste na habilidade para criar, visualizar o futuro de forma realista e digna de crédito. Enfim a dominação exercida por Otávio Lage é feita entre os “dominados” de maneira tão sutil que os leva a imaginar que a iniciativa parece ser o único caminho para o fim da estagnação econômica pela qual vivia a cidade

A chegada de caminhões de grande porte para transporte de funcionários (campo-destilaria), até mesmo para carregamento da matéria prima, são exemplos de notável transformação daqueles que até então

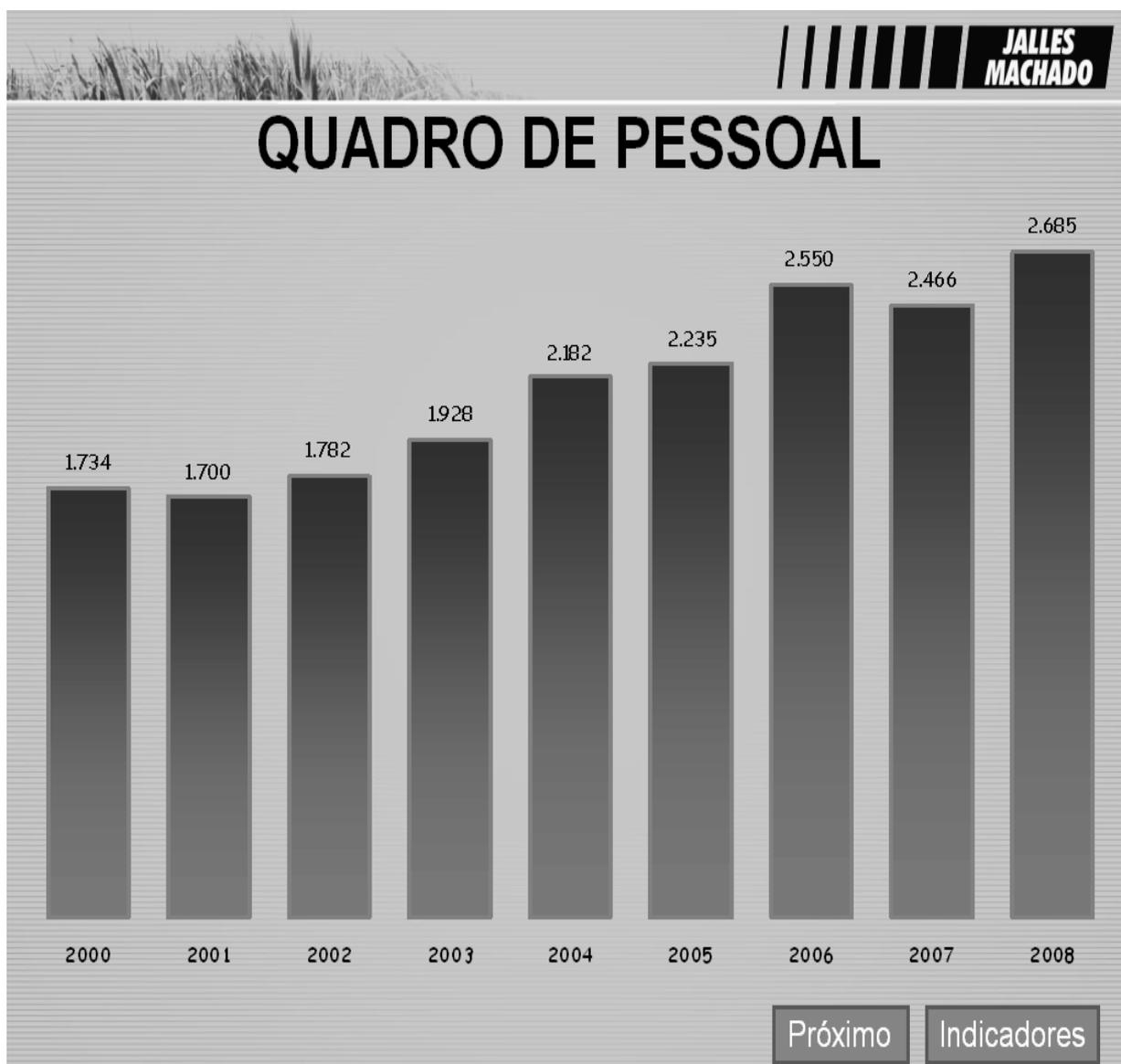
estavam estagnados no uso da inchada, do cavalo ou carro de boi. O vai-vem dos trabalhadores, o capital circulando, propiciam o aumento do comércio, o desenvolvimento de outros empregos, e assim a cidade vai tomando formas capitalizadas e as pessoas naturalmente vão se ambientando com este novo modelo de viver. Aos poucos, a fazenda Calção de Couro vai vivendo de histórias contadas por aqueles que ali estão desde a sua formação, e os verbos vão mudando a sua conjugação, ganhando cada vez mais na voz de outrora simbologias de um tempo de ruas largas, empoeiradas, sem saneamento básico, sem ponte para chegar do outro lado do córrego, e que agora, ao redor se vê é asfalto, sinaleiros, ruas pavimentadas e bem distribuídas, comércio de grande porte, empresas. E o velho Calção de Couro será assim, história a ser contada nas escolas.

O nascimento da Usina Jalles Machado na cidade de Goianésia foi justificado pelo seu principal idealizador como uma alternativa cujo objetivo era solucionar o problema da falta de emprego em que viviam os moradores do município. Otávio, desde sua gestão enquanto governador de Goiás colocava sempre em suas argumentações que os municípios deveriam crescer e dar a seus habitantes condições de permanecerem no lugar que escolheram para morar, assim, quando surgiu a destilaria e a mesma gerou centenas de empregos, isso ocasionou uma busca por solucionar um problema social na tentativa de dar forma para o desenvolvimento do município e da sociedade.

A iniciativa de Otávio Lage de fundar a Usina Jalles Machado em Goianésia também pode ser entendida como mais um de seus empreendimentos nascidos de relações complexas entre as esferas públicas e privada. Homens públicos carismáticos como Otávio utiliza constantemente de uma das facetas que permeiam a personalidade do homem moderno, ou seja, os investimentos realizados por este busca atender a necessidade local e ao mesmo tempo nota-se o privilegio que estes passam a ter quando retiram o lucro que neste instante poder apresentar-se de varias formas alem do acumulo de capital pessoal. Enfim o progresso material do município possibilitou prestígio político e conseqüentemente controle social.

É notório salutar que grande parte destes empregos oferecidos está situada no campo, local de onde veio a grande maioria dos moradores da

cidade, após a queda da produção de grãos. Veja abaixo o quadro de empregos gerados pela empresa nos últimos anos:



Fonte: Relatório Gerencial Anual da Jalles Machado/2009

Os dados apresentados anteriormente remetem a algumas informações importantes. Primeiro, é possível notar que desde na sua criação eram oferecidos a média de 1500 empregos para a primeira safra, percebe-se que paulatinamente estes números foram sofrendo acréscimos. Outro dado a ser observado é que hoje a usina está mais de 85% mecanizada, mas ao mesmo tempo, vem mantendo o número de funcionários no seu quadro efetivo. Segundo o gerente administrativo da empresa que ali está a mais de 14 anos, esse fato se dá devido à utilização destes funcionários em outros processos,

como na plantação da cana, na adubação, irrigação ou até mesmo na produção da cana orgânica que necessita de uma atenção maior na sua produção. Também é destacado por Moisés que houve um aumento nas áreas usadas para plantação em hectares e conseqüentemente, aumento na produção. O quadro de funcionários da empresa em janeiro de 2010 é formado da seguinte maneira:

Quadro de Funcionários da Usina Jalles Machado 2005-2010

	Safra	Safra	Safra	Safra	Safra
Área /local	2005/6	2006/7	2007/8	2008/9	2009/10
Indústria	94	115	134	146	135
Armazém	14	12	12	13	10
Domissanitários	227	257	283	326	334
Agrícola	170	190	208	205	234
Rurícola	1.112	1.119	916	950	702
Administração	853	1.022	1.115	1.341	1.335
Total Geral	2.470	2.715	2.718	2.981	2.750

Fonte: relatório Anual da Jalles Machado 2008/09

O aumento da produção da empresa é reflexo de dois pontos a ser ponderados neste instante. Primeiro, a usina desde sua criação é administrada de forma dinâmica e inteligente, tanto que a mesma, hoje, no Estado de Goiás representa a segunda maior usina em produção de álcool e açúcar. Segundo, a empresa vem acompanhando desde então o desenvolvimento da indústria sucroalcooleira no país e trazendo para as regiões a cada ano novas tecnologias desde o método do plantio ou do cuidado com a terra, quanto das compras de maquinários cada vez mais modernos para o aumento da produção. Em uma entrevista dada ao Jornal Diário da Manhã (1993), Otávio Lage fez a seguinte argumentação sobre a administração da Usina Jalles Machado, após dez anos de sua fundação:

Desde o início do seu funcionamento, em 1983, a Usina Jalles Machado vem optando por uma administração "racional", casando gerenciamento seletivo de mão de obra agrícola, preparação de pessoal da indústria através de cursos com SENAI e adaptação das

lavouras e indústrias as novas máquinas. (JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ, 1993, p.9).

Percebe-se que a Usina Jalles Machado tem vida própria, a organização de sua infraestrutura leva a entender que a administração implantada por Otávio faz com que a empresa tenha formas de desenvolver toda a atividade necessária para a produção do álcool e do açúcar, talvez seja por isto que logo na entrada da empresa esteja um alto retrato de seu fundador com os seguintes dizeres:

Por traz desta obra, a idéia e o espírito empreendedor de um homem que tudo tem feito por sua terra e por sua gente: Otávio Lage de Siqueira. O reconhecimento e o agradecimento da comunidade Goianesiense (JORNAL O POPULAR, 1983, p.15)

Sendo assim, uma das prioridades colocadas por Otávio era a necessidade cada vez maior de levar aos trabalhadores da empresa a qualificação profissional. Isso se dá justamente pelo fato de a usina acompanhar o desenvolvimento tecnológico mundial e conseqüentemente necessitar de mão de obra apropriada para cada função a ser executada. Caminhar atrás do desenvolvimento é algo que faz parte da vida de Otávio, mas vale aqui abordar que estas transformações ocorridas no campo-cidade, afetam diretamente aos funcionários que a empresa possui, afinal, o meio em que vivem está em processo de mudanças, e sendo assim o fator humano também é passível, como também precisa viver esta mudança. Enfim, há por parte da administração um investimento em cursos de aperfeiçoamento para os trabalhadores. Veja:

Cursos de Aperfeiçoamentos dos funcionários da Usina Jalles Machado

Ano 2008/2009	Nº.de participantes	Carga horária total em h	Valores totais R\$
	970	967	96.446,21

Fonte: Relatório Anual do Núcleo de Gestão de Pessoas 2008/2009

3.2 - A utilização da terra e o trabalhador rural

A fazenda Vera Cruz é símbolo do começo de um império familiar presente na cidade de Goianésia. Sua riqueza é originada nos pés da cana e criação bovina na forma de confinamentos. Essa fazenda é registrada em cartório como Fazenda Vera Cruz Agropecuária LTDA e pertence à família Lage de Siqueira. Percebe-se a formação de uma agroindústria dentro de um mesmo espaço territorial. Neste momento se enfocará o uso dessas terras para o plantio da cana e mais adiante, se tratará sobre a pecuária.

Quando inicia o processo de preparação do solo para o plantio da cana que seria usada na destilaria Jalles Machado, Otávio reparte parte das terras de sua fazenda para produção canavieira e torna-se um dos principais fornecedores de matéria prima para a usina, junto a ele, outras 26 pessoas compunham a cooperativa produtora de cana que tinham a função de plantar e vender a matéria prima para a indústria.

A princípio, as terras eram arrendadas pelos acionistas minoritários que possuíam na empresa função de conselheiros. Esses recebiam em torno de 20% a mais pelo uso de suas terras em relação ao produtor não sócio da empresa. O valor pago está relacionado com a quantidade de hectare destinado ao plantio, sendo que o pagamento é efetuado até hoje anualmente, sendo realizado após o término da colheita.

A Usina Jalles Machado não faz arrendamentos de terras, o que é feito é um contrato de dois ciclos de cana que pode chegar a um período de até 12 anos. Nos contratos firmados é estabelecido que o proprietário tenha o direito de receber sobre a quantidade produzida de qualquer espécie cultivada em suas terras. Essa cláusula é assim estabelecida pelo fato de que antes da primeira plantação da cana é feito o preparo da terra e instalado o plantio da soja; posteriormente, entre o primeiro e o segundo ciclo da plantação é realizado novamente outro plantio de soja. A Jalles Machado utiliza do plantio da soja para refazer a fertilidade do solo.

O aspecto físico da área a ser firmado contrato também pesa sobre os valores a serem pagos, pois, ali é observada a fertilidade do solo, a presença ou não de nivelamentos da área plantada, a distância da destilaria, a presença de água para facilitar a irrigação. Saliencia-se que as terras planas propiciam o

uso de colheitadeiras, enquanto que as terras de terreno irregular necessitam primordialmente do uso braçal. Segundo informações fornecidas, a empresa paga até 15% do valor por contrato feito aos produtores que se adequam a esses requisitos, já os agricultores que não se enquadram recebem cerca de 10% do valor da produção por hectare plantado.

Atualmente, o complexo Otávio Lage possui uma área plantada de mais de 35 mil hectares entre sócios e não sócios. Esse dado é a somatória de terras que plantam para a destilaria e produção de álcool e cana, sendo que uma quantidade de pouca extensão é destinada à alimentação do gado que está em processo de confinamento. Outro dado a ser informado é que esses valores citados também correspondem a UOL (Usina Otávio Lage), que passará a funcionar a partir de 2010, mas as terras necessárias para plantação já estão sendo utilizadas na produção da primeira usina fundada. Observe o quadro:

Quadro em Ha. que formam o complexo Otávio Lage

Em Ha.	Matriz	UOL	Totais	Porcentagens
Próprias	4.339,83	-----	4.339,83	12,19
Acionistas	17.065,99	432,58	17.498,57	49,19
Não acionistas	12.331,42	1.440,15	13.771,57	36,67
Totais	33.73,24	1.872,73	35.609,97	100,00

Fonte: Relatório Anual Administrativo 2008/09 Jalles Machado

O sistema, portanto, torna-se vantajoso para os proprietários inseridos nesse acordo, os quais não são acionistas da empresa. Tendo áreas de plantação de 50 a 300 hectares e desprovidos de capital para investir em suas terras, esse meio de ter renda torna-se antes de qualquer coisa, modo de sobrevivência. Enquanto que para a empresa verifica também a presença de grandes vantagens com os contratos firmados, afinal os proprietários da usina não possuem terras suficientes para produzir matéria prima para produção da destilaria e a compra de terras é algo quase que inviável, sendo assim, o capital que vem de acordos firmados torna-se capital de giro dentro de todo esse processo.

O desenvolvimento do sistema capitalista na cidade vai ganhando espaço a cada instante, pois, com o rodízio de capital que se observa na cidade com os empregos gerados pela usina, observa-se o nascimento de mais lojas ligadas ao setor varejista, indústrias de laticínios, indústrias do ramo de móveis, cerâmica e concreta. Quando se observa a cidade no seu cotidiano percebe-se implícita a presença do dinamismo que a usina provoca na economia de Goianésia.

O trabalhador rural que presta serviço à usina é chamado no município de rurícola, há alguns anos atrás o nome bóia fria foi deixado de ser usado na região. Todos os anos são contratados centenas de rurícolas para prestarem serviço à empresa durante a safra, e muitos destes, permanecem com o trabalho durante todo o ano devido às outras funções que devem ser desempenhadas no cotidiano da agricultura da cana. O salário de um rurícola é determinado por um acordo coletivo que acontece todos os primeiros meses de cada ano.

O valor a ser pago para um rurícola é estabelecido entre representantes dos sindicatos dos trabalhadores rurais, especificamente do bóia-fria, e representantes da Indústria de álcool do Estado de Goiás (SIFAEG), que no caso, representam os empresários da indústria sucroalcooleira. Ali são estabelecidos os valores a serem pagos aos trabalhadores, variando este valor de acordo com a cana a ser cortada. Explicando em outras palavras, a cana quando tem aspectos ralos e está toda em pé, facilita o corte e o rendimento do trabalho, ou seja, o valor pago pela produção do cortador é menor, já a cana quando apresenta aspectos mais densos e sentido horizontal necessita de maior esforço físico, conseqüentemente dá mais trabalho ao cortador, que ao final, recebe mais pelo serviço prestado.

É necessário pontuar que os valores não pagos ao rurícola não sofrem alteração pelo trabalho realizado ou não, ou seja, ele não recebe mais ou menos em espécie. Isso quer dizer que a área a ser limpa se torna maior ou menor, enfim é estabelecido o aumento ou não da área a ser cortada no local onde o serviço está sendo prestado. No ano de 2009, a Jalles Machado pagava a seu rurícola o valor de R\$ 556, 67. Seguindo as leis trabalhistas era descontado o INSS (8.73%), além do plano de saúde no valor de 2% ; há também um desconto referente ao Clube de Lazer, o qual é facultativo, sendo

descontado somente daqueles que querem ser associados, no valor de R\$1,45 ao mês. O valor aplicado pela usina em benefícios de seus funcionários pelo Plano de Assistência Social (PAS) no ano de 2008/9, segundo relatório anual apresentado aos sócios no fim desse mesmo ano, foram:

Gastos em assistência social 2008/2009

ÁREA	VALOR APLICADO R\$
Médico Hospitalar	2.227.193,98
Odontológico	84.873,83
Farmacêutico	272.878,14
Educacional	804.038,85
Recreativo	51.763,48
Sociais Diversos	177.420,94
Total	3.618.079,22

Fonte: Relatório Administrativo Anual 2008/2009

Quando feita a pesquisa de campo e a busca do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goianésia, que por sinal possui sede própria no município, foi exposto que a Usina segue todos os parâmetros legislativos, ou seja, não havia nenhuma reclamação quanto aos funcionários que prestaram serviços à empresa que não tivessem carteira de trabalho assinada ou mesmo que não tivessem seus direitos garantidos. A contratação de serviços é feita na própria usina, e normalmente no período da safra é seguido um parâmetro de recontração.

Além do salário base que é estipulado anualmente em convenção, o funcionário da empresa recebe um incentivo, é distribuída uma cesta básica quinzenalmente, ou seja, o rurícola que alcançou a meta estabelecida na primeira quinzena do mês recebe uma cesta básica, e no fim do mês quando alcança a última meta estabelecida recebe outra, caso esta não seja alcançada, o funcionário ainda recebe uma cesta, só que com menos itens. É interessante fazer outra consideração a esse respeito, os rurícolas são divididos em equipes e cada coordenador de equipe também recebe o mesmo

incentivo, sendo assim, é quase que nula a possibilidade de não conseguir alcançar a meta estabelecida.

O transporte dos trabalhadores da usina é feito através de ônibus, que são locados de forma terceirizada, estes iniciam sua saga de pegar os funcionários em locais estabelecidos a partir das 5 horas da manhã, pois às 6 horas da manhã o ônibus passa no ponto de distribuição para saber qual o destino do dia. O expediente encerra às 16 horas com retorno à cidade. Atualmente a jornada de trabalho na Jalles é de oito horas de trabalho, em que o rurícola inicia às 7 horas e termina às 16 horas, e no sábado a jornada vai das 7 horas às 11 horas.

Sua alimentação no campo é feita com o uso tradicional da marmita. O trabalhador possui uma hora para fazer sua refeição no próprio local que está sendo feita a colheita da cana. Ao retornar do almoço e mesmo cumprida a meta estabelecida para o dia, o rurícola deve permanecer no local até o horário estabelecido de retorno para cidade. Outra observação a ser pontuada é que a grande maioria dos funcionários da Jalles Machado são moradores da própria cidade de Goianésia.

3.3 - Importância da Usina Jalles Machado para o desenvolvimento econômico de Goianésia

Uma comunidade se desenvolve quando torna dinâmicas suas potencialidades. O desafio é como transformar as estratégias orientadas pelo crescimento econômico em estratégias centradas em escala de âmbito para o bem do ser humano. (FRANCO, 1995, p. 46)

Contribuir para o crescimento de uma cidade parece algo simples quando colocadas as ideias ou as formas, mas fazer com que estas ideias ou formas sejam colocadas em prática é algo mais complexo. Levar uma dinâmica econômica e social para uma região deslocada do capitalismo vigente, trazer crescimento a um número grande de pessoas e transmutarem modos de vida, são aspectos inerentes a poucas pessoas, afinal, a busca contínua não é característica marcante de todos os homens de nossa sociedade.

O desenvolvimento de uma determinada região está associado a um conjunto de fatores que interligam entre si e ao mesmo tempo possui aspectos de dependência. Normalmente o desenvolvimento está articulado pela presença do poder público local, pela representação da sociedade civil e pelas instituições locais que apresentam funções produtivas de regulação social, enfim, tece o papel empresarial para desenvolvimento local.

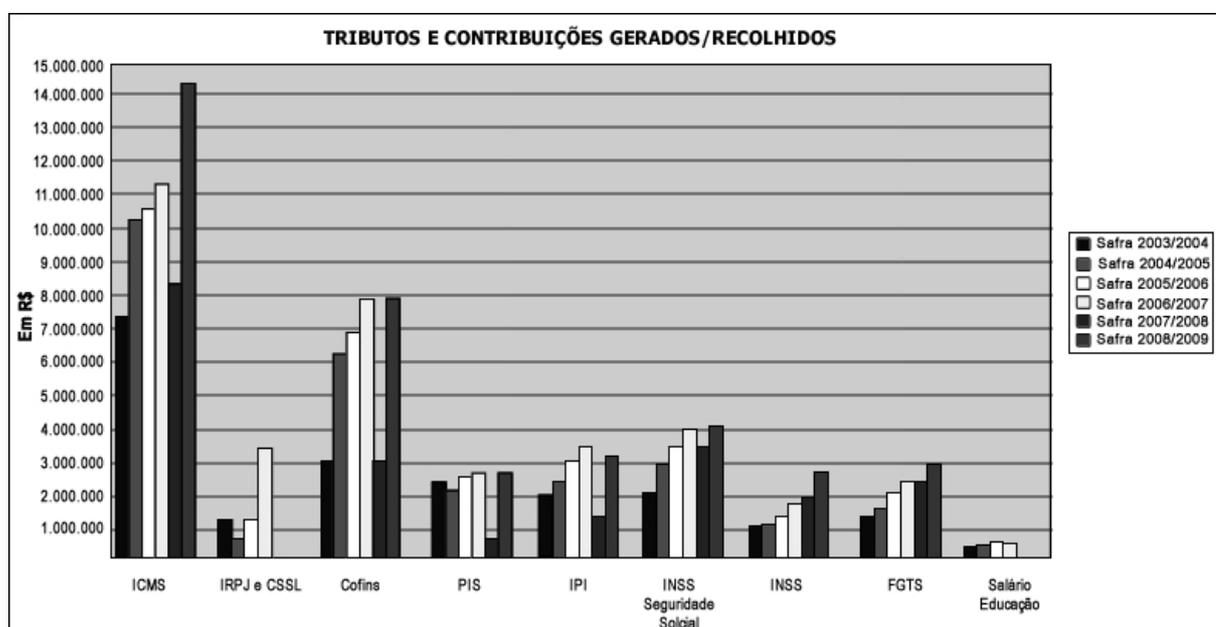
Quando se observa o nascimento da cidade de Goianésia, é visto a princípio a presença de pessoas empreendedoras que sonharam com a existência da cidade, e que de uma forma ou de outra, buscaram de todas as maneiras possíveis contribuir para o desenvolvimento do local que escolheram para morar. A família Lage de Siqueira são alguns dos personagens que participaram da construção dessa história, desde Jalles Machado quando iniciou a plantação dos primeiros pés de café na região, até seu filho Otávio Lage.

A criação da Usina Jalles Machado é símbolo das mudanças observadas na consolidação da urbanidade do município. Quando se observa o crescimento da cidade pós criação desta empresa, e a consolidação do comércio local, verifica-se a importância que a usina representa para o município. É sabido que os programas governamentais exercem função de apoio, de tentativa de crescimento, de catalisador dos anseios econômicos de determinadas regiões, mas se não fosse pela presença de pessoas ousadas, muitos desses programas não dariam certo, ou às vezes, nem seriam implantados em muitos municípios do país.

Assumir o papel de homem moderno empreendedor foi à função de Otávio Lage na região do Vale São Patrício, isso é observado desde a sua eleição para governar o Estado de Goiás. Sabe-se que o Pro-Álcool é de origem governamental federal, e a implantação do mesmo em Goianésia só aconteceu pelo dinamismo de Otávio, afinal, é notório que esse homem conhecia a estrutura do lugar que escolheu para viver, desde 1948 e pelo qual demonstrou profundo apreço; e esse foi o vetor que impulsionou o sucesso da usina Jalles Machado. Saber dinamizar para efeito de modernização, articulando mudanças sociais, econômicas, culturais, crescimento local e progresso são aspectos da personalidade de poucos homens.

Obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal, em relação heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma. (WEBER, 1994,141)

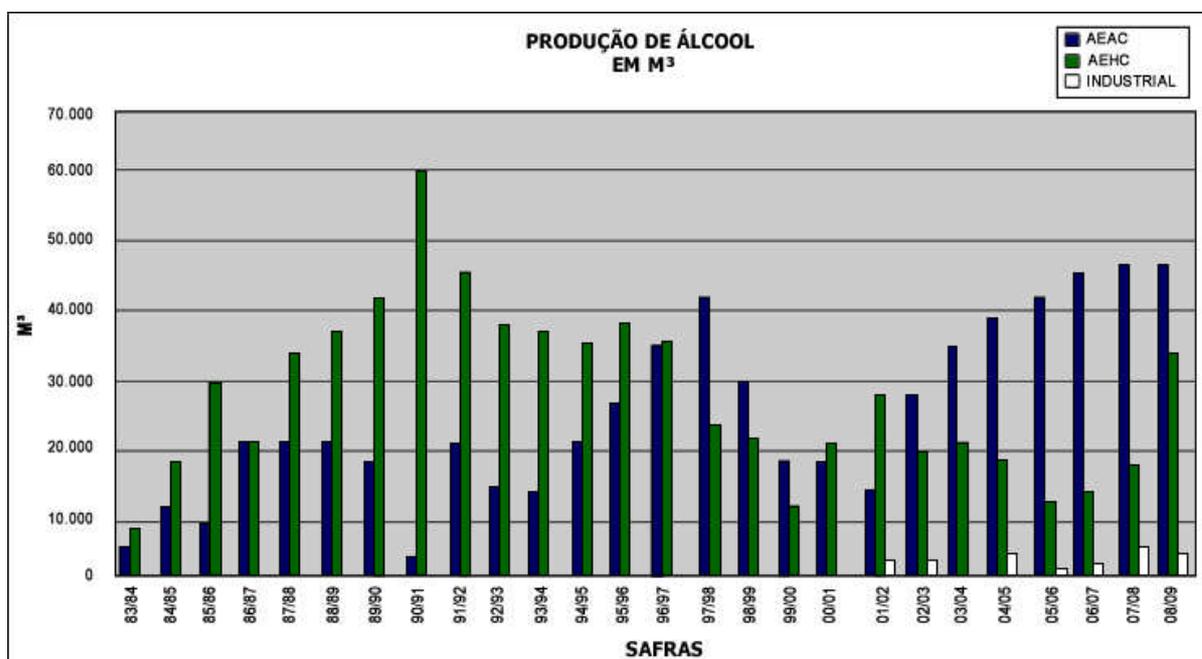
Quando se observa a presença de centenas de empregos gerados pela usina, a potencialidade que a empresa é gerida para acompanhar a economia internacional, e a contribuição que a mesma oferece ao município através de impostos pagos e que são revertidos para o crescimento da cidade, é que se pode visualizar a importância deste empreendimento. Veja o quadro abaixo de impostos gerados pela empresa nos últimos anos:



Fonte: Relatório Anual da Usina Jalles Machado, 2009.

Só é possível ter essa percepção do macroeconômico para o desenvolvimento da economia local quando a visualização chega à coletividade social, ou seja, passa a partir de então a se observar a necessidade de mudanças quando o imaginário individual traz para o real vivido, para as demais massas a sua importância, e assim consolida-se a coerência da sua existência. Conclui-se diante do exposto, que a presença da dialética é constante em todos os setores da sociedade, pois se colocou nas entrelinhas do texto que a Usina Jalles Machado é vetor representante do macro econômico para modernização da cidade de Goianésia é porque as mudanças são inseridas no meio local de forma concreta, pois a empresa está em posição de

eixo transformador para uma sociedade que até a sua criação não deslumbrava condições de desenvolvimento. Desde sua fundação, a empresa vem sofrendo mutações quanto à quantidade de produção e o produto que deu origem a Usina vem sofrendo intensificações de produção ano a ano. Veja:



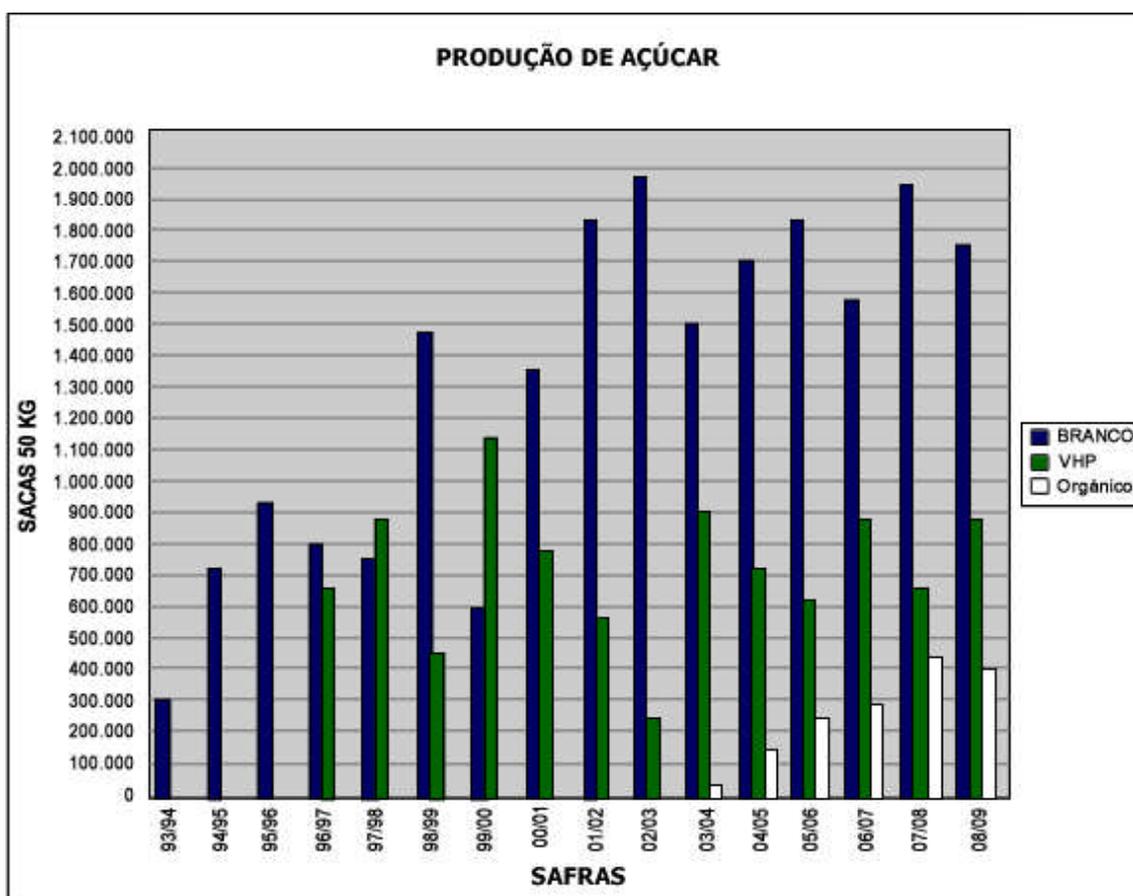
Fonte: Relatório Anual da Usina Jalles Machado, 2009.

A usina que no início foi criada para fabricar álcool passa a produzir posteriormente açúcar e com o passar dos anos vai aperfeiçoando seus meios de produção, buscando modernizar todos os setores criados dentro da empresa não só para obtenção de maiores lucros, mas justamente para consolidar a empresa, no meio capitalista mundial. Forma-se aos poucos o que chamamos de complexo industrial que é conceituado por Silva da seguinte forma:

É a soma de todas as operações envolvidas no processamento e distribuição dos insumos agropecuários, as operações de produção na fazenda, e o armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e seus derivados. (DAVIS & GOLDBERG apud SILVA, 1996, p.65).

A produção açucareira foi sendo estabelecida paulatinamente e de acordo com a necessidade do mercado, esta foi ganhando espaço de produção na empresa e atualmente é fonte de geração de emprego, desenvolvimento. O

mercado consumidor dos produtos derivados da cana produzidos hoje pela Usina Jalles Machado são representados pelo mercado nacional e internacional, consolidando os investimentos da mesma no setor e resignificando a importância da empresa para o município. Veja no quadro abaixo a produção do açúcar desde quando foi implantada.



Fonte: Relatório da Usina Jalles Machado 2009

Dentro do setor sucroalcooleiro é possível verificar a presença de um complexo agroindustrial, pois na sua essência são utilizados bens ou serviços produzidos por outras empresas, tais como: indústrias de máquinas para plantar a cana, indústrias químicas de herbicidas, colheitadeiras, equipamentos de irrigação, caminhões para transporte da cana e do combustível industrializado, equipamentos de segurança no trabalho, fabricação de embalagens plásticas para o açúcar e outros. Diante de tantas mudanças, é importante lembrar Bermam:

Viver a modernidade significa aprender a aspirar mudanças e não a lamentar a diluição de antigas relações sociais, ou lamentar a diluição de antigas relações sociais, ou alimentar a nostalgia pelas tradições. (BERMAN, 2007, p.97)

As modificações observadas na estrutura da Usina Jalles Machado, as transformações sociais vivenciadas pelos funcionários e os benefícios recebidos pelos mesmos através de uma gestão arrojada que busca pelo reconhecimento e certificações nacionais e internacionais, são fatores a serem considerados e analisados. A forma utilizada no tratamento de funcionários, habitantes do município e ao meio ambiente é reconhecida por órgãos certificadores, sejam eles nacional ou internacional, isso nas entrelinhas simboliza uma administração moderna, quebra de paradigmas e busca incessante por mudanças do meio que habita. Consolidar a Usina Jalles Machado como referência é tornar público a ousadia de Otávio Lage. Menosprezar a influência deste homem no desenvolvimento do município é deixar a história de Goianésia no esquecimento.

3.4 - Programas socioambientais da Usina Jalles Machado

A Usina Jalles Machado quando idealizada por Otávio Lage de Siqueira, tinha por objetivos específicos gerar empregos e fazer a industrialização do município. Atualmente, a Usina é considerada uma das maiores indústrias do Estado de Goiás, e com o passar dos anos, desde sua criação, teve como meta a ser atingida o crescimento e o progresso. O alcance observado desta meta é oriundo de uma administração dinâmica, arrojada e principalmente atenta ao desenvolvimento dos meios de produção e do sistema capitalista que rege a economia e a sociedade mundial. Segundo Otávio Lage de Siqueira, os princípios e a missão da usina são:

- * Produzir açúcar e álcool assegurando a satisfação dos acionistas;
- * Oferecer produtos que atendam a exigência e a satisfação dos clientes e que sejam de boa qualidade e baixo custo;
- * Valorizar os recursos humanos da empresa promovendo o desenvolvimento profissional, o respeito à cidadania, o bem estar social, o ambiente e a segurança do trabalho;
- * Procurar o equilíbrio entre a atividade econômica e o meio ambiente pela prevenção da poluição, atendendo a legislação

vigente e os requisitos regulamentares aplicáveis, buscando a melhoria contínua de desempenho.
“Seremos hoje melhores do que ontem e amanhã melhores do que hoje!” (CADERNO JALLES MACHADO S/A, p.01)

Hoje várias empresas do setor sucroalcooleiro buscam adequar-se ao uso de novas tecnologias para o aperfeiçoamento das técnicas utilizadas tanto no campo com a plantação da cana de açúcar, quanto na produção do álcool. É necessário pontuar que o uso do solo de forma constante por maquinarias o prejudica, com isso muitas usinas estão utilizando o sistema de rodízio direto; visando à prevenção do solo, passou-se a utilizar novamente o material orgânico (que é nutriente), fertilizantes e também o uso de outras culturas como soja, milho que servem como insumos para o tratamento da terra.

Nos negócios tradicionais, o Otávio Lage também conta com a produção orgânica. A área total de cana soma 3,2 mil hectares nesta safra, o que deve resultar na colheita de 273 mil toneladas do produto. A cada ano, são agregados 600 hectares de cana orgânica à produção. Em 2006, toda a produção de 12 mil toneladas de açúcar orgânico foi exportada. (JORNAL DA USINA, 2007, p.05)

A indústria sucroalcooleira tem expandido de forma grandiosa pelo país e com isso a função econômica, social, ambiental também tem ganhado bastante espaço entre os empresários, trabalhadores e sindicatos do ramo. Apesar dos desafios ambientais e sociais, o vetor econômico é utilizado como justificativa da expansão da indústria pelo país. Açúcar e álcool, portanto, são produtos originados da cana que simbolizam grande lucratividade, porém outro setor que vem ganhando espaço dentro dessas indústrias é a geração de energia, principalmente a energia elétrica, através do processo de co-geração com o bagaço da cana, representando mais uma forma de rentabilidade para o setor canavieiro.

O bagaço da cana corresponde somente a parte do caule que foi moído para retirada do caldo, não incluindo a palha e as pontas que também podem ser reaproveitadas como fonte de produção de energia elétrica. O Plano nacional de Agro Energia faz a seguinte reflexão:

Para o segmento suco-álcooleiro, os resíduos que podem ser utilizados na produção de eletricidade são o bagaço, as pontas e folhas, e o vinhoto. Alternativamente a co-geração dentro das próprias usinas e destilarias, o bagaço pode ter uso energético fora das usinas e destilarias, insumo para volumosos de animal,

fabricação de papel de bagaço, fabricação de elementos estruturais e hidrólise para produção de álcool. Tecnologias de produção do etanol a partir da hidrólise do bagaço estão em desenvolvimento e poderão atingir estágio comercial em 10-15 anos. Com a viabilização da tecnologia, passa a ser muito importante o custo de oportunidade do aproveitamento do bagaço, pelas múltiplas alternativas para seu aproveitamento econômico. (PLANO NACIONAL DE AGRO ENERGIA, 2005, p.81).

A Usina Jalles Machado vem acompanhando todo este processo acelerado das novas tecnologias no setor sucro-álcooleiro, a mesma utiliza o bagaço para a fabricação de energia para auto consumo. Segundo dados oferecidos pela empresa (2008), na safra de 2007-2008, a usina gerou cerca de 158.391MWV de energia elétrica, consumindo apenas o total de 50.400 MWV e comercializou o excedente. Além de manter sua própria geração de energia a empresa já utiliza outros subprodutos advindos da cana como a vinhaça,³⁴ que faz grande diferença nas lavouras canavieiras como um bom fertilizante.



A empresa gera sua própria energia. A partir do bagaço da cana como fonte de energia térmica, mecânica e elétrica, a indústria iniciou projeto pioneiro no Estado de co- geração, o que permite que se obtenha créditos de carbono, que estão sendo validados por uma empresa certificadora para serem comercializados. O novo sistema surge como uma das peças de sua estratégia de modernização e expansão definida há três anos. A nova central termoelétrica, inaugurada em 2003, tem capacidade para gerar 40MWh, suficientes para abastecer uma cidade de 150.000 habitantes. (jallesmachadosa.com.br,2006)

O uso do bagaço também tem outra função além da geração de energia elétrica, que é a produção de energia limpa, o que tem engrandecido o seu valor no mercado, pois é possível assim fazer o comércio do crédito de carbono³⁵, dentro do que é conhecido por Mecanismo de Desenvolvimento

³⁴ Vinhaça: subproduto da cana de alto teor poluente. Após estudos descobriu-se que a vinhaça pode ser usada como fertilizante natural, rico em potássio contribuindo para a sustentabilidade ambiental.

³⁵ Créditos de Carbono: Segundo Gomes e Pasqualetto(2006), são certificados que autorizam o direito de poluir. As agências de proteção ambiental reguladoras emitem certificados

Limpo-MDL³⁶. Como foi dito anteriormente, a usina produziu energia suficiente para consumo próprio e chegou a revender o excedente. Segundo dados oferecidos pela empresa na safra de 2008-2009, a Jalles Machado S/A deixou de emitir 11.435 toneladas de CO₂, fato que possibilitou o comércio de créditos de carbono. Ainda segundo dados oferecidos pela instituição, a partir da inauguração da segunda usina do grupo denominada Usina Otávio Lage, seria evitado a emissão de 68.723 toneladas de CO₂, e posteriormente transformado em créditos de carbono.

A Jalles Machado entrou para a história como a primeira empresa do setor sucroalcooleiro brasileiro a efetivar a comercialização de créditos de carbono. Possui o certificado do Bureau Veritas Quality International (BVQI), que a credencia para operar nesse mercado, criado a partir da assinatura do Protocolo de Kyoto. A Jalles tem um contrato em vigor desde 2001 e que vai até 2012 com o Governo Holandês. A empresa irá gerar, nesse período, uma redução de emissões de 220 mil toneladas de CO₂ e a receita será agregada aos seus projetos ambientais. (JORNAL DA CANA, 2008,p.5)

Diante da administração da Usina Jalles Machado, essa é hoje referência não só em Goiás, mas também no Brasil. Isso se dá pelo fato da mesma estar sempre inovando e buscando a cada dia colocar produtos de alta qualidade no mercado competidor. Para esse empreendimento, essa indústria buscou alcançar certificações nacionais e internacionais atendendo as exigências legais, sociais e ambientais. Essas certificações abriram portas para o mercado consumidor exterior e gerou dezenas de premiações por seus feitos em todo país. Pinto e Prada fazem a seguinte colocação sobre certificações:

A certificação deve ser entendida como um instrumento econômico, baseado no mercado que visa diferenciar os produtos e fornecerem incentivos tanto para consumidores quanto para produtores. (PINTO; PRADA, 2000, p.17)

autorizando emissões de gases e juntamente a esta autorização é estabelecido metas e formas de reduzir o efeito estufa ou de até mesmo remover a emissão de CO₂ na atmosfera.

³⁶ MDL – Mecanismo de Desenvolvimento Limpo: segundo Gomes e Pasqualetto (2006) é o mecanismo que permite países industrializados financiar projetos de redução de poluição em países em desenvolvimento. O MDL tem também a função de contribuir para o desenvolvimento sustentável destes países.

O processo de recebimento de certificações é bem burocrático e exige da empresa uma série de adequações, em que obtê-las significa fazer altos investimentos, sendo estes, portadores de abertura de créditos de comércio para o exterior e reconhecimento nacional. A usina Jalles Machado com visão futurística posicionou-se de todas as formas necessárias e atualmente é destaque no país pelas certificações. O especialista e professor Omar Jorge Sabbag³⁷ (2007) em entrevista fez as seguintes pontuações sobre este processo de certificação:

Para que uma usina consiga conquistar certificação ambiental terá que realizar altos investimentos, principalmente em adequações ao sistema. Por exemplo, num processo de auditoria externa, usinas sucroalcooleiras precisam investir mais de R\$ 1 milhão em ações que padronizem a certificação, a empresa precisará de uma equipe de auditoria interna, que executará as principais ações ambientais, de forma que a usina seja auditada eternamente por uma empresa certificadora, credenciada e reconhecida pelos organismos nacionais e internacionais. Nas auditorias são verificado o cumprimento de requisitos como utilização correta da legislação ambiental, diagnóstico atualizado dos aspectos e impactos ambientais de cada atividade, procedimentos padrões e planos de ação para eliminar ou diminuir os impactos ambientais sobre os aspectos ambientais e pessoais devidamente treinados e qualificados. Em caso positivo, a certificação é válida por três anos. Há ainda a necessidade de a organização certificada possuir em seu plano de ação ambiental um sistema de avaliação e monitoria, para que permaneça num mercado dinâmico e competitivo para o agronegócio. (JORNAL BIOENERGIA, 2007)

É necessário pontuar que estas certificações, principalmente as internacionais, originam-se dos movimentos sociais ambientalistas da Europa e dos Estados Unidos. Portanto, muitas empresas não só do setor sucroalcooleiro buscam adequar de várias formas para estar presente no mercado e se colocarem como portadoras de sustentabilidade.

Um dia na sede do grupo Otávio Lage ajuda a entender por que boa parte dos 4,3 mil empregados tem na ponta da língua conceitos de responsabilidade social e de qualidade ambiental e alimentar defendidos pelos executivos. Exibidos com orgulho pelos dirigentes, os vários prêmios conquistados pelas empresas são tema recorrente

³⁷ Osmar Jorge Sabbag – Doutor em Planejamento Ambiental e Desenvolvimento Regional/ USP – 2006.

nas conversas. O estímulo vem sob a forma de remuneração extra e de participação nos lucros. As metas do grupo são estabelecidas de olho nesses indicadores. (JORNAL DA CANA, 2007, p.69)

A imagem abaixo mostra algumas das certificações que a Usina Jalles Machado possui, essas autorizações simbolizam a realidade que a empresa busca vivenciar no seu dia-a-dia com o desenvolvimento econômico, político, social e ambiental da sociedade moderna.

Quadro Geral de Certificações da Usina Jalles Machado



Uma das importantes certificações recebida pela Usina Jalles Machado S/A está ligada à produção da cana de açúcar. Segundo o Compêndio dos trabalhadores premiados CREA-GO (2007), a empresa possuía certificação na área de qualidade (ISO – 9001), no setor ambiental (ISO – 14001), na área de crédito de carbono, concedido pela Bureau Veritas Quality International (BVQI), na área de cogeração de energia, concedida pela Det Norske Veritas (DNU), na área de produção orgânica, concedida pelo Instituto Biodinâmica. (IBD), Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), além de outras certificações recebidas ao longo da construção de sua história. Na tentativa de visualizar estes certificados recebidos, observe as figuras:



A constante preocupação pela qualidade de seus produtos resultou na certificação ISO 9001 para a Usina Jalles Machado, considerada um marco na história da unidade, e na ampliação da capacidade de produção. (JORNAL DA CANA,2000,p.09)

O ISO 9001 foi concedido à empresa no ano de 2000, sua certificação foi feita pelo BVQI (Bureau Veritas Quality International), pelo fato de a usina trabalhar com sinergia usando um alto padrão e mantendo a preservação do meio ambiente. Esse órgão certificador também usou como base para aprovação a tecnologia e a excelência que a usina utiliza no cultivo da cana, na produção de álcool, anidro, açúcar cristal e produtos de limpeza geral.



- A ISO 14001 trabalha os vários aspectos do Sistema de Gestão Ambiental –SGA, como a adoção de ações preventivas e corretivas a ocorrência de impactos adverso ao meio ambiente. Esta norma voluntária é a tentativa de homogenização dos conceitos, ordenamento das atividades, e visa criar procedimentos que sejam reconhecidos internacionalmente. O desenvolvimento desse tipo de normativa reflete as exigências da busca de um desenvolvimento sustentável. As normas ambientais contribuem com o esforço mundial na tentativa de diminuição do controle da poluição e degradação ambiental no planeta terra. A implementação voluntária demonstra que a empresa se preocupa com as questões ambientais e busca conformidade legal.(ALMEIDA,200,p.63)

No ano de 2004 a Usina Jalles Machado conquistou o mais importante certificado de qualidade em gestão ambiental: ISO 14001. A empresa conseguiu alcançar as rigorosas normas aplicadas no Brasil pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), que define o padrão para que as empresas realizem sua gestão do ponto de vista do meio ambiente. A Jalles Machado foi a primeira do setor sucro álcooleiro e a terceira no país a receber esta certificação. Neste ano de 2009, os auditores da BVQI, estiveram na usina fazendo as inspeções necessárias para a manutenção da certificação concedida anteriormente, como afirma Daniela Rodrigues.³⁸

Os auditores da Bureau Veritas Quality International (BVQI), que verificaram se a Jalles Machado está em conformidade com suas normas, ressaltaram o Sistema de Gestão Integrada (SGI) da empresa. Segundo eles, as ações implantadas pelo SGI são excelentes, como o programa de auditoria interna 5S, que é eficiente e dá bons resultados. Foram consideradas boas práticas a gestão de recursos hídricos, de áreas agrícolas e de recursos energéticos, a estação de tratamento de esgoto e a parte de assistência social. Com a boa avaliação, a Jalles Machado mantém os certificados ISO 14.001:2004 e ISO 9001:2000, emitidos pela BVQI. (JORNAL JALLES MACHADO, 2009).

O auditor da BVQI Rubens Peres fez a seguinte colocação:

“Não encontrei nenhum processo de erosão nas áreas agrícolas da Jalles Machado. Essa preocupação da empresa é muito importante, pois cuidar do solo é essencial. Se não há terra fértil e bem tratada, não há como produzir matéria-prima vegetal e alimentos”. (Jornal Jalles Machado, 2009).

Para entrar neste grupo seleta a Jalles Machado implantou um arrojado projeto de preservação do meio ambiente. Foram implantadas ações que visava diminuir os impactos negativos na fauna e na flora do cerrado, programas de conscientização ambiental junto à comunidade, reaproveitamento de resíduos, controle biológico de pragas, cultivo de cana e soja orgânica livre de agrotóxicos e outros.

Outros importantes certificados que a empresa possui, foram concedidos pela IBD certificações, esse órgão brasileiro é o único no país com

³⁸ Daniela Rodrigues Assessora de Imprensa da Usina Jalles Machado.

credenciamento a outros órgãos internacionais e as autorizações cedidas por esses abrangem vários setores de produção, como: projetos agropecuários, extrativismo sustentável, produção orgânica e comércio justo. Também é reconhecida em outros países do mundo com os seguintes selos: DEMETER, ECO SOCIAL, dentre outros.

Segundo dados oferecidos pelo IBD, a Jalles Machado foi contemplada pelas certificações concedidas por este órgão por cumprir os critérios ambientais exigidos, preservar áreas naturais, gerenciar adequadamente os resíduos sólidos e afluentes, evitar o uso do fogo. Outra ramificação exigida pelo IBD e cumprida pela Usina para receber certificação esta ligada aos critérios sociais como: não permitir o trabalho infantil, não praticar o trabalho forçado, proporcionar o auxílio a mulher trabalhadora. Respectivamente no campo social interno à IBD, salienta as seguintes metas atingidas pela Usina Jalles Machado para receber as certificações:

- Projeto de erradicação do analfabetismo na empresa: a escola mantém uma escola e tem investido maciçamente em educação. Com projeto de analfabetismo foram montadas turmas em horários especiais.
- Projeto formação técnica para os coordenadores agrícolas;
- No campo ambiental a Jalles Machado tem investido em produção orgânica e tem aumentado expressivamente suas áreas sob esta condição de manejo na fertilidade do solo, melhoria do produto. Agora a empresa está investindo em duas pesquisas, ambas visando comparar a biodiversidade em áreas de manejo orgânico e áreas de manejo convencional. (IBD, 2009)

Entretanto, a Usina Jalles Machado também possui uma série de premiações que justificam a qualidade de excelência dos produtos produzidos pela empresa, respaldando a missão da empresa quando fundada por Otávio e citada anteriormente. Em 2006, a empresa foi premiada pelo Master Cana, premiação de qualificação nacional e reconhecida internacionalmente. A premiação fornecida por esta empresa prioriza em suas avaliações o aprimoramento tecnológico e socioeconômico do setor, assim bem como o fornecimento de bens e serviços para esta atividade econômica.



Os dados fornecidos pelas próprias unidades foram submetidos a avaliação de uma comissão julgadora, formada por renomados consultores e profissionais de usina. Após o cumprimento dessa etapa, uma auditoria independente fez a a checagem das informações das usinas indicadas. As usinas que se inscreveram no MasterCana Brasil, foram escolhidas em decorrência de seus indicadores de desempenho nas áreas agrícola, industrial, administrativa e comercial.(JORNAL DA CANA,2006,p.31)

No ano de 2003, a empresa recebeu a premiação Projeto Mokatu, empreendimento específico para empresas que atuam no terceiro setor da economia. Segundo o vice-presidente da Sociedade Goiana de Cultura (SGC), Padre Rubens Sodré Miranda em uma entrevista a Empresa Jalles Machado foi um dos destaques do 2º Congresso de Responsabilidade Social, Terceiro Setor e Voluntariado.



**Instituto Mokatu
Empresa Cidadã**

- Os critérios de escolha definiram as empresas que prestam serviços como parceiros sociais em diversos projetos que visam a promoção da cidadania, com ações sociais concretas, destinando parte de seus recursos orçamentários para essas ações relevantes na sociedade goiana.(JORNAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS,2003,p.03)

Buscando metodologias de prevenção ao meio ambiente no ano de 1989, a Usina Jalles Machado criou o primeiro projeto ambiental da empresa denominado Ame A Ema (Proema), o objetivo específico desse projeto era incentivar a proteção deste animal que se encontrava em situação de extinção. Através de medidas preventivas, a empresa ampliou este projeto a toda sociedade. Nesse período era possível encontrar emas pelo jardim da empresa, local onde essas aves eram criadas.

Projeto Ame a Ema



Foto do pátio da Usina Jalles Machado

Segundo Braolos Martinez, idealizador do projeto, em uma entrevista cedida ao Jornal da Cana (2006), o projeto passou a representar uma filosofia da empresa, seu sucesso foi tão grandioso que os funcionários e administradores colaboraram tanto seu desenvolvimento e conseqüentemente contribuíram para o nascimento de outros projetos com os quais a empresa trabalha até hoje.

O projeto surgiu da necessidade de conscientizar nossos funcionários e moradores da região sobre a necessidade de preservar o meio ambiente. Então pensamos em focar algo real. Escolhemos a ema por ser uma ave típica do cerrado. Ela já esteve em extinção na região. (JORNAL DA CANA, 2006, p.65)

Sendo assim, em 1994, foi criada na empresa a CIMA (Comissão Interna do Meio Ambiente) com o objetivo de estabelecer medidas preventivas de adequação às normas legais para preservação do meio ambiente. Os projetos criados e executados pela comissão foram:

- a) Reflorestamento de matas ciliares _ Desde 1995, a Jalles Machado, através da CIMA e em parceria com a Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), vem cuidando das matas ciliares em suas propriedades rurais, tendo acumulado um total de 170 mil mudas de espécies nativas plantadas. Esse programa tem como objetivo principal a recomposição das matas que margeiam rios e córregos, protegendo-os do assoreamento e servindo como habitat natural da fauna silvestre. Dentre as espécies replantadas, destacam-se: Ipê, Jatobá, Jenipapo, Ingá e outras.
- b) Viveiros de mudas _ a empresa possui em seu complexo agrícola um viveiro com produção anual de 100 mil mudas. Este viveiro foi implantado com o objetivo de reprodução de espécies nativas da região, preparação de mudas de seringueiras e plantas medicinais. Além de atender aos programas de reflorestamento da empresa, o viveiro realiza doações às escolas, incentivando o replantio das espécies nativas e a conscientização ecológica.
- c) Torta de filtro _ originada da decantação do caldo da cana durante a fabricação do açúcar e álcool. É utilizada para adubação orgânica durante o plantio da cana, por ser rica em matéria orgânica e fósforo.
- d) Serpentário _ a Jalles mantém um serpentário onde são alojadas as serpentes peçonhentas capturadas no complexo da empresa, esses ofídios são enviados ao Centro de Estudos e Pesquisas Biológicas da Universidade Católica de Goiás, onde se coleta o veneno visando à fabricação de soro antiofídico.

- e) Seringueira _ foi implantada na empresa a usina decidiu iniciar o processo de mecanização do trabalho com a cana. Após análise, foi observado que a espécie se adequava bem ao clima e ao solo da região, com isso se iniciou o plantio das mesmas, que atualmente estão em torno de três milhões de mudas de seringueiras plantadas.

Na área ambiental, a Jalles Machado criou o Proema, que tornou a ema o símbolo das espécies ameaçadas de extinção. Campanhas de conscientização sobre a necessidade de preservação da espécie e a incubação artificial de seus ovos têm contribuído, de maneira significativa, para o aumento do número de emas. A Jalles Machado, que produz anualmente 40 mil mudas em seu viveiro, realiza reflorestamento das matas da região. A Usina Santa Helena tem, também, uma atividade exemplar nessa área - com a produção de 50 mil mudas anuais __, fazendo o reflorestamento de todas as nascentes do município. (JORNAL DA CANA, 2004, p.48)

As conquistas dos certificados da Usina Jalles Machado nos últimos anos exprimem sabedoria em gestão empresarial e busca constante por aperfeiçoamento e desenvolvimento. Estar em destaque diante de tantas outras empresas no território nacional significa ter direcionamento de metas estabelecidas. Permanecer entre as principais empresas sucro-alcooleira do país simboliza estar atento às mudanças da sociedade, do mercado consumidor e da necessidade do capital mundial. Enfim, a busca por novas formas de gerir é um diferencial presente nessa empresa, que a cada dia cresce internamente em todos os sentidos, ampliando cada vez mais a sua responsabilidade para com a sociedade na qual está inserida. O Jornal da Bioenergia faz a seguinte colocação sobre a forma de gestão da empresa:

A Jalles Machado atua ainda com o compromisso de utilizar de forma inteligente os recursos naturais, reduzindo, gradativamente, os impactos ambientais. Para alcançar esse objetivo, a empresa faz uso da queima do bagaço da cana para produção de energia elétrica própria, responsável pelo abastecimento da usina. Com a cogeração de energia, a Jalles está apta a comercializar créditos de carbono, obtidos por meio da geração de energia de biomassa e pela substituição de óleo diesel nos equipamentos de irrigação pela energia elétrica, contribuindo, desta forma, para a redução do efeito estufa. Com a adoção da colheita mecanizada da cana-de-açúcar, que reduz a emissão de CO₂ na atmosfera, a empresa percebeu que teria que demitir funcionários. Para que isso não ocorresse, foi criado o Projeto Seringueira, que é realizado por meio da produção de mudas e incentivo ao plantio da seringueira na região. A atividade absorveu a mão-de-obra da cana para a realização da coleta de

látex. Além da manutenção dos empregos, o projeto transformou a região de Goianésia na maior produtora de borracha natural de Goiás, movimentando a economia e criando novos postos de trabalho diretos e indiretos. (JORNAL DA BIOENERGIA, 2007).

A responsabilidade social da Jalles Machado para com a cidade de Goianésia vem desde sua fundação em 1983, quando Otávio Lage de Siqueira iniciou um projeto que tinha a princípio trazer para o município uma dinamicidade econômica através da geração de emprego. Atualmente, esse empreendimento cresceu de forma extraordinária transformando-se em instrumento de competição empresarial no país e geração de riqueza para a cidade. Com isto é investido cerca de 2% de seus lucros na área social, a qual é também reconhecida por certificações de cunho nacional.

Importantes trabalhos nas áreas sociais e ambientais são realizados por usinas e destilarias goianas. Uma das referências no estado e no país é a Jalles Machado, que investe, anualmente, em projetos sociais o valor correspondente a 2% do faturamento bruto com a produção do álcool e 1% do faturamento com açúcar. Essa usina de Goianésia desenvolve trabalhos na área de educação, voltada para o ensino de 1ª a 4ª series para filhos dos colaboradores, acionistas, prestadores de serviços e outras crianças da comunidade. Há, ainda, projeto de horta escolar, curso de alfabetização, o programa de Educação Financeira e Qualidade de Vida_ direcionada às esposas de funcionários e á comunidade local _, entre outros. (JORNAL DA CANA, 2004, p.48)

Outra forma de perceber a responsabilidade social da Jalles Machado S/A está relacionada ao incentivo que a mesma promove com relação à erradicação do trabalho infantil no município de Goianésia. Como se sabe ainda é comum pelo país presenciar notificações relacionadas à exploração do trabalho do menor. No ano de 1995, a Usina tornou-se detentora do selo da Empresa Amiga da Criança (ABRINQ), por não ter e nem incentivar na cidade a exploração do trabalho infantil e ao mesmo tempo adotar práticas sociais para crianças e adolescentes.



- Em reconhecimento ao trabalho social desenvolvido com crianças e adolescentes, a Usina Jalles Machado recebeu o selo "Empresa Amiga da Criança", entregue pela Fundação Abrinq. O título, concedido em 1995, foi conquistado através da não-contratação de menores, adoção de creches e escolas, proporcionando aos filhos de funcionários e da comunidade em que as usinas estão inseridas, direito ao estudo e alimentação. Além disso, contribuíram ainda para a aquisição do selo, a preservação ao meio ambiente, através da capacitação de agentes multiplicadores, que ensinam aos jovens os cuidados com a fauna e a flora. (JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ, 1995,p.23)

Com essas atitudes a Usina Jalles Machado S/A passa a contribuir de forma externa para formação de uma sociedade mais estável em termos sociais. Isto é bem perceptível quando analisado seus investimentos sociais através da área da educação, cultura e esporte. Neste momento torna-se necessário dissertar um pouco sobre cada um desses investimentos.

Em termos de incentivo à educação, no ano de 1996 através da Fundação Jalles Machado³⁹, foi fundada a Escola Luis César de Siqueira Melo, que oferece à comunidade e aos filhos de seus funcionários e acionistas, atualmente, educação básica e ensino Fundamental para mais de 300 alunos.

Pregados pelo fundador Otávio Lago, os conceitos de bem-estar dos funcionários e de qualidade total repercutem na cidade de 52 mil habitantes, cuja marca é ruas limpas, asfaltadas e rede de esgoto em 90% das residências. Em Goianésia, o grupo mantém uma escola de ensino fundamental para 290 alunos, dois clubes e banca bolsas de estudo até a pós-graduação. (JORNAL DA CANA, 2007, p.37).

³⁹ A Fundação Jalles Machado, com sede na cidade de Goianésia, Estado de Goiás, é uma fundação de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia patrimonial, administrativa e financeira, cujo objetivo principal é implementar ações educacionais e culturais. Foi declarada como entidade de utilidade pública através da Lei Estadual Nº 12.883, de 17/06/1996.

O ensino é oferecido de forma gratuita para a sociedade e oferece a seus alunos um amplo espaço para a execução do ensino-aprendizagem. A unidade escolar obedece a todos os requisitos legais para seu funcionamento, além de professores habilitados para o trabalho. Segundo dados oferecidos pela empresa, a escola possui:

Salas de aula arejadas, videoteca completa, sala de leitura, playground, campo de futebol, pomar, horta orgânica, laboratório de informática, inglês, aulas de dança e música, xadrez, natação, karatê, merenda escolar. (CADERNO JALLES MACHADO S/A, p.15).

Além da grade curricular tradicional oferecida ao alunado da unidade escolar, também se oferece transporte gratuito, materiais didáticos escolares, além de uniformes e saúde preventiva. Os dados oferecidos tecem as seguintes informações:

Os alunos recebem atendimento odontológico, participam de programas preventivos regulares de escovação, aplicação de flúor, acompanhamento médico especializado quando necessário aparelho de reabilitação, farmácia básica e vacinação contra hepatite B, triplice viral e tétano, além de outras. (CADERNO JALLES MACHADO S/A, p.15)

A fundação Jalles Machado também oferece bolsa de estudos para alunos da graduação, pós-graduação, cursos de línguas e especialização profissional. Através de uma parceria com o SESI, a empresa oferece ensino para trabalhadores e comunidade de nível básico e médio, possibilitando aos moradores do município ampliação dos seus conhecimentos e incentivo por melhor condição de vida.

Aos seus funcionários, a Usina Jalles Machado S/A proporciona o Programa de Segurança do Trabalho, com o objetivo de preservar a integridade física dos trabalhadores. Com isso, são promovidas ações educacionais e administrativas, com o intuito de adequar-se aos trabalhos realizados por meio de treinamentos constantes e campanhas de conscientização. As ações destacadas pela empresa são:

SIPAT – Semana Interna de Prevenção de Acidente no Trabalho, Uso seguro de EPI'S _ Equipamentos de Proteção Individual, Trabalho em área restrita, Plano de Saúde Completo, Assistência

Odontológica, Farmácia e medicamentos, PCMSO - Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional, Monitoramento biológicos dos trabalhadores, Prevenção Auditivas e Visuais (CADERNO JALLES MACHADO, p.11,12)

Atualmente, o mais novo empreendimento do Grupo Otávio Lage de Siqueira é a fundação de mais uma usina na região do Vale São Patrício. Quando foi idealizada, Otávio Lage de Siqueira batizou esse novo empreendimento de Usina Codora⁴⁰. A futura empresa tem por objetivo gerar dezenas de empregos na região e contribuir para a expansão e desenvolvimento do município. O local onde está sendo construída a nova usina passou por uma série de discussão e prevaleceu a palavra final de Otávio que não abria mão desta ser construída próxima a cidade que escolheu pra viver e contribuir de forma intensa para seu desenvolvimento.

A nova usina está localizada na GO-338 km-33 na Lavrinha de São Sebastião. A seguir algumas informações sobre a mesma:

A Unidade Otávio Lage (Codora), filial agroindustrial da Usina Jalles Machado, está em fase de construção, com início das operações previsto para o começo da safra 2010/11, em Goianésia, a 170 quilômetros de Goiânia, GO. A usina alcançará a capacidade de 51 MWH de energia elétrica gerada a partir do bagaço da cana, em 2012. O complexo industrial será erguido numa área de 50 hectares e deverá funcionar em plena capacidade a partir de 2012, com previsão de moagem de 2,5 milhões de toneladas de cana. A área de plantio disponível é de 15 mil hectares, dos quais 7 mil de sócios e 8 mil de parceiros (arrendamento). Em 2012, a área plantada deverá ser de 22 mil hectares. (JORNAL DA CANA, 2008, p. 79)

Para facilitar o entendimento é necessário apontar as mudanças feitas pelo Grupo Otávio Lage de Siqueira, após o seu falecimento. Primeiramente, a Usina Codora tem seu nome modificado para Usina Otávio Lage de Siqueira, hoje abreviada por muitos na Jalles Machado de UOL, esta modificação foi uma forma encontrada para homenagear o mentor do grupo. Em segundo lugar a Codora continua existindo, mas como parte do grupo. Esta denominação é mantida e corresponde à parte energética da UOL, sendo ela administrada por Henrique Penna de Siqueira, neto de Otávio Lage.

⁴⁰ Após o falecimento de Otávio Lage, acionistas da empresa resolveram rebatizar a nova usina com o nome do idealizador. Assim, a Usina Codora passou a chamar-se Usina Otávio Lage de Siqueira.

Investimentos de valores altos estão sendo feitos na nova unidade, com o propósito de funcionar a partir da colheita 2010/2011. De acordo com o gerente corporativo da empresa, Ricardo Steckelberg, a Usina Otávio Lage de Siqueira terá em suas futuras instalações máquinas altamente desenvolvidas que trará melhor qualidade a produção, diminuirá a perda na industrialização e será referência nacional como a Jalles Machado em termos de qualificação socioambiental. O Jornal da Cana (2008) aponta em uma entrevista como os diretores da Jales Machado a seguinte colocação:

O grupo goiano está investindo R\$ 330 milhões na unidade, cuja moagem inicial está prevista em 1 milhão de toneladas de cana-de-açúcar para produção de 85 mil m³ de álcool, no primeiro ano de atividades. De acordo com o gerente corporativo da empresa, Ricardo Steckelberg, a usina contará com novo dispositivo de acionamento de moendas, usando a tecnologia de redutores planetários acionado por motores elétricos de baixo peso e alta confiabilidade. O sistema substituirá os redutores de eixos paralelos acionados por turbina a vapor. A caldeira terá pressão de 65 bar, 250 toneladas de vapor/hora e será construída com um único balão de vapor (monodrum), com paredes afetadas e isoladas com material apropriado para altas temperaturas. O objetivo é evitar prejuízos na produção de vapor como ocorre com a estrutura de alvenaria, suscetível a rachaduras. ENERGIA-As linhas de transmissão que ligarão a central termelétrica da Unidade Otávio Lage (Codora) à subestação de Itapaci, em Goiás, terão 31 quilômetros. O processo de licenciamento da linha está em fase de aprovação, enquanto uma equipe multidisciplinar, formada por biólogo, psicólogo, assistente social e engenheiros, planeja a execução do projeto com o mínimo de impactos ambientais. De acordo com o biólogo da equipe, Alam Aparecido de Mattos Tombini, o traçado deve evitar áreas de proteção ambiental ou próxima aos mananciais de água. "Temos que fazer todo o plano de controle ambiental, prevendo qualquer tipo de impacto positivo ou negativo", conta. As linhas passarão pelos municípios de Santa Isabel e São Luiz do Norte. Codora entrará em operação na safra 2010/11. (JORNAL DA CANA, 2008, p.79).

A criação da Usina Otávio Lage de Siqueira simboliza a consolidação da empresa na região e conseqüentemente na disputa do mercado nacional e internacional. É importante salientar que a manutenção e o crescimento da empresa diante da situação globalizada da economia mundial e a disputa incessante por consumidores que são aspectos inerentes do sistema capitalista de produção, significa em outras palavras seleção dos melhores, dos mais qualificados, dos mais ousados, dos mais visionários, ou seja, permanecer no mercado em situação de crescimento significa acompanhar o desenvolvimento mundial.

Portanto, é considerável pontuar que o “chapéu atolado” da região esquecida do norte do Vale São Patrício, especificamente, a cidade de Goianésia, hoje é conhecida e reconhecida nacionalmente como um dos municípios do Estado de Goiás que mais cresce e mais lucro dá aos cofres públicos em termos de impostos pagos, justamente pelo fato de ter tido um fazendeiro de visão futurística e ousada em buscar métodos de colaborar para o crescimento da cidade na qual permaneceu até o último dia de vida. O Jornal Diário da Manhã (2007) redigiu:

O grupo Otávio Lage lança, no próximo sábado, a pedra fundamental do Complexo Industrial Otávio Lage em Goianésia. A obra, orçada em R\$ 300 milhões, vai gerar, aproximadamente, 2,5 mil empregos. O empreendimento no setor sucroalcooleiro vai concentrar atividades da usina Jalles Machado e da Codora Álcool e Energia, já em construção. O evento encerra a semana de homenagens ao ex-governador Otávio Lage (1924-2006), conhecido por seu espírito empreendedor. O complexo compreende área de plantio de 35 mil hectares, com 28 mil hectares de área de moagem. O plantio da cana-de-açúcar começou em maio do ano passado e já atinge cerca de 500 hectares, com, aproximadamente, 100 trabalhadores. O início da moagem da cana está previsto para julho de 2010, com estimativa de processar, inicialmente, um milhão de toneladas. Até 2013, espera-se chegar a 2,4 milhões de toneladas, o que resulta na produção de cerca de 220 milhões de litros de álcool. Energia – Diretor presidente da Jalles Machado S/A, Ricardo Fontoura de Siqueira destaca que a Codora vai aproveitar o bagaço da cana-de-açúcar gerado pela usina para a produção de energia elétrica. Com o que sobra da moagem de cana, a Condora terá capacidade de produzir energia suficiente para abastecer uma cidade de 100 mil habitantes. Atualmente, a indústria Jalles Machado processa 2,4 milhões de toneladas. Até o próximo ano, a produção será de 2,8 milhões de toneladas. O diretor-presidente ressalta que todo o projeto é executado com responsabilidade socioambiental, herança da visão empreendedora do pai, o ex-governador Otávio Lage. A Jalles Machado e a Codora juntas podem produzir 5,2 milhões de toneladas, cerca de 23% da produção atual do Estado, que é de 23 milhões de toneladas, destaca Ricardo. Ele esclarece que o Complexo Industrial está inserido no trajeto da Ferrovia Norte-Sul. Destaca, ainda, que o empreendimento deve recolher, aproximadamente, R\$ 35 milhões anuais em impostos. (JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ, 2007, p.22)

Diante dos dados fornecidos, se pode perceber que a instalação da Usina Jalles Machado de Siqueira, antes de qualquer outra avaliação desde sua instalação em Goianésia, até a atualidade, representa fonte de desenvolvimento, geração de empregos, arrecadação de tributos e consequentemente, investimentos para o crescimento da cidade e do cidadão e progresso. Suas linhas de incentivo, a socialização, os investimentos culturais

e a gestão empreendedora exemplificam a personalidade de Otávio de forma clara e sucinta. Isto consolidado através da Vera Cruz Agropecuária LTDA.

3.5 - Vera Cruz Agropecuária LTDA.

Os empreendimentos feitos por Otávio Lage são divididos em duas vertentes de produção, mas que se equiparam por sua semelhança em suprir a necessidade da outra. As duas vertentes de produção são: a Usina Jalles Machado e a Vera Cruz Agropecuária. Estes empreendimentos se interligam pelo fato das mesmas produzirem produtos que são utilizados uns pelos outros. Um exemplo é a produção de fertilizantes da Vera Cruz, os quais são utilizados pela Usina Jalles Machado no campo onde são plantadas as mudas de cana.

Atualmente a Vera Cruz agropecuária tem seus recursos investidos nos seguintes seguimentos: confinamento de gado, produção de sementes de milho e sorgo, soja para o mercado interno e externo, (PLANAGRI), cana de açúcar (Jalles Machado) investimento nos meios de comunicação (Rádio Vera Cruz), plantação de seringueira (Goiás Látex), tomate (GOIALLI), milho (BRASMILHO). Representando o agro negócio na região, a Vera Cruz Agropecuária utiliza as novas tecnologias desde quando Otávio fazia nesta fazenda pesquisas com sementes de alto padrão. A empresa, desde sua criação, trabalha com a visão de que a eficiência do trabalho prestado a seus clientes e o crescimento advém da experiência de um líder de visão dinâmica, que buscou acompanhar os avanços da tecnologia.

Otávio Lage deixou claro que a terra é importante, pois representa vida e condição de sobreviver. Em seu discurso, explicitou que a terra deveria ser utilizada para o desenvolvimento, e o que faltava aos agricultores era investimento e ousadia. Isso pode ser percebido quando analisamos a fazenda Vera Cruz, a qual fez ramificações de empreendimentos e atualmente possui acionistas e parceiros de outras fazendas que crescem junto com esta unidade. Moldada pela diversidade, a Vera Cruz Agropecuária é hoje referência na região Centro-Oeste pela produção.

Dentro das atividades investidas internamente o grupo hoje oferece aos consumidores: combustível, extração de látex, geração de energia, suplementos minerais, açúcar, produtos de limpeza, sementes selecionadas,

armazenagem de grãos, enfim, o grupo enquanto empresa agropecuária atinge todos os setores do ramo. Todos estes empreendimentos gerenciados, como já foram demonstrados anteriormente, é pautado pela legislação de preservação ao meio ambiente. O Jornal da Cana (2007) publicou:

Os investimentos do grupo também vão garantir o aumento na produção de borracha natural da Vera Cruz Agropecuária, que obteve financiamento inédito com sete anos de carência do BNDES. Com esses R\$ 13 milhões, o total de seringueiras passará de 520 mil para 1,32 milhão. E a área plantada, de 1 mil para 2,4 mil hectares. A produção chegará a 5 mil toneladas de látex até 2010. A criação de bovinos em regime de confinamento, quinto maior no ranking brasileiro, abrigará 36 mil cabeças em 2007. O rebanho próprio da Vera Cruz, que prevê faturamento de R\$ 25 milhões neste ano, chegam a 45 mil cabeças, espalhadas em 33 mil hectares. A Planagri Sementes, que tem parceria com outras quatro empresas em outros Estados, deve faturar R\$ 15 milhões em 2007 com híbridos de milho, sorgo e rações animais. (JORNAL DA CANA, 2007, p.79)

Muitas são as vantagens verificadas no grupo pela diversificação que a empresa atua, mas é necessário colocar a importância do investimento na seringueira no município, empreendimento que a princípio deixou Otávio Lage um tanto desconfiado dos rendimentos que poderiam ser colhidos. Segundo Ricardo Fontoura de Siqueira, o pai só concordou com o investimento em 1998 pela possibilidade da geração de emprego, já que não achava que veria os frutos deste novo projeto devido a sua idade.

Não, o projeto da seringueira, o primeiro projeto, veio de um grupo de sócios da Jales, aí eu assumi dessa idéia de querer fazer isso tudo. E comecei fazer lógico, com a concordância dele né, e num certo ponto, "... sete anos", isso foi em 1988, 89, "você quer fazer esse negócio de seringueira, eu não vou ver isso, tá pensando só em vocês né, porque eu não vou desfrutar disso, a hora que isso começar produzir, demora tantos anos que vocês tão pensando só em vocês", brincando com a gente, lógico né. Aí, a hora que ficou produzindo, que passaram dez anos depois, nós fizemos outro projeto de seringueira, aí ele falou assim: "E porque que nós não pensamos nisso antes?" Quer dizer, já tinha passado um período todo, já tinha gostado da atividade, do resultado da atividade, e já tava vibrando pra mais sete anos, quer dizer, em 2002, ele tava pensando sete anos pra frente, porque agora já tinha experiência, ele viu que era bom, a pecuária não tava tão bom, então ele é entusiasmado, quer dizer, ele tava com oitenta anos e já entusiasmado pra mais sete anos, então papai tinha esse espírito, quer dizer, no momento que ele viu que era uma atividade nova, que ele desconhecia, "ah, vocês tão pensando só em vocês", não, aí no momento que ele viu o resultado, viu que a coisa era gostoso de trabalhar, que dava rentabilidade, que dava aproveitamento da terra, que dava muito emprego, né, que a seringueira nós pensamos porque dava muito emprego, tudo, ele já ficou entusiasmado, quer

dizer, de 98, onze anos depois do primeiro fato que ele brincou isso aí né, tava entusiasmado pra mais sete anos. Então é impressionante, a vivacidade e a vibração dele né. (Informação verbal)⁴¹

Por outro lado o Sr. José Carlito, quando argumentado em entrevista sobre a introdução das seringueiras no município, respondeu:

E ele ia lá, era muito difícil ele ir lá. Ele chegou lá um dia, ficou olhando lá trator fazendo curva de nível lá,..., ele: "Oh, eu aceito aquilo ali só por causa da doença do Ricardo". Passou mais uns dias resolveram acabar com o outro pasto lá pra plantar seringueira. Falou: "Oh, só aceito aqui por causa da doença do Ricardo". Fazia gosto dele né, não contrariar ele né? Aí quando o trem começou a produzir ele chegou lá e falou: "Oh, queimei a língua, o trem dá dinheiro!" [risos]. "Queimei a língua!" [risos] (Informação verbal).⁴²

O relato nos remete novamente à ideia de homem empreendedor, se verifica que Otávio não tinha certeza do retorno e da garantia deste novo empreendimento, ou seja, mesmo com receios Otávio não teve medo em autorizar o novo investimento e mostrou ao filho com essa atitude, que ousar no ramo empresarial significa arriscar. Outro fator interessante deixado nesse relato e nos outros é que Otávio desconhecia a forma de trabalhar a seringueira, enfim, tudo era novo e por isso, o risco era maior, mas ao mesmo tempo esta incerteza significava ou não novos horizontes para a empresa e para o município. Talvez seja por isto que é tão fácil perceber a sensibilidade do homem moderno em Otávio a partir de Bermam.

Experiência vital de espaço e tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida que é compartilhada pelos homens. (BERMAN, 2007, p. 47)

A Vera Cruz Agropecuária no ano de 2008 possuía 771 funcionários, em diferentes áreas da produção que o grupo trabalha. A renda do grupo gera uma somatória de impostos importantes para investimentos do município, além de contribuir para a manutenção do comércio local com os empregos gerados. O látex produzido pela seringueira no município é vendido para a empresa

⁴¹ Informação fornecida por Ricardo Lage em entrevista realizada em 04 de novembro de 2008.

⁴² Informação fornecida pelo Sr José Carlito em entrevista realizada em 02 de julho de 2008.

Micheland. O gráfico abaixo faz um balanço dos impostos pagos pela plantação e extração da seringueira. Veja:

Impostos Recolhidos pela Produção de Seringueira

Ano de produção	Nº. de árvores plantadas	Custos sem impostos (R\$)	Custos com impostos (R\$)	Valores em Impostos (R\$)
Safra 2004/2005	172.320	1.038.823,87	1.477.672,83	2.516.496
Safra 2005/2006	177.098	1.134.170,00	1.690.509,14	555.875,14
Safra 2006/2007	177.098	1.134.634,00	1.761.864,66	627.230,06
Safra 2007/2008	177.098	1.473.361,21	2.409.762,44	936.401,12
Safra 2008/2009	179.929	1.503.653,20	2.188.700,62	685.047,42

Relatório Anual _ Vera Cruz LTDA. 2008/2009

A alta tecnologia é presente na Fazenda Vera Cruz desde 1972, quando Otávio Lage iniciou os confinamentos de gado, a produção de grãos e sementes. É possível perceber a preocupação de Otávio em ter em seus projetos quando executados a busca pela qualidade e a busca incessante por novas tecnologias no campo do agronegócio. Em 1980, Otávio recebeu na fazenda uma equipe do Jornal O Popular que buscava entender mais sobre este processo de confinamento, como Otávio era pioneiro, o mesmo tornou-se pessoa indicada para discutir sobre o assunto. A entrevista diz:

Em Goiás, o ex-governador Otávio Lage se apresenta como um pioneiro na experiência do Fleckieh no rebanho. Partiu para uma experiência que está dando certo na Fazenda Vera Cruz, em Goianésia. Ele optou pela utilização do sêmen que importa diretamente, por intermédio da Imex. A inseminação é praticada com Nelore e Gir. Desejando um gado de forte tendência para o corte, está buscando um animal com a rusticidade do Nelore e com o porte para ganho de peso do Fleckieh. Os resultados são apontados como "altamente positivos" pelo ex-governador de Goiás. Otávio Lage sai com o repórter em sua camioneta cabine duplo. Atravessa um pé de pequi aqui, outro ali mostra as matrizes que foram inseminadas e que deram crias em sua fazenda de 1200 alqueires. Numa das divisões da sua fazenda para na porta da casa de um dos administradores. Depois de buzinar grita o nome de Geraldo e pergunta ao zelador sobre doenças nos bezerros. A resposta vem de imediato por Geraldo: nunca adoeceu nenhum bezerro este ano. Há quatro anos na Fazenda Vera Cruz nunca se viu o gado morrer. Otávio diz até logo e diz satisfeito ao repórter: "ta vendo? Mais adiante repete a mesma pergunta a outro peão e recebe a resposta

afirmativa de que o bezerro Fleckievh não dá problema e que o mesmo não morre como os outros” (JORNAL O POPULAR, 1980, p.26).

Atualmente a Vera Cruz Agropecuária possui mais de 55 mil cabeças de gado confinadas, sendo estas pertencentes ao grupo familiar e acionista concentrados em alguns municípios de Goiás. Dentro da própria empresa é produzida parte dos alimentos necessários para a criação do gado como o milho, sorgo e cana de açúcar.

A base de volumoso da dieta no confinamento da Vera Cruz é cana-de-açúcar. A hidrólise nos trouxe estabilidade aeróbica mantendo assim a qualidade nutricional da cana e também fresca por bastante tempo. Isto permite flexibilidade no estoque da cana preparada a qual utilizamos ao redor de cinqüenta toneladas diariamente. Os funcionários se adaptaram bem ao sistema o qual funciona muito bem! (JORNAL DA CANA, 2009, p. 11).

Outras atividades desenvolvidas relacionadas ao gado é a inseminação artificial, exames periódicos, diagnósticos de gestação, vacinação, pastagens específicas. O padrão de excelência é uma das metas que sempre permeia o grupo Otávio Lage pode ser verificado no confinamento dos gados. O animal é identificado por um chefe, através de tatuagem, “boton” ou rastreamento que mostra ao pecuarista uma serie de informações, como: a raça, a fazenda de origem, a adaptação feita, o número do animal, britânica ou continental.

A pecuária brasileira conquista tecnologia a cada ano. Houve a preocupação com a sanidade, o aprimoramento genético e o manejo do pasto. O confinamento é a somatória de todos esses avanços. No Centro – Oeste do país, a grande distancia dos principais mercados consumidores e dos portos de exportações induzem os produtores de grãos a aproveitar a produção própria da matéria prima da ração e transforma-la em carne. A região abriga os maiores confinamentos do Brasil. Grupos de fazendeiros abrigam mais de 50 mil animais como a Vera Cruz Agropecuária LTDA. (REVISTA GLOBO RURAL, 2008, p.4).

Em suma, se pode perceber que o Grupo Otávio Lage de Siqueira é responsável de forma direta e indireta pela modernização da cidade de Goianésia, pela ascensão econômica, política e social do município e com certeza, pelo reconhecimento que a mesma possui no cenário Estadual e

Nacional frente às conquistas e ao progresso alcançado nas últimas décadas. Visualizar essas modificações é de natureza fácil quando se compara e analisa Goianésia desde a sua formação nos pés do café, em que se destacava a produção cafeeira, até a atualidade, nos pés da cana, em que a mesma se destaca no mundo moderno do agro negócio.

Consideração Final

Buscou-se nesta pesquisa mostrar as implicações do processo de modernização conservadora na estrutura e nas atividades agropecuárias na região do Vale São Patrício do Estado de Goiás. Para atingir o proposto utilizou-se como personagem participativo o empresário Otávio Lage de Siqueira.

Goianésia é um dos municípios que compõe a região do Vale São Patrício, e tem sua origem ligada a política de ocupação dos espaços vazios através da abertura das fronteiras agrícolas do Estado. A construção da BR 060 facilitou o escoamento da produção agropecuária do município, contribuindo para o desenvolvimento da economia local.

A implantação da Usina Jalles Machado na década de 80, tornou-se empreendimento responsável para o crescimento econômico do município e da concretização de uma modernização técnica e estrutural. Tendo como fonte de pesquisa o empresário Otávio Lage de Siqueira, percebe-se que este enquanto agente histórico foi participe de decisões que indiretamente moldaram a estrutura sócio econômica de Goianésia.

As evidências de contraste do novo em relação ao velho nos seus investimentos empresariais sempre tiveram presentes, confinamentos, sementes modificadas, cooperativas e todo um conjunto de medidas movido em torno de uma prática que visou à busca da urbanidade, de controle social, difundindo novos valores e padrões de comportamento. Contudo percebemos que excluídos neste processo ainda se fazem presentes, não pararam de “semear-se” e seus lamentos e reclamos escoam por todos os cantos da cidade.

Na análise do processo de modernização da cidade de Goianésia, verificou-se que a implantação da Usina Jalles Machado pela ação e influência política de Otávio Lage, funcionou como um dos mediadores cruciais para a concretização dos ideais de progresso e modernização da região. O desejo de experimentar o fenômeno modernidade o levou a um discurso pautado no contraste em relação à administração política anterior, que resultou na imagem construída de um líder carismático conservador que conseguiu superar naquele

momento histórico, social, político e econômico a situação de isolamento que se encontrava a região norte de Goiás.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Josimar Ribeiro de; CAVALCANTE, Yara; MELLO, Cláudia Santos. **Gestão ambiental**: planejamento, avaliação e verificação. Rio de Janeiro: Thex, 2000.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

AMORIM FILHO, Lys Elizabeth. **O poder e a estrutura agrária nos municípios de Ceres e Jaraguá**: uma análise comparativa. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, SP: 1999.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A região como arena política**: um estudo sobre a produção da região urbana Centro- Goiano. Goiânia:Vieira,2007.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. 1989

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

BERTRAN, Paulo. **Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste**. Goiânia: UCG, 1998.

BORGES, Barsanufio Gomides. **O despertar dos dormentes**. O estudo sobre a estrada de ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922. Goiania: Abeu,1990.

_____. **A fronteira na formação do espaço brasileiro (1930-1980)**. Goiânia: UCG, 2004

_____. **Goiás nos quadros da economia nacional (1930-1960)**. Goiânia: UFG, 2000.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**; lembranças de velho. São Paulo: T.A. Queiroz Editor/EDUSP, 1987.

CAMPOS, FRANCISCO ITAMI. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG, 1997.

CASSIANO, Ricardo. **Marcha para o Oeste**. Rio de Janeiro: USP; José Olímpio, 1970.

CHAUL, Nasr. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia, UFG: 1997.

DAYRELL, Eliane Gracindo. **Colônia agrícola nacional de Goiás**. 1974. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1974.

ESTERCI, N. **O mito da democracia no país das bandeiras**. Rio de Janeiro, 1972. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: 1998.

FERNANDES, Arissâne Damasco. **A dinâmica da fronteira agrícola em Goiás (1970-1985)**. Goiânia: UFG, 2006.

GRAZIANO DA SILVA. **A modernização conservadora dos anos 70**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LEFREVE, Henri. **Introdução à modernidade**. Tradução de JEHOVANIRA Crystomo de Sousa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1969

LINHARES, Maria Yeda; TEIXEIRA, Francisco Carlos da Silva. **Terra prometida**: uma história da questão agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LUIS FERNANDES, Clever; Aquino, Reginaldo Lima (orgs). **Jalles Machado**: utopia e modernidade. Goianésia, UEG, 2001.

MAIA, CLÁUDIO LOPES. **Os donos da terra: a disputa pela propriedade e pelo destino da fronteira-a luta dos posseiros em Trombas e Formoso 1950-1960.** Dissertação de Mestrado-UFG,2008.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Huciteg, 1997.

_____. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Contexto. 2 ed. 2008

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, Moacir Lazaro de. **História de Goianésia.** Gráfica O Popular, 1980.

MENEZES, A.M.G de; CARVALHO,J.; GUIMARÃES,M.I.C.;MOTA,U.de O. **Goianésia: seu povo sua história.** Goianésia: Gráfica Tânia, 2000.

MENEZES, A.M..Godinho. **Minha terra e sua gente.** Goianésia:Unigraf,1983.

Plano Nacional de Agro Energia (2006-2011). Brasília: Mapa, 2005

PIETRAFRESA, José Paulo. **Organização do trabalho na indústria canavieira: o caso de Goianésia.** Goiânia: UFG, 1995.

PINA, Léa Araújo. **Meu pai Bernado Sayão.** Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1994.

PINTO, Luis Fernandes Guedes; PRADA, Laura de Santis. **Certificação sócio ambiental do setor sucroalcooleiro.** Fundamentos da certificação sócio ambiental. São Paulo: Embrapa Meio Ambiente, 2000.

PIRES, Murilo José. **As implicações do processo de modernização conservadora nas estruturas e nas atividades agropecuárias da região centro-sul de Goiás.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Rio de Janeiro: Vértice, 1992.

RAMOS, Pedro. **Agroindústria canvieira e propriedade fundiária no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.

RIBEIRO, Conceição Caetano. **O poder legislativo da Goianésia**. 1954-2008. Goiânia: Kelps, 2008

ROCHA, Hélio. **Inquilinos da casa verde**. Goiânia: Kelps, 2008

STONER,R.J.A.; FREEMAN,R.E. **Administração**. Rio de Janeiro: LCT,1999

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade** – Vol. 1. Brasília: UnB,2004,p. 15

Jornais e Revistas

Anuário Otávio Lage de Siqueira

Caderno Jalles Machado

Folha da Cana 2004 2006, 2007, 2008,2009.

Folha do vale, 2006.

Informativo Lage, 2006

Jornal da Bioenergia 2007

Jornal da Universidade Católica de Goiás 2003

Jornal da Usina 2007

Jornal de Noticias, 1981.

Jornal Diário da Manhã, 1983, 1995,2007.

Jornal Diário de Noticias 1968 1960,1965

Jornal do Povo, 1968.

Jornal Jalles Machado 2009

Jornal Nota Política 1965

Jornal O Popular 1968, 1980, 1983,2007.

Jornal Tribuna de Goiás 1970

Relatório anual da Jalles Machado 2008-2009

Relatório anual Vera Cruz LTDA 2008-2009

Revista Agropecuária Tropical 2008

Revista Atualidade Vera Cruz 1957

Revista Globo Rural 2008

Revista Plano de Ação do Governo Otavio Lage de Siqueira

Revista: Goiás cinco anos de trabalho-1966-1970. Goiânia, Columbus, 1971.

RODRIGUES, Dayse Tavares Rodrigues, MIZIARA, Fausto. Expansão da fronteira agrícola: a intensificação da pecuária bovina no estado de Goiás. **Revista Pesquisa Agropecuária Tropical**, v.38, n.1, mar.2008, p. 14-20,

Mélo, José Luiz Bica de. A fronteira dos desencontros. **Revista da Geografia da UFRGS**, ano 04, n 07, jan/jun 2005, p.206-272.

BEZERRA, Luiza Maria Capanema; CLEPS JÚNIOR, João. O desenvolvimento agrícola da região Centro-Oeste e as transformações no espaço agrário do Estado de Goiás. **Revista Caminhos da Geografia**, Goiânia p. 29-49. 2004

ANEXOS

Otávio Lage Siqueira Filho

Data: 07/07/09

Otávio Lage de Siqueira Filho, tenho cinquenta e três anos e nasci em Uberaba em 1956, em abril. Não, na época Goianésia não tinha estrutura médica né, de hospital, aí minha mãe que tinha a família dela toda em Uberaba, , minha avó, as irmãs os irmãos, aí ela ia para lá, papai levava ela um mês antes de ela dar a luz e voltava, aí um mês depois ele ia para conhecer o filho e trazer de volta a esposa e os filhos.

Lá na fazenda. Nós moramos lá até papai ser candidato a prefeito né, até ser eleito prefeito. E quando ele foi eleito prefeito ele mudou aqui para Goianésia, então moramos lá cinco anos na fazenda. Muito pouco. Lembro de pouca coisa.

Quando ele foi prefeito, ele, até foi uma eleição muito disputada que ele teve um problema sério em uma urna lá em Cafelândia e essa urna foi desviada e teve depois de um ano, meu avô entrou com pedido na Justiça Federal e aí conseguiu que fosse feita uma nova eleição naquela urna. Aí papai ganhou, teve uma eleição um ano depois, ele ganhou, tomou posse e aí ele foi prefeito e, na época Goianésia era uma cidade muito, ainda, pequena, muito desorganizada, tinha um projeto bom, mas era uma cidade ainda, faltava, carecia de organização, durante o período em que ele exerceu o mandato de prefeito ele fez uma administração revolucionária na época, ele era engenheiro, engenheiro civil e, começou a estruturar a cidade, organizar a cidade, fazer a cidade organizada, fazendo a parte de passagens aí do lado do centro para o bairro ... é, estruturando a parte da educação, ele mesmo dava aula, professor de matemática, ele, a parte da estrutura, energia elétrica, então ele fez uma organização na cidade muito boa sabe e isso chamou a atenção na época para essa administração nova e revolucionária que Goianésia teve e ele acabou sendo candidato a governador, em 65.

É, aí quando ele foi para a candidatura, em 65, nós mudamos para Goiânia, e aí nós morávamos ali na Rua 84, ali no Edifício Carajá, ali atrás do Palácio ... ali, entre a Praça Cívica e a Rua 94 ali. E aí o papai estava ali no prédio, morando ali como candidato a governador, acabou sendo eleito e aí quando ele foi eleito nós, ninguém morava lá em Goiânia, ele não gostava que a gente ficasse naquela, vamos dizer, naquela mordomia, naquela vida fácil de filho de político e de governador do Estado. Aí na época nós fomos, eu particularmente, fui estudar em Silvânia, que era internato, e lá em Silvânia eu terminei a quarta série, fiz a quarta série e fiz o exame de admissão na quinta série, tinha que fazer exame de admissão, aí fui para Minas Gerais, para um internato lá perto de Ouro Preto fazer também o Ginásio lá. Aí fiquei lá dois anos, um ano e meio. Aí eu tive um problema nas cordas vocais, tive que fazer

um tratamento e eu vim morar em Goiânia. Então eu fui o único que, e a Silvinha também morou alguns anos, dos cinco que ele teve como governador eu fiquei dois anos ali mais ou menos.

É, quando ele assumiu eu tinha dez anos, em 66, e quando eu vim para cá, em 68, eu tava com doze anos, e fiquei aqui até os 14 anos. Foi. Era o mais novo e tive esse problema que me obrigou a fazer um tratamento que não dava para fazer no internato, por isso que eu fiz em Goiânia e aí eu estive com ele lá nesse período.

Muito dedicado àquilo que ele estava fazendo né. Papai sempre focou muito e se dedicou muito as bandeiras que ele levantava, as é, natividade empresarial, natividade política, né, ele foi muito dedicado àquilo que ele fazia, e como governador ele teve uma dedicação total, abandonou as coisas dele aqui e exerceu um mandato de muitas realizações, na época investiu muito na parte de energia, de educação, de estradas né, parte de saneamento básico, de, criou a Saneago né, ele que criou a Saneago, não existia e aí foi feito um trabalho muito grande. Aqui em Goianésia mesmo agora que está fazendo uma ampliação de uma estrutura, porque deixou como governador em 1970 né. Então você vê, são trinta e nove anos depois é que está sendo feito agora um investimento maior aqui, que até foi nós que conseguimos recurso do **PAC** do Governo Federal para fazer, 7 milhões em 7 anos para fazer essa obra de água, mais quatorze milhões na área de esgoto, que nós fizemos como, como prefeito, fizemos lá, muitos anos depois né, que papai fez tudo muito bom aqui.

É, o chapéu atolado foi uma bandeira de campanha interessante porque na época a população do interior era muito representativa, tinha muita gente vivendo no interior, não tinha o êxodo rural ainda, e como ele era do interior foi uma identidade fácil, das pessoas entenderem que ele era aquele homem simples, do interior, uma pessoa dedicada, muito trabalhadora né, e que era de, era de uma linhagem, vamos dizer assim, da parte do meu avô, é, de uma linhagem de trabalho, linhagem de homem do campo que fazia as coisas acontecer enfrentando todas as interpéries que o homem do campo enfrenta no dia a dia. E ele, na sua campanha chegava na cidade e entrava montado num cavalo, montava num trator, dirigia um trator e isso identificou muito, facilitou muito o seu conhecimento né, com as pessoas, a proximidade e o jeito dele, muito simples né de ser, sempre foi muito humilde e muito pró ativo com as pessoas né, dando muita atenção e ele, com isso conquistou é, um eleitorado que ele não conhecia, porque ele não era político né, era prefeito de Goianésia, mas não tinha assim conhecimento do estado, dos problemas das outras regiões e ele trabalhou muito como candidato e acabou tendo uma eleição apertada a diferença na época foi muito pequena e foi uma vitória muito significativa, porque o PSD na época tinha, é o comando político do estado né, durante muitos anos né, ele que comandava a política do estado. Aí veio a revolução né, e isso, essa mudança o papai foi o símbolo da transformação né, o símbolo da renovação, o símbolo da renovação que aquela que veio para fazer várias mudanças e ele acabou pegando essa bandeira de homem de campo, do campo e, dessa mudança política né, que a evolução no seu início implantou né.

O vovô era uma pessoa amabilíssima né, o vovô era uma pessoa muito dinâmica, uma pessoa muito culta e ele era um engenheiro nato né, ele fez engenharia, fez projetos, fez muitas realizações, ele fez a primeira hidrelétrica do estado de Goiás, ele é que fez, né, ali na região de Itumbiara, de Buriti

Alegre, Buriti Alegre né, Itumbiara. É, depois ele fez aqui em Jaraguá também uma hidrelétrica aqui, para geração de energia elétrica. Ele foi uma pessoa assim, que, muito honesta, muito séria sabe, muito positivo, muito franco, e, e muito carinhoso né, muito família, né, ele tinha uma, um carinho muito grande pela família, pelos irmãos, pelos tios, pelas tias, ele, pelos netos né, e ele fazia questão de fazer o natal aqui na Fazenda Itajá, aonde passava toda a família ali reunida, final do ano ele se vestia de Papai Noel, fazia toda uma encenação, os netos ficava tudo louco né, naquele momento né, de ele enfeitado lá e fazia o Papai Noel chegar lá no campo de aviação, chegava na carroça, com saco cheio de brinquedos. Então ele era uma pessoa muito assim, querida né, uma pessoa muito, é, amada, muito brincalhão com todos os netos, muito atencioso, levava os netos pra caçar, ensinava os netos a nadar; e como político foi um político assim, de muita fibra, sabe? Enfrentou muitos desafios na época, eu lembro que ele teve, assim, é, embates históricos com o PSD, com o Pedro Ludovico, ali no Rio de Janeiro ainda como deputado né, e ele teve muitos momentos assim de afirmação das suas posições e, e ele foi um político de posição, ele era, defendia certos princípios e não abria mão e, e ele teve projetos importantes como a criação da ... Belém né, que foi um projeto de sua autoria e que acabou é, levando ele a morte, né, foi nessa estrada que ele veio a falecer. E também teve uma realização de ter o seu filho, que foi o Jair, que é engenheiro né, meu tio e meu sogro, que foi o, a pessoa que cuidou da empresa, que fez todo o asfaltamento da rodovia Belém-Brasília na época já né. Já existia Brasília né, então é um. E ele foi um político muito atuante, ficou triste quando teve que deixar de ser candidato porque o papai era governador, então ele não podia ser, a lei não permitia que parentes de primeiro grau do governador fossem candidatos a reeleição ou candidatos a deputado, então ele deixou de ser.

É. O papai tinha assim, realmente, um carinho muito grande né, e, um orgulho muito grande do nosso avô, e ele, eu acho que, pela sua vida e pela sua trajetória e pelas suas realizações, então papai, que conhecia, conviveu com ele aqui, quando ele formou ele veio pra cá trabalhar com meu avô e ele conhecia a maneira de ele ser, de ele agir e teve essa proximidade muito grande e foi de uma certa maneira, quem orientou o papai como político apesar de o papai não ter essa marca, essa ... de político.

Ele é, ele sempre foi um empreendedor, sempre foi um tocador de obra, sempre foi uma pessoa assim, que fazia as coisas acontecer sabe. E ele não era político, meu avô era político, papai não, papai é, ele ele, vamos dizer, exercia a liderança dele pelas suas realizações, pelo seu empreendedorismo sabe, pela sua força, seu foco pra que determinada ação acontecesse sabe, em prol de uma comunidade, a sua energia era contagiante né, e o vovô de uma certa maneira, era um político é, que gostava do Legislativo, que tinha assim, essa vontade de pensar no Brasil como um todo.

É então, o papai tinha assim. É o papai tinha essa característica de ser muito empreendedor e o vovô também era muito empreendedor, o vovô teve muitas realizações empreendedoras né, o fato de ele vir pra cá, uma região que não tinha nada na época né, e desbravar aqui essa região da Itajá e, fazer, estruturar, trazer gente né, como foi a Família Otoni, Família da Carrilho né, que o vovô que trouxe né, então foi um trabalho muito grande, ele era muito empreendedor. E, era tinha esse lado político muito marcante sabe, era uma pessoa que bradava tudo muito, quem votava nele, votava nele, era fiel, sabe,

era pessoa que tinha muita firmeza, não prometia o que não podia cumprir sabe. Então ele passou pro papai sabe, valores importantes de vida, de conduta, de ética, e, e o papai realmente é tinha uma admiração muito grande pelo vovô e, os exemplos que o vovô dava né, e o apoio que ele dava pra família né, pros irmãos sabem, o vovô tinha um coração muito grande, e a criação que ele deu aos filhos né, então realmente isso marcou muito o papai né, ele tinha uma admiração, um carinho muito grande pelo vovô, muito grande. É porque ele tinha um amor muito grande por essa atividade rural sabe, ele.

Ele estudava lá em São Paulo Foi interno, depois ele estudou em São Paulo, morava com a tia e, formou lá em São Paulo, formou e veio pra cá. E, nas férias ele vinha pra fazenda sempre, inclusive foi quando ele conheceu minha mãe, foi num trem, ele tava vindo pra cá. Então ele, todas as férias, ele adorava a fazenda, ele era uma paixão com a fazenda muito grande, tanto que ele não queria estudar, minha avó é que obrigou ele a estudar. E aí ele optou pela engenharia por causa do pai, que é engenheiro, aí ele até teria sido mais interessante se tivesse sido engenharia agronomia, então ele fez engenharia civil, que foi bom, engenharia civil é um curso que muito abrangente, então um curso bom. E ele tinha essa paixão, e formou, entregou o diploma pra minha avó e veio aqui pra Goianésia, que era a vontade dele, por ele não teria formado não, não teria estudado, ele teria vindo pra cá trabalhar antes dele ingressar na faculdade a vontade dele era vir pra fazenda.

Ah, um casal assim, nota dez sabe, o papai sempre é, muito carinhoso com a minha mãe, a minha mãe uma companheirona assim, sempre do seu lado, nos momentos felizes, momentos de tristeza, mamãe foi sempre muito companheira e, o papai, mesmo como político né, que ele foi durante esse período e ela detesta política, mas foi firme, foi fiel com ele, foi muito parceira, companheira nesse momento que ele exerceu essa atividade política e, e ela soube conduzir muito bem a família né, os filhos e nessa, nesse as vezes afastamento do papai. Papai era muito dedicado ao trabalho e quando ele foi governador e prefeito ele era dedicado também e acabava que a mamãe investia um papel importante né, de formação e de escola e de estudos e acompanhamento sabe, de ta assim mais presente né, e papai sempre procurando até pelo trabalho dar conforto, dar estabilidade a família né, e ele, mas sempre muito carinhoso também o papai, papai sempre foi muito carinhoso com os filhos né.

Muito exigente, não dava, não dava oportunidade pra coisas erradas sabe. Eu lembro uma vez que o Ricardo pegou um tratorzinho lá na fazenda e eu montei num trator, em cima do trator e fui agarrado ali e ele dirigindo, pilotando e o papai ficou sabendo, subiu lá e desceu lá mais ou menos uns trezentos metros e bateu na gente com cinto [risos] lá do terreiro de café lá até na casa ali e foi uma sensação, nunca mais nós pegamos um trator né [risos]. Então ele era muito duro né, quando a gente fazia alguma coisa errada, ele era duro, era muito duro, então eu tinha um respeito muito grande porque ele, antes conversava, sempre, ele explicava, não era nada e, ele tinha uma maneira é, de ser duro, mas que a gente compreendia e aceitava, ele era muito firme nas suas posições né, e naqueles princípios que ele não aceitava de maneira nenhuma que a pessoa, é, não seguisse, que os filhos né, principalmente, não seguissem aquela linha né, de seriedade, uma educação de respeito né, de

atenção aos mais idosos né, de família, de união, papai sempre prezou muito isso a exemplo do meu avô.

Ele foi como governador aos Estados Unidos e lá ele visitando alguns estados né, que poderiam ter interesse no estado de Goiás e fazer parceria e ... tecnologia, ele conheceu vários projetos de ..., de tecnologia, de pecuária intensiva né, de confinamento, de agro indústria, então ele viajou muito ali nos Estados Unidos atrás de coisas que poderiam ser úteis para o estado de Goiás, ele foi como governador e ele chamou atenção, na época, atenção do confinamento e aí quando ele saiu do governo é que ele começou a implantar aqui esse sistema de confinamento, no Brasil ele foi pioneiro, ele ia dar palestras no Brasil todo, Rio Grande do Sul sabe, comentar sobre essa atividade que era uma coisa nova pro país né, e, ele com isso ajudou muito o desenvolvimento da pecuária e ele ajudou também como governador quando ele implantou um sistema interessante de financiamento que ele conseguiu para o produtor comprar máquinas esteira né, pra poder preparar a terra, desmatar, pra fazer represas, fazer estradas sabe, então ele conseguiu na época com a **Fiat** aí, eu não lembro a quantidade, mas foi, foram muito tratores e que não ficou com o estado, ficou com a ... de vale, com os produtores, então ele, ele deu um apoio muito grande as atividades de agricultura, na época soja, ele criou a Secretaria de Agricultura, até a sede onde é hoje, ele construiu na época, é, num projeto arrojado, e, e hoje, até hoje funciona lá no mesmo lugar, e a Secretaria, ela teve um papel importante para o serrado passar por aquela fase de produção de grãos né, e depois posteriormente a pecuária né, que veio a se implementar quando a agricultura acabou não tendo assim o apoio que deveria ter tido aí por parte do governo federal e aí as pessoas começaram a mexer com a pecuária, e ele, nessa época já como ex governador intensificou muito o uso de tecnologia, é, plantando grãos, é, fazendo correção de solo, fazendo confinamento, é, utilizando restos de agricultura para alimentação bovina, é, depois ele trouxe para Goianésia uma firma que estava pequena né, que é a Planagri, que, pra apoiar assim, é uma firma de mais tecnologia, pra apoiar o aumento da produtividade agrícola, com sementes certificadas né e sementes de qualidade, então ele fez assim, muitas ações para a agricultura, pra pecuária, também como ex governador ele liderou um grupo pra montar um frigorífico, foi uma cooperativa, ..., esse frigorífico chegou a ter mais de mil sócios e foi importante para o estado na época porque é, só tinha grupos de fora e que as vezes quebrava e deixava os produtores com dificuldade financeira né, e, nasceu depois de um frigorífico chamado ... ter quebrado ali na, em Goiânia e os produtores, inclusive meu pai, é, ficou com dinheiro retido lá nesse frigorífico, perdeu recurso, e aí essa cooperativa teve esse papel importante, de mostrar que o estado era capaz de uma atividade de pecuária e de industrialização da carne né, pelos próprios produtores do estado, é muito importante isso, e depois, ele, muito irrequieto né, sempre querendo fazer algo novo, tava na época o pró álcool sendo lançado né, e daí a questão da cooperativa de cana e foi depois, um ano depois, da questão da industrialização dessa cana né, foi a Goianésia a Álcool que veio a se tornar Jales Machado S.A. que hoje é uma industria importante ne, muito grande, que ta aí com três mil empregos na época de safra e dois mil na época de entre-safra e que tem aí um papel importante né no estado, na produção de açúcar, de álcool, de levedura, de energia, de álcool gel, de álcool liquido, e, tem aí produção de soja também, e agora fazendo a nova unidade. Bom, tudo isso

nasceu desse idealismo que ele tinha, dessa vontade que ele tinha de fazer a geração de empregos, de ver as coisas crescer na região né, e melhorando a vida pra todo mundo né, através do trabalho, através do emprego né.

É, eu quando formei, eu formei e vim pra cá, então eu fui o primeiro assim, que tava com a cabeça feita de vim pra cá, o Jales formou e também veio pra cá, o Jales foi o primeiro a vir, e aí ele ficou com seus negócios, aí envolveu na política, e ele dedicou mais a isso no início e eu não, formei e vim pra cá e fiquei muito próximo do meu pai e, fazendo uma, um trabalho aí de ampliação de produção de lavoura ... e depois ele comprou uma fazenda em Barro Alto e eu, nós fomos pra lá pra abrir essa fazenda, arrumar e depois veio a idéia da destilaria e acabou que eu fui escolhido pra, pra tocar esse ... né, logicamente com a participação dele sempre muito próxima, papai e eu sempre nos demos muito bem, eu vivi muito né, aprendi muito com ele, e ele sempre nos dando apoio pra que as ações fossem as melhores possíveis para o empreendimento, pra sociedade, pros acionistas né, pros empregados né, então foi um empreendimento que deu certo por essa sinergia que havia entre ele, entre os sócios, entre os funcionários né, e nós ali junto com ele fazendo esse papel de ligação no dia a dia né, na empresa, e ele não ficava lá todos os dias, mas sempre ficava acompanhando, sempre conversando, e ele nos apoiou muito né, e por isso o empreendimento teve um sucesso muito grande que foi a Jales Machado né, então papai tinha essa facilidade de trato né, ele era muito bom de tratar e era muito bom de, era muito positivo, pode pode, não pode não pode, e era muito, era muito franco, e não enrolava, então isso é bom, as coisas acontecem com rapidez, com agilidade.

Primeiro porque ele nunca quis, desejou o mal, nunca fez mal a ninguém, papai tinha a maneira dele de ser que, se ele não podia ajudar, atrapalhar ele não atrapalhava a ninguém, e ele nunca perseguiu ninguém, né, como prefeito, como governador, eu lembro até de uma passagem interessante que o Mauro Borges era cassado pela evolução e ... o financiamento na ... na época né, do estado, eu acho que era ..., e ele, e aí, eles não queriam que ele desse porque ele era o ex governador cassado, aí ... ele é cassado politicamente, mas como pessoa física ele tem direito, ele não tem nada que impeça dele ter financiamento pra construir lá um apartamento, um prédio, não sei e aí ele acabou que arrumou o recurso, atualizou, e isso teve um problema entre ele e os militar na época que ficaram contrariados com ele, mas então ele era muito justo sabe? Ele era muito correto com as coisas sabe, muito ético, então ele não tinha porque temer nada de maldade de alguém né, e sempre falando que as coisas quando tem que acontecer acontecem né, é muito, ele não facilitava também, falar assim que ele procurava isso, mas ele nunca se preocupou realmente com isso, nunca vi papai andar armado, ele nunca, assim, nunca teve, não era seu objetivo de segurança né, ele tinha, talvez, acho que nem espingarda ele tinha, acho que ele. Então papai era muito tranquilo sabe, muito.

Tinha trabalhar. [risos]. Essa mania dele era muito... .Madrugador e trabalhador, ele era muito, é, muito firme, muito enérgico né, mas era um pai muito carinhoso. Com certeza é da família né, porque o avô, o pai, o tio, né, os cunhados do meu pai eram engenheiros né, os irmãos, então a gente tem uma tendência né, genética pela engenharia e, e foi bom, eu acho que a engenharia ele é muito amplo, muito abrangente, faz a gente desenvolver o raciocínio espacial né, de tanta equação, de tanta fórmula, é um curso muito bom e eu fiz

administração depois porque eu gostava desse lado assim, da gestão, da, lado humano né, e foi uma, essa mesclada aí da engenharia civil com administração né, essa união foi muito positiva, eu achei que foi muito bom pra mim.

Sim, estudaram exemplo. Os meus filhos né, a Marília e o ... Estudaram aqui até a quinta série, os filhos do Jales estudaram aqui também até certo período, o Ricardo também, todos que moravam aqui estudaram aqui até um período. ... nós estudamos na, eu fiz escolinha né, na época da destilaria, tem até hoje Escola de ..., todos os cinco filhos nossos estudaram lá, é, do Ricardo teve alguns que estudaram no Colégio Jales, na Escola Tia Sara, então foram, todos estudamos aqui.

Tem. É, vem de uma cooperativa e a cooperativa agrícola e a industria S.A. e a, o sindicato dos trabalhadores veio logo no inicio né, por causa desse contingente de mão de obra muito grande né, acabou o sindicato crescendo e depois o sindicato dos trabalhadores da industria também existem, então são dois sindicatos que foram criados pela atividade De muito amor, né, uma relação de muito carinho, né, o papai tinha uma paixão por Goianésia e falava de Goianésia aos quatro cantos né, tanto que muita gente falava que Goianésia era a terra de Otávio Lage né,

Porque ele tinha um carinho muito grande pela cidade e ele divulgava isso né, falava de Goianésia de boca cheia. E isso, logicamente, fez com que ele, sempre que tinha uma causa boa pra cidade, ele era defensor, era, ajudava, era aglutinador, corria atrás, pra que Goianésia tivesse tudo do bom e do melhor, né, quer seja como homem público ou como empreendedor da iniciativa privada né, e, participando das organizações ..., que ele participou e, papai sempre dedicou muito a essa cidade, ele teve uma participação importante pra Goianésia ser o que é hoje, eu acho que ele teve assim, como vida exemplar aqui, ele deixou um legado muito grande né, de trabalho, de maneira de ser, de pessoa política séria, sem ser demagogo, sem ser, mas ele abriu mão do trabalho dos filhos até pra ajudar a cidade né, no caso, eu tava na Jales Machado saí pra, fui conversar com ele e ele falou: "ó filho, é, política você não espera gratidão não, você faz o que você tiver que fazer e realiza aquilo que precisa ser feito e com certeza a gratidão ela não é na política, ela é muito ingrata né, a política é muito ingrata porque muitas pessoas com certeza vão ter ações que você vai ficar frustrado, mas o que vale é o que você vai fazer como prefeito se você for eleito pra cidade ter qualidade de vida né", e realmente eu segui o conselho dele, não fiquei esperando nada e fizemos muita coisa e, graças a Deus tive assim muitas realizações e muitas alegrias do carinho que o povo teve com a gente né.

Reconhece, eu acho que quando ele faleceu, a atenção sabe, das pessoas, o carinho das pessoas, o sofrimento das pessoas foi muito grande né, a participação das pessoas no velório, no enterro né, foi muito grande, então mostra que ele realmente era uma pessoa que teve uma atuação marcante na cidade e que as pessoas viam nele um líder, um líder ... né, e isso realmente a gente sente que aconteceu. Ele não era aquela pessoa que fazia demagogia né, então tinha as vezes aquela pessoa que, sempre tem isso né, as pessoas que gostam de uma atenção maior, que gostam de um, e o papai sempre fazia aquilo que tinha que ser feito né, então as vezes é, um certo grupo, pequeno né, lógico, as vezes não via naquela atitude dele uma atitude boa para um governante né, mas que reconhecia seu trabalho, reconhecia o carinho que ele

tinha pela cidade e valorizava os feitos dele como gestor né, que foi prefeito e governador pra cidade.

É muito boa, papai sempre foi muito carinhoso com a gente, sempre nos deu boas condições pra estudar, sempre nos deu oportunidades né, pra que a gente pudesse aprender, é, na família, na escola, então papai foi uma pessoa que soube formar os filhos né, todo mundo reconhece isso né, ele passou valores importantes pra família, e sempre com muita rigidez sabe, com muita, muita energia né, e sempre procurando mostrar o caminho do bem, o caminho bom, e, eu acho que todos nós aprendemos muito com ele.

Os números são muito maiores do que estes que eu estou te falando, sabe. Tanto é que ele ficou também mal visto porque no final do governo, ele ficou três meses sem pagar o funcionalismo, por quê? Porque ele investiu muito na infra-estrutura, fez muito asfalto, fez muita escola, fez a parte de energia, e ele acabou, no final, ele se apertou realmente para poder pagar e ter, contratar muitos professores, eu lembro direitinho disso, **Jamum** era o secretário dele de Educação e, tanto que ele foi eleito deputado federal várias vezes, porque ele foi um bom secretário a educação cresceu muito naquela época nas escolas estaduais, sabe, e ele teve um papel importante nessa estruturação da educação. Muitos dos filhos que, na época, passaram pelas escolas públicas de qualidade é que estão hoje aí, dando rendimento para o Estado né, produzindo com qualidade, com criatividade, o Estado de Goiás é, eu acho que o papai teve um papel importante e ele não era, o papai tinha um defeito, ele não era de divulgar, então, por exemplo: Ele não comprava jornalista, ele não comprava o jornal, tanto que ele teve um problema sério com o Batista Custódio, que o papai nunca gastava com mídia e o jornal impresso não vive sem a mídia do Estado, e o papai para economizar, ele economizava até nisso, ele era muito seguro, e aí, isso aí, o que aconteceu, ele teve indisposição com os meios de comunicação, e o que acaba construindo a imagem dele ruim, foram construtores de imagem,

É, a leitura foi ruim por quê? Ele não abria mão, não aceitava gasto com imprensa para, ele achava que estaria desviando recursos do Estado para, vamos dizer assim, vangloriar o gestor, o político Otávio **Lage**, mas não, eu acho que hoje você tem que entender que você tem que divulgar o que você faz e ele não eram disso, ele fazia, inaugurava, mas não alardeava como hoje a gente vê muitos políticos, fazem uma, um negocinho desse tamanho parece que fez uma coisa deste tamanho, e ele não, ele era assim muito prático.

Sara Vicentino

Data: 06/07/08

Sara Vicentino. Nasci em 1940. Não. Vim em 1959 parece. Os meus pais vieram antes e eu fiquei morando, nós morávamos em Uberlândia, fiquei ainda. Estudava. Os meus pais é que quando vieram eles conheceram antes da gente porque nós tínhamos um amigo em comum que morava numa fazenda próxima a uma fazenda do Doutor Jales, e aí a gente ficou conhecendo o Doutor Otávio e quando eu cheguei meus pais já conheciam o Doutor Otávio, e aí quando ele foi na campanha dele, a gente já ficou

conhecendo um pouco mais e quando ele foi, porque ele foi eleito num segundo turno, não, não é segundo turno não, numa eleição suplementar. Ele tinha sido candidato em 1960, pra tomar posse em 61 e não foi eleito, houve um problema de urna, essas coisas por aí, e ele foi, houve uma suplementar e ele foi, ele assumiu em 62. Não sei se em fevereiro ou março, qualquer coisa assim, um ano.

É porque foi, ele. Como ele conhecia a gente, ele tinha vindo pra Goianésia e eu comecei, fui trabalhar uma temporada na prefeitura, e depois ele, eu já tinha deixado a prefeitura, assim, um auxiliar, acho que no cartório, não me ..., a gente já conhecia, e nós, o papai tinha muito carinho com ele né, muita amizade e tudo, eu estava, nessa época eu estava estudando em Anápolis, porque eu vim e voltei pra Anápolis, sabe? Aí eu tinha feito um ano no ensino médio né, que eu ia fazer contabilidade e tava de férias aqui. Foi em fevereiro, porque eu estava de férias, e aí ele foi, houve a suplementar e ele no outro dia ia assumir, e ele veio aqui em casa, pra convidar pra ajudá-lo assim, na prefeitura. Eu peguei e falei assim: “Olha, eu estou estudando” papai também falou: “Olha, ta estudando, nós não vamos, ela não vai poder ir”. Daí ele falou assim: “Então vamos fazer uma coisa só: Me ajuda a receber a prefeitura, porque eu tenho horror de relatórios, e existem relatórios pra receber, contar quantas mesas, quantas cadeiras, esses negócios assim, existem pra receber né, patrimônio tem que ver”. Aí eu fui, tava de férias, fui. Mas assim, eu me empolguei tanto sabe, era tão prazeroso de fazer, nós atendemos tão poucas pessoas na prefeitura, e ele assim, naquele encantamento com tudo, que porque eu empolguei, parei de estudar. Parei, aí também parei muitos anos, quando tinha magistério, normal, tempo de normal aqui que eu voltei pra estudar.

Aí eu fiquei na prefeitura todo o tempo dele, quando ele foi pra ser candidato a governador eu ainda continuei até mas alguns dias. Depois eu deixei por que quando ele saiu, ele foi pra ser governador, ele era professor, aí ele foi deixando tudo e falou: “Oh, assume pra mim uma das minhas turmas”, e o Doutor José Adilson assumiu as outras. Ele foi um dia lá em Goiânia e no outro já voltou, praticamente candidato né. Olha, ele, como ficou um ano, claro eu não estou, não quero falar de prefeito, não é a nossa intenção e nem a sua, de quem foi, quem deixou de ser, nem nada, se você, a sua proposta é outra, ..., eu sei disso. mas o que eu vejo, assim, ... ficou um ano um pouco indeciso sabe, porque ganhou um prefeito, no dia que era pra diplomação desse prefeito o Doutor Jales impetrou recurso, na diplomação, depois impetrou recurso na posse, eles ainda perdeu aqui em Goiás, passou pra Brasília e foi, ganhou depois de um ano no Supremo Tribunal Federal.

No Supremo. E aí, esse um ano ficou assim, um pouco vago, não era, não tinha assim, esses não tiveram condição de trabalhar muito porque não sabiam se ia ficar, era tudo indeciso. Então ele pegou Goianésia, com, assim, num estado ruim, em todos os aspectos, tanto educacional, e, a parte mesmo, essa parte física da cidade estava assim muito acabada sabe. Eu me lembro que o primeiro trabalho, assim, o primeiro coisa que ele fez, foi convidar os motoristas de caminhão que tinham os caminhões aqui em Goianésia e fez uma reunião na prefeitura, se um, a primeira coisa, convidou, tomou posse e no outro dia eu cheguei na prefeitura, e daí dois dias cheguei na prefeitura a sala dele tava suja de ... porque aqui não tinha asfalto né, suja, cheia de terra, eu falei: “Olha Doutor Otávio, que coisa estranha isso aqui hoje.” “Ah não, ontem

eu chamei todos os caminhoneiros pra cá, e a gente resolveu que eu vou começar a trabalhar dando uma arrumada nessas ruas da cidade.” Porque tinham valetas, fundas de correr água mesmo assim do lado, era tempo de chuva né, e, ele começou em fevereiro. Aí ele, o primeiro trabalho dele foi esse, empenhou. E ele tinha uma coisa assim que, a prefeitura não tinha dinheiro, ele pegava e colocava o dele mesmo, aí sabe, a gente tinha de ficar controlando quando ele recebia algum dinheiro, pra poder, quando vinha, pra poder reembolsar né. Essa parte aí, foi, assim, deu muito trabalho pra mim, e tinha outra coisa, ele tinha uma visão de Goianésia que tudo era pra Goianésia, ele queria fazer tudo pra Goianésia, aí começou olhar a questão de professor, professores da zona rural, e assim, empenhando com o governador. MAURO BORGES.

É. Eu me lembro muito que eles falavam assim oh: “Não deixa esse prefeito, Otávio Lage, entrar na minha sala”, o governador falava sabe, porque eles eram de política contrária, então “não deixa ele entrar na minha sala, porque se ele entrar, ele me convence, eu faço tudo o que ele quer, porque ele tem assim, uma motivação pra trabalhar, um desejo, e ele me convence mesmo, então se vocês conseguirem fazer com que ele não entre, porque se ele entrar ele consegue.” E ele via tudo, eu percebi assim numa época que o governador viu a sede dele ficou empolgadíssimo, “Vamos fazer muitos, muitos pedidos aqui pra esse governador”. E ele que conseguiu o Colégio estadual aqui na época, ... fez uma escola, também como governador, uma Escola Felipe Camarão, e escolas municipais que ele já construiu, já mantinha professores, e as ... aqui do município.

Pois é, ... interessante assim, ele tinha um desejo, uma ânsia de ter uma escola que tivesse da quinta, que era do quinto ano ao. Agora é ensino fundamental, mas naquela época era primeira série, de primeira, segunda, terceira e quarta série, que era do quinto ao oitavo né, e ele queria essa escola. E daí, foi, batalhou e precisava de professor, e aí o que é que ele fez, ele foi professor de matemática, ele, nós ríamos muito porque todo mundo que passava na rua, ele, que tinha curso superior, mas ele tinha as exigências, tinha curso superior, ia ser professor, aí chegou o juiz de direito, ele falou assim: “Oh, Zé Gonçalves, você vai ser diretor do Colégio”. Doutor José Adilson, ele é professor, ele é dentista, aí o Doutor José Adilson foi lá, chegou de Uberaba pra cá e foi lá pra apresentar, todo mundo naquela época ia ao prefeito, sabe, porque o prefeito era o centro da cidade, o prefeito e o padre eram o centro da cidade, né, aí chegou o juiz ele falou: “Oh Zé Gonçalves você vai ser diretor do Colégio” ele tinha conseguido uma escola, no Colégio Normal, Estadual, de Goianésia, alguma coisa mais ou menos assim, e aí o doutor José Adilson chegou e ele já disse: “Zé Adilson, você” Ele falou: “Sou dentista, estou vindo pra Goianésia” ... Ele falou: “Então você vai ser professor. Que experiência que você tem de professor?” Ele falou: “Não, eu já fui professor de educação física lá em Uberaba” “Não, educação física eu não preciso não, eu preciso de professor de inglês.” [risos]. “Agora você vai estudar porque eu preciso é de professor de inglês.” E assim, a promotora era a professora de português, e foi arrumando, o padre era professor de geografia, ele, eu só sei que ele arrumou todas as pessoas que tinham essa condição foram professores pra começar.

Tinha. É porque ainda não tinha, foi a primeira escola né, de Goianésia assim, de coisa, da segunda fase do primeiro grau. Aí ele começou, fez uma

admissão no ginásio né, que nós chamava de ginásio, ah, era Ginásio Normal Estadual de Goianésia. Funcionava no Colégio Maria Imaculada. Aí quando ele foi batalhar o Colégio que ainda tem aqui, Colégio Zé Carrilho, e então ele foi batalhar e conseguiu. Só que não terminou enquanto ele era prefeito, porque prefeito realmente ele ficou pouco tempo né, ele foi em 62 até 65, e ele deixou no meio do ano ainda, aí quando ele foi governador ele terminou o Colégio.

O pai Conheci. Nossa, eles tinham assim, ... de encantamento e de respeito, sabe, o Doutor Otávio, a impressão que eu tenho, é que ele achava que era a pessoa mas sábia do mundo, ele com pai dele. E o Doutor Jales era uma pessoa muito integra e parece que passou tudo isso pros filhos e era ... conhecido. Ele era assim, o político o Doutor Otávio não era, o Doutor Otávio era administrador, ele entrou na política eu acho que assim, por questões de amizade com o ex prefeito Laurentino Martins, fundador de Goianésia. E depois ele se empolgou, até achei muito interessante que ele foi a Goiânia e quando ele voltou quase candidato, chegou e falou assim: “Olha, ... achei interessante.” Até pouco tempo eu chegava lá, falava: “Olha, o Doutor Otávio, prefeito de Goianésia, é um senhor respeitoso, tudo. Agora cheguei lá eles falaram assim: “Otávio, você tem que ser candidato, você é muito jovem”, até pouco tempo eu era um senhor, agora sou um jovem!” [gargalhadas]. Ele era interessante.

É. Mas é porque é isso mesmo, não tinha enquanto ele não estava, Goianésia não era conhecida até quando ele foi prefeito. Porque ele participava de tudo, sabe, e ele dava ... lá em Goiânia, todo mundo conhecia, e ele ficou, como ele estava sempre presente, os prefeitos ficaram conhecendo. E também tem outra coisa, o Doutor Jales era uma pessoa, era deputado federal, era uma pessoa conhecida em Goiás, tinha essa parte política tinha nele, mas o Doutor Otávio foi por participação dele. Ele foi, assim, participativo em tudo que era o governo mesmo sendo contrário a ele, mas ele tinha uma relação, tanto é que ele deu título de cidadão ao Mauro Borges em Goianésia né.

É, o chapéu atolado é porque é do interior né, então ficou essa parte de, ... fazendeiro né, ele tinha fazenda, era fazendeiro realmente, e ele se dizia fazendeiro, ele não era ... né. Pois é, ele não tinha essa facilidade pra fala, principalmente quando ele era prefeito. Prefeito olha, eu me lembro assim, a primeira vez que ele foi falar, bom, campanha, naquela época não era esses negócios de palanque, dessas coisas, era mais corpo a corpo e também desses comitezinhos que o povo ia, dançava, festava, estava por lá e tudo isso né. Não tinha muito comício igual tem agora, agora comício, comício essas coisas. Mas naquela época, não, as vezes tinha pouca coisa, mas eu não tava tão ligada na época da campanha dele porque eu não estava aqui em Goianésia né, eu não sei bem como é que foi.

A de governador, aí ele vem muito, aí já tinha melhorado muito, mas como prefeito ele tinha assim, ele não tinha essa facilidade pra falar realmente assim, não tinha esse dom da oratória, mas ele aprendeu bem, ele foi assim inteligente pra. Ele era mesmo engenheiro né, contas, cálculos com ele era uma rapidez tremenda, muito exigente quanto as coisas da prefeitura, eu achava interessante que ele te empolgava quando ele via a receita sabe, pra ele, com que ele tinha pra gastar, que eu tinha que fazer uma folha deste tamanho assim, com todas as receitas assim, certinhas pra ir fazendo um quadro que chamava assim “Cadê minha folha remissiva?”, que é remetendo as contas de mês por mês, as receitas e a despesa de mês por mês, ele queria

tudo de uma vez, era, tinha de ficar pregando folha de papel junto pra poder mostrar pra ele, porque aquilo pra ele era uma empolgação, ele ver o que ele tinha, o que ele podia gastar, como que era, sabe. Porque nós tínhamos poucos cargos na prefeitura, então era, eu acumulava secretária, ... de secretária e ... , o outro era coletor tesoureiro, e tinha o mestre de obras e tudo que fosse esse daqui era com ele, e os professores era o que a gente tinha.

Mas ele tinha, lá ele tinha bons funcionários, sabe, que ele tinha muita confiança, porque ele se dedicou, pra você ter idéia, as vezes eu reclamava “Doutor Otávio ta muito apertado o serviço.” Ele falou: “Não, aperta muito é no final de mês que tem que fazer muito pagamento, tem que fazer essas contas, tem que fazer balanço, balancetes, essas coisas, pode deixar que todo final do mês eu passo dois dias inteiros aqui.” Porque ele não ficava lá não é, “eu passo dois dias inteiros aqui na prefeitura pra te ajudar, pra ajudar o Berquinho”.

Madrugador. E era assim, aqui em casa agora, você percebeu, não é tão longe do centro né, mas naquela época não tinha nada aqui em volta, meu pai era, tinha curtume, então tinha de ser depois da cidade a água passava né, que era aqui no córrego, passava aqui pra poder dar água no curtume, então ele passava aqui em casa sete horas, já tinha ido em todos os lugares e passava, eu, era muito longe, eu dependia muito, e as vezes, se eu falar isso hoje pra você, você vai falar assim: “Olha, ele era um explorador!” né?

Não, ele explorava do seu trabalho, porque você, o seu horário era das oito as onze e da uma as cinco, não é? O período de trabalho seria esse, e ele já passava as sete, “To pronta, tá dormindo mais que a cama”, mas acontece que não é só pela dependência, a gente fala dele com tanto prazer sabe, não era, eu não vejo, qualquer pessoa se a gente comenta desse jeito, fala assim: “Ai, ele tava explorando”, mas sabe, eu não vejo não, assim não.

Aí, nós, eu fui pro departamento central, não Departamento de Assistência aos Municípios porque eu aprendi muito eu Goianésia, essa parte de prefeitura sabe, e eu fiquei uma temporada lá, ele era assim, uma pessoa preocupadíssima com tudo o que tava acontecendo, então ele precisava, ele queria saber tudo o que estava acontecendo, parece que ele foi de uma prefeitura que ele assim, colocou, seguiu tudo assim, ele sabia tudo, sabia, olha, pra você ter idéia, depois a prefeitura foi, as coisas foram aumentando, e ele tinha alguém que tomava conta das escolas, né, não precisava a gente tomar conta, a gente mesmo, tinha pessoas responsáveis, mas ele sabia tudo, lá na Escola tal tem tantos alunos, ta acontecendo isso, um relatório, toda vida ele gostou, ele, e quando ele foi pra Goiânia, ele achou que precisava ser desse jeito também né.

Nossa fantástica! Fantástica! É incrível assim. Mas foi assim, eu não fiquei muito tempo em Goiânia, eu fiquei menos tempo e vim embora né, porque, eu, foi bom, mas eu gostava mais daquilo aqui que era menor, que era mais família sabe, lá é muita gente, muita gente pra decidir, pra mandar, pra tudo e eu estava muito acostumada aqui, família né.

É, mas a Dona Marilda também era muito presente na vida né, os meninos eles estudavam, parece que já estavam estudando internos lá em Cachoeria do Campo, mas eles conciliavam tudo muito bem, aqui em Goianésia também eles moravam, antes eles moravam na fazenda. Aí há poucos dias que eu descobri porque que é que eles mudaram pra cá, a Dona Marilda disse que naquela época a fazenda pertencia ao município de Barro

Alto. Aí eles vieram aqui pra Goianésia, eles moravam numa casa próxima ali da igreja, mas aí assim, a Dona Marilda participava muito disso tudo, nessa época os meninos não estavam estudando aqui não, estavam todos fora, era só ela e ele né.

É. Eles eram muito pequenos, só tinha o Otavinho que era mais novo. Olha, ..., ali tem até um plano de construtor de sonhos, ta vendo aqui? É. Ele era um sonhador realmente, sabe, eu vi assim tudo, ele tinha um desejo de ver Goianésia, vislumbrar uma Goianésia assim, bem, Goianésia que tivesse trabalho pra todo mundo, a ele, a força dele era mais o trabalho, sabe, ele tinha um desejo de trabalho pra todo mundo, todo mundo vivendo bem, todo mundo com sua condição financeira, pra dando pra se sustentar, ele tinha esse desejo, era um negócio assim que ele vivia assim. E ele tinha esse desejo por Goianésia, esse sonho de ver Goianésia, a gente fica, ainda bem que ele viu muita coisa boa né pra Goianésia.

Eu acredito que sim em questão de visão, sabe, uma visão progressista na vida, pra eles, ele tinha, assim, tudo dele era um futuro próximo, então assim, vai acontecer, ele tinha visão de que aquilo que ele desejava, ele acreditava e fazia acontecer, então eu acho que é essa visão pra ele, que ele tinha uma visão, tinha clareza de visão, eu acho que é mais claro, mais fácil falar assim, você não acha? E batalhava, o negócio dele era que não ficava “ah, eu to pensando em fazer”, não, ele colocava no papel, eu quero fazer isso, e daí ele ia atrás, corria atrás e ele fazia mesmo.

Eu não sei assim, se, se pra ele foi o suficiente ter sido governador, mas acho que não, porque depois ele candidatou de novo. Eu não sei. É. Ele desencantou, não vi ele. Só ele ficava assim olha, talvez a frente da política ou o desejo de se candidatar é que tenha acabado, mas Goianésia toda a vida ele respeitava muito assim, os ideais políticos, até mesmo a visão de política que ele tem, e também, assim, os conselhos, agora mesmo, o Otavinho não conseguiu eleger o candidato dele né? As pessoas falavam assim: “É, se o velho tivesse aqui não seria desse jeito” Por que.

Não seria com certeza. Não é questão de influência, é questão do pensamento dele, ele ter assim, mais maturidade pra pensar na política, é, de ver mais na frente, e perceber também o que está acontecendo. É percepção e maturidade, eu acho que mais maturidade política, porque as pessoas, eu não sei também, mas alguém fala que foi questão de imaturidade como candidato sabe. Tinha, mas eu não sei assim falar pra você quais poderiam, ou que seriam não, mas ele era muito interessado em política assim, sabe, em ver as questões políticas mesmo.

Olha, Goianésia é uma cidade [risos]. Que eu falo que parece muito com essa novela, com a questão das castas né? Aqui assim, são duas castas mesmo, pode ser até que as pessoas de uma política tenha assim admirado e tudo, mas eles não ...

Pois é, mas o povão também, a política aqui consegue dividir, Até o povo. E depois tem uma coisa. Não. Quando ele morreu foi assim, parou Goianésia mesmo né.

Eu não sei, não sei assim se também um pouco de curiosidade, não sei, as vezes assim, vou lá ver todo mundo e Goianésia, assim, as lojas por si só fecharam, tudo, e aí o povo resolveu ir.

A, eu vejo muito, assim, ele vinha aqui em casa, ele falava que tinha um parentesco com a minha mãe, mas ele que falava, a gente nunca achou que tivesse não, eu não sei, porque ele falava, ele chamava mamãe de prima, mas eu não acho, acho que não era bem por aí não. Eles tem um parentesco dos avós, por lá, lá em Buriti Alegre, tudo isso, sabe, e a gente tem assim, ele vinha muito aqui em casa, ia entrando na casa, e o que ele fazia aqui, fazia em todo lugar, as pessoas que você conversar, os mais íntimos, ia lá na panela, destampava lá, olhava o que tava fazendo, já pegava, se alguma coisa tivesse assim, quase pronta, pegava um garfo nalgum lugar e enfiava lá e tirava e saía comendo, então todo mundo, ele era muito de entrar, assim, e ele muito madrugador, chegava na casa assim de manhazinha, se tivesse alguém deitado ele falava assim: "Mas vai dormir mais que a cama né?" Agora, na prefeitura eu vejo assim, quanto prazer que ele teve de ser prefeito de Goianésia, sabe, ele se encantava com tudo, olha, eu lembro de uma vez que ele comprou uma máquina de calcular deste tamanho assim, agora você vê, deste tamanho e faz tudo ..., não, é deste tamanho, elétrica, que prazer, pra ele, pessoal, particular, né, mas ele deixou na prefeitura, então o moço que veio pra instalar essa máquina, chegou e foi ensinar como é que fazia e ele ficou deslumbrado com a máquina, sabe, chamou pra aprender, depois deixou essa máquina o tempo inteiro que foi prefeito, por isso que eu falei, ele não dividia quase, o tempo inteiro que ele era prefeito, ele largou a máquina dele lá porque a prefeitura não tinha e precisava de uma máquina calculadora, ...

Não, não, não tinha não. [risos]. Médio. [risos]. Ele não era tanto assim não. É, uma memória fantástica. E quando ele queria você tinha de se virar e ajeitar as coisas que ele queria, queria mesmo. Recebia todo mundo na hora que as pessoas chegavam, e, atendia todo mundo, conversava com todo mundo, resolvia as coisas de imediato, sabe, não tinha. Todo mundo, todo mundo.

É, era um numero, era assim, pra vir pra cá tinha que ter um número x de aparelhos, não, é, na cidade, aí colocaria um canal aqui né, não, um canal não, trazia uma ... pra cá, a Televisão Anhanguera. E aí ele saiu, mas ele tinha dessas coisas mesmo, ele falou se eram trinta aparelhos eles saía atrás dos companheiros dele, dos amigos, que era um líder e era rico né, assim, e o grupo de pessoal assim também, das mesmas condições financeiras dele, ele ia atrás, falava: "Oh, vai comprar" e ... todas parecidas.. Aí pra poder trazer, ele, a proposta que eles fizeram pra ele era um determinado, eu não sei se eram trinta aparelhos, tinha de ter sabe.

É. Porque primeiro tinha um motor estacionário, motor de energia sabe?

É. Desligava. É. Depois ele trouxe depois que ele conseguiu trazer de Cachoeira Dourada. Essa estrada, essa estrada que a gente passa de Goiânia pra cá foi no governo dele. Até achei muita graça.

Passava por Vianópolis. É. Eu achava, achei muito interessante, porque tinha, é igual eu falei pra você, a política era separatista mesmo, hoje até as vezes um conversa com outro, mas sempre foi, aqui Goianésia sempre a gente viu assim, aí teve um senhor que foi elogiar quando, porque inaugurou a energia, inaugurou estrada né, ..., aí era do PSD, e foi elogiar e a mulher que é do PSD também falou assim: "Que isso? Não tem nada disso não. Otávio fazer isso, é não aceitar e criticar tudo isso" E ele falou: "Uai, então não passe pela estrada que ele fez!" [gargalhadas].

O próprio adversário, “então você não vai poder passar na estrada que ele fez! Já que você não ta acreditando na estrada, não sei o que.” [risos] O Doutor Otávio falava que não! É, eles, mas assim, ele trabalhou numa época, eu não sei, talvez seja porque o Doutor Otávio também tinha a mesma visão dele, os dois eram engenheiros, que um apresentava uma coisa o outros tinha que botar o bico no meio, é igual to falando pra você ele achava que lá no governo ele tinha de ter tudo na mão, como ele tinha em Goianésia .

É. Tinha feito estradas e tinha consertado. Ele vivia consertando as ruas né, isso aí não tem, e incentivando assim, chegava, não era incentivo fiscal, mas era assim, ele passava uma motivação pras pessoas. Eu me lembro assim, do primeiro banco que veio pra cá, era um banco que eu não sei nem qual banco que era, pequenininho, e ele chamava os amigos dele, os amigos ricos dele pra ir colocar dinheiro, tudo ele queria fazer por Goianésia, queria que as pessoas ajudassem.

Entrevista com o Sr José Adilson

Data: 02/07/08

José Adilson nasci no dia 18 de abril de 1939. Em Uberaba, Minas Gerais. Eu vim através do emprego, eu fiz concurso e passei, eu tinha um parente que trabalhava no estado e me falou dessa cidade de Goianésia e me falou do Doutor Otávio, que era uma pessoa boa e tudo, então eu já vim sem conhecer a cidade, dezembro de 1963. Aí eu vim pra trabalhar no estado, eles tinham inaugurado o posto de saúde aqui e estavam precisando de dentista. Aí eu vim pra cá.

Aí eu cheguei, me hospedei no hotel da Dona Vitalina, que tinha um hotel onde é o Banco do Brasil hoje e fiz amizade com Doutor Otávio porque a cunhada dele, a Maria Helena, irmã da Dona Marilda, ela é de Uberaba né, a Dona Marilda também é, é de Conquista mas morava em Uberaba, e a minha irmã já conhecia, então eu já vim e já me apresentei pro Doutor Otávio, fiz amizade com ele.

É, ele era o prefeito na época, aí eu fui procurá-lo falando que eu estava noivo, precisava casar, precisava de uma ajuda dele pra arrumar uma casa, eu lembro bem que ele falou pra mim assim: “É, você não vai achar casa aqui em condições”, porque naquela época era tudo aqui sem fossa, né, não tinha ainda, poucas que tinham sanitários, encanamento, “então você vai ter que fazer uma casa pra você”. E eu recém formado falar em fazer casa assim de cara, eu saí de lá ... [gargalhada]. Mas, ele me avalizou, eu construí, comprei uma casinha e eu fiz um aumentinho nela, e fiz as instalações todas né, e, morei nela muitos anos, faz pouco tempo que eu mudei pra cá, faz uns dez anos. Eu fiquei morando nessa casa. Então, desde o primeiro dia, que a gente fez essa amizade, o Doutor Otávio tinha uma peculiaridade, ele, quando ele via que era para o progresso de Goianésia, ele fazia tudo pra trazer a pessoa, sabe. É, minha irmã, por exemplo, quando ele foi meu padrinho de casamento, quando ele esteve lá com ela, minha irmã é uma professora muito capacitada, ela passou em segundo lugar no estado de Minas, e ele fez tudo pra trazer ela pra cá, daria até direção se ..., ele procurava puxar essas pessoas. Naquela

época eu era o único dentista formado aqui, médicos eram poucos, se não me engano, tinham uns dois médicos, e uma clínica só, tinha um que tinha mudado, era só dois, então ele procurava trazer essas pessoas, fazia, nisso aí, pra Goianésia, pra melhoria de Goianésia ele esforçava demais, prometia melhoras, essas coisas, pra trazer pessoa. Teve vez até que a gente ficava assim meio contrariado porque ele queria trazer outros dentistas pra cá, [risos], mas, quer dizer, a gente só ficava sabendo num, quer dizer, ele esforçava muito pra trazer o progresso aqui pra Goianésia.

Uai, aconteceu uma coisa interessante comigo, eu cheguei, primeiro, nesse dia, no primeiro contato ele falou: “Oh, é, você não leciona inglês não?” Eu falei: “Não, eu não leciono inglês não.” Eu até não era muito bom em inglês né, falei: “Não, nunca lecionei inglês não.” Ele falou assim: “Nós tava precisando de um professor de inglês”. Eu falei assim: “Eu fui professor de educação física” que eu já tinha, ajudava um capitão ... que era professor de educação física num colégio diocesano marista lá de Uberaba né, que eu estudei nele e depois eu passei a lecionar lá como ajudante. E ele: “Que bom, nós estamos precisando de um professor de educação física”. E ele já coletou meu nome lá, e anotou o nome pra, pra que. Só que quando veio, ele me pôs eu como professor de inglês também! “Oh, coloquei seu nome lá pra ser professor de inglês”. Eu falei: “Vish, como é que eu vou fazer agora?” Eu estudei inglês, mas eu nunca gostei de inglês, gostava mais de francês, que a gente estudava francês também. Aí eu até comprei um livro, lembro bem que no livro vinha um escrito, vinha a tradução, e por baixo vinha o jeito de você falar, a pronuncia sabe? Vinha abasileirado, aportuguesado o jeito de falar. Então eu estava começando a estudar, eu tinha comprado uma ..., antigamente uma daquela de disco de vinil, e eu tava pensando em comprar uma coleção de, é um curso né.

Era disco de vinil. Aí eu tava pensando nisso, aí ele chegou pra mim e falou: “Olha, o pessoal do, do, do PSB, não sei, que antigamente era UND PSB né, o pessoal falou que você é da UDN, que o Doutor Otávio era da UDN, então você não pode, não deixaram ele colocar seu nome lá como professor de inglês não”. E colocaram um advogado, que talvez ele soubesse mais inglês do que eu, creio que sim, mas só que ele era surdo, e eu penso assim: Como é que um professor, um professor surdo, porque inglês você tem que ouvir a pronuncia né, como é que um professor surdo vai dar aula de inglês né? Mas, tudo bem.

Eu lecionei Educação Física. Essa escola foi o Doutor Otávio e o juiz de direito que tinha aí que iniciaram ela sabe, ... Ganhava. Foi pelo estado. Hoje é o Carrilho aqui, essa escola, nós ficamos lecionando lá no Coleginho Maria Imaculada, lecionamos um pouquinho no Salvador Leite, e nós sempre mudava assim, porque já tinha uns colégios, uns grupos né, estaduais, e por ultimo nós viemos aqui no Keneddy, ... aqui também, aí até que construiu o Colégio Carrilho, que nessa época eu era o diretor, eu, na época de eu diretor que inaugurou o Colégio Carrilho aqui. Então eu fui professor de educação física, aí precisou de um professor de desenho, desenhos geométricos, aí eu lecionei, que eu, minha família toda, maioria, uns setenta por cento são tudo engenheiros, eu tinha muita facilidade em ..., matemática, essas coisas. Então, pra mim foi. Ah, outra coisa, quando o doutor Otávio se candidatou pra depois né, quando o doutor Otávio se candidatou pra, pra governador, ele largou o

colégio, e ele lecionava matemática, ele era engenheiro né, lecionava ..., depois eu e a Sara.

A Sara ficou com o primeiro ano e eu peguei o segundo, que era mais graduado né, eu saí bem porque, eu falar assim: “Eu sei bem”, até arrogância da minha parte querer. É, o ginásio, que naquela época falava, ginásial. Pra entrar lá fazia exame de admissão, acabava a quarta série do primário, fazia exame de admissão né, tinha que ser feito exame de admissão pra ingressar no ginásio. Aí quem passasse era, assim Eu confundo muito esse primeiro grau e segundo grau hoje, mas antigamente era o seguinte: primeiro segundo terceiro e quarto primário, depois.

Isso, depois vem primeiro, segundo, terceiro e quarto ginásial. Isso, sexta, sétima e oitava. E depois tinha primeiro, segundo e terceiro científico. O ensino médio de hoje. Era o ginásio. Escola normal ginásial, era isso aí, Escola Normal Ginásial de Goianésia. Acho que era isso. Tinha tido no coleginho, parece que teve umas irmãs que fez um ano, um ano, lecionou só um ano, mas foi só. Não tinha não, era o primeiro e a partir do primário né, era o primeiro, foi isso.

Olha, o Doutor Otávio era um homem que precisava ter vários no Brasil, porque, você vê Goianésia hoje, comparada com essas cidades vizinhas, Goianésia é uma cidade muito melhor do que elas, mas é tudo foi graças ao Doutor Otávio, esse espírito empreendedor dele, por exemplo, ele é que trouxe o Banco do Brasil, a primeira coisa que ele fez, pessoal saia daqui, os produtores iam tudo em Anápolis fazer empréstimo, buscar as coisas, ele, uma das primeiras coisas quando governador colocou um Banco do Brasil aqui. Não. Quando eu cheguei já tinha um banco Hipotecado, até tinha outro nome, depois de tornou Hipotecado, Hipotecado comprou ele, ele funcionava inclusive, lá na praça, ... Martins, mas esse não emprestava né, dinheiro pra produtor. Então o Doutor Otávio, ele, ele revolucionou aqui, teve os prefeitos aqui era pessoa simples, humilde, não tinha o estudo que ele tinha.

É. E ele chegou e mesmo ele sendo do partido contrário, que era o Mauro Borges governador, que era arquiteto dele e ele era. Era o PSD. Aí ele foi lá e conversou e eles vieram aqui, quando eu cheguei, em dezembro de 63, as ruas estavam todas encascalhadas, a rua não tinha aquele canteiro central lá na Avenida Goiás, tem uma avenida larga, era embaulado, assim, redondinho, o trem mais bonito, assim, tudo arrumadinho, ... quer dizer, graças ao empreendimento dele de lá, de pedir de gente contrária e esse primo meu, que eu falei pra você que falou: “Olha, lá em Goianésia tem um lugar lá, cidadezinha boa, assim e assim”, ele falou: “Lá tem agora um prefeito que subiu no palanque com a gente” quer dizer, o governador veio aqui inaugurar as obras, inclusive o posto de saúde, e ele subiu no palanque, ..., contrário, quer dizer que ele não tinha esse negócio, o negócio é, não tinha politicagem, o negócio dele era o progresso de Goianésia né, eu posso te adiantar, eu não sei da conversa que você teve com a Sandra, que quando ele era prefeito, eu, aqui, a energia aqui era de, era de, motor. Era motor. ..., mas gerado com combustível né, com óleo diesel, então, determinado, não tinha como trabalhar, não tinha energia assim, principalmente depois do almoço, ela desligava as onze horas e só ligava as duas. Aí nesse período eu acabava de almoçar e os meninos nunca ficavam sentados ali na porta do banco, eu não podia fazer nada porque sem energia você não trabalha. E lembro que ele **usava** a caminhonete dele, não era caminhonete da prefeitura não, ele passava, me via

lá, me pegava, sabe, “vamos ver uma ponte ali”, aí ia lá, tava construindo uma ponte, uma vez ele foi ver a ponte, outra vez ele tava fazendo uns ..., consertando, então o dinheiro que ele ganhava como prefeito, ele não ficava pra ele não, é, ele fazia doações, principalmente pros ..., e pra várias pessoas pobres, ele fazia doação pra esse pessoal aí, não ficava com o dinheiro dele não.

Eu sabia, eu sabia disso, né, mas ele não ficava contando isso pra ninguém não. ... sabia mesmo né, a gente fez muita amizade, como eu te falei, foi meu padrinho e depois ele fundou o Lares, ele me chamou pra fazer parte, foi através dele que fundou o Lares aqui, ele que convidou o pessoal, convidou gente da UBN, do PSB, ... Sorte que o pessoal, sabe, esse pessoal que tem a cabeça que não é a cabeça dele, mas muitas gente não entrou no Lar porque ele que tava chamando, você vê, é a mentalidade né, a mentalidade dele era diferente.

Lembro muito bem. Não. Depois ele que fez essa estrada, ele que trouxe essa estrada pra nós, mas como te falei, graças a ele Goianésia mudou, porque ele trouxe um asfalto, uma ..., é, logo, logo depois a água tratada, aí foi ... da prefeitura, mas isso aí eu tenho certeza que foi com a ajuda do estado né, colocou a água tratada, e, fez vários ..., mas o problema é que ele é como Otavinho, Otavinho, você mora aqui? É. Dava pra ver, inclusive com essas ruas que eu te falei que era encascalhadinhas, arrumadinhas, quem fez foi o estado, mas quer dizer, foi por causa dele né que arrumou tudo e o que ele arrumou. Então ele, o nome dele, né, surgiu no estado, e ele entrou e o candidato que era contrário dele, era um, esqueci o nome dele agora. Peixoto, isso mesmo, ... Peixoto ou ... Peixoto, Peixoto. E era cara de, de cidade né, engravatadinho e tudo, e o Otavinho era de chapéu sabe, montava a cavalo, fazia recepção, montava, o pessoal recebia ele tudo a cavalo, porque o rapaz chamou ele de chapéu atolado.

É, aquele lá é um chapéu atolado, quer dizer, chamou Doutor Otávio de chapéu atolado quer dizer ignorante, pessoal do campo, essas coisas, e o povo daqui era tudo chapéu atolado, o estado de Goiás era quase todo, não tinha praticamente industria naquela época, e ele aproveitou disso e usou o chapéu, e fazia tudo era a cavalo, o pessoal recepcionada ele vinha aquele ..., a cavalo, e isso aí pegou e ... ele, ele conseguiu ganhar, e fez um ótimo governo, Doutor Otávio foi muito bom governador.

Você faz uma avaliação do Doutor Otávio quando você sai daqui, quando você sair daqui agora, ..., mas mesmo assim, você fala que é de Goianésia, eles falam assim: “Terra do Doutor Otávio”. Qualquer cidade que você vai eles tocam nesse assunto. “Terra do Doutor Otávio”. Se o Doutor Otávio ..., fez obras em todos os municípios quase sabe, então ele trabalhou, o Otávio é, não só o Otávio, a família dele, os filhos dele são tudo trabalhador né, não vê o pessoal aí em bar bebendo, em farra, essas coisas, eu sempre falo: eu se fosse o Otavinho, eu não seria ... político de jeito nenhum porque é dez, vinte pessoas na frente da sua casa só pedindo, ..., um cara rico igual ele podia estar curtindo, e ele enfrentar essas coisas, eu não sei, eu detesto isso, então eu não seria de jeito nenhum. Eu sei também que o Otavinho doa o dinheiro quase tudo que ele ganhava na prefeitura, ele dava pros outros, então pra que ser prefeito se ..., sei lá, ... cada um, eu não sei, eu não gostaria de jeito nenhum de ser prefeito com o dinheiro que ele tem, eu ia mecher com outras coisas.

Ai, o Doutor Otávio não é político não. Aliás, ele é um ótimo político, todos os políticos deveriam ser igual ele, só que não são. Tudo o que você vai falar com um político, ele não fala não pra você, ele te promete as coisas e depois não arruma nada e o Otávio não era disso não, o Otávio, se ele falasse pra você que ele ia fazer procurava de todo jeito pra fazer, então acho que ele não foi político. Apesar de ter sido um ótimo político, ele era mais empresário, que o Otávio quando eu cheguei aqui ele me falou que ele tocava quinhentos alqueires de lavoura, era muita coisa naquela época, quando ele saiu do governo, ele falou assim: “oh filho, eu tinha muita coisa” porque ele não tava tendo, tinha ... né ... tava estudando né, era um menino né, mas ele falou: “oh filho, perdi muito dinheiro com esse negócio de eu ser governador” porque, ele não progrediu nas coisas dele de, nas lavouras e tal, então ele era um homem empresário, só que como político, ele foi muito bom político, então, mas não é como os políticos normalmente são né, o político tem muita promessa, muita coisa, e ele não tinha isso, é como eu te falei dele no começo, ele procurava o bem de Goianésia, ele gostava de Goianésia, ele sempre procurou ajudar Goianésia, quando você ia pedir qualquer coisa pra ele, se fosse assim, pro bem de Goianésia, ele fazia questão de arrumar, mas se não fosse pro bem de Goianésia ele não arrumava também fácil não.

Olha, eu, apesar de que tinha muita amizade com ele, poucas vezes eu freqüentei a casa, essas coisas, mas eu tenho, eu lembro bem que Otavinho, acho que tinha dez anos, deve ser uns dez anos naquela época, eu tava sentado com ele na porta da casa dele, Otavinho chegou e falou: “Eu tirei nove em matemática.” Ele falou assim: “Porque é que você não tirou dez?” Então, é, ele deveria ser exigente, por esse aí a gente vê que deve ter sido um pai exigente com os filhos. É, mas o relacionamento dele com a Dona Marilda, que a Dona Marilda é uma pessoa que todo mundo gosta, um doce de pessoa né, então era uma simpatia, Dona Marilda sempre foi uma pessoa muito simpática, o Doutor Otávio, muito amável, muito cortês, sempre, nunca vi ele alterar a voz com ela, era uma pessoa muito sincera assim, a gente via, de muito amor, eles dois né.

Realmente, eu concordo com quem lhe disse isso. Ele era, ele era empreendedor né, uma pessoa empreendedor, ele via um trem e já, eu costumo falar que mesmo no ramo da pecuária, da agricultura, ele ficava vinte anos na frente da gente, eu lembro dos outros políticos, que ele, eu lembro que ele foi nos Estados Unidos, e ele chegou lá e falou pra mim assim: “Oh, lá o maquinário, uma máquina de plantar, você regula ela pra cair vinte grãos num metro, você pode contar, não tem vinte e um nem dezenove, tem vinte mesmo.” Hoje o Brasil melhorou muito, a tecnologia, e hoje se você for contar é capaz de cair os mesmos vinte também, mas então ele trazia, ele tinha outra visão do pessoal daqui né, porque aqui a gente fica desolado, você não via nada, você não sabia nada, depois que ele foi governador, ele com os contatos dele né, que ele fez com pessoas, acho que ele tava, depois que veio o computador, o computador você via, mas antes não tinha. Então ele sabia que ia aumentar, que ia desvalorizar as coisas, isso ele já sabia tudo antes da gente.

O Doutor Otávio pra mim, como eu disse, ele foi quase como um pai aqui pra mim viu, em tudo que eu precisava ele me aconselhava, então eu tenho só ótimas lembranças dele, uma pessoa que foi governador, que vinha e conversava com a gente, a gente, depois que a pessoa sobe num patamar que

vem conversar com a gente, você, é igual a Vanusa, a cantora, Vanusa era, morou em Uberaba quando eu morava, a gente era do mesmo bairro, encontrava diariamente, a gente não era de muita amizade não, mas de cumprimentar, aí ela foi, ficou famosa, um dia contrataram ela pra fazer um show lá e eu fui ver, aí eu pensei: Será que ela vai lembrar de mim? Ela veio: “Oh, como vai?” Tudo, digo: “Oh, lembrou, viu?” Então assim é o Doutor Otávio, depois que ele foi como governador, não de conhecer gente, isso aí, claro que ele ia conhecer, mas de chegar e conversar com a gente, então ele me tratou sempre muito bem, sempre que me via fazia questão de vir me cumprimentar, e eu também cumprimentava, então eu tenho dele assim, uma pessoa que foi, pode ser chamado de um pai pra mim, porque quando eu tinha essa oportunidade de conversar com ele, eu fazia algumas reivindicações de algumas coisas que ele pudesse arrumar ou também me aconselhar em determinadas coisas.

Olha, não são todos não, são poucos, são poucos. Porque a política, muitas vezes, declamam, falam, na época de política, agora mesmo ... acho que nos primeiros comícios andaram falando mal do Doutor Otávio, ele não reconhece isso né, e ele e muita gente, inclusive a política nós perdemos aí, ...

Eu acho que se o Otávio tivesse vivo nós não perderia essa política não, o Otavio tinha uma tendência, um poder sobre as pessoas. Aqui uma influencia muito grande ainda, apesar que ultimamente ele já tava mais desligado das coisas, mas na política ele gostava, ele ia, ele conversava com povo lá fora, nisso tudo, ele tinha uma influencia muito grande. Época de eleição ele telefona pras pessoas, telefonava, “Oh, queria que você votasse assim e assim” e tal, e eu acho que isso valia muito.

A cidade era pequena, que eu sempre falo que antigamente eu conhecia todo mundo, hoje, hoje tava na fila da igreja foi passando gente eu fiquei sentado, passando assim, e de todo mundo que passou eu conhecia só uns cinco. Mudou muito, mudou muito. Aqui por exemplo ó, só aqui nessa rua, nesse pedaço, nesse quarteirão, tem três casas debaixo, de frente e a mais em cima ali, são gente da, dessa firma que ta aí né, então você vê, são desconhecidos . Só nesse pedaço.

Entrevista com o Sr José Carlito

Data: 02/07/09

Eu Nasci em 25 de novembro de 1920, sou mais velho do que Jesus um mês. Santana de Patos, Minas Gerais. Vim rolando por aí afora. [risos]. Casei num dia, saí no outro.

Não, aqui chamava Calção de Couro, mas eu quis, trouxe nós pra qui, um tio da véia aí, até um primo dela, Raimundo Mendes, pegou, era meia pra tocar. Aí eu trouxe pra cá o tio dele, Joaquim Mendes, e té o pai do Juarez, Ildfonso, dessa gente, e depois meu sogro veio com ele Jales Machado.

Primeiramente foi esse Raimundo Mendes né, depois o Doutor Otávio entrou em 48 e pegou. Eu cheguei, nós chegamos aí no dia 3 de maio de 47. Eu já fiz, só nunca matei e roubei. Mas já fiz de tudo. Já fui vaqueiro, já fui serrador, já fui carreiro, já fui carpinteiro. Agora to medindo rua. [risos]

Não. Lá eu só trabalhei de serrador e de carpinteiro. Em 48. Fiquei conhecendo ele em 48. Aquilo era uma égua por ali né. Você sabe o que que

ele era mais inimigo? Da mentira. Se mentisse pra ele acabou a relação. Se contasse uma mentira pra ele, ele descobrisse que era uma mentira ... então é mentira. Já ia falando e saindo também, uma serraria, e uma máquina de ... café.

la direto pro IBC, era o único representante do IBC que tinha em Goiás era o Doutor Jales, mas depois passou pro Doutor Otávio. Era péssimo minha fia. Vi muito, aqui tinha uns caminhoneiros, aquele que, já morreu todo mundo, não, ainda tem um ainda, o Irineu... Aquele que foi prefeito aqui, já esqueci o nome dele, Nego Valter, o Paulo ..., gastava dois três dias pra ir e vir de Anápolis aqui. Atolando nessas... tudo aqui. Era uma dificuldade.

Veio solteiro. A dona Marilda, eu fiquei conhecendo ela antes de casar, eles vieram aí passear, veio ela, o pai dela, a mãe, ficaram ali muitos dias na Itajá. Eu acho que ele casou em 49. Não. Impressão muito boa, todos os dois são gente muito boa né, que a Dona Marilda é dessas pessoas que se você conversar com ela, ela conversa com a gente, se você não conversar também.

O pai dele era deputado minha fia. Morava no Rio de Janeiro. Doutor Otávio é goiano de Buriti Alegre, mas foi criado mais no Monte Carmelo, o pai dele tinha uma firma no Monte Carmelo, aí de lá foi pro Rio, eu acho que ele foi eleito três vezes. Nunca perdeu na política.

Ih, demais. Era igual o Otávio, pessoa simples de tudo, tudo, tudo. Bom demais viu! Aquilo ali, é a mesma coisa do Doutor Otávio é isso, ... o Ricardo, ... e tal e coisa, começa um projeto lá e chega: “Não, não, não”. Era o que o véio queria viu? O que ele falasse tava falado.

Uai, o café minha fia não passou, essa Monte Alegre aqui ó, que hoje até o Ricardo alugou ela mas pra por gado, é daquele Jeremias ... o rei do café do Brasil viu. Aí tinha um milhão e trezentos mil pé de café. O café aqui, em vez de ele dar uma copa chata assim, ele fazia era isso assim ó. ... acabou o cafezal. A Itajá tinha uns trezentos mil pé de café. Agora a Itajá tinha o cafezal, máquina de ... o café, a maior serraria daqui da zona, e, gado, e lavoura branca. Arroz, feijão, milho. Essa é que é a ... lavoura branca. Porque lavoura vermelha e preta é do café né. [risos]

Agora o Otávio Lage era tão simples minha fia, na nossa, no nosso, na nossa casa, ... tudo era menina né, se ele chegasse, destampasse uma panela e fosse carne ele enfiava a mão lá, tirava um pedaço e saía comendo. Tinha. Ihh.. Nossa. Lá devia ter, lá tinha um armazém, tinha de tudo, tudo, tinha pano, ..., todo medicamento assim, pra socorro tinha, e, lá dia de sábado e domingo juntava trezentas pessoas lá. Uma baianada, um povo nordestino tudo.

Não, o povo que ia pra comprar, ia comprando e saindo, comprando e saindo. Não, recebia tudo. Nunca faltou um pagamento dele não. E cheque deles, toda a vida, todo boteco que ia desconta ele, só se não tiver o dinheiro. Não. Ninguém pagava nada. Eu, por exemplo, eu depois que acabou as máquinas da lavoura de café deles, eu, ele ainda me deu café que eu bebi mais de ano, todo ano ele me dava um saco de café

Porque o pai dele voltou. Tem uma coisa que isso eu não provo não viu, por boca dos outros, que ele saiu mais da Itajá por causa de um cachorro. Se um cachorro pulasse, acho que até chamava Dique, e o cachorro sujou o alpendre lá da casa tudo e virou. E a mãe do Doutor Otávio vou te contar um caso, é enérgica demais né, e ela ficou braba demais e a Dona Marilda falou: “Não, vamos lá pra nossa”. Se a senhora for lá na fazenda deles, na sede, você vai ser uma casinha que ela morou ali mais de um ano, tanto que desmanchou

as outras, e a dela tá lá, no meio de um buraco, ... ela morou lá mais de um ano, uma casinha de cinco cômodos.

Morava. O doutor Otávio foi pra Vera Cruz, a pedra preta, Vera Cruz, e, que ele era conhecido como pedra preta, em 54. É. O pai dele ficou na Itajá. Mexia com as mesmas coisas que mechia lá, gado, café, lavoura branca. Levanta cedo vou te contar um cado minha fia, nossa Senhora, todo dia cinco hora ele tava saindo.

Não, nós ficamos lá. É. Nós ficamos lá mesmo com ele lá, já tinha ali pra cá do rio do peixe, lá o lugar chama Pororocal, chama um engenho de cana lá, fabricava açúcar, cachaça, meu sogro morava lá. Até hoje a gente nem vê mais, mudou, você sabe que mudou a estrada?

Você vai daqui pra serra, ce num conhece não sabe onde é o engenho mais. Agora passa é lá embaixo. Foi, aí eu fiquei lá com pai dele. Venderam pro Tunico Toqueiro, Antônio Inácio da Silva. Ele vendeu ela e, ela era Itajá Sociedade Anônima, cinco sócios, o pai e quatro filho que é Jair da Silva, Otávio e a Nice, vendeu por quinhentos contos, deu certo pra cada filho e com o cem dele ele foi ali no município de ... e comprou uma fazenda lá por nome Jóia, que é o maior criatório de gado que eles tem é lá.

Sim. Não. Eu morei naquela ... lá na Cirilândia dois ano, depois mudei pra fazenda dele, ali na São Pedro, aquele primeiro córrego da destilaria ali.

Ela municipou em 53. Minha filha eu conhecia Goianésia, você já ouviu falar desse ... da ema ali. Era o cupinzinho Eu entrei aqui na Goianésia no dia, não sei se foi oito ou nove de 47, a cavalo, saia lá na laranjeira, onde é do Vasco hoje, entrava ali naquele bar da dona ... ali, era o caminho, ou lá ou por aqui pra sair ali ... ali em cima... Aqui onde é o banco Itaú era um campo de futebol, e lá em cima, lá bem em cima, dentro do serrado tinha uma casa de um homem que era um curador, eu esqueci o nome dele. Ali no bar Santa Luzia tinha o Marinovis e aquela, e a brisa veia, ali na, no carrilho, ali onde tinha aquela, ali na baixada ali, ali tinha um canavial, um engenhozinho ali, fazia rapadura pra vender, aonde é a rodoviária tinha uma casa ... Zefa, e aquela saca do carrilho ali em cima, o resto, o campo de aviação era ali, entre a Vinte e Nove e a Goiás, pegava dali da esquina da Pará ali e ia lá na saída lá, o campo ficava entre as duas ruas. E nas duas ruas era uma casinha aqui, outra lá, a praça,

Ele foi prefeito. Pois é, ele deixou a prefeitura pra sair. Ele deixou a prefeitura, entregou pra o Noraldino, que era o vice pra candidatar. É. Lembro.

Minha fia, nesse tempo o trem era tão bagunçado que teve uma suplementar, teve que fazer outra eleição naquela zona ali de Cafelândia, eles obrigaram um dos fiscal assinar a ata ilegal, e ele foi e dedou eles , agora o Doutor Jales pegou e montou em cima do Tribunal Eleitoral, aí fizeram outra eleição. Essa foi em fevereiro, era o outro candidato era o Senhor Valter Augusto, conhecido como Nego Valter. Aí o povo ainda arranjaram uma passeata, quando foi na suplementar, na apuração, nesse tempo não tinha essas coisas de computador nem nada, era voto a voto, ... Otávio, Otávio, Otávio, Otávio, lá de vez em quando, Nego Valter, [gargalhada].

Aí a votação foi só do pessoal da suplementar, foi só do pessoal da Cafelândia. O Nego Valter assumiu. É. Assumiu em janeiro e a outra não sei se foi em fevereiro ou março, foi pouco prazo.

Mudou demais. Mudou tudo. Mudou tudo, tudo, tudo, tudo. Ali na, abaixo daquele Hospital São José, na baixada ali ..., minha filha ali tinha uma

pontezinha lá ... das águas, que nesse tempo era carro de boi, descia ... né, aquilo ali era difícil demais pra passar. Quando ele entrou na prefeitura que foi fazer a ponte, ele era o descarregador de pedra Porque ele não agüentava ficar quieto não, ele não tinha sofrimento não, eu acho que ele dormia era caminhando [risos]. Não, era trabalhador. O homem que trabalhava.

Olha, ele fez tudo aqui. Ele que trouxe energia, ele que trouxe a energia pra aqui, ele é que trouxe a água, ele que trouxe essas coisas tudo. É. Caminhão tinha muito né, naqueles tempo não tinha essas carreta hoje que pega aí e carrega trinta tonelada, só caminhão pequeno, Ele mesmo tinha três caminhão. No tempo que ele mechia com a lavoura do café e a lavoura branca, ele tinha três caminhão. Uma coisa que ele era inimigo: Se mentisse pra ele cabo a amizade, eita minha nossa senhora.

Ihhh... Foi muita gente, sujeito mentia pra ele, “Quem foi que falou isso?” “Ah, foi fulano”. “Mentira”. Não, isso eu não sei dizer não.

Lembro. E o concorrente dele era aquele Peixoto da Silveira. Era dali de Jaraguá. Doutor Otávio tinha muitas virtudes e algum defeito. Nunca me esqueci, porque ele não respeitava trânsito não, por isso que ele morreu, que precisão que ele tinha de corta carro e chegando lá onde ele ia? Ele não respeitava trânsito não, um dia nós vinha do norte com ele, e saindo do, ali do campinorte, dentro da cidade ainda tem um quebra mola né, e, nós até paramos no restaurante, tomamos um café lá e, era eu, ele e o Valdemar, um que mora lá na Quarenta. E ele veio de lá, sei que doido no galope, ba ba, ..., quando eu vi nós tava lá, ele falou assim: “Vocês não viu não?” Nós falamos duas vezes, “quem é que ta dirigindo?” “Eu” [risos]. Uma doidura pra trabalhar que nossa senhora.

Porque ele usava o chapéu pra ... , esse chapéu Panamá tinha muita serventia minha fia, ele tava lá na máquina de café por exemplo, tava trabalhando, ou ali na serraria, por ali, chegava um: “Ah doutor, eu queria isso assim e assim lá no armazém, preciso de uma ordem do senhor”. “Ta, toma aqui, toma aqui, leva o chapéu, mostra ... lá.” Era só levar o chapéu dele que o São Paulo atendia. [risos]. José São Paulo. Pelo armazém, ele é que tocava o armazém.

Achando que ele era bobo né? É achando que ele era bobo, só pode ser isso. [risos]. Aquilo enxergava atrás do morro minha fia. Aquele homem era vivo. Outra coisa também, uma palavra dele valia qualquer letra assinada. Se ele dissesse pro ce: “Sim” acabou.

Não. Mas também tinha uma coisa, se, pra falar um não também era daqui pra ali, não enganava ninguém, não tinha esse negocio de alimentar esperança de ninguém. “...” “Não” Não, não, não, não, não, não, não. Ihh minha fia, com toda simplicidade, ele ainda foi ... não sei pra quem que eu já contei, que ele morava numa casa que ainda tem ela lá na Itajá, num alto assim, pura pedra, em parte assim, era pura pedra, agora carriou um caminhão de areia, um caminhão de pedra e amontoou lá pros meninos brincar em cima. Era uma simplicidade triste viu? A senhora conhece aquele encontro de ... que eles fala né? Sabe que nome que ele deu pra ele?

São Sebastião. Sei lá! Acho que parecia São Sebastião, é o que ele mais gostava de comer. Não. Pamonha não comia não. Você oferecia pamonha, ele falava: “Não sou ...” Agora já o cural ele gostava demais viu? E já o pai dele, queria agradar o pai dele era só cozinhar mandioca e dar a ele

com rapadura ou com açúcar ou senão pamonha. O véio ... de tudo e comia de tudo.

Oh minha fia, assim, a diferença é a mesma coisa que você querer comparar Deus com sabugo. É diferença muito grande. É até incomparável a diferença. *Goianésia* não valia de nada. Nunca me esqueci, não lembro se foi em 48, uma campanha política daquele, daquele de Jaraguá, Nerso de Castro, aqui pertencia a Jaraguá e o Zé Carrilho é que formou essa Itajá pra eles, veio pra aí, ele que plantou cafezais, e fizeram um comércio lá na porta do Zé Carrilho que é ali onde é aquele prédio do Hospital São José, que ta abandonado ali. O Nerso de Castro veio com uma turma dele, que trouxe quatro ... cada um com um revolver deste tamanho assim. ... como é que era.

Ele nunca teve maldade com ninguém, nunca ofendeu ninguém, ele não era vingativo né, ele só não esquecia, se você fizesse uma má ação pra ele também, ele não esquecia dela, mas ele não vingava ela também.

Não, na morte do pai dele ele abalou muito. A senhora sabe de uma coincidência? O pai dele morreu no dia quatorze de julho de acidente, naquele trevozinho ali de Rialma, e ele também morreu aqui dia quatorze de julho de acidente. Muita coincidência né? E todos os dois com oitenta e um anos. Não. Não. Ele, ele era um homem assim, ele não tinha segredos, mas ele não comentava nada não, não implicava com a vida de ninguém, nunca quis falar da vida dos outros não.

Não. Nunca!! Ele chegava, ..., tinha que sair andando atrás dele, ele não aquieta não. Nunca carregou um segurança, nunca carregou nada. Nunca.

Ajudava. Era um homem caridoso demais. Pra aquele São Vicente, todo ano ele dava cinquenta volume de arroz, nem pesava, punha no caminhão e mandava: "Vai lá e entrega lá". Entregava até numa máquina aí, na Brasília ..., aí o ... precisava, ele ia pra lá. Todo ano.

Pra trabaiaí. [risos]. Ele era pobre rico, coitadinho, quis ficar rico. [risos]. Aquele homem tinha uma visão esquisita dele, a Itajá foi deles, ... Tunico Toqueira, quando Tunico Toqueira pos ela a venda, deu uma comissão pro Valmir, Valmir era até parente do Tunico Toqueira. Deu comissão pro Valmir, o Valmir, eu morava, morei ali naquela, na saída de Séries aqui, onde é aquela seringueira ali, nós moramos lá quantos anos ...? *No povoado? 72 a 91. 72 a 91.* E o Valmir vai descendo pra ir lá pra Itajá, viu a caminhonete dele na Itajá, ele chegou. "... eu parei aqui porque vi sua caminhonete aqui, o, vender a Itajá, a Itajá ta a venda e as vezes o senhor interessa porque gosta muito de lavoura e eu, até pra dizer pro senhor a verdade, eu abro mão da minha comissão e o senhor compra a parte pro lado do rio que é bom pra mecanizar". Ele disse: "Qual é o preço?" Valmir foi lá: "Dez conto". Ele falou: "Não meu fio, com dez conto eu compro dez alqueires lá no norte." Ele já tinha começado lá no norte né. E de fato, eles tem mais de três mil alqueires de chão.

Lembro. Não. Ele trouxe essa idéia não sei se foi dos Estados Unidos.

Foi. Foi muito depois. Depois. Eu acho que ainda tem o confinamento lá, o primeiro ainda. Acho que ainda tem ainda. Mas é uma coisinha pequena né, quatro currais, alguma coisa assim. Agora, hoje tem assim, mais de mil e quinhentos metros de currais.

Ih minha fia, saudade demais. Tem dia que parece que eu vejo ele assim. Vinha muito. ... O, um dia, o Ricardo mais o Valente, o Valente tinha uma fazenda ali perto da cirilândia e o Ricardo alugou lá pra, arrendou lá pra

plantar soja, e eles lá ia pra lá e eu cedinho, eu tinha acabado de tirar leite, e soltando umas vacas lá, ia no corredor e entrava pra dentro Chegou, parou, as vacas acabaram de passar, ... ta bõ, ta bõ, ta bõ. Aí o Valente falou: “Ah, eu”, o Ricardo, “seu pai pouco vem aqui né” Ele falou: “Oh, não precisa, e aqui também você importa tanto com ele que ele estrumbicou lá ... do Barro Alto, escafolou-se todo e ninguém foi lá ver ele”. Eu falei: “E você acha que eu ia lá ver ele?” “Porque que você não vai?” Falei: “Eu chego lá, vou fazer pra ele uma visita, ele logo pergunta que que eu quero, o que que foi?” Porque ele era assim, se chegasse alguém ele logo dizia lá: “o que que você quer?” Era pra desocupar ele, que ele já tava doido pra sair. Não. Se você quisesse qualquer coisa você tinha que sair andando atrás dele. O homem era triste viu? ...

Não, os meninos deles nunca foi de dar trabalho não. Aquele ... babava minha fia, da baba correr assim e pingar no pintinho dele e você pensar que ele tava fazendo xixi [gargalhada]. De vez em quando eu falo isso pra ele, ele acha bõ. [gargalhada] ... Não conta isso pra todo mundo não! [gargalhada]

Agora, o Ricardo foi artista viu? Aquele era artista! O Ricardo era artista. O Ricardo um dia, nós tinha as ... de café, tuia de negócio de café, a porta é cortada no meio assim ó, você chegava despejava lá, quando baixava ela abria, e as tuia tava vazia, e ele entrou pra entrar mais a Silvinha, ele saiu pra fora e fechou a porta e largou ela lá. Nós tava lá na serraria escutando gritando, chorando, vai ver lá, o João Gomes falou: “É a menina que ta presa aqui”. O Ricardo tinha prendido ela lá dentro. Não era brabo não.

É. Não, eles foram criados aí, estudaram nesse coleginho Maria Imaculada aqui. Disse que era atentado de tudo. Aqui tem uns que conhece ele muito, que é o Jales ali, tinha o pai dele, o Zé Luar, esse Mauricio Cardoso, diz que era atentado de tudo, ... Agora, o Jair não, o Jair toda a vida foi quieto.

Não. Aquilo foi tão novo pra trabalhar que ele perdeu um olho de burrice dele, ele morreu de burrice. Lá na Jóia, o curral aqui assim, tinha um canto aqui, era um dia de Santa Luzia, a gente chegou lá os vaqueiros ainda ficaram mal servidos, e mechia com aquilo, e chegou ele e aquele veterinário, o Mário, vamos vacinar a bezerraque ela ta com Um peão pega e derruba uma bezerra bem no cantinho da cerca, não tinha nada que chegar e passar por lá do corpo da bezerra não, ele chegou na frente e mandou o estojo pra vacinar, ela mandou o pé nele. Ainda tem o cantinho lá até hoje.

Aí veio pra aqui, daqui foi pros Estados Unidos, o olho ele perdeu. Não. Um dia eu perguntei pra ele. Não. Enxergar ele enxergava muito bem. Eu falei: “Doutor Otávio, o senhor com um olho só, mas o senhor enxerga bem demais”. Ele falou: “Enxergo o que ta daqui, agora o que ta daqui eu tenho que fazer assim”. Um dia nós ainda riu demais dele, eu ri demais dele Ana, que os outros dois ..., cada um faltava um olho, tudo do lado direito! É como eu também, eu não enxergo nada desse olho aqui do lado direito. Ele chegou e olhou assim, e virou pra mim e falou: “Bunito em Zé Carreta” Eu falei: “O que foi?” “Três homens com três olho”. [risos].

Casou em Uberaba. Não, a vida dele, toda a vida foi uma vida com a família, foi muito boa, demais. Ele era muito amoroso. Uma vida de livro aberto, Doutor Otávio não tinha segredo. A vida dele era um livro aberto né. Aqueles menino dele, eu acho que a diferença de um pro outro é de um ano e pouco.

Pilotava. Ele tinha uma ultraleve, saiu nela daqui, foi lá na, ... Na fazenda deles no município de Porungatu, lá em Montonópolis. E, e o campo lá

de fora eu conheço ele lá, e de um lado assim eles tinham colhido um arroz lá, tava aquela bagaceira de palha de arroz. E ele vai aterrissar lá e saiu fora da pista, foi arrancar ele do meio de tudo, tampado de palha de arroz, [gargalhada], aí lá também ele vendeu ele.

Eu não quero isso mais não, não quero isso mais não, aí lá também ele vendeu ele. a Dona Marilda andava pedindo a ele demais pra largar aquilo. Ai eu não tenho lembrança não. Sei que ele ... uma porção de tempo. Desde o dia, como dizia ele: “Que eu estrumbiquei lá em Montonópolis eu larguei”.

E, homem atrapalhado esse. Ele não tinha sossego, uma coisa que eu nunca vi ele fazer: jogar, beber. Nada. Não, fumar ele fumava. Tirava cigarro do ribeiro dos outros, mas ele mesmo não carregava não. Os outros perguntavam as vezes: “Doutor, qual a marca de cigarro que o senhor gosta?” “A que me dão!”

A saudade dele é grande viu. Tenho saudade dele. Olha, trabalhei com ele, nunca escutei um não dele, graças a Deus. Nunca cheguei nele: “Doutor, eu preciso disto assim assim” que ele falasse não. Nunca. O Manoel Mendes que cuja a viúva dele mora ali, é minha cunhada, dona Claudete, é que era o gerente dele. Quando ele foi pra campanha, pra fazer a campanha, ele pos o Manuel como gerente. Aí ele foi pro governo e o Manoel ficou como gerente.

Vinha. Vinha de vez em quando. O motorista dele era aquele, como é que era ... do Guimarães? Ditinho? *É o seu Ditinho, era o piloto.* Não, ele vinha era de carro, não era não? Não, ele vinha de avião e o Diinho vinha de carro, com a caminhonete. Ele vinha por ar, ele soltava o Ditinho cedo e mais tarde ele vinha de avião. Quando ele descia ..., o aeroporto daqui era ali na. Não, não, era ali na Nova Aurora. É. ... que era na fazenda. Não, Tinha semana que ele vinha duas vez. Demorava pouco também.

Ele tem um caso interessante que ele conta, que no dia do casamento do Doutor Otávio, ele foi abastecer o avião ali, ... a gasolina, sufocou.

É, sufocou lá, ali onde tinha aquele hangar, ele ia saindo pra casar, o pai dele ia levar, e ... a mangueira, o tambor de gasolina lá, e sufocou. *No dia do casamento.* . Não ele quase morreu. Quase que deixa viúva! *Porque ele não podia esperar, ... porque naquela época não tinha bomba, aí punha um tonel né, tambor mais alto e deixava escorrer né, aí ele na pressa pra puxar, porque era um procedimento normal ... aí ele puxou ...*

Não, ele deixou pros filhos. Ali a Vera Cruz ali, a São Carlos, a Boa Vista, a Jóia, a Lavrinha, a Cristo Rei e a Bandeirantes. Ele tinha nove fazendas. Não, tem a, duas que era do Tocantins, uma chama Cristo Rei e a outra Bandeirantes. Todas, todas elas. Não, lavoura hoje não, lavoura hoje. Só cana e acho que ainda planta soja ainda. E ele ia lá, era muito difícil ele ir lá. Ele chegou lá um dia, ficou olhando lá trator fazendo curva de nível lá, ..., ele: “Oh, eu aceito aquilo ali só por causa da doença do Ricardo”. Passou mais uns dias resolveram acabar com o outro pasto lá pra plantar seringueira. Falou: “Oh, só aceito aqui por causa da doença do Ricardo”. Fazia gosto dele né, não contrariar ele né? Aí quando o trem começou a produzir ele chegou lá e falou: “Oh, queimei a língua, o trem dá dinheiro!” [risos]. “Queimei a língua!” [risos]

Foi. Foi o Ricardo, que o primeiro que trouxe seringueira pra aqui foi o Moraes Ferraz. Foi o segundo, foi eles. Agora expandiu, tem gente demais plantando seringueira. Aquele filho do ... tem muita seringueira. Não, a Goianésia deve tudo a ele. Ele fez tudo pra Goianésia, o que ele podia fazer pra aqui ele fazia mesmo né.

Ah eu acho que faleceu. Ele, esse terreno aqui onde é ... hoje, aquilo ali foi do pai do ..., Cirineu, lá tinha uma casinha que o Cirineu era um homem tão trabalhador que quando você abria a janela da sala o galho de ... da goiabeira estava atrás dele. [risos]. Não tinha nada, era um cerradão ali, não tinha nada, nada, nada. E, agora, hoje tá lá daquele jeito. Ali era trinta alqueires, mas ali onde é o aeroporto era do Fileto, e o Fileto não vendia o terreno, Doutor Otávio falou pra ele: "Ô Fileto, vamos ... vamos medir aí a, o terreno do campo e eu te dou naquilo que foi do Cirineu, tá?" "Ta, ta." E assim foi. E depois, o Doutor Helio fazia aquele, fazia aquele bairro lá e ele pegou e deu o terreno, Ali onde é aquele ... ali, acho que dois, não sei se é oito alqueires e cinquenta litros, ele comprou. Os cinquenta litro são um corredorzinho, ele deu pro Jalinho, ali onde eles tavam construindo uma escola, não sei se ainda tá ainda. ... o outro, primeiro ele deu dois alqueires ... do laço. Depois deu o outro, que é aquele bairro, e ficou na beira da Brasil, acho que três a quatro quadras ... Hoje uma quadra é ocupada com o maquinário do sobrinho dele, e as outras o tio hoje vendeu. Só lá custou oitenta contos o terreno e eles venderam os lotes lá, ainda ganhou dinheiro ainda. É. Doou e ainda ganhou ainda.

Não. Ele era simples de tudo, tudo, não tinha, não tinha luxo nenhum, não tinha ... nenhuma. Essa estrada, estrada daqui pra Anápolis, por exemplo, Goiânia, nem essa aqui não tinha. Saia era ali na, aonde é aqueles trem da ..., pra cá do Posto Lage ali, saia ali e ia ... lá perto do Antonio ..., era uma estradinha de chão aí.

Era. O rio do peixe era uma ponte de madeira. Aí depois é que fez outro.

Eu conheci três ponte lá. Tinha uma primeira de madeira, depois fez outra e depois é que ele fez aquela outra cá em cima. Governador. Até o, a máquina que abriu ela era daquele Hugo ..., que abriu ela. Essa daqui do Barro Alto também foi ela que abriu, aí também tinha uma estradinha.

Não, ele era engenheiro né. Coisa de engenharia era dele né. Aí. Ele fez tudo pra Goianésia, tudo, tudo, tudo, tudo. Ele tinha maquinário pra tudo também. Tinha esteira, tinha patrola, tinha carregadeira, tinha tudo.

O primeiro banco que veio pra cá era ali onde é o, aquela casa veterinária aqui. Não minha fia, acho que era o Bradesco, não digo com certeza não, mas acho que era o Bradesco. Dali, o Banco do Brasil foi lá pra aquela esquina da Vinte e Dois, lá onde era aquela mulher do Marco Aurélio, a Leontina, era na parte de baixo lá.

Foi ele que trouxe também. Antigamente as coisas eram tão atrasadas que a antena pra televisão tinha que ter uns dez metros de altura, das primeiras televisão que entrou aqui, uma era do Antonio Paulista, que o Antonio Paulista era o mestre de obras dele, viu, um baiano, trabalhador demais. É, comparando a administração do Otávio Lage com esse povo agora é muito diferente, mas diferente mesmo. Até a do Otavinho já era diferente. Ele tinha cachorro, que o dele que matou o menino. O Otavinho tinha, o Ricardo tinha. Eles tinham um pedreiro que trabalhava pra eles, o ..., ... vai lá matar os cachorro tudo pra nós, vai lá.

Entrevista: Salesiano Carneiro de Mendonça Filho**Data: 02/07/08**

Quando a gente se conheceu foi em cinquenta e quatro, cinquenta e cinco eu o conheci. É.... É uma escola que a gente não sabe como que começa assim, a gente tem que ter um pouco de tempo pra ver como que começa.

E O SENHOR MUDOU, O SENHOR LEMBRA QUANDO O SENHOR VEIO PRA GOIANÉSIA? Eu vim pra Goianésia, eu cheguei aqui em Goianésia em vinte e oito de dezembro de cinquenta e quatro. Vim de Morrinhos.

Chegou de Goianésia aquela história. Mais um pouquinho e eu volto pra lá, a gente conhecia o pai do Doutor Otávio, político de Buriti, isso em trinta e dois ele ... terra aqui, o pai do Doutor Otávio, Doutor Jales, e meu pai era amigo dele, então tinha essa história que trinta e dois, trinta e três, que a região aqui tinha terra fértil, e não tinha nada! Tinha nada! ... nem sonhava né? Em trinta e dois eu também, eu era nascido, mas ninguém nem sonhava de conhecer Goianésia, mas aí com essa conversa do Doutor Jales, o pai do Doutor Otavio, falou com meu pai por lá, quando foi em cinquenta e três meu pai, ele comprou uma aqui, ... tinha razão, ... tinha a fazenda era dividida. Eu procurei ele a primeira vez que eu encontrei o Doutor Otávio, em cinquenta e quatro, eu vim fazer um acerto aqui na fazenda. Ele olhou assim: "Você é dono da fazenda?" Você conhece ele bem né? Conviveu com ele ou não?

Então, quando ele era novo ele tinha aquele jeito assim muito positivo, então ... "Você é dono dessa fazenda?" Eu falei: "É do meu pai" "Você ta com cara de menino né?" "Não, mas não sou menino não!" E, fizemos, aí consegui fazer esse acerto. Depois eu vendi um ... que era do meu pai lá na fazenda, fiz negócio com ele em cinquenta e seis por aí, cinquenta e sete e cinquenta e oito eu convivi com ele, comprei vaca, muito gado pra ele.

Eu não era empregado dele, mas trabalhava com ele assim sabe, comprava gado pra ele, eu tinha minha vida, mas não era empregado, fazia que ia comprar um gado mandava eu, eu fazia o negócio pra ele. Nessa época ele já tava mudando aqui pra Fazenda São Pedro, ele morava, em cinquenta e cinco ele mudou pra aqui, morava na Fazenda Itajá.

Itajá. Aqui era Fazenda São Pedro né? Depois que foi Vera Cruz. ... em cinqüenta e seis, por aí. Mexia com café, a atividade dele era café. Depois dessa lavoura de café, desativou, não foi, ele começou a, plantou algodão, ... depois ele tocou um pouco de algodão, depois tocou lavoura de arroz, muito, arroz, milho. ... Depois de arroz, milho ele tocava algodão, voltou a plantar capim, fazer... de gado né.

Era na realidade era só lavoura, tinha gado, mas, aliás, era lavoura e gado e tinha também gado na zona mais quebrada, era mais plaina, da lavoura, que é onde é cana hoje.... antes de ele ser prefeito era difícil, saia daqui, saia via Anápolis, ... em Anápolis pegava ... e era difícil porque não tinha estrada, estrada ruinzinha, mas aí quando ele passou a ser prefeito ele que construiu, Goianésia não tinha máquina nenhuma, ... a prefeitura, não tinha máquina trator, tinha um tratorzinho, não tinha patrola, não tinha caminhão basculante, e pela estrada que ele fez, saia daqui pra via Anápolis, com grande dificuldade.a prefeitura não tinha nada.Ele pegou umas máquinas da fazenda, ..., da Itajá, com esse trator começou arrancar o cascalho pra ... a

estrada, fazia um mutirão, não tinha basculante pra ..., pegava esses caminhão de carreta, colocava busca, aí punha terra de um lado, do outro lado abria pra descarregar via lateral, e os fazendeiros também deram, deram ajuda pra ele, mandavam um caminhão, outro, porque todo mundo tinha interesse, aí logo depois então ele comprou ... comprou um trator com recurso próprio dele, pra prefeitura.

Hoje o que esses prefeitos fazem é comprar com o dinheiro da prefeitura pra fazenda né? [risos] Então, acabaram né, infelizmente, a nova geração, ainda tem muita gente honesta, mas afastou da política o povo honesto. Fugindo um pouco da.

Mas aí ele foi para, ganhou quando candidatou a prefeito, aí candidatou ao governo, aí você sabe, não precisa falar .Ele não queria, definitivamente, ele não fazia forma do ... de lá, foram na casa dele várias vezes, ele candidatou, aceitou candidatar a prefeitura com pressão.

Não tinha outra sem o interesse, parece que não servia uma pessoa que, assim aqui em Goianésia não havia outro que ..., para fazer o que ele fez, não existia mesmo. A UDN. A UDN era uma tradição do pai dele, então ele não queria ser, não foi prefeito por gosto dele não, foi por pressão dos fazendeiros e da. A idéia que ele tinha da, o senhor Laurentino que foi o vice, o fundador, você sabe a historia do seu Laurentino né? Foi o fundador da cidade, mas depois houve o acidente, seu Laurentino morreu e era pra trabalhar junto com ele, aí ele ficava cuidando da fazenda e

Perdeu, exatamente. Goianésia tinha uma zona em ..., zona rural e política tem as mutretas né? E dois dias antes da eleição, anunciaram que as urnas de Capelandia não iam funcionar, mas o povo saiu o boato, não tem mais, e não tinha quase, ... eleitoral para Goianésia, ..., mas era até uma força que partia dos outros. Contra o Flávio Augusto, ...,mas então abriu o pessoal que, o eleitoral dele, tinha a fazenda Monte Alegre, fazenda Itajá, era para votar nessas urnas, e, veio tudo pra Goianésia, mas as urnas foi, funcionou lá, uma lenda, quando descobriu que as urnas tavam lá já era tarde, não tinha como, nem condição do pessoal, o eleitoral de lá, ficou uns mil e tantos eleitores que não votou. Aí anulou a urna de lá, as urnas de lá foram anuladas e deu a suplementar, aí votaram novamente e o pessoal que ficou sem votar, votou.

Só lá. Votou, ganhou diferença grande pra ele. Assumiu o Flávio Augusto. Assumiu, deve ter ficado um ano. Demorou. Ficou quase um, ficou um ano. Aí, ... uma nova eleição, daí o Doutor Otavio assumiu, a eleição foi num domingo na segunda feira ele já começou a trabalhar, era uma coisa incrível, ele não, era justamente essa estrada, ... e fazendo a estrada, depois que surgiu o nome dele pra governador, foi justamente isso, porque ele pegou um lugar que não tinha nada e fez ..., pegou as máquinas da fazenda, tudo, fez a estrada e surgiu o nome dele pra governador.

Aí houve, aí já não foi o pessoal de Goianésia não, foi os outros políticos do estado que convenceram ele, pra candidato a prefeito foi Goianésia, mas a governador, já não foi mais o pessoal de Goianésia, foi o pessoal do estado, aí políticos do estado, o pai dele também era político, insistiu, sei que foi a mesma coisa que aconteceu com o Otavio, ... candidato a prefeito né, eu só sei que foi com pressão.

Primeiramente ele arrumou que era tudo cheio de buracos, cheio de coisa, era tudo estrada de chão, só terra. Imediatamente ele conseguiu trazer

energia. Conseguiu trazer o Colégio das irmãs, o Jales Machado, não existia, ele foi professor, não tinha professor, criou a cidade, cadê os professores? Ele dava aula, ele tinha com a fazenda, mechia com isso tudo, pra ajudar a cidade ele passou a ser professor ..., voluntário, sem ganhar. Ele pegou uns ..., trouxe alguns, tem um juiz, Doutor Jales, ele tanto insistia com esse Doutor Jales, foi professor também, tinha que começar um colégio com professor bom porque ele um juiz, porque na cidade foi difícil arrumar um, então por isso, até hoje ele são bons na escola Jales, começou, é porque, a planta, quando você planta uma semente boa, ela nunca.

Escola, energia, asfalto ..., essas coisas não existiam, ...Mas o asfalto ele fez quando era governador.Pra cá. ... quando foi governador.

Chamar de chapéu atolado é, o que sempre acontece, então, criticavam, é que um chapéu atolado parecia fazendeiro. Como é que um chapéu atolado vai candidatar a governador, então puseram esse apelido de chapéu atolado pra dizer que ele era um, como é que se fala, um.... que um matuto assim pra governador do estado?" Matuto chapéu atolado. E pegou esse Chapéu Atolado. Aproveitou.

Tinha os palanques, mas era, mas os palanques eram uns palanques diferentes, era poucos, tempo que não existia quase ..., cidade pequena, então, mas tinha os palanques, tinha os palanques, tinha os comícios, nas fazendas. Mas ele era muito simples, tinha chegado porque ele criou o Colégio das Freiras, já existia qualquer vinculo por isso alguma coisa. Quando ele começou a Jales, começou a implantar cana, ele fez várias reuniões, convidava todos os fazendeiros da região, do município, incentivava pra participar das empresas que eram, participar de como começou, depois desiludiu e foi deixando. Mas ele insistiu quando começou com a empresa, ele insistiu com muita população ..., não são hoje porque não quiseram.

Olha, o Otávio Lages, uma avaliação que eu faço dele é que no estado tem muito poucos homens, nasceu alguns igual a ele, eu convivia com ele, poucos homens igual a ele, honesto, corretamente, convivi com ele, ..., o compromisso dele era assim, se tivesse um compromisso pra pagar que vencesse no dia de domingo, ele pagava na sexta, essa é uma coisa que ... que ele morreu com isso, então, correto com os deveres, em todas as coisas ele foi um homem corretíssimo, bondoso, muita gente fala, ele ajudou Goianésia, ... sem propagar, ... a gente tinha que conversar mais tempo pra lembrar, tem muitas histórias né? Um tempo chegou um padre e um rapaz ... "Qual é o seu caso?" "Tenho que conversar com Otávio Lage e não tenho acesso com ele, você podia ir com a gente né?" ... Cheguei ... na igreja e falei: "oh, ... o padre, viemos pra Goianésia, aqui não tem ... nós estamos precisando fazer uma rifa, uma coisa pra arrecadar dinheiro" Aí: "O que você precisa?" "Eu preciso de um premio pra fazer uma rifa" "O que você quer?" "Quero uma moto" Pegou o telefone do povo, ... uns dez minutos, falou: "oh, a moto ta comprada, agora ... se vocês falar que eu dei a moto, ... vocês falarem que Otávio Lages deu a moto pra igreja". Então, ele tinha essas coisas, as coisas que ele fazia, doação, ... cidade e coisas ele não gostava disso não.

Era muito boa, ..., né, formou, ... em trinta e dois, o pai dele começou quando ele formou veio direto pra fazenda, Fazenda Itajá. Convivia muito com o pai dele, ... que eu conhecia a convivência dele com o pai dele era muito boa, quando o pai dele vendeu aqui, essa fazenda, e comprou lá na Porangatu,

ele foi lá com pai dele, ajudou a ..., essa fazenda Itajá, a Itajá era mil e duzentos alqueires, ela foi vendida mais pra pagar política ... do estado.

Quando ele candidatou ao governo. Vendeu a fazenda, assim, o povo comenta e eu tenho certeza que foi pra pagar campanha política.

Correu. O estado inteiro tem, tem marca dele, uma época eu tava em, antes de dividir o estado, eu tava lá em ... que é uma cidadezinha, e, que vive sem energia e ..., perguntei ..., “Essa energia se Otávio Lages não fosse governador nós não via isso aqui nunca!”, ele correu o estado, então ele deixou marcas no estado inteiro, naquele tempo era difícil né? Não existia recurso.

Empresário, muito mais empresário do que político. Ele foi um grande político, mas é muito mais empresário do que político. Otávio Lage tinha Goianésia como uma relíquia, uma coisa de relíquia dele, aquele amor pela cidade, muito, assim é, ele tinha Goianésia, como uma coisa, uma relíquia, ele tinha uma ... uma coisa.

Não. Eu acho eu não vê porque a gente ouve muito, assim, o pessoal falar ele fez isso pra eles, mas a gente começa conversar que o Otávio fez isso, “Não, ele fez por interesse dele, pra colocar dinheiro no bolso dele”, então, uma pequena parte que te falei lá, ... empresário igual ele era, isso é muita coisa ... Ser professor na cidade, voluntário, pra não ganhar nem um centavo, pode descansar, ele só lecionava a noite, então, ... interesse da cidade. E não é só ele não, a família inteira tem esse amor pela cidade, toda a família, os quatro filhos, os netos também, ..., testemunho, gostam muito da cidade, muito.

Ele foi, eu participei muito, ele foi um pai duro com os filhos, foi duro, foi uma criação forte, conversava assim, mas ... Foi em setenta, uma história que eu participei, em setenta e oito, e o Jales era prefeito, nós tava olhando uma ponte aqui, contando a história da ponte, ele chegou. Aí ainda brincou, falou: “Quer saber de um prefeito aqui, essas estradas ta ruim, ... você não sabe me informar do prefeito da cidade não?” E ... nós conversamos, o Jales ainda pediu até opinião do negócio da ponte que ia fazer a ele ..., aí quando saiu o Jales falou: “Papai, o ... me ligou esses dias, telefonou”, naquele tempo a comunicação era difícil, “ta fazendo um curso lá, pro senhor mandar cinco mil, cinco, ele falou: “Não, ele sabe muito bem o tamanho da mesada dele”. Aí o Jales falou: “Não papai, mas é um curso.” Ele falou: “Não, fazia economia da mesada”. O Jales insistiu com ele, falou: “Papai manda pro menino, menino bom, estudioso.” “Não, ele sabe o tamanho da mesada dele”. Então o Jales falou pro Samuel: “manda esse dinheiro pro meu irmão ...

Exatamente. ... se foi criação, não sei como é que você foi criada, como é que seu pai era. Se é bom assim, você não sabe mais. Eu tenho cinco, sou pai de cinco filhos, criei meus cinco filhos de uma maneira, meus filhos criam os deles de outra, eu não sei. ... Nunca fui na escola na minha vida, nasci no sertão, não fui a escola, sou pai de cinco, se teve alguma coisinha que eu aprendi, aprendi depois de adulto, ... tem cinco filhos, e dei curso superior pra todos os cinco. E nunca fui de ..., mas também fui rígido com meus filhos.

Entendia muito bem, ele tinha um respeito muito grande por ela, até o pessoal brincava assim: “...Tem medo da Dona Marilda” [risos]. Ela era uma pessoa muito positiva também, muito boa, eu sou meio suspeito de falar que eu, as vezes eu comento muita coisa deles, falam que eu sou puxa saco deles, mas não é, é que eu to te contando porque eu convivi cinquenta anos com eles e a maneira de ser, então a gente, e aprendi muita coisa com eles, ...

Eu nunca participei de festa com ele. ... foi numa festa, mas não participei. Não sei se foi festa de família, ..., na fazenda, até me convidou, festa de família de um tio dele, mas não participei não, mas ele fazia, fazia festa de família sim, ...

Lembro. Teve. Ele brigou muito por essa televisão. Outra coisa, o telefone, ele que trouxe pra aqui, foi muita briga com ele, ele foi atrás e. E tem um clube campestre aqui que ele O celular, uma das primeiras torres que existiu do celular do estado foi aqui.

Tem muita, muita recordação de viagem, essas coisas, as vezes tem umas pequenininhas coisas que te marca né? Então, umas coisas, umas pequenas coisas, como o pai dele, morreu, ele ficou dando assistência na fazenda, ... viajava muito com ele, marcava a hora da gente sair, ele ia ter que ver o ... , na hora ... um dia eu falei: "Vou", isso é uma coisa que me marcou eu vou pegar o Doutor Otávio dormindo, saí antes do horário marcado quando cheguei com o carro ele veio na porta "Muito bem né? Você acha que vai me pegar no pulo, mas o café já tá coado!" [risos]. Eu sai as, era pra eu sair as quatro e meia, cheguei as quatro, "o café tá coado".

Isso, fica na fazenda dele, a gente saia da fazenda dele, da Vera Cruz e ia pra Fazenda Itajá, lá em Porangatu. Mandava em todo mundo. Tem funcionário dele aqui que tem uma família que foi funcionário dele quase tudo, tem pessoas que trabalhou com ele, igual o Juarez que trabalha aqui acho que tem quarenta e cinco anos, é funcionário dele. ... Tem funcionário dele muito, uns quarenta anos, trinta e cinco.

Tinha algumas né, ... assim, que ele tinha, chegava na sua casa, ..., ia lá, destampava a panela, "... comer aqui!" ... meus tios também tem, não sei, na casa de amigos era desse jeito. O que tivesse comia,

Ah não sei quando ele era governador, as vezes sim, ... Andava só, nunca vi ..., eu nunca vi um canivete com ele, não tinha segurança, nunca vi. Não. Com a, teve um, não me lembro o ano, ele morava na fazenda, com muita insistência, quando ele construiu essa casa, com muita insistência da família, e justamente por isso, e por um bocado de razão, "Papai, o senhor não fica, não pode morar na fazenda, chega de noite e minha mãe fica sozinha" "Ah, não ... com isso não" Então, insistiram com ele, com muita insistência, aí ... com ele que era, dona Marilda ficava sozinha, ele chegava oito horas da noite, saia as quatro da manhã, e todo mundo sabe disso, e ele não preocupa com isso.

Quando, a perda maior. Forte, foi muito forte. Coisa que mecheu um pouquinho com ele foi quando o cachorro matou o neto dele, o pai dele morreu, ..., assim, partiu, mas é aquela coisa normal, quando o neto dele morreu, ..., mas perdia política, era normal, quando o neto ... não é pra menos né? Muito cruel não é fácil, eu tenho dois netos e ainda mais de uma forma daquelas.

Era. ... que eu to te contando essa história do padre que foi lá, aí o padre chegou e ..., ... estudei em colégio de padre, lia a Bíblia, ele falou assim, e o padre começou a procurar as coisas, ... responder, ... vai deixar eu pra trás. Eu não sei nem como que fala, de tanta gratidão por ele, as coisas que ele falou, as coisas que eu aprendi com ele, as coisas que ele me valorizava, não sei nem o que dizer, que nome que eu dou pra essa, essa ... que eu dou eu não sei nem

Era. Eu convivi muito com ele, sabia muito a vida dele assim, ele era um homem que sabia que se conviver com ele, ... a pessoa que ele é. Acho que

isso é uma coisa que só Deus, é uma coisa um pouco de temor dele ou era o dia não sei, uma coisa que ninguém sabe né? Quando ele insistia muito pra, os meninos preocupavam muito com ele, falava mais com o Jales e o Otavinho, eles tinham essa preocupação de acontecer, mesmo porque ele tinha uma vista só né? Corria demais, rádio, carro e celular, entao, não concordo que não tira a atenção porque tira.

Não tinha medo de nada. Um dia, nós tava na Jales, uns poucos homens ali comentando assim, ... falou: “Não, ele não morre ... dia” Aí, “O papai, teve doze acidentes com meu pai, ...” ..., ele contou um acidente, falou: “O meu pai” e o pai dele era engenheiro, “um dia foi ver uma barragem” e tal, ... uma barragem, aí ele falou: “Mas ele só morre no dia” “Papai foi ver uma barragem” ele falou a cidade, a barragem tava trincando, e subiram dentro da barragem a barragem estourou, ele e mais, ... água e ..., “Papai fez isso, porque não era dia dele morrer, ele venceu, entao ele morre só no dia”. Entao eles não acreditavam assim.